



**INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE LISBOA**

**A INSERÇÃO PROFISSIONAL DE DOCENTES (OU EX-
DOCENTES) PORTADORES DE DEFICIÊNCIA**

**Dissertação apresentada à Escola Superior de Educação de Lisboa para
obtenção de grau de mestre em Ciências da Educação
- Especialidade Educação Especial -**

Maria Isabel Palmeira Mota Ferreira Camalhão

2010



INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE LISBOA

**A INSERÇÃO PROFISSIONAL DE DOCENTES (OU EX-
DOCENTES) PORTADORES DE DEFICIÊNCIA**

**Dissertação apresentada à Escola Superior de Educação de Lisboa para
obtenção de grau de mestre em Ciências da Educação
- Especialidade Educação Especial -**

Maria Isabel Palmeira Mota Ferreira Camalhão
Sob a orientação de: Professor Doutor João Rosa

2010

**A INSERÇÃO PROFISSIONAL DE DOCENTES (OU EX-
DOCENTES) PORTADORES DE DEFICIÊNCIA**

Maria Isabel Palmeira Mota Ferreira Camalhão

Agradecimentos

Gostaria de agradecer a todas as pessoas que possibilitaram a minha realização no Mestrado em Ciências de Educação, Especialização em Educação Especial - Multideficiência e Cognição, particularmente às que me acompanharam no processo da elaboração desta tese:

- Ao Professor Doutor João Rosa, a quem estou profundamente grata, pela partilha de conhecimentos, pelo seu contínuo apoio e encorajamento, pelo trabalho e tempo que me dedicou;

- À Professora Teresa Leite, a quem apesar de não ser a minha orientadora, recorri na qualidade de especialista em Metodologias Qualitativas, para aconselhamento nesta área;

- Aos Professores Luís Capucha, José Luís Casanova e Tom Shakespeare o facto de me terem dado aconselhamento na área da deficiência, assim como terem fornecido informação sobre bibliografia disponível;

- Às colegas de mestrado que me indicaram alguns dos meus entrevistados;

- A todos os meus entrevistados, pelo facto de se terem disponibilizado a participar nesta tese, sem os quais não seria possível realizá-la;

- Ao Gabinete de Referência Cultural - Polo Interactivo de Recursos Especiais - Câmara Municipal de Lisboa - Direcção Municipal de Cultura, pela ajuda que me deram através da disponibilização de obras e acesso a informação sobre o tema;

-Sobretudo quero agradecer à minha família, nomeadamente aos meus pais, cujos exemplo sempre me inspirou e cujo valores e ensinamentos me têm conduzido através da vida. Ao meu marido, pelo amor e carinho e por acreditar em mim, permitindo-me concretizar novos desafios.

Resumo

A inserção profissional de docentes (ou exdocentes) portadores de deficiência

Propôs-se nesta tese descrever, e compreender a vida de e docentes com deficiência visual, auditiva e motora. O objectivo foi verificar a sua integração no meio social e escolar. Existem muitos estudos sobre o aluno com deficiência, e a sua inserção social e escolar. Perguntou-se então: Como seria se, em vez da criança, fosse estudado o docente?

Optou-se por uma metodologia qualitativa, em que realizaram-se doze entrevistas semi-estruturadas a docentes com deficiência auditiva (N=4) física (N=4) e visual (N=4). As entrevistas envolveram docentes de todos os níveis de ensino abrangendo a variedade de contextos sociais onde se inserem.

Demonstrou-se que o docente (ou ex-docente,) está bem integrado quer no meio profissional quer no meio social e que apesar das limitações da deficiência, esforça para acompanhar os restantes cidadãos. Não se consideram deficientes quer porque conseguem ter uma vida normal quer, porque tal implicaria uma resignação perante as suas limitações. O exercício da docência não é,

em geral, afectado pela posse de uma deficiência. No entanto o docente tem de a explicar aos alunos para que estes o compreendam e respeitem. As entrevistas narram e celebram vidas de deficientes numa aventura heróica onde estes experimentam o preconceito da diferença e desconhecimento, na integração num mundo que é seu.

Poder-se-ia então aplicar com o termo “vidas normais”, em que, apesar das dificuldades o cidadão deficiente integra-se na sociedade não se diferenciando dos restantes.

Palavras chave: deficiência; integração; docência; docente deficiente

Abstract

The professional insertion of handicapped (or former) teacher.

With this thesis we propose to describe and understand the life of technicians teachers with sight ear and physical handicap.

The aim of this work is to check how the handicapped technicians and teachers succeed in life and in society in general and at school in private.

There are many studies about the handicapped child/student, about the way he is able to cope with his problems in society and at school. The lack of studies with adults made us inquire: How would it be if, instead of a child, it was an adult – a teacher?

A qualitative methodology was used. Twelve half-structured interviews were conducted to handicapped teachers -8or ex-teachers).

The participants, come from different levels of teaching and various social situations.

The main finding was that teachers are well include either in their professional field or in their social life.

It was also shown that in spite of their handicaps they were and are capable, sometimes with strong effort, to be just like the other citizens. They don't consider themselves as handicapped as that would mean for them an acceptance of their limitations and difficulties.

The teaching profession was not affected by the fact of being disabled. However, teachers need to explain it to the students, so that they can understand and respect them as teachers and human beings.

The interviews focus, tell and celebrate lives of handicapped individuals. Lives which are adventures, in a world which is also theirs, where sometimes they suffer the prejudice, the ignorance and where they are obliged to struggle to find a place.

To conclude this study we may give to this thesis the title "Normal Lives" during which and in spite of tremendous difficulties the disabled citizen is one among the others.

Key words: handicap (disability), integration teaching

Índice

Introdução	1
CAPÍTULO I: REVISÃO DE LITERATURA	5
Secção A – Ser pessoa num contexto de deficiência:	
conceitos gerais integração e inclusão	5
1 – Relação entre os conceitos de deficiência, incapacidade e “handicap”	5
2– Conceito de Integração	8
3– Inclusão, obstáculos e políticas	11
3.1- Inclusão	11
3.2 – Diversos tipos de barreiras	16
3.3- Acessibilidade	18
3.4 -. Políticas inclusivas	22
4 - O Mercado de trabalho da pessoa com deficiência	28
Secção B - Ser Professor num contexto de deficiência:	32
1. Ser Professor: competências gerais num quadro de complexidade.....	32
2 – Ser Professor: Fases de desenvolvimento da carreira.....	36
3 - Ser professor: emergência do stress	41
4 – Ser professor portador de deficiência	43
CAPÍTULO II – METODOLOGIA	49

1 - Processo de tratamento de dados	52
2 – Objectivos do estudo.....	55
3 – Participantes	56
CAPÍTULO III – RESULTADOS	61
1 – Conceito de deficiência	61
2 – Vivência da deficiência	67
3 – História pessoal e desenvolvimento	71
4 – Papel da família	72
5- Percurso escolar	76
5.1 – Relação dos entrevistados com os seus professores	76
5.2- Relação dos entrevistados com os seus colegas, alunos	79
6. – Momentos que mais marcaram	82
7–Relação dos entrevistados com os seus alunos	87
8 – Relação com os colegas de trabalho	89
9 – Relação dos entrevistados com os encarregados de educação.....	93
10 – Integração social e vivência de situações	94
11 – Barreiras físicas e sociais	100
12– Deslocação casa/trabalho.....	109
13 – Relação com os outros	113
13.1 – Amigos	113
13.2 – Interacção dos entrevistados nas relações do quotidiano.....	117

14 – Perspectivas sonhos e aspirações	122
15 – Síntese de resultados	127
CAPÍTULO IV – CONCLUSÕES E DISCUSSÃO	133
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	140
ANEXOS	152
Anexo 1 – Guião de entrevista	
Anexo 2 – Pedido de autorização de entrevistas no Instituto Jacób	
Anexo 3 – Pedido de autorização	
Anexo 4 – Pedidos de autorização para recolha de dados	
Anexo 5 – Resposta ao pedido de autorização de recolha de dados	
Anexo 6 – Decreto-Lei Nº 319/91 de 23 de Agosto	
Anexo 7 - Decreto-Lei Nº 29/2001 de 10 de Fevereiro	
Anexo 8 - Decreto-Lei Nº 3/2008 de 7 de Janeiro	

Índice de Quadros

Quadro 1	Entrevistados por tipo de deficiência e gênero	56
Quadro 2	Caracterização dos entrevistados quanto à idade de aparecimento da deficiência	57
Quadro 3	Caracterização dos entrevistados por deficiência e nível educativo no qual exercem	57
Quadro 4	Vínculo dos entrevistados à função pública por deficiência	58
Quadro 5	Anos de serviço dos entrevistados por deficiência.....	59
Quadro 6	Entrevistados por gênero e idade.....	59
Quadro 7	Entrevistados por gênero e estado civil .	60
Quadro 8	Entrevistados por área de residência	60
Quadro 9	Noção de deficiência	66
Quadro 10	Vivência da deficiência	70
Quadro 11	Apoio familiar	76
Quadro 12	Relação entrevistado/professor	79
Quadro 13	Relação entre pares	82
Quadro 14	Momentos marcantes.....	86
Quadro 15	Relação dos entrevistados com os	

	alunos	88
Quadro 16	Relação dos entrevistados com os colegas de trabalho	92
Quadro 17	Relação dos entrevistados com os encarregados de educação	94
Quadro 18	Discriminação	99
Quadro 19	Barreiras arquitectónicas e sociais como aluno e na profissão.....	108
Quadro 20	Dificuldades de deslocação casa/trabalho	112
Quadro 21	Relações de amizade	116
Quadro 22	Interacções dos entrevistados no quotidiano	121
Quadro 23	Projectos sonhos e aspirações	126

Anexos

Lista de anexos

Anexo 1 – Guião de entrevista

Anexo 2 – Pedido de autorização de entrevistas no Instituto Jacób

Anexo 3 – Pedido de autorização

Anexo 4 – Pedidos de autorização para recolha de dados

Anexo 5 – Resposta ao pedido de autorização de recolha de dados

Anexo 6 – Decreto-Lei N^o 319/91 de 23 de Agosto

Anexo 7 - Decreto-Lei N^o 29/2001 de 10 de Fevereiro

Anexo 8 - Decreto-Lei N^o 3/2008 de 7 de Janeiro

Anexo 1

Guião de entrevista

Guião de Entrevista

Tema	Itens	Objectivo	Questões
1 Caracterização da deficiência	<ul style="list-style-type: none"> -Tipo de Deficiência -Grau -Origem -Incapacidade -Autonomia 	<p>Caracterizar os entrevistados segundo a deficiência que possuem dentro das classificações existentes.</p>	<p>Fale-me um pouco da sua deficiência. Como é que a adquiriu?</p> <p>Quais as suas principais limitações?</p> <p>O que é para si ser deficiente em Portugal?</p> <p>Como vive a sua deficiência?</p> <p>Que momentos mais o marcaram na sua vida como deficiente?</p> <p>Como é que esses momentos o marcaram?</p>

<p>2 – Programa Educativo Individual (inclusão escolar)</p>	<p>-História familiar -Percurso Escolar - Dificuldades /Apoios - 1º Ciclo - 2º Ciclo - 3º Ciclo- Universidade</p>	<p>Compreender o percurso escolar dos entrevistados fazendo a ligação com as motivações e valores defendidos.</p>	<p>Vamos falar agora do seu percurso familiar e escolar. Como é que a sua família lidou e lida com a sua deficiência? E no seu percurso escolar? Comece pelo 1º ciclo. Como foi a sua relação com os colegas e professores? No percurso escolar beneficiou de alguns apoios? Que tipo de barreiras (obstáculos) encontrou nas escolas por onde passou?</p>
<p>3 - Percurso Profissional</p>	<p>História Profissional - Antiguidade - Mobilidade - Funções Exercitadas - Dificuldades/Apoios</p>	<p>Compreender o percurso profissional dos entrevistados Estes por sua vez, explicam o porque das suas</p>	<p>Fale-me um pouco do seu percurso profissional, há quanto tempo lecciona? Por quantas escolas passou? Fale-me do seu percurso escolar . Comece pelas</p>

		afirmações	<p>primeiras escolas por onde passou, quais foram os principais problemas? As escolas estavam preparadas para receber um professor com deficiência?</p>
<p>4º - Descrição das dificuldades /facilidades</p>	<p>Barreiras físicas</p> <ul style="list-style-type: none"> - Transportes - Arquitectónicas - Equipamentos <p>Barreiras Sociais</p> <ul style="list-style-type: none"> - Preconceito - Resistência a medidas inclusivas <p>Barreiras Individuais</p> <p>Vergonha/aceitação</p> <ul style="list-style-type: none"> - Rejeição da deficiência/ identificação 	<p>Identificar pontos e as dificuldades quer no percurso profissional quer no percurso escolar.</p>	<p>Alguma vez sentiu-se discriminado por ser deficiente?</p> <p>Fale-me do seu dia-a-dia como deficiente, no seu percurso casa trabalho que barreiras encontra(dificuldades nos transportes, acesso a edifícios e ajudas técnicas)</p> <p>Nas suas relações sociais no quotidiano, como é que as pessoas lidam com a sua deficiência?</p> <p>Fale-me dos seus amigos e da participação deles na sua vida quotidiana</p>

<p>5º - Integração social do deficiente (cidadania)</p>	<p>Participação em actividades sociais</p> <ul style="list-style-type: none"> - Clubes - Festas - Associações .. – Saídas c/ amigos familiares <p>Atitudes sociais perante a deficiência</p> <p>Acesso à informação/equipamentos</p>	<p>Comparar a vida social com a vida profissional e saber as dificuldades são comuns ou natureza diferente</p>	<p>Fale-me das suas actividades sociais. É membro de algum clube, associação ou colectividade?</p>
<p>6- Integração/inclusão na Escola</p>	<p>Facilidade em adaptar o tempo de trabalho com a reabilitação física</p> <p>Remoção de barreiras físicas.</p> <p>Participação na organização escolar.</p> <p>Relações com os alunos</p> <p>Relações com os colegas</p>	<p>Conhecer os problemas de inserção dos entrevistados escola.</p>	<p>Os alunos aceitaram bem a sua deficiência? Que atitudes tomaram?</p> <p>Ao colegas lidaram bem com a sua deficiência? Como reagiram ao saber que no dia-a-dia iam trabalhar com um professor deficiente?</p> <p>Os pais(encarregados de educação reagiram bem à sua presença? Que atitudes</p>

	<p>Relações com os encarregados de educação. Estratégias do professor deficiente perante a turma. Existência de planos e organização escolar perante o aluno e professor deficiente. Problema e atitudes perante a deficiência na escola.</p>		<p>e comportamentos tiveram para consigo?</p>
<p>7 - Perspectivas futuras dos Professores</p>	<p>Aspirações pessoais (projectos) Aspirações profissionais - Carreira - Ambiente - Reivindicações - Propostas</p>	<p>Identificar as perspectivas dos professores deficientes em relação ao futuro</p>	<p>Por último e para terminarmos a nossa entrevista, fale-me dos seus sonhos, projectos e aspirações que tenha para o futuro.</p>

Anexo 2

Pedido de Autorização de Entrevistas Instituto Jacób

Ex.mo Senhor

Director do Instituto Jacob Rodrigues Pereira

Lisboa, 28 de Janeiro de 2010

Assunto: Pedido de autorização para Entrevistar Professores com deficiência a trabalhar neste instituto

Exmo. Senhor

Maria Isabel Palmeira Mota Ferreira Camalhão , mestranda na Escola Superior de Educação de Lisboa, vem pela presente solicitar autorização a V.^a Ex.^a para a realização de entrevistas no âmbito da Tese de Mestrado sobre a integração do professor com deficiência no seu local de trabalho. A tese é orientada pelo Prof. Doutor João Rosa, docente da Escola Superior de Educação de Lisboa.

Agradecendo desde já a vossa atenção para o ora solicitado, despeço-me com os melhores cumprimentos.

A docente/investigadora

Anexo 3

Pedido de Autorização

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Direcção Geral dos Recursos Humanos Educação
Nome da Entidade receptora

RECIBO N.º 000031

Deu entrada na Recepção deste Serviço Central, um documento (acompanhado de 11 anexos) subscritos por: M^{te} Isabel Mota
Ferreira Camalhão

residente em: Praça São Francisco de Assis, n.º 3 - S.º A - 1600-315 Lx
cujo assunto é o seguinte: Pedido de autorização para a recolha de dados sobre a regra de integração de trabalhadores com deficiência na adm. Pública, no âmbito de um projecto de

O referido documento foi, nesta data, encaminhado para expediente

sito na DGRHE

Investigação de Vestido por se tratar de assunto da sua competência.

DATA 11/03/10

Tp: Macefó, Lda - P. Jorge Afonso, 40-A - 1600-128 LISBOA - Cont. N.º 500 285 004 - Dep.º S.E.A.F. de 1998



ORIGINAL

Anexo 4

Pedidos de autorização para a recolha de dados

De: Maria Isabel Mota Ferreira Camalhão
Praça São Francisco de Assis, Nº 3 – 5º A
1600-315 Lisboa
Tlm: 963627498
e-mail:lsabelferreira66@hotmail.com

Exmo. Senhor
Director-Geral da Direcção Geral
Recursos Humanos da Educação Dr. Mário
Agostinho Pereira

Lisboa, 10 de Março de 2010

Assunto: Pedido de autorização para a recolha de dados sobre a regra de integração de trabalhadores com deficiência na Administração Pública, no âmbito de um Projecto de Investigação de Mestrado

Exmo. Senhor

Maria Isabel Palmeira Mota Ferreira Camalhão , mestranda em Ciência de Educação, Especialização em Educação Especial na Escola Superior de Educação de Lisboa, vem pela presente solicita que lhe sejam fornecidos dados sobre a regra dos 5% de trabalhadores com deficiência na Administração Pública. A tese é orientada pelo Professor Doutor João Rosa, docente da Escola Superior de Educação de Lisboa.

Mais solicita a obtenção de dados estatísticos e documentação existente sobre professores com deficiência a leccionar.

Agradecendo desde já a atenção dispensada,
despeço-me com os melhores cumprimentos.

A docente/investigadora

Anexo 5

Resposta ao Pedido de Autorização de Recolha de dados



B10014266U

Exmª Senhora
Maria Isabel Mota Ferreira Camalhão.
Praça S. Francisco de Assis, nº 3 , 5º A
1600-315 Lisboa

Sua refª

Sua com.

Nossa refª
B10014266UData
07-05-2010

ASSUNTO: Concurso de educadores de infância e de professores dos ensinos básico e secundário para o ano escolar - Pedido de esclarecimentos sobre aplicação do Decreto-Lei nº 29/2001, de 3 de Fevereiro, formulado por Maria Isabel Mota Ferreira Camalhão

Em referência ao assunto supra citado, e em cumprimento do despacho de 29/04/2010, proferido pela Directora de Serviços da Direcção de Serviços de Recrutamento de Pessoal Docente, nomeada pelo Despacho nº 939/2009, de 15 de Dezembro, publicado no Diário da República nº 9, 2ª Série, de 14 de Janeiro de 2010 cumpre informar o seguinte:

Considerando a especificidade do regime selecção e recrutamento de pessoal docente da educação pré-escolar e dos ensinos básico e secundário, regulados pelo Decreto -Lei nº 20/2006, de 31 de Janeiro, na redacção dada pelo Decreto -Lei nº 51/2009, de 27 de Fevereiro, a quota de emprego ao abrigo do Decreto-Lei nº 29/2001, de 3 de Fevereiro é determinada nos seguintes termos, e que se encontram enunciados nos avisos de abertura dos concursos:

Concurso quadrienal - Concurso de recrutamento de pessoal docente ao abrigo do arº 5º do Decreto -Lei nº 20/2006, na redacção dada pelo Decreto -Lei nº 51/2009 - concursos interno e externo destinados a educadores de infância e a professores dos ensinos básico e secundário com vista ao preenchimento de vagas existentes nos quadros de agrupamento de escolas e escolas não agrupadas do Ministério da Educação

- a) A quota de emprego destinada à contratação em funções públicas e à contratação a termo por indivíduos que se candidatam ao abrigo do Decreto -Lei nº 29/2001, de 3 de Fevereiro, é calculada por agrupamento de escolas ou escola não agrupada e por grupo de recrutamento, nos termos do disposto nos n.os 1 e 2 dos artigos 3.º e 9.º desse diploma e é considerado no âmbito das prioridades enunciadas nos n.os 3 e 4 do

Avenida 24 de Julho, 142 • 1399-024 LISBOA
Tel.: (351) 213 938 600
Fax: (351) 213 943 491
E-mail: correio@dgrhe.min-edu.pt

artigo 13.º e no n.º 3 do artigo 56.º do citado diploma, que configuram o concurso externo de recrutamento e contratação;

- b) Devido à simultaneidade da abertura dos concursos para transferência e contratação em funções públicas e ao mecanismo de recuperação automática de vagas, as vagas correspondentes à quota ao abrigo do Decreto -Lei n.º 29/2001, destinada ao primeiro provimento serão identificadas no aviso de publicitação da lista de colocações;
- c) A quota destinada à contratação será publicitada na internet, sítio da DGRHE, aquando da publicitação das listas de colocações das necessidades transitórias;
- d) A quota é obrigatória e será aplicada sempre na proporção do número de necessidades que o mesmo estabelecimento tem dentro do mesmo grupo de recrutamento;
- e) O recrutamento e a contratação far -se -ão de acordo com o disposto nos artigos 3.º, 8.º e 9.º do Decreto -Lei n.º 29/2001, de 3 de Fevereiro. Contudo, caso o candidato tenha obtido colocação em lugar não reservado, verificar -se -á se, nos lugares reservados ao abrigo do diploma, obterá colocação em preferência manifestada que lhe seja mais favorável. Se for esse o caso, essa colocação prevalecerá sobre a obtida anteriormente em lugar não reservado e recuperar -se -á essa vaga, realizando -se nova fase de colocações de acordo com a lista de graduação.

Concursos anuais - Preenchimento dos horários que, em resultado da variação de necessidades transitórias, surjam no intervalo da abertura dos concursos quadrienais, nos termos do n.º 2 do art.º 8.º do Decreto -Lei n.º 20/2006, na redacção dada pelo Decreto -Lei n.º 51/2009.

- a) A quota de emprego ao abrigo do Decreto -Lei n.º 29/2001, de 3 de Fevereiro, é calculada nos termos do disposto no artigo 9.º, por estabelecimentos de educação ou de ensino e é considerada no âmbito das prioridades enunciadas no n.º 3 (1.ª, 2.ª e 4.ª prioridades) e no n.º 4 (1.ª, 2.ª, 3.ª e 4.ª prioridades) do artigo 13.º e no n.º 3 do artigo 56.º (5.ª prioridade) do Decreto -Lei n.º 20/2006.
- b) Devido à simultaneidade da realização das colocações no âmbito do destacamento por ausência da componente lectiva, afectação e contratação, os horários correspondentes à quota destinada à contratação serão identificados no aviso de publicitação da lista de colocações;
- c) A contratação far -se -á de acordo com o disposto nos artigos 3.º, 8.º e 9.º do Decreto -Lei n.º 29/2001. Contudo, caso o candidato tenha obtido colocação em lugar não reservado, verificar -se -á se, nos lugares reservados ao abrigo do diploma, obterá colocação em preferência manifestada que lhe seja mais favorável. Se for esse o caso, essa colocação prevalecerá sobre a obtida anteriormente em lugar não reservado e recuperar -se -á esse horário.

No Quadro infra encontram-se reproduzidos os dados estatísticos que solicitou relativamente aos docentes colocados ao abrigo daquela disposição legal.

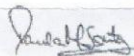
Docentes colocados na quota de emprego ao abrigo do Decreto -Lei n.º 29/2001, de 3 Fevereiro			
Ano	Quadro	Contratação	Total
2005/2006	78	120	198
2006/2007	99	142	241
2007/2208	0	91	91
	a)		
2008/2009	0	125	125
	a)		
2009/2010	6	159	165

a) Nos termos do Decreto-Lei 20/2006, de 31 de Janeiro, não se efectuaram concursos com vista ao preenchimento de vagas existentes nos quadros de agrupamento de escolas e nos quadros de escolas não agrupadas do Ministério da Educação.

Mais informo que estas colocações podem ser consultadas nas listas de colocações disponíveis no sítio desta Direcção, <http://www.dgrhe.min-edu.pt>, assinaladas com a letra Q, na última coluna das páginas dos candidatos colocados (colocações ao abrigo do DL 29/2001).

Com os melhores cumprimentos,

A Chefe de Divisão



Paula Justina Cerdeira Marques Santos

Documento original com assinatura digital certificada pela CEGER e mecanismo e estampilha digital por MULTICERT

Avenida 24 de Julho, 142 • 1399-024 LISBOA

Tel.: (351) 213 938 600

Fax: (351) 213 943 491

E-mail: correio@dgrhe.min-edu.pt

Anexo 6

Decreto-Lei Nº 319/91 de 23 de Agosto

de certificação de sementes, a aprovar por portaria do Ministro da Agricultura, Pescas e Alimentação.

2 — A certificação de sementes depende do pagamento de taxas, de montante a fixar por portaria do Ministro da Agricultura, Pescas e Alimentação.

Artigo 5.º

Comercialização

Só é permitida a comercialização de sementes:

- a) Produzidas e certificadas em Portugal nos termos do presente diploma e seus regulamentos;
- b) Produzidas e certificadas em Estados membros das Comunidades Europeias de acordo com as exigências do direito comunitário;
- c) Produzidas em Estados não pertencentes às Comunidades Europeias com equivalência reconhecida pelas mesmas e ou acreditados pela Organização de Cooperação e Desenvolvimento Económico ou pela Associação Internacional de Ensaio de Sementes.

Artigo 6.º

Fiscalização

1 — Compete à Direcção-Geral das Alfândegas fiscalizar a observância do disposto no presente diploma e seus regulamentos no que respeita à importação de sementes agrícolas e hortícolas.

2 — Compete à Direcção-Geral de Inspeção Económica fiscalizar a observância do disposto no presente diploma e seus regulamentos no que respeita à comercialização de sementes agrícolas e hortícolas.

3 — No exercício das suas competências previstas nos números anteriores podem os serviços em causa solicitar ao CNPPA a colaboração que se revele necessária, atenta a especificidade das questões suscitadas.

Artigo 7.º

Contra-ordenações

1 — A produção e a comercialização de sementes em infracção ao disposto no n.º 1 do artigo 3.º e no artigo 5.º constituem contra-ordenação punível com coima de 100 000\$ a 500 000\$.

2 — No caso de a responsabilidade pela contra-ordenação pertencer a pessoas colectivas, o valor máximo da coima é de 1 000 000\$.

3 — Como sanção acessória das contra-ordenações previstas no n.º 1 e nos termos do regime geral, pode ser determinada:

- a) A apreensão das sementes objecto de infracção;
- b) A suspensão até dois anos da licença de produtor de sementes.

Artigo 8.º

Competência em matéria contra-ordenacional

1 — A instrução dos processos contra-ordenacionais das coimas é da competência da Direcção-Geral de Inspeção Económica.

2 — A aplicação das coimas compete ao director do CNPPA.

3 — O produto das coimas cobradas no território do continente é distribuído da seguinte forma:

- a) 60% para o Estado;
- b) 20% para a Direcção-Geral de Inspeção Económica;
- c) 20% para o CNPPA.

4 — O produto das coimas cobradas nas Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira constitui receita dos respectivos orçamentos regionais, excepto a percentagem atribuída ao CNPPA, nos termos da alínea c) do número anterior.

Artigo 9.º

Regiões Autónomas

As competências atribuídas pelo presente diploma à Direcção-Geral de Inspeção Económica e às direcções regionais de agricultura são exercidas nas Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira pelos serviços competentes em matéria de agricultura, nos termos a definir por diploma das respectivas assembleias legislativas regionais.

Artigo 10.º

Regulamentação

As normas técnicas necessárias à execução do disposto no presente diploma serão aprovadas por portaria do Ministro da Agricultura, Pescas e Alimentação.

Artigo 11.º

Norma revogatória

É revogado o Decreto-Lei n.º 269/81, de 17 de Setembro.

Visto e aprovado em Conselho de Ministros de 27 de Junho de 1991. — *Aníbal António Cavaco Silva* — *Mário Fernando de Campos Pinto* — *Lino Dias Miguel* — *José Oliveira Costa* — *Arlindo Marques da Cunha* — *Fernando Manuel Barbosa Faria de Oliveira*.

Promulgado em 4 de Agosto de 1991.

Publique-se.

O Presidente da República, MARIO SOARES.

Referendado em 8 de Agosto de 1991.

Pelo Primeiro-Ministro, *Joaquim Fernando Nogueira*,
Ministro da Presidência.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Decreto-Lei n.º 319/91

de 23 de Agosto

A legislação que regula a integração dos alunos portadores de deficiência nas escolas regulares, publicada há mais de 10 anos, carece de actualização e de alargamento. A evolução dos conceitos relacionados com a educação especial, que se tem processado na genera-

lidade dos países, as profundas transformações verificadas no sistema educativo português decorrentes da publicação da Lei de Bases do Sistema Educativo, as recomendações relativas ao acesso dos alunos deficientes ao sistema regular de ensino emanadas de organismos internacionais a que Portugal está vinculado e, finalmente, a experiência acumulada durante estes anos levam a considerar os diplomas vigentes ultrapassados e de alcance limitado. Com efeito, foi considerada no presente diploma a evolução dos conceitos resultantes do desenvolvimento das experiências de integração, havendo a salientar:

A substituição da classificação em diferentes categorias, baseada em decisões de foro médico, pelo conceito de «alunos com necessidades educativas especiais», baseado em critérios pedagógicos;

A crescente responsabilização da escola regular pelos problemas dos alunos com deficiência ou com dificuldades de aprendizagem;

A abertura da escola a alunos com necessidades educativas especiais, numa perspectiva de «escolas para todos»;

Um mais explícito reconhecimento do papel dos pais na orientação educativa dos seus filhos;

A consagração, por fim, de um conjunto de medidas cuja aplicação deve ser ponderada de acordo com o princípio de que a educação dos alunos com necessidades educativas especiais deve processar-se no meio menos restritivo possível, pelo que cada uma das medidas só deve ser adoptada quando se revele indispensável para atingir os objectivos educacionais definidos.

Assim:

No desenvolvimento do regime jurídico estabelecido pela Lei n.º 46/86, de 14 de Outubro (Lei de Bases do Sistema Educativo), e nos termos da alínea c) do n.º 1 do artigo 201.º da Constituição, o Governo decreta o seguinte:

Artigo 1.º

Âmbito de aplicação

As disposições constantes do presente diploma aplicam-se aos alunos com necessidades educativas especiais que frequentam os estabelecimentos públicos de ensino dos níveis básico e secundário.

Artigo 2.º

Regime educativo especial

1 — O regime educativo especial consiste na adaptação das condições em que se processa o ensino-aprendizagem dos alunos com necessidades educativas especiais.

2 — As adaptações previstas no número anterior podem traduzir-se nas seguintes medidas:

- a) Equipamentos especiais de compensação;
- b) Adaptações materiais;
- c) Adaptações curriculares;
- d) Condições especiais de matrícula;
- e) Condições especiais de frequência;
- f) Condições especiais de avaliação;
- g) Adequação na organização de classes ou turmas;
- h) Apoio pedagógico acrescido;
- i) Ensino especial.

3 — A aplicação das medidas previstas no número anterior tem em conta o caso concreto, procurando que as condições de frequência dos alunos objecto da sua aplicação se assemelhem às seguidas no regime educativo comum, optando-se pelas medidas mais integradoras e menos restritivas.

Artigo 3.º

Equipamentos especiais de compensação

1 — Consideram-se equipamentos especiais de compensação o material didáctico especial e os dispositivos de compensação individual ou de grupo.

2 — Considera-se material didáctico especial, entre outros:

- a) Livros em braille ou ampliados;
- b) Material áudio-visual;
- c) Equipamento específico para leitura, escrita e cálculo.

3 — Consideram-se dispositivos de compensação individual ou de grupo, entre outros:

- a) Auxiliares ópticos ou acústicos;
- b) Equipamento informático adaptado;
- c) Máquinas de escrever braille;
- d) Cadeiras de rodas;
- e) Próteses.

Artigo 4.º

Adaptações materiais

Consideram-se adaptações materiais:

- a) Eliminação de barreiras arquitectónicas;
- b) Adequação das instalações às exigências da acção educativa;
- c) Adaptação de mobiliário.

Artigo 5.º

Adaptações curriculares

1 — Consideram-se adaptações curriculares:

- a) Redução parcial do currículo;
- b) Dispensa da actividade que se revele impossível de executar em função da deficiência.

2 — As adaptações curriculares previstas no presente artigo não prejudicam o cumprimento dos objectivos gerais dos ciclos e níveis de ensino frequentados e só são aplicáveis quando se verifique que o recurso a equipamentos especiais de compensação não é suficiente.

Artigo 6.º

Condições especiais de matrícula

1 — Compreende-se nas condições especiais de matrícula a faculdade de a efectuar:

- a) Na escola adequada, independentemente do local de residência do aluno;

- b) Com dispensa dos limites etários existentes no regime educativo comum;
c) Por disciplinas.

2 — A matrícula efectuada ao abrigo da alínea a) do número anterior efectua-se quando as condições de acesso e os recursos de apoio pedagógico existentes facilitem a integração do aluno com necessidades educativas especiais.

3 — A matrícula efectuada ao abrigo da alínea b) do n.º 1 apenas é autorizada aos alunos que, devidamente avaliados e preenchendo condições a regulamentar por despacho do Ministro da Educação, demonstrem um atraso de desenvolvimento global que justifique o ingresso escolar um ano mais tarde do que é obrigatório ou que revelem uma precocidade global que aconselhe o ingresso um ano mais cedo do que é permitido no regime educativo comum.

4 — A matrícula efectuada ao abrigo da alínea c) do n.º 1 pode efectuar-se nos 2.º e 3.º ciclos do ensino básico e no ensino secundário desde que se assegure a sequencialidade do regime educativo comum.

Artigo 7.º

Condições especiais de frequência

Consideram-se condições especiais de frequência as decorrentes do regime de matrícula previsto na alínea c) do n.º 1 do artigo anterior.

Artigo 8.º

Condições especiais de avaliação

Consideram-se condições especiais de avaliação as seguintes alterações ao regime educativo comum:

- a) Tipo de prova ou instrumento de avaliação;
b) Forma ou meio de expressão do aluno;
c) Periodicidade;
d) Duração;
e) Local de execução.

Artigo 9.º

Adequação na organização de classes ou turmas

1 — O número de alunos das classes ou turmas que integrem alunos com necessidades educativas especiais não pode ser superior a 20.

2 — As classes ou turmas previstas no número anterior não devem incluir mais de dois alunos com necessidades educativas especiais, salvo casos excepcionais adequadamente fundamentados.

3 — O limite previsto no n.º 1 aplica-se apenas aos casos em que, de acordo com o órgão de administração e gestão da escola ou área escolar, as necessidades especiais dos alunos requeiram atenção excepcional do professor.

Artigo 10.º

Apoio pedagógico acrescido

O apoio pedagógico acrescido consiste no apoio lectivo suplementar individualizado ou em pequenos grupos e tem carácter temporário.

Artigo 11.º

Ensino especial

1 — Considera-se ensino especial o conjunto de procedimentos pedagógicos que permitam o reforço da autonomia individual do aluno com necessidades educativas especiais devidas a deficiências físicas e mentais e o desenvolvimento pleno do seu projecto educativo próprio, podendo seguir os seguintes tipos de currículos:

- a) Currículos escolares próprios;
b) Currículos alternativos.

2 — Os currículos escolares próprios têm como padrão os currículos do regime educativo comum, devendo ser adaptados ao grau e tipo de deficiência.

3 — Os currículos alternativos substituem os currículos do regime educativo comum e destinam-se a proporcionar a aprendizagem de conteúdos específicos.

4 — As medidas previstas nos artigos anteriores podem ser aplicadas em acumulação com as estabelecidas no presente artigo.

Artigo 12.º

Encaminhamento

Nos casos em que a aplicação das medidas previstas nos artigos anteriores se revele comprovadamente insuficiente em função do tipo e grau de deficiência do aluno, devem os serviços de psicologia e orientação em colaboração com os serviços de saúde escolar, propor o encaminhamento apropriado, nomeadamente a frequência de uma instituição de educação especial.

Artigo 13.º

Competências

Compete ao órgão de administração e gestão da escola decidir:

- a) Aplicar o regime educativo especial, sob proposta conjunta dos professores do ensino regular e de educação especial, ou dos serviços de psicologia e orientação, consoante a complexidade das situações;
b) O encaminhamento a que se refere o artigo anterior.

Artigo 14.º

Propostas

1 — As situações menos complexas cuja avaliação não exija especialização de métodos e instrumentos ou cuja solução não implique segregação significativa dos alunos podem dar lugar a propostas subscritas pelos professores do ensino regular e de educação especial, de carácter não formal mas devidamente fundamentadas.

2 — As situações mais complexas são analisadas pelos serviços de psicologia e orientação, em colaboração com os serviços de saúde escolar, e dão lugar a

propostas formais, consubstanciadas num plano educativo individual, de acordo com os requisitos do artigo seguinte.

Artigo 15.º

Plano educativo individual

1 — Do plano educativo individual constam obrigatoriamente os seguintes elementos:

- a) Identificação do aluno;
- b) Resumo da história escolar e outros antecedentes relevantes, designadamente grau de eficácia das medidas menos restritivas anteriormente adoptadas;
- c) Caracterização das potencialidades, nível de aquisições e problemas do aluno;
- d) Diagnóstico médico e recomendações dos serviços de saúde escolar, se tal for adequado;
- e) Medidas do regime educativo especial a aplicar;
- f) Sistema de avaliação da medida ou medidas aplicadas;
- g) Data e assinatura dos participantes na sua elaboração.

2 — O recurso à medida prevista na alínea i) do n.º 2 do artigo 2.º implica que no plano educativo individual conste:

- a) A orientação geral sobre as áreas e conteúdos curriculares especiais adequados ao aluno;
- b) Os serviços escolares e outros de que o aluno deverá beneficiar.

Artigo 16.º

Programa educativo

1 — A aplicação da medida prevista na alínea i) do n.º 2 do artigo 2.º dá lugar à elaboração, por ano escolar, de um programa educativo de que conste obrigatoriamente:

- a) O nível de aptidão ou competência do aluno nas áreas ou conteúdos curriculares previstos no plano educativo individual;
- b) Os objectivos a atingir;
- c) As linhas metodológicas a adoptar;
- d) O processo e respectivos critérios de avaliação do aluno;
- e) O nível de participação do aluno nas actividades educativas da escola;
- f) A distribuição das diferentes tarefas previstas no programa educativo pelos técnicos responsáveis pela sua execução;
- g) A distribuição horária das actividades previstas no programa educativo;
- h) A data do início, conclusão e avaliação do programa educativo;
- i) A assinatura dos técnicos que intervieram na sua elaboração.

2 — O programa educativo previsto no número anterior é submetido à aprovação do órgão de administração e gestão da escola.

Artigo 17.º

Responsável

1 — A elaboração do programa educativo é da responsabilidade do professor de educação especial que superintende na sua execução.

2 — Na elaboração do programa educativo participam os técnicos responsáveis pela sua execução.

Artigo 18.º

Encarregados de educação

1 — A avaliação do aluno tendente à aplicação de qualquer medida do regime educativo especial carece da anuência expressa do encarregado da educação.

2 — Os encarregados de educação devem ser convocados para participar na elaboração e na revisão do plano educativo individual e do programa educativo.

Artigo 19.º

Revisão

1 — O plano educativo individual pode ser revisto sempre que o aluno mude de estabelecimento de ensino ou área escolar ou quando seja formulado pedido fundamentado por qualquer dos elementos responsáveis pela sua execução.

2 — O programa educativo dos alunos que transitam para outro estabelecimento de ensino no decurso do ano escolar poderá ser revisto quando se verifique a sua inexistência ou mediante pedido fundamentado por qualquer dos elementos responsáveis pela sua execução.

3 — Nos casos previstos nos números anteriores o plano educativo individual ou programa educativo deve ser submetido à aprovação do órgão de administração e gestão da escola no prazo de 30 dias.

Artigo 20.º

Certificado

Para efeitos de formação profissional e emprego o aluno cujo programa educativo se traduza num currículo alternativo obtém, no termo da sua escolaridade, um certificado que especifique as competências alcançadas.

Artigo 21.º

Educação pré-escolar e ensino básico mediatizado

Por portaria do Ministro da Educação serão fixadas as normas técnicas de execução necessárias à aplicação das medidas fixadas neste diploma à educação pré-escolar e ao ensino básico mediatizado.

Artigo 22.º

Regime de transição

1 — Nos estabelecimentos de ensino ou áreas escolares em que não tenham sido criados os serviços de psicologia e orientação, o plano educativo individual

é elaborado por uma equipa de avaliação, designada para o efeito pelo órgão de administração e gestão da escola.

2 — A equipa referida no número anterior tem a seguinte composição:

- a) Um representante do órgão de administração e gestão da escola;
- b) O professor do aluno ou o director de turma;
- c) O professor de educação especial;
- d) Um psicólogo, quando possível;
- e) Um elemento da equipa de saúde escolar.

3 — A equipa de avaliação é coordenada pelo órgão de administração e gestão da escola ou seu representante, que promove as respectivas reuniões.

4 — Até à plena aplicação do modelo de direcção, administração e gestão instituído pelo Decreto-Lei n.º 172/91, de 10 de Maio, as competências atribuídas pelo presente diploma ao órgão de administração e gestão da escola são exercidas, nos estabelecimentos do 1.º ciclo do ensino básico, pelo órgão com competência pedagógica.

Artigo 23.º

Condições de aplicação

As condições e os procedimentos necessários à aplicação das medidas previstas no n.º 2 do artigo 2.º são estabelecidos por despacho do Ministro da Educação, que determinará ainda as condições de reordenamento e de reafecção dos meios humanos, materiais e institucionais existentes no sistema educativo, visando atingir a máxima eficácia social e pedagógica na prossecução das medidas constantes do presente diploma.

Artigo 24.º

Revogação

São revogados os seguintes diplomas:

- a) Decreto-Lei n.º 174/77, de 2 de Maio;
- b) Decreto-Lei n.º 84/78, de 2 de Maio.

Visto e aprovado em Conselho de Ministros de 11 de Julho de 1991. — *António Cavaco Silva* — *Roberto Artur da Luz Carneiro* — *Arlindo Gomes de Carvalho*.

Promulgado em 4 de Agosto de 1991.

Publique-se.

O Presidente da República, MÁRIO SOARES.

Referendado em 8 de Agosto de 1991.

Pelo Primeiro-Ministro, *Joaquim Fernando Nogueira*,
Ministro da Presidência.

MINISTÉRIO DA SAÚDE

Decreto-Lei n.º 320/91

de 23 de Agosto

O quadro de pessoal anexo ao Decreto-Lei n.º 398/82, de 22 de Setembro, diploma que reorganizou o Departamento de Estudos e Planeamento da

Saúde (DEPS), foi aumentado de um lugar de chefe de repartição por força da Portaria n.º 514/87, de 25 de Junho.

A justificação que esteve na base do referido aumento assentou no desenvolvimento que têm tido as actividades que competem ao DEPS no âmbito da cooperação internacional no domínio da saúde, na perspectiva de que tal se intensificaria.

Concretizada aquela perspectiva, revelou-se necessário estruturar um apoio administrativo e de coordenação das actividades resultantes das atribuições do DEPS no âmbito da cooperação internacional no domínio da saúde, o que se prossegue através da criação da Repartição de Apoio Geral.

Assim:

Nos termos da alínea a) do n.º 1 do artigo 201.º da Constituição, o Governo decreta o seguinte:

Artigo 1.º Os artigos 7.º e 22.º do Decreto-Lei n.º 398/82, de 22 de Setembro, passam a ter a seguinte redacção:

Artigo 7.º

Serviços

O DEPS compreende os seguintes serviços:

- a)
- b)
- c)
- d)
- e)
- f) Repartição de Apoio Geral;
- g) Centro de Documentação e Informação.

Artigo 22.º

Chefes de repartição

Os lugares de chefe de repartição são providos mediante concurso de entre chefes de secção com, pelo menos, três anos de serviço na categoria classificados de *Muito bom* ou de indivíduos possuidores de curso superior e adequada experiência profissional, não inferior a três anos.

Art. 2.º São aditados ao Decreto-Lei n.º 398/82, de 22 de Setembro, os artigos 16.º-A e 16.º-B, com a seguinte redacção:

Artigo 16.º-A

Repartição de Apoio Geral

A Repartição de Apoio Geral compreende:

- a) Secção de Apoio aos Serviços Técnicos;
- b) Secção de Apoio à Cooperação Técnica Internacional.

Artigo 16.º-B

Competência da Repartição de Apoio Geral

1 — À Repartição de Apoio Geral compete dar apoio administrativo às actividades resultantes das atribuições do DEPS.

2 — A Secção de Apoio dos Serviços Técnicos assegura o apoio de secretariado à direcção, serviços anexos a esta, serviços técnicos e coordena a dactilografia.

Anexo 7

Decreto-Lei Nº 29/2001 de 3 de Fevereiro

sente diploma, sem prejuízo dos direitos adquiridos, de acordo com as seguintes disposições transitórias:

- a) Para efeito do prazo a que se refere o n.º 1 do artigo 3.º considera-se a data de abertura da conta;
- b) Para efeitos da certeza do empréstimo prevista no n.º 1 do artigo 8.º, o prazo aí definido é determinado através da consideração cumulativa dos seguintes períodos:

O período decorrido desde a data de abertura da conta até à data da publicação do presente diploma;

O período posterior ao acordo formal do titular da conta relativamente às entregas mínimas e sua periodicidade, estabelecidas pela instituição depositária, período este que não poderá nunca ser inferior a seis meses.

Visto a aprovado em Conselho de Ministros de 21 de Dezembro de 2000. — *Jaime José Matos da Gama — Jorge Paulo Sacadura Almeida Coelho — Joaquim Augusto Nunes Pina Moura — António Luís Santos Costa.*

Promulgado em 15 de Janeiro de 2001.

Publique-se.

O Presidente da República, JORGE SAMPAIO.

Referendado em 25 de Janeiro de 2001.

O Primeiro-Ministro, *António Manuel de Oliveira Guterres.*

Decreto-Lei n.º 28/2001

de 3 de Fevereiro

A dispersão legislativa e a alteração constante das normas em vigor têm propiciado divergências interpretativas e situações propiciadoras de evasão fiscal no tocante aos benefícios fiscais relativos a contas poupança-habituação.

Com este diploma visa-se inserir a matéria referente aos benefícios fiscais na sua sede própria, o Estatuto dos Benefícios Fiscais, garantindo-lhe melhor articulação e estabilidade.

Assim, no uso da autorização legislativa concedida pela alínea a) do n.º 2 do artigo 56.º da Lei n.º 3-B/2000, de 4 de Abril, e nos termos da alínea b) do n.º 1 do artigo 198.º da Constituição, o Governo decreta o seguinte:

Artigo único

O artigo 38.º do Estatuto dos Benefícios Fiscais, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 215/89, de 1 de Julho, passa a ter a seguinte redacção:

«Artigo 38.º

Conta poupança-habituação

1 — Para efeitos de IRS, é dedutível à colecta, nos termos e condições previstos no artigo 80.º do respectivo Código, 25 % das entregas feitas em cada ano para depósito em contas poupança-habituação, com o limite de 110 100\$, desde que o saldo seja mobilizado para os

fins previstos no n.º 1 do artigo 5.º do Decreto-Lei n.º 27/2001 e se mostrem decorridos os prazos ali estabelecidos.

2 — No caso de o saldo da conta poupança-habituação vir a ser utilizado para outros fins que não os referidos no número anterior, ou antes de decorrido o prazo estabelecido, a soma dos montantes anuais deduzidos, agravados de uma importância correspondente à aplicação a cada um deles do produto de 10% pelo número de anos decorridos desde aquele em que foi exercido o direito à dedução, será acrescida, consoante os casos, ao rendimento ou à colecta do ano em que ocorrer a mobilização.

3 — Ficam isentas de imposto sobre as sucessões e doações as transmissões por morte a favor do cônjuge sobrevivente a dos filhos ou dos adoptados, no caso de adopção plena, do saldo das contas poupança-habituação, desde que o mesmo venha a ser mobilizado para os fins referidos no artigo 5.º do Decreto-Lei n.º 27/2001.

4 — Nos casos em que o saldo da conta a que se refere o número anterior seja utilizado para outros fins que não os ali referidos, fica sem efeito a isenção, observando-se o que se prescreve no Código do Imposto Municipal da Sisa e do Imposto sobre as Sucessões e Doações para a liquidação e cobrança do respectivo imposto, acrescido dos juros compensatórios que se mostrem devidos.

5 — Os sujeitos passivos devem conservar na sua posse os documentos comprovativos das entregas, da utilização do saldo da conta poupança-habituação e os originais dos documentos mencionados no n.º 2 do artigo 5.º do Decreto-Lei n.º 27/2001 até ao termo do respectivo prazo de caducidade do direito à liquidação do imposto.

6 — As instituições depositárias são obrigadas a comunicar anualmente, até ao último dia útil do mês de Junho, relativamente ao ano anterior, à Direcção-Geral dos Impostos, em modelo oficialmente aprovado ou via Internet, relação de todas as contas poupança-habituação constituídas e entregas subsequentes, bem como de todas as mobilizações de saldos previstas nos artigos 5.º e 6.º do Decreto-Lei n.º 27/2001.

Visto a aprovado em Conselho de Ministros de 21 de Dezembro de 2000. — *Jaime José Matos da Gama — Joaquim Augusto Nunes Pina Moura.*

Promulgado em 15 de Janeiro de 2001.

Publique-se.

O Presidente da República, JORGE SAMPAIO.

Referendado em 18 de Janeiro de 2001.

O Primeiro-Ministro, *António Manuel de Oliveira Guterres.*

MINISTÉRIO DA REFORMA DO ESTADO E DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA

Decreto-Lei n.º 29/2001

de 3 de Fevereiro

A escolha de profissão e o acesso à função pública são direitos constitucionalmente garantidos a todos os cidadãos, em condições de igualdade e liberdade.

Os cidadãos com deficiência gozam plenamente dos direitos consignados na Constituição, com ressalva daqueles para os quais se encontrem incapacitados.

O artigo 71.º da Constituição atribui ao Estado a obrigação de realizar uma política nacional de prevenção e de tratamento, reabilitação e integração dos cidadãos com deficiência e o encargo da efectiva realização dos seus direitos.

Cabe, pois, ao Estado a responsabilidade de criar e coordenar as regras e as condições que permitam dar cumprimento àquelas atribuições e sensibilizar toda a sociedade para a sua efectivação.

A deficiência acarreta muitas vezes, num registo próximo do absurdo, o peso da sua diferença e às barreiras materiais somam-se muitas vezes as barreiras imateriais, as da área relacional, das atitudes e dos comportamentos, as quais impedem sempre o acesso ao exercício pleno da cidadania.

O apoio específico ao cidadão com deficiência constitui uma preocupação de primeira linha do XIV Governo Constitucional.

Até aqui, o número de cidadãos com deficiência trabalhadores da Administração Pública é, no conjunto do universo destes trabalhadores, francamente diminuto, fazendo todo o sentido que o Estado, na sua qualidade de grande empregador, tome a seu cargo a responsabilidade de promover a qualificação laboral do cidadão com deficiência e torne possível o seu acesso a emprego qualificado.

Considerando o previsto na Lei de Bases da Prevenção, da Reabilitação e Integração das Pessoas com Deficiência, o presente diploma dá corpo a uma medida da maior importância, que permitirá o início da recuperação de um atraso de muitos anos, no quadro do acesso ao emprego por parte do cidadão com deficiência. Por forma a favorecer a sua integração profissional no mercado de trabalho, é instituída uma quota obrigatória de 5% nos concursos externos de ingresso na função pública em que o número de lugares postos a concurso seja igual ou superior a 10, definindo-se regras específicas para os concursos em que o número de lugares a preencher seja inferior a 10.

Exceptua-se a aplicação da presente quota aos concursos de ingresso nas carreiras que pela sua natureza colocam obstáculos intransponíveis.

O acompanhamento da aplicação do presente diploma pertencerá, em conjunto, à Direcção-Geral da Administração Pública, ao Secretariado Nacional para a Reabilitação e Integração das Pessoas com Deficiência e ao Conselho Nacional para Reabilitação e Integração das Pessoas com Deficiência.

Foram ouvidos os órgãos de governo próprio das Regiões Autónomas, a Associação Nacional de Municípios Portugueses, a Associação Nacional de Freguesias e o Conselho Nacional para a Reabilitação e Integração das Pessoas com Deficiência.

Foram observados os procedimentos decorrentes da Lei n.º 23/98, de 26 de Maio.

Assim:

Nos termos da alínea *a*) do n.º 1 do artigo 198.º da Constituição, o Governo decreta, para valer como lei geral da República, o seguinte:

Artigo 1.º

Objecto

1 — O presente diploma estabelece o sistema de quotas de emprego para pessoas com deficiência, com um

grau de incapacidade igual ou superior a 60%, nos serviços e organismos da administração central e local, bem como nos institutos públicos que revistam a natureza de serviços personalizados do Estado ou de fundos públicos.

2 — A aplicação do presente diploma aos serviços e organismos da Administração Regional Autónoma faz-se por decreto legislativo regional.

Artigo 2.º

Âmbito pessoal de aplicação

1 — Para efeitos do presente diploma, consideram-se pessoas com deficiência aquelas que, encontrando-se em qualquer uma das circunstâncias e situações descritas no n.º 1 do artigo 2.º da Lei n.º 9/89, de 2 de Maio, possam exercer, sem limitações funcionais, a actividade a que se candidatam ou, apresentando limitações funcionais, estas sejam superáveis através da adequação ou adaptação do posto de trabalho e ou de ajuda técnica.

2 — A deficiência prevista no n.º 1 abrange as áreas de paralisia cerebral, orgânica, motora, visual, auditiva e mental.

Artigo 3.º

Quota de emprego

1 — Em todos os concursos externos de ingresso na função pública em que o número de lugares postos a concurso seja igual ou superior a 10, é obrigatoriamente fixada uma quota de 5% do total do número de lugares, com arredondamento para a unidade, a preencher por pessoas com deficiência.

2 — Nos concursos em que o número de lugares a preencher seja inferior a 10 e igual ou superior a três, é garantida a reserva de um lugar para candidatos com deficiência.

3 — Nos concursos em que o número de lugares a preencher seja de um ou dois, o candidato com deficiência tem preferência em igualdade de classificação, a qual prevalece sobre qualquer outra preferência legal.

4 — O disposto no presente artigo não se aplica aos concursos de ingresso nas carreiras com funções de natureza policial das forças e serviços de segurança e do Corpo da Guarda Prisional.

Artigo 4.º

Aviso de abertura do concurso

1 — O aviso de abertura dos concursos externos de ingresso na função pública deve mencionar o número de lugares a preencher por pessoas com deficiência.

2 — De acordo com a descrição do conteúdo funcional constante do aviso de abertura, o júri do concurso verifica a capacidade de o candidato exercer a função, nos termos do n.º 1 do artigo 2.º

3 — Em caso de dúvida, por parte do júri do concurso ou em situação em que o candidato alegue discordância face à verificação a que se refere o número anterior, há possibilidade de recurso técnico específico para a entidade a que se refere o artigo 5.º

Artigo 5.º

Entidade de recurso técnico específico

Para efeitos do disposto do n.º 3 do artigo anterior a entidade competente para recurso técnico específico

é definida no prazo de 90 dias, a partir da data da publicação do presente diploma, por despacho conjunto dos Ministros do Trabalho e da Solidariedade, da Saúde, da Reforma do Estado e da Administração Pública e do membro do Governo que tutela a administração local.

Artigo 6.º

Admissão a concurso

1 — Para efeitos de admissão a concurso, os candidatos com deficiência devem declarar, no requerimento de admissão, sob compromisso de honra, o respectivo grau de incapacidade e tipo de deficiência, sendo dispensada a apresentação imediata de documento comprovativo.

2 — Os candidatos devem, ainda, mencionar no requerimento de admissão todos os elementos necessários ao cumprimento do disposto no artigo seguinte.

Artigo 7.º

Processo de selecção

1 — O processo de selecção dos candidatos com deficiência deve ser adequado, nas suas diferentes vertentes, às capacidades de comunicação/expressão.

2 — Para efeitos do disposto no número anterior, o Secretariado Nacional para a Reabilitação e Integração das Pessoas com Deficiência é a entidade competente para prestar o apoio técnico que se revele necessário.

Artigo 8.º

Provimento

1 — O provimento faz-se em duas fases, sendo primeiro preenchidos os lugares não reservados, pela ordem da lista de classificação final, seguindo-se-lhe o preenchimento dos lugares reservados, de entre candidatos com deficiência que não tenham obtido provimento na primeira fase, de acordo com a respectiva graduação.

2 — No caso de não haver candidatos com deficiência admitidos ou aprovados em número suficiente, os lugares reservados a que se referem os n.ºs 1 e 2 do artigo 3.º podem ser preenchidos nos termos da primeira parte do número anterior.

Artigo 9.º

Aplicação a outras formas de recrutamento

O disposto nos artigos anteriores é aplicável, com as necessárias adaptações, aos processos de selecção de pessoal que se destinem à celebração de contratos administrativos de provimento e contratos de trabalho a termo certo.

Artigo 10.º

Avaliação e acompanhamento

1 — Os serviços e organismos referidos no n.º 1 do artigo 1.º comunicam anualmente à Direcção-Geral da Administração Pública a abertura dos concursos previstos no artigo 3.º, informando o número de lugares preenchidos por candidatos com deficiência.

2 — A Direcção-Geral da Administração Pública informa, até 15 de Abril de cada ano, o Secretariado Nacional para a Reabilitação e Integração das Pessoas com Deficiência sobre a evolução da aplicação do presente diploma.

3 — O Secretariado Nacional para a Reabilitação e Integração das Pessoas com Deficiência acompanha, conjuntamente com o Conselho Nacional para a Reabilitação e Integração das Pessoas com Deficiência, a aplicação do presente diploma e promove a integração e adaptação das pessoas com deficiência nos serviços e organismos referidos no n.º 1.

Artigo 11.º

Entrada em vigor

O presente diploma entra em vigor 90 dias após a sua publicação.

Visto e aprovado em Conselho de Ministros de 6 de Dezembro de 2000. — *António Manuel de Oliveira Guterres* — *Rui António Ferreira Cunha* — *Maria Manuela de Brito Arcanjo Marques da Costa* — *José Sócrates Carvalho Pinto de Sousa* — *Alberto de Sousa Martins*.

Promulgado em 18 de Janeiro de 2001.

Publique-se.

O Presidente da República, JORGE SAMPAIO.

Referendado em 25 de Janeiro de 2001.

O Primeiro-Ministro, *António Manuel de Oliveira Guterres*.

Anexo 8

Decreto-Lei Nº 3/2008 de 7 de Janeiro

nadamente em termos remuneratórios, a presidentes das comissões directivas dos programas operacionais regionais do QREN.

15 — Determinar que os elementos que compõem o secretariado técnico, incluindo os secretários técnicos, são equiparados, em termos remuneratórios, aos elementos dos secretariados técnicos dos programas operacionais temáticos do QREN.

16 — Determinar que as despesas inerentes à instalação e funcionamento da autoridade de gestão do PRODER, elegíveis a financiamento comunitário, são asseguradas pela assistência técnica do PRODER, de acordo com o artigo 66.º do Regulamento (CE) n.º 1698/2005, do Conselho, de 20 de Setembro.

17 — Determinar, sem prejuízo do disposto no n.º 13, que a presente resolução produz efeitos desde a data da sua aprovação.

18 — Determinar a revogação da Resolução do Conselho de Ministros n.º 112/2007, de 21 de Agosto.

Presidência do Conselho de Ministros, 8 de Novembro de 2007. — O Primeiro-Ministro, *José Sócrates Carvalho Pinto de Sousa*.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, DO DESENVOLVIMENTO RURAL E DAS PESCAS

Portaria n.º 14/2008

de 7 de Janeiro

Pela Portaria n.º 817/95, de 13 de Julho, alterada pelas Portarias n.ºs 62/96, 447/2000 e 1508/2002, respectivamente de 28 de Fevereiro, 18 de Julho e 14 de Dezembro, foi concessionada à Associação de Caçadores da Casa Branca a zona de caça associativa da Herdade da Casa Branca e outras (processo n.º 1759-DGRF), situada no município de Mora.

A concessionária requereu agora a anexação à referida zona de caça de outro prédio rústico.

Assim:

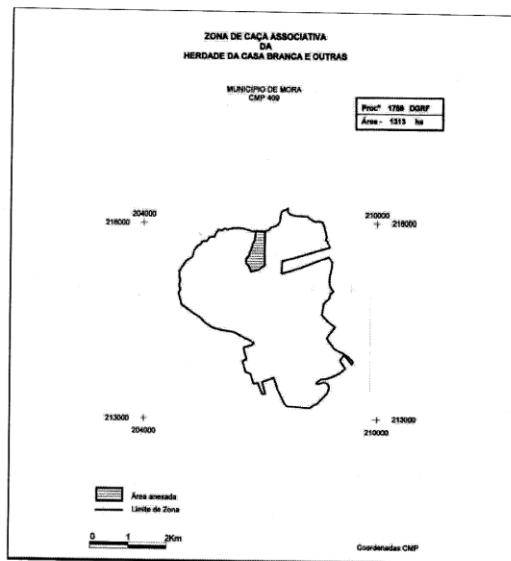
Com fundamento no disposto no artigo 11.º e na alínea a) do artigo 40.º do Decreto-Lei n.º 202/2004, de 18 de Agosto, com as alterações introduzidas pelo Decreto-Lei n.º 201/2005, de 24 de Novembro, e ouvido o Conselho Cinegético Municipal:

Manda o Governo, pelo Ministro da Agricultura, do Desenvolvimento Rural e das Pescas, o seguinte:

1.º É anexado à presente zona de caça o prédio rústico denominado «Herdade Casa Branca da Estrada», sito na freguesia de Pavia, município de Mora, com a área de 37,7750 ha, ficando a mesma com a área total de 1313 ha, conforme planta anexa à presente portaria e que dela faz parte integrante.

2.º A presente anexação só produz efeitos, relativamente a terceiros, com a instalação da respectiva sinalização.

O Ministro da Agricultura, do Desenvolvimento Rural e das Pescas, *Jaime de Jesus Lopes Silva*, em 15 de Novembro de 2007.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Decreto-Lei n.º 3/2008

de 7 de Janeiro

Constitui desígnio do XVII Governo Constitucional promover a igualdade de oportunidades, valorizar a educação e promover a melhoria da qualidade do ensino. Um aspecto determinante dessa qualidade é a promoção de uma escola democrática e inclusiva, orientada para o sucesso educativo de todas as crianças e jovens. Nessa medida importa planear um sistema de educação flexível, pautado por uma política global integrada, que permita responder à diversidade de características e necessidades de todos os alunos que implicam a inclusão das crianças e jovens com necessidades educativas especiais no quadro de uma política de qualidade orientada para o sucesso educativo de todos os alunos.

Nos últimos anos, principalmente após a Declaração de Salamanca (1994), tem vindo a afirmar-se a noção de escola inclusiva, capaz de acolher e reter, no seu seio, grupos de crianças e jovens tradicionalmente excluídos. Esta noção, dada a sua dimensão eminentemente social, tem merecido o apoio generalizado de profissionais, da comunidade científica e de pais.

A educação inclusiva visa a equidade educativa, sendo que por esta se entende a garantia de igualdade, quer no acesso quer nos resultados.

No quadro da equidade educativa, o sistema e as práticas educativas devem assegurar a gestão da diversidade da qual decorrem diferentes tipos de estratégias que permitam responder às necessidades educativas dos alunos. Deste modo, a escola inclusiva pressupõe individualização e personalização das estratégias educativas, enquanto método de prossecução do objectivo de promover competências universais que permitam a autonomia e o acesso à condução plena da cidadania por parte de todos.

Todos os alunos têm necessidades educativas, trabalhadas no quadro da gestão da diversidade acima referida.

Existem casos, porém, em que as necessidades se revestem de contornos muito específicos, exigindo a activação de apoios especializados.

Os apoios especializados visam responder às necessidades educativas especiais dos alunos com limitações significativas ao nível da actividade e da participação, num ou vários domínios de vida, decorrentes de alterações funcionais e estruturais, de carácter permanente, resultando em dificuldades continuadas ao nível da comunicação, da aprendizagem, da mobilidade, da autonomia, do relacionamento interpessoal e da participação social e dando lugar à mobilização de serviços especializados para promover o potencial de funcionamento biopsicosocial.

Os apoios especializados podem implicar a adaptação de estratégias, recursos, conteúdos, processos, procedimentos e instrumentos, bem como a utilização de tecnologias de apoio. Portanto, não se trata só de medidas para os alunos, mas também de medidas de mudança no contexto escolar.

Entre os alunos com deficiências e incapacidades alguns necessitam de acções positivas que exigem diferentes graus de intensidade e de especialização. À medida que aumenta a necessidade de uma maior especialização do apoio personalizado, decresce o número de crianças e jovens que dele necessitam, do que decorre que apenas uma reduzida percentagem necessita de apoios personalizados altamente especializados.

Assim:

No desenvolvimento do regime jurídico estabelecido pela Lei n.º 46/86, de 14 de Outubro, e nos termos da alínea c) do n.º 1 do artigo 198.º da Constituição, o Governo decreta o seguinte:

CAPÍTULO I

Objectivos, enquadramento e princípios orientadores

Artigo 1.º

Objecto e âmbito

1 — O presente decreto-lei define os apoios especializados a prestar na educação pré-escolar e nos ensinos básico e secundário dos sectores público, particular e cooperativo, visando a criação de condições para a adequação do processo educativo às necessidades educativas especiais dos alunos com limitações significativas ao nível da actividade e da participação num ou vários domínios de vida, decorrentes de alterações funcionais e estruturais, de carácter permanente, resultando em dificuldades continuadas ao nível da comunicação, da aprendizagem, da mobilidade, da autonomia, do relacionamento interpessoal e da participação social.

2 — A educação especial tem por objectivos a inclusão educativa e social, o acesso e o sucesso educativo, a autonomia, a estabilidade emocional, bem como a promoção da igualdade de oportunidades, a preparação para o prosseguimento de estudos ou para uma adequada preparação para a vida profissional e para uma transição da escola para o emprego das crianças e dos jovens com necessidades educativas especiais nas condições acima descritas.

Artigo 2.º

Princípios orientadores

1 — A educação especial prossegue, em permanência, os princípios da justiça e da solidariedade social, da não

discriminação e do combate à exclusão social, da igualdade de oportunidades no acesso e sucesso educativo, da participação dos pais e da confidencialidade da informação.

2 — Nos termos do disposto no número anterior, as escolas ou os agrupamentos de escolas, os estabelecimentos de ensino particular com paralelismo pedagógico, as escolas profissionais, directa ou indirectamente financiados pelo Ministério da Educação (ME), não podem rejeitar a matrícula ou a inscrição de qualquer criança ou jovem com base na incapacidade ou nas necessidades educativas especiais que manifestem.

3 — As crianças e jovens com necessidades educativas especiais de carácter permanente gozam de prioridade na matrícula, tendo o direito, nos termos do presente decreto-lei, a frequentar o jardim-de-infância ou a escola nos mesmos termos das restantes crianças.

4 — As crianças e os jovens com necessidades educativas especiais de carácter permanente têm direito ao reconhecimento da sua singularidade e à oferta de respostas educativas adequadas.

5 — Toda a informação resultante da intervenção técnica e educativa está sujeita aos limites constitucionais e legais, em especial os relativos à reserva da intimidade da vida privada e familiar e ao tratamento automatizado, conexão, transmissão, utilização e protecção de dados pessoais, sendo garantida a sua confidencialidade.

6 — Estão vinculados ao dever do sigilo os membros da comunidade educativa que tenham acesso à informação referida no número anterior.

Artigo 3.º

Participação dos pais e encarregados de educação

1 — Os pais ou encarregados de educação têm o direito e o dever de participar activamente, exercendo o poder paternal nos termos da lei, em tudo o que se relacione com a educação especial a prestar ao seu filho, acedendo, para tal, a toda a informação constante do processo educativo.

2 — Quando, comprovadamente, os pais ou encarregados de educação não exerçam o seu direito de participação, cabe à escola desencadear as respostas educativas adequadas em função das necessidades educativas especiais diagnosticadas.

3 — Quando os pais ou encarregados de educação não concordem com as medidas educativas propostas pela escola, podem recorrer, mediante documento escrito, no qual fundamentam a sua posição, aos serviços competentes do ME.

Artigo 4.º

Organização

1 — As escolas devem incluir nos seus projectos educativos as adequações relativas ao processo de ensino e de aprendizagem, de carácter organizativo e de funcionamento, necessárias para responder adequadamente às necessidades educativas especiais de carácter permanente das crianças e jovens, com vista a assegurar a sua maior participação nas actividades de cada grupo ou turma e da comunidade escolar em geral.

2 — Para garantir as adequações de carácter organizativo e de funcionamento referidas no número anterior, são criadas por despacho ministerial:

a) Escolas de referência para a educação bilingue de alunos surdos;

b) Escolas de referência para a educação de alunos cegos e com baixa visão.

3 — Para apoiar a adequação do processo de ensino e de aprendizagem podem as escolas ou agrupamentos de escolas desenvolver respostas específicas diferenciadas para alunos com perturbações do espectro do autismo e com multideficiência, designadamente através da criação de:

a) Unidades de ensino estruturado para a educação de alunos com perturbações do espectro do autismo;

b) Unidades de apoio especializado para a educação de alunos com multideficiência e surdocegueira congénita.

4 — As respostas referidas nas alíneas a) e b) do número anterior são propostas por deliberação do conselho executivo, ouvido o conselho pedagógico, quando numa escola ou grupos de escolas limítrofes, o número de alunos o justificar e quando a natureza das respostas, dos equipamentos específicos e das especializações profissionais, justifiquem a sua concentração.

5 — As unidades referidas no n.º 3 são criadas por despacho do director regional de educação competente.

CAPÍTULO II

Procedimentos de referência e avaliação

Artigo 5.º

Processo de referência

1 — A educação especial pressupõe a referência das crianças e jovens que eventualmente dela necessitem, a qual deve ocorrer o mais precocemente possível, detectando os factores de risco associados às limitações ou incapacidades.

2 — A referência efectua-se por iniciativa dos pais ou encarregados de educação, dos serviços de intervenção precoce, dos docentes ou de outros técnicos ou serviços que intervêm com a criança ou jovem ou que tenham conhecimento da eventual existência de necessidades educativas especiais.

3 — A referência é feita aos órgãos de administração e gestão das escolas ou agrupamentos de escolas da área da residência, mediante o preenchimento de um documento onde se explicitam as razões que levaram a referenciar a situação e se anexa toda a documentação considerada relevante para o processo de avaliação.

Artigo 6.º

Processo de avaliação

1 — Referenciada a criança ou jovem, nos termos do artigo anterior, compete ao conselho executivo desencadear os procedimentos seguintes:

a) Solicitar ao departamento de educação especial e ao serviço de psicologia um relatório técnico-pedagógico conjunto, com os contributos dos restantes intervenientes no processo, onde sejam identificadas, nos casos em que tal se justifique, as razões que determinam as necessidades educativas especiais do aluno e a sua tipologia, designadamente as condições de saúde, doença ou incapacidade;

b) Solicitar ao departamento de educação especial a determinação dos apoios especializados, das adequações

do processo de ensino e de aprendizagem de que o aluno deva beneficiar e das tecnologias de apoio;

c) Assegurar a participação activa dos pais ou encarregados de educação, assim como a sua anuência;

d) Homologar o relatório técnico-pedagógico e determinar as suas implicações;

e) Nos casos em que se considere não se estar perante uma situação de necessidades educativas que justifiquem a intervenção dos serviços da educação especial, solicitar ao departamento de educação especial e aos serviços de psicologia o encaminhamento dos alunos para os apoios disponibilizados pela escola que melhor se adequem à sua situação específica.

2 — Para a elaboração do relatório a que se refere a alínea a) do número anterior pode o conselho executivo, quando tal se justifique, recorrer aos centros de saúde, a centros de recursos especializados, às escolas ou unidades referidas nos n.ºs 2 e 3 do artigo 4.º

3 — Do relatório técnico-pedagógico constam os resultados decorrentes da avaliação, obtidos por referência à Classificação Internacional da Funcionalidade, Incapacidade e Saúde, da Organização Mundial de Saúde, servindo de base à elaboração do programa educativo individual.

4 — O relatório técnico-pedagógico a que se referem os números anteriores é parte integrante do processo individual do aluno.

5 — A avaliação deve ficar concluída 60 dias após a referência com a aprovação do programa educativo individual pelo presidente do conselho executivo.

6 — Quando o presidente do conselho executivo decida pela não aprovação, deve exarar despacho justificativo da decisão, devendo reenviá-lo à entidade que o tenha elaborado com o fim de obter uma melhor justificação ou enquadramento.

Artigo 7.º

Serviço docente nos processos de referência e de avaliação

1 — O serviço docente no âmbito dos processos de referência e de avaliação assume carácter prioritário, devendo concluir-se no mais curto período de tempo, dando preferência à sua execução sobre toda a actividade docente e não docente, à excepção da lectiva.

2 — O serviço de referência e de avaliação é de aceitação obrigatória e quando realizado por um docente é sempre integrado na componente não lectiva do seu horário de trabalho.

CAPÍTULO III

Programa educativo individual e plano individual de transição

Artigo 8.º

Programa educativo individual

1 — O programa educativo individual é o documento que fixa e fundamenta as respostas educativas e respectivas formas de avaliação.

2 — O programa educativo individual documenta as necessidades educativas especiais da criança ou jovem, baseadas na observação e avaliação de sala de aula e nas informações complementares disponibilizadas pelos participantes no processo.

3 — O programa educativo individual integra o processo individual do aluno.

Artigo 9.º

Modelo do programa educativo individual

1 — O modelo do programa educativo individual é aprovado por deliberação do conselho pedagógico e inclui os dados do processo individual do aluno, nomeadamente identificação, história escolar e pessoal relevante, conclusões do relatório de avaliação e as adequações no processo de ensino e de aprendizagem a realizar, com indicação das metas, das estratégias, recursos humanos e materiais e formas de avaliação.

2 — O modelo do programa educativo individual integra os indicadores de funcionalidade, bem como os factores ambientais que funcionam como facilitadores ou como barreiras à actividade e participação do aluno na vida escolar, obtidos por referência à Classificação Internacional da Funcionalidade, Incapacidade e Saúde, em termos que permitam identificar o perfil concreto de funcionalidade.

3 — Do modelo de programa educativo individual devem constar, de entre outros, obrigatoriamente:

- a) A identificação do aluno;
- b) O resumo da história escolar e outros antecedentes relevantes;
- c) A caracterização dos indicadores de funcionalidade e do nível de aquisições e dificuldades do aluno;
- d) Os factores ambientais que funcionam como facilitadores ou como barreiras à participação e à aprendizagem;
- e) Definição das medidas educativas a implementar;
- f) Discriminação dos conteúdos, dos objectivos gerais e específicos a atingir e das estratégias e recursos humanos e materiais a utilizar;
- g) Nível de participação do aluno nas actividades educativas da escola;
- h) Distribuição horária das diferentes actividades previstas;
- i) Identificação dos técnicos responsáveis;
- j) Definição do processo de avaliação da implementação do programa educativo individual;
- l) A data e assinatura dos participantes na sua elaboração e dos responsáveis pelas respostas educativas a aplicar.

Artigo 10.º

Elaboração do programa educativo individual

1 — Na educação pré-escolar e no 1.º ciclo do ensino básico, o programa educativo individual é elaborado, conjunta e obrigatoriamente, pelo docente do grupo ou turma, pelo docente de educação especial, pelos encarregados de educação e sempre que se considere necessário, pelos serviços referidos na alínea a) do n.º 1 e no n.º 2 do artigo 6.º, sendo submetido à aprovação do conselho pedagógico e homologado pelo conselho executivo.

2 — Nos 2.º e 3.º ciclos do ensino básico e no ensino secundário e em todas as modalidades não sujeitas a monodocência, o programa educativo individual é elaborado pelo director de turma, pelo docente de educação especial, pelos encarregados de educação e sempre que se considere necessário pelos serviços referidos na alínea a) do n.º 1 e no n.º 2 do artigo 6.º, sendo submetido à aprovação do conselho pedagógico e homologado pelo conselho executivo.

3 — No caso dos alunos surdos com ensino bilingue deve também participar na elaboração do programa educativo individual um docente surdo de LGP.

Artigo 11.º

Coordenação do programa educativo individual

1 — O coordenador do programa educativo individual é o educador de infância, o professor do 1.º ciclo ou o director de turma, a quem esteja atribuído o grupo ou a turma que o aluno integra.

2 — A aplicação do programa educativo individual carece de autorização expressa do encarregado de educação, excepto nas situações previstas no n.º 2 do artigo 3.º

Artigo 12.º

Prazos de aplicação do programa educativo individual

1 — A elaboração do programa educativo individual deve decorrer no prazo máximo de 60 dias após a referenciação dos alunos com necessidades educativas especiais de carácter permanente.

2 — O programa educativo individual constitui o único documento válido para efeitos de distribuição de serviço docente e não docente e constituição de turmas, não sendo permitida a aplicação de qualquer adequação no processo de ensino e de aprendizagem sem a sua existência.

Artigo 13.º

Acompanhamento do programa educativo individual

1 — O programa educativo individual deve ser revisto a qualquer momento e, obrigatoriamente, no final de cada nível de educação e ensino e no fim de cada ciclo do ensino básico.

2 — A avaliação da implementação das medidas educativas deve assumir carácter de continuidade, sendo obrigatória pelo menos em cada um dos momentos de avaliação sumativa interna da escola.

3 — Dos resultados obtidos por cada aluno com a aplicação das medidas estabelecidas no programa educativo individual, deve ser elaborado um relatório circunstanciado no final do ano lectivo.

4 — O relatório referido no número anterior é elaborado, conjuntamente pelo educador de infância, professor do 1.º ciclo ou director de turma, pelo docente de educação especial, pelo psicólogo e pelos docentes e técnicos que acompanham o desenvolvimento do processo educativo do aluno e aprovado pelo conselho pedagógico e pelo encarregado de educação.

5 — O relatório explicita a existência da necessidade de o aluno continuar a beneficiar de adequações no processo de ensino e de aprendizagem, propõe as alterações necessárias ao programa educativo individual e constitui parte integrante do processo individual do aluno.

6 — O relatório referido nos números anteriores, ao qual é anexo o programa educativo individual, é obrigatoriamente comunicado ao estabelecimento que receba o aluno, para prosseguimento de estudos ou em resultado de processo de transferência.

Artigo 14.º

Plano individual de transição

1 — Sempre que o aluno apresente necessidades educativas especiais de carácter permanente que o impeçam de adquirir as aprendizagens e competências definidas no currículo deve a escola complementar o programa educativo individual com um plano individual de transição

destinado a promover a transição para a vida pós-escolar e, sempre que possível, para o exercício de uma actividade profissional com adequada inserção social, familiar ou numa instituição de carácter ocupacional.

2 — A concretização do número anterior, designadamente a implementação do plano individual de transição, inicia-se três anos antes da idade limite de escolaridade obrigatória, sem prejuízo do disposto no artigo anterior.

3 — No sentido de preparar a transição do jovem para a vida pós-escolar, o plano individual de transição deve promover a capacitação e a aquisição de competências sociais necessárias à inserção familiar e comunitária.

4 — O plano individual de transição deve ser datado e assinado por todos os profissionais que participam na sua elaboração, bem como pelos pais ou encarregados de educação e, sempre que possível, pelo próprio aluno.

Artigo 15.º

Certificação

1 — Os instrumentos de certificação da escolaridade devem adequar-se às necessidades especiais dos alunos que seguem o seu percurso escolar com programa educativo individual.

2 — Para efeitos do número anterior, os instrumentos normalizados de certificação devem identificar as adequações do processo de ensino e de aprendizagem que tenham sido aplicadas.

3 — Sem prejuízo do disposto no número anterior, as normas de emissão e os formulários a utilizar são as mesmas que estejam legalmente fixadas para o sistema de ensino.

CAPÍTULO IV

Medidas educativas

Artigo 16.º

Adequação do processo de ensino e de aprendizagem

1 — A adequação do processo de ensino e de aprendizagem integra medidas educativas que visam promover a aprendizagem e a participação dos alunos com necessidades educativas especiais de carácter permanente.

2 — Constituem medidas educativas referidas no número anterior:

- a) Apoio pedagógico personalizado;
- b) Adequações curriculares individuais;
- c) Adequações no processo de matrícula;
- d) Adequações no processo de avaliação;
- e) Currículo específico individual;
- f) Tecnologias de apoio.

3 — As medidas referidas no número anterior podem ser aplicadas cumulativamente, com excepção das alíneas b) e e), não cumuláveis entre si.

4 — As medidas educativas referidas no n.º 2 pressupõem o planeamento de estratégias e de actividades que visam o apoio personalizado aos alunos com necessidades educativas especiais de carácter permanente que integram obrigatoriamente o plano de actividades da escola de acordo com o projecto educativo de escola.

5 — O projecto educativo da escola deve conter:

a) As metas e estratégias que a escola se propõe realizar com vista a apoiar os alunos com necessidades educativas especiais de carácter permanente;

b) A identificação das respostas específicas diferenciadas a disponibilizar para alunos surdos, cegos, com baixa visão, com perturbações do espectro do autismo e com multideficiência.

Artigo 17.º

Apoio pedagógico personalizado

1 — Para efeitos do presente decreto-lei entende-se por apoio pedagógico personalizado:

a) O reforço das estratégias utilizadas no grupo ou turma aos níveis da organização, do espaço e das actividades;

b) O estímulo e reforço das competências e aptidões envolvidas na aprendizagem;

c) A antecipação e reforço da aprendizagem de conteúdos leccionados no seio do grupo ou da turma;

d) O reforço e desenvolvimento de competências específicas.

2 — O apoio definido nas alíneas a), b) e c) do número anterior é prestado pelo educador de infância, pelo professor de turma ou de disciplina, conforme o nível de educação ou de ensino do aluno.

3 — O apoio definido na alínea d) do n.º 1 é prestado, consoante a gravidade da situação dos alunos e a especificidade das competências a desenvolver, pelo educador de infância, professor da turma ou da disciplina, ou pelo docente de educação especial.

Artigo 18.º

Adequações curriculares individuais

1 — Entende-se por adequações curriculares individuais aquelas que, mediante o parecer do conselho de docentes ou conselho de turma, conforme o nível de educação e ensino, se considere que têm como padrão o currículo comum, no caso da educação pré-escolar as que respeitem as orientações curriculares, no ensino básico as que não põem em causa a aquisição das competências terminais de ciclo e, no ensino secundário, as que não põem em causa as competências essenciais das disciplinas.

2 — As adequações curriculares podem consistir na introdução de áreas curriculares específicas que não façam parte da estrutura curricular comum, nomeadamente leitura e escrita em braille, orientação e mobilidade; treino de visão e a actividade motora adaptada, entre outras.

3 — A adequação do currículo dos alunos surdos com ensino bilingue consiste na introdução de áreas curriculares específicas para a primeira língua (L1), segunda língua (L2) e terceira língua (L3):

a) A língua gestual portuguesa (L1), do pré-escolar ao ensino secundário;

b) O português segunda língua (L2) do pré-escolar ao ensino secundário;

c) A introdução de uma língua estrangeira escrita (L3) do 3.º ciclo do ensino básico ao ensino secundário.

4 — As adequações curriculares podem consistir igualmente na introdução de objectivos e conteúdos intermédios em função das competências terminais do ciclo ou de

curso, das características de aprendizagem e dificuldades específicas dos alunos.

5 — As adequações curriculares individuais podem traduzir-se na dispensa das actividades que se revelem de difícil execução em função da incapacidade do aluno, só sendo aplicáveis quando se verifique que o recurso a tecnologias de apoio não é suficiente para colmatar as necessidades educativas resultantes da incapacidade.

Artigo 19.º

Adequações no processo de matrícula

1 — As crianças e jovens com necessidades educativas especiais de carácter permanente gozam de condições especiais de matrícula, podendo nos termos do presente decreto-lei, frequentar o jardim-de-infância ou a escola, independentemente da sua área de residência.

2 — As crianças com necessidades educativas especiais de carácter permanente podem, em situações excepcionais devidamente fundamentadas, beneficiar do adiamento da matrícula no 1.º ano de escolaridade obrigatória, por um ano, não renovável.

3 — A matrícula por disciplinas pode efectuar-se nos 2.º e 3.º ciclos do ensino básico e no ensino secundário, desde que assegurada a sequencialidade do regime educativo comum.

4 — As crianças e jovens surdos têm direito ao ensino bilingue, devendo ser dada prioridade à sua matrícula nas escolas de referência a que se refere a alínea *a*) do n.º 2 do artigo 4.º independentemente da sua área de residência.

5 — As crianças e jovens cegos ou com baixa visão podem matricular-se e frequentar escolas da rede de escolas de referência para a educação de alunos cegos e com baixa visão a que se refere a alínea *b*) do n.º 2 do artigo 4.º, independentemente da sua área de residência.

6 — As crianças e jovens com perturbações do espectro do autismo podem matricular-se e frequentar escolas com unidades de ensino estruturado a que se refere alínea *a*) do n.º 3 do artigo 4.º independentemente da sua área de residência.

7 — As crianças e jovens com multideficiência e com surdocegueira podem matricular-se e frequentar escolas com unidades especializadas a que se refere a alínea *b*) do n.º 3 do artigo 4.º, independentemente da sua área de residência.

Artigo 20.º

Adequações no processo de avaliação

1 — As adequações quanto aos termos a seguir para a avaliação dos progressos das aprendizagens podem consistir, nomeadamente, na alteração do tipo de provas, dos instrumentos de avaliação e certificação, bem como das condições de avaliação, no que respeita, entre outros aspectos, às formas e meios de comunicação e à periodicidade, duração e local da mesma.

2 — Os alunos com currículos específicos individuais não estão sujeitos ao regime de transição de ano escolar nem ao processo de avaliação característico do regime educativo comum, ficando sujeitos aos critérios específicos de avaliação definidos no respectivo programa educativo individual.

Artigo 21.º

Currículo específico individual

1 — Entende-se por currículo específico individual, no âmbito da educação especial, aquele que, mediante o

parecer do conselho de docentes ou conselho de turma, substitui as competências definidas para cada nível de educação e ensino.

2 — O currículo específico individual pressupõe alterações significativas no currículo comum, podendo as mesmas traduzir-se na introdução, substituição e ou eliminação de objectivos e conteúdos, em função do nível de funcionalidade da criança ou do jovem.

3 — O currículo específico individual inclui conteúdos conducentes à autonomia pessoal e social do aluno e dá prioridade ao desenvolvimento de actividades de cariz funcional centradas nos contextos de vida, à comunicação e à organização do processo de transição para a vida pós-escolar.

4 — Compete ao conselho executivo e ao respectivo departamento de educação especial orientar e assegurar o desenvolvimento dos referidos currículos.

Artigo 22.º

Tecnologias de apoio

Entende-se por tecnologias de apoio os dispositivos facilitadores que se destinam a melhorar a funcionalidade e a reduzir a incapacidade do aluno, tendo como impacte permitir o desempenho de actividades e a participação nos domínios da aprendizagem e da vida profissional e social.

CAPÍTULO V

Modalidades específicas de educação

Artigo 23.º

Educação bilingue de alunos surdos

1 — A educação das crianças e jovens surdos deve ser feita em ambientes bilingues que possibilitem o domínio da LGP, o domínio do português escrito e, eventualmente, falado, competindo à escola contribuir para o crescimento linguístico dos alunos surdos, para a adequação do processo de acesso ao currículo e para a inclusão escolar e social.

2 — A concentração dos alunos surdos, inseridos numa comunidade linguística de referência e num grupo de socialização constituído por adultos, crianças e jovens de diversas idades que utilizam a LGP, promove condições adequadas ao desenvolvimento desta língua e possibilita o desenvolvimento do ensino e da aprendizagem em grupos ou turmas de alunos surdos, iniciando-se este processo nas primeiras idades e concluindo-se no ensino secundário.

3 — As escolas de referência para a educação bilingue de alunos surdos a que se refere a alínea *a*) do n.º 2 do artigo 4.º constituem uma resposta educativa especializada desenvolvida, em agrupamentos de escolas ou escolas secundárias que concentram estes alunos numa escola, em grupos ou turmas de alunos surdos.

4 — As escolas de referência para a educação de ensino bilingue de alunos surdos têm como objectivo principal aplicar metodologias e estratégias de intervenção interdisciplinares, adequadas a alunos surdos.

5 — As escolas de referência para a educação bilingue de alunos surdos integram:

a) Docentes com formação especializada em educação especial, na área da surdez, competentes em LGP (docentes surdos e ouvintes dos vários níveis de educação e

ensino), com formação e experiência no ensino bilingue de alunos surdos;

- b) Docentes surdos de LGP;
- c) Intérpretes de LGP;
- d) Terapeutas da fala.

6 — Para os alunos surdos, o processo de avaliação, referido no artigo 6.º, deve ser desenvolvido por equipas a constituir no agrupamento de escolas ou nas escolas secundárias para a educação bilingue destes alunos.

7 — As equipas referidas no número anterior devem ser constituídas pelos seguintes elementos:

- a) Docente que lecciona grupo ou turma de alunos surdos do nível de educação e ensino da criança ou jovem;
- b) Docente de educação especial especializado na área da surdez;
- c) Docente surdo de LGP;
- d) Terapeutas da fala;
- e) Outros profissionais ou serviços da escola ou da comunidade.

8 — Deve ser dada prioridade à matrícula de alunos surdos, nas escolas de referência para a educação bilingue de alunos surdos.

9 — A organização da resposta educativa deve ser determinada pelo nível de educação e ensino, ano de escolaridade, idade dos alunos e nível de proficiência linguística.

10 — As respostas educativas devem ser flexíveis, assumindo carácter individual e dinâmico, e pressupõem uma avaliação sistemática do processo de ensino e de aprendizagem do aluno surdo, bem como o envolvimento e a participação da família.

11 — Os agrupamentos de escolas que integram os jardins-de-infância de referência para a educação bilingue de crianças surdas devem articular as respostas educativas com os serviços de intervenção precoce no apoio e informação das escolhas e opções das suas famílias e na disponibilização de recursos técnicos especializados, nomeadamente de docentes surdos de LGP, bem como na frequência precoce de jardim-de-infância no grupo de crianças surdas.

12 — As crianças surdas, entre os 3 e os 6 anos de idade, devem frequentar a educação pré-escolar, sempre em grupos de crianças surdas, de forma a desenvolverem a LGP como primeira língua, sem prejuízo da participação do seu grupo com grupos de crianças ouvintes em actividades desenvolvidas na comunidade escolar.

13 — Os alunos dos ensino básico e secundário realizam o seu percurso escolar em turmas de alunos surdos, de forma a desenvolverem a LGP como primeira língua e aceder ao currículo nesta língua, sem prejuízo da sua participação com as turmas de alunos ouvintes em actividades desenvolvidas na comunidade escolar.

14 — A docência dos grupos ou turmas de alunos surdos é assegurada por docentes surdos ou ouvintes com habilitação profissional para leccionar aqueles níveis de educação e ensino, competentes em LGP e com formação e experiência no ensino bilingue de alunos surdos.

15 — Na educação pré-escolar e no 1.º ciclo do ensino básico deve ser desenvolvido um trabalho de co-responsabilização e parceria entre docentes surdos e ouvintes de forma a garantir aos alunos surdos a aprendizagem e o desenvolvimento da LGP como primeira língua, e da língua portuguesa, como segunda língua.

16 — Sempre que se verifique a inexistência de docente surdo competente em LGP, com habilitação profissional para o exercício da docência no pré-escolar ou no 1.º ciclo do ensino básico, deve ser garantida a colocação de docente surdo responsável pela área curricular de LGP, a tempo inteiro, no grupo ou turma dos alunos surdos.

17 — Não se verificando a existência de docentes competentes em LGP nos 2.º e 3.º ciclos do ensino básico e no ensino secundário, as aulas leccionadas por docentes ouvintes são traduzidas por um intérprete de LGP.

18 — Ao intérprete de LGP compete fazer a tradução da língua portuguesa oral para a língua gestual portuguesa e da língua gestual portuguesa para a língua oral das actividades que na escola envolvam a comunicação entre surdos e ouvintes, bem como a tradução das aulas leccionadas por docentes, reuniões, acções e projectos resultantes da dinâmica da comunidade educativa.

19 — Os docentes surdos de LGP asseguram o desenvolvimento da língua gestual portuguesa como primeira língua dos alunos surdos.

20 — Os docentes ouvintes asseguram o desenvolvimento da língua portuguesa como segunda língua dos alunos surdos.

21 — Aos docentes de educação especial com formação na área da surdez, colocados nas escolas de referência para a educação bilingue de alunos surdos, compete:

- a) Leccionar turmas de alunos surdos, atendendo à sua habilitação profissional para a docência e à sua competência em LGP;
- b) Apoiar os alunos surdos na antecipação e reforço das aprendizagens, no domínio da leitura/escrita;
- c) Elaborar e adaptar materiais para os alunos que deles necessitem;
- d) Participar na elaboração do programa educativo individual dos alunos surdos.

22 — Aos docentes surdos com habilitação profissional para o ensino da área curricular ou da disciplina de LGP compete:

- a) Leccionar os programas LGP como primeira língua dos alunos surdos;
- b) Desenvolver, acompanhar e avaliar o processo de ensino e de aprendizagem da LGP;
- c) Definir, preparar e elaborar meios e suportes didácticos de apoio ao ensino/aprendizagem da LGP;
- d) Participar na elaboração do programa educativo individual dos alunos surdos;
- e) Desenvolver actividades, no âmbito da comunidade educativa em que se insere, visando a interacção de surdos e ouvintes e promovendo a divulgação da LGP junto da comunidade ouvinte;
- f) Ensinar a LGP como segunda língua a alunos ou outros elementos da comunidade educativa em que está inserido, difundir os valores e a cultura da comunidade surda contribuindo para a integração social da pessoa surda.

23 — As escolas de referência para a educação bilingue de alunos surdos devem estar apetrechadas com equipamentos essenciais às necessidades específicas da população surda.

24 — Consideram-se equipamentos essenciais ao nível da escola e da sala de aula os seguintes: computadores com câmaras, programas para tratamento de imagem e filmes, impressora e *scanner*; televisor e vídeo, câmara e máquinas

fotográficas digitais, retroprojector, projector multimédia, quadro interactivo, sinalizadores luminosos de todos os sinais sonoros, telefone com serviço de mensagens curtas (sms), sistema de vídeo-conferência, *software* educativo, dicionários e livros de apoio ao ensino do português escrito, materiais multimédia de apoio ao ensino e aprendizagem em LGP, ao desenvolvimento da LGP e sobre a cultura da comunidade surda, disponibilizados em diferentes formatos; material e equipamentos específicos para a intervenção em terapêutica da fala.

25 — Constituem objectivos dos agrupamentos de escolas e escolas secundárias:

- a) Assegurar o desenvolvimento da LGP como primeira língua dos alunos surdos;
- b) Assegurar o desenvolvimento da língua portuguesa escrita como segunda língua dos alunos surdos;
- c) Assegurar às crianças e jovens surdos, os apoios ao nível da terapia da fala do apoio pedagógico e do reforço das aprendizagens, dos equipamentos e materiais específicos bem como de outros apoios que devam beneficiar;
- d) Organizar e apoiar os processos de transição entre os diferentes níveis de educação e de ensino;
- e) Organizar e apoiar os processos de transição para a vida pós-escolar;
- f) Criar espaços de reflexão e partilha de conhecimentos e experiências numa perspectiva transdisciplinar de desenvolvimento de trabalho cooperativo entre profissionais com diferentes formações que desempenham as suas funções com os alunos surdos;
- g) Programar e desenvolver acções de formação em LGP para a comunidade escolar e para os familiares dos alunos surdos;
- h) Colaborar e desenvolver com as associações de pais e com as associações de surdos acções de diferentes âmbitos, visando a interacção entre a comunidade surda e a comunidade ouvinte.

26 — Compete ao conselho executivo do agrupamento de escolas ou da escola secundária garantir, organizar, acompanhar e orientar o funcionamento e o desenvolvimento da resposta educativa adequada à inclusão dos alunos surdos.

Artigo 24.º

Educação de alunos cegos e com baixa visão

1 — As escolas de referência para a educação de alunos cegos e com baixa visão concentram as crianças e jovens de um ou mais concelhos, em função da sua localização e rede de transportes existentes.

2 — As escolas de referência a que se refere a alínea b) do n.º 2 do artigo 4.º constitui uma resposta educativa especializada desenvolvida em agrupamentos de escolas ou escolas secundárias que concentrem alunos cegos e com baixa visão.

3 — Constituem objectivos das escolas de referência para a educação de alunos cegos e com baixa visão:

- a) Assegurar a observação e avaliação visual e funcional;
- b) Assegurar o ensino e a aprendizagem da leitura e escrita do braille bem como das suas diversas grafias e domínios de aplicação;

c) Assegurar a utilização de meios informáticos específicos, entre outros, leitores de ecrã, *software* de ampliação de caracteres, linhas braille e impressora braille;

d) Assegurar o ensino e a aprendizagem da orientação e mobilidade;

e) Assegurar o treino visual específico;

f) Orientar os alunos nas disciplinas em que as limitações visuais ocasionem dificuldades particulares, designadamente a educação visual, educação física, técnicas laboratoriais, matemática, química, línguas estrangeiras e tecnologias de comunicação e informação;

g) Assegurar o acompanhamento psicológico e a orientação vocacional;

h) Assegurar o treino de actividades de vida diária e a promoção de competências sociais;

i) Assegurar a formação e aconselhamento aos professores, pais, encarregados de educação e outros membros da comunidade educativa.

4 — As escolas de referência para a educação de alunos cegos e com baixa visão integram docentes com formação especializada em educação especial no domínio da visão e outros profissionais com competências para o ensino de braille e de orientação e mobilidade.

5 — As escolas de referência para a educação de alunos cegos e com baixa visão devem estar apetrechadas com equipamentos informáticos e didácticos adequados às necessidades da população a que se destinam.

6 — Consideram-se materiais didácticos adequados os seguintes: material em caracteres ampliados, em braille; em formato digital, em áudio e materiais em relevo.

7 — Consideram-se equipamentos informáticos adequados, os seguintes: computadores equipados com leitor de ecrã com voz em português e linha braille, impressora braille, impressora laser para preparação de documentos e concepção de relevos; *scanner*; máquina para produção de relevos, máquinas braille; cubarítmicos; calculadoras electrónicas; lupas de mão; lupa TV; *software* de ampliação de caracteres; *software* de transcrição de texto em braille; gravadores adequados aos formatos áudio actuais e suportes digitais de acesso à Internet.

8 — Compete ao conselho executivo do agrupamento de escolas e escolas secundárias organizar, acompanhar e orientar o funcionamento e o desenvolvimento da resposta educativa adequada à inclusão dos alunos cegos e com baixa visão.

Artigo 25.º

Unidades de ensino estruturado para a educação de alunos com perturbações do espectro do autismo

1 — As unidades de ensino estruturado para a educação de alunos com perturbações do espectro do autismo constituem uma resposta educativa especializada desenvolvida em escolas ou agrupamentos de escolas que concentrem grupos de alunos que manifestem perturbações enquadráveis nesta problemática.

2 — A organização da resposta educativa para alunos com perturbações do espectro do autismo deve ser determinada pelo grau de severidade, nível de desenvolvimento cognitivo, linguístico e social, nível de ensino e pela idade dos alunos.

3 — Constituem objectivos das unidades de ensino estruturado:

- a) Promover a participação dos alunos com perturbações do espectro do autismo nas actividades curriculares e de

enriquecimento curricular junto dos pares da turma a que pertencem;

b) Implementar e desenvolver um modelo de ensino estruturado o qual consiste na aplicação de um conjunto de princípios e estratégias que, com base em informação visual, promovam a organização do espaço, do tempo, dos materiais e das actividades;

c) Aplicar e desenvolver metodologias de intervenção interdisciplinares que, com base no modelo de ensino estruturado, facilitem os processos de aprendizagem, de autonomia e de adaptação ao contexto escolar;

d) Proceder às adequações curriculares necessárias;

e) Organizar o processo de transição para a vida pós-escolar;

f) Adoptar opções educativas flexíveis, de carácter individual e dinâmico, pressupondo uma avaliação constante do processo de ensino e de aprendizagem do aluno e o regular envolvimento e participação da família.

4 — As escolas ou agrupamentos de escolas com unidades de ensino estruturado concentram alunos de um ou mais concelhos, em função da sua localização e rede de transportes existentes.

5 — As escolas ou agrupamentos de escolas com unidades de ensino estruturado integram docentes com formação especializada em educação especial.

6 — As escolas ou agrupamentos de escolas com unidades de ensino estruturado compete:

a) Acompanhar o desenvolvimento do modelo de ensino estruturado;

b) Organizar formação específica sobre as perturbações do espectro do autismo e o modelo de ensino estruturado;

c) Adequar os recursos às necessidades das crianças e jovens;

d) Assegurar os apoios necessários ao nível de terapia da fala, ou outros que se venham a considerar essenciais;

e) Criar espaços de reflexão e de formação sobre estratégias de diferenciação pedagógica numa perspectiva de desenvolvimento de trabalho transdisciplinar e cooperativo entre vários profissionais;

f) Organizar e apoiar os processos de transição entre os diversos níveis de educação e de ensino;

g) Promover e apoiar o processo de transição dos jovens para a vida pós-escolar;

h) Colaborar com as associações de pais e com as associações vocacionadas para a educação e apoio a crianças e jovens com perturbações do espectro do autismo;

i) Planear e participar, em colaboração com as associações relevantes da comunidade, em actividades recreativas e de lazer dirigidas a jovens com perturbações do espectro do autismo, visando a inclusão social dos seus alunos.

7 — As escolas ou agrupamentos de escolas onde funcionem unidades de ensino estruturado devem ser apetrechados com mobiliário e equipamento essenciais às necessidades específicas da população com perturbações do espectro do autismo e introduzir as modificações nos espaços e nos materiais que se considerem necessárias face ao modelo de ensino a implementar.

8 — Compete ao conselho executivo da escola ou agrupamento de escolas organizar, acompanhar e orientar o funcionamento da unidade de ensino estruturado.

Artigo 26.º

Unidades de apoio especializado para a educação de alunos com multideficiência e surdocegueira congénita

1 — As unidades de apoio especializado para a educação de alunos com multideficiência e surdocegueira congénita constituem uma resposta educativa especializada desenvolvida em escolas ou agrupamentos de escolas que concentrem grupos de alunos que manifestem essas problemáticas.

2 — A organização da resposta educativa deve ser determinada pelo tipo de dificuldade manifestada, pelo nível de desenvolvimento cognitivo, linguístico e social e pela idade dos alunos.

3 — Constituem objectivos das unidades de apoio especializado:

a) Promover a participação dos alunos com multideficiência e surdocegueira nas actividades curriculares e de enriquecimento curricular junto dos pares da turma a que pertencem;

b) Aplicar metodologias e estratégias de intervenção interdisciplinares visando o desenvolvimento e a integração social e escolar dos alunos;

c) Assegurar a criação de ambientes estruturados, securizantes e significativos para os alunos;

d) Proceder às adequações curriculares necessárias;

e) Adoptar opções educativas flexíveis, de carácter individual e dinâmico, pressupondo uma avaliação constante do processo de ensino e de aprendizagem do aluno e o regular envolvimento e participação da família;

f) Assegurar os apoios específicos ao nível das terapias, da psicologia e da orientação e mobilidade aos alunos que deles possam necessitar;

g) Organizar o processo de transição para a vida pós-escolar.

4 — As escolas ou agrupamentos de escolas com unidades especializadas concentram alunos de um ou mais concelhos, em função da sua localização e rede de transportes existentes.

5 — As escolas ou agrupamentos de escolas com unidades especializadas integram docentes com formação especializada em educação especial.

6 — As escolas ou agrupamentos de escolas com unidades especializadas compete:

a) Acompanhar o desenvolvimento das metodologias de apoio;

b) Adequar os recursos às necessidades dos alunos;

c) Promover a participação social dos alunos com multideficiência e surdocegueira congénita;

d) Criar espaços de reflexão e de formação sobre estratégias de diferenciação pedagógica numa perspectiva de desenvolvimento de trabalho transdisciplinar e cooperativo entre os vários profissionais;

e) Organizar e apoiar os processos de transição entre os diversos níveis de educação e de ensino;

f) Promover e apoiar o processo de transição dos jovens para a vida pós-escolar;

g) Planear e participar, em colaboração com as associações da comunidade, em actividades recreativas e de lazer dirigidas a crianças e jovens com multideficiência e surdocegueira congénita, visando a integração social dos seus alunos.

7 — As escolas ou agrupamentos de escolas onde funcionem unidades de apoio especializado devem ser apetrechados com os equipamentos essenciais às necessidades específicas dos alunos com multideficiência ou surdocegueira e introduzir as modificações nos espaços e mobiliário que se mostrem necessárias face às metodologias e técnicas a implementar.

8 — Compete ao conselho executivo da escola ou agrupamento de escolas organizar acompanhar e orientar o desenvolvimento da unidade especializada.

Artigo 27.º

Intervenção precoce na infância

1 — No âmbito da intervenção precoce na infância são criados agrupamentos de escolas de referência para a colocação de docentes.

2 — Constituem objectivos dos agrupamentos de escolas de referência:

a) Assegurar a articulação com os serviços de saúde e da segurança social;

b) Reforçar as equipas técnicas, que prestam serviços no âmbito da intervenção precoce na infância, financiadas pela segurança social;

c) Assegurar, no âmbito do ME, a prestação de serviços de intervenção precoce na infância.

CAPÍTULO VI

Disposições finais

Artigo 28.º

Serviço docente

1 — Sem prejuízo do disposto no número seguinte, as áreas curriculares específicas definidas no n.º 2 do artigo 18.º, os conteúdos mencionados no n.º 3 do mesmo artigo e os conteúdos curriculares referidos no n.º 3 do artigo 21.º são leccionadas por docentes de educação especial.

2 — Os quadros dos agrupamentos de escolas devem, nos termos aplicáveis ao restante pessoal docente, ser dotados dos necessários lugares.

3 — A docência da área curricular ou da disciplina de LGP pode ser exercida, num período de transição até à formação de docentes surdos com habilitação própria para a docência de LGP, por profissionais com habilitação suficiente: formadores surdos de LGP com curso profissional de formação de formadores de LGP ministrado pela Associação Portuguesa de Surdos ou pela Associação de Surdos do Porto.

4 — A competência em LGP dos docentes surdos e ouvintes deve ser certificada pelas entidades reconhecidas pela comunidade linguística surda com competência para o exercício da certificação e da formação em LGP que são, à data da publicação deste decreto-lei, a Associação Portuguesa de Surdos e a Associação de Surdos do Porto.

5 — O apoio à utilização de materiais didácticos adaptados e tecnologias de apoio é da responsabilidade do docente de educação especial.

Artigo 29.º

Serviço não docente

1 — As actividades de serviço não docente, no âmbito da educação especial, nomeadamente de terapia da fala,

terapia ocupacional, avaliação e acompanhamento psicológico, treino da visão e intérpretes de LGP são desempenhadas por técnicos com formação profissional adequada.

2 — Quando o agrupamento não disponha nos seus quadros dos recursos humanos necessários à execução de tarefas incluídas no disposto no número anterior pode o mesmo recorrer à aquisição desses serviços, nos termos legal e regulamentarmente fixados.

Artigo 30.º

Cooperação e parceria

As escolas ou agrupamentos de escolas devem, isolada ou conjuntamente, desenvolver parcerias com instituições particulares de solidariedade social, centros de recursos especializados, ou outras, visando os seguintes fins:

a) A referenciação e avaliação das crianças e jovens com necessidades educativas especiais de carácter permanente;

b) A execução de actividades de enriquecimento curricular, designadamente a realização de programas específicos de actividades físicas e a prática de desporto adaptado;

c) A execução de respostas educativas de educação especial, entre outras, ensino do braille, do treino visual, da orientação e mobilidade e terapias;

d) O desenvolvimento de estratégias de educação que se considerem adequadas para satisfazer necessidades educativas dos alunos;

e) O desenvolvimento de acções de apoio à família;

f) A transição para a vida pós-escolar, nomeadamente o apoio à transição da escola para o emprego;

g) A integração em programas de formação profissional;

h) Preparação para integração em centros de emprego apoiado;

i) Preparação para integração em centros de actividades ocupacionais;

j) Outras acções que se mostrem necessárias para desenvolvimento da educação especial, designadamente as previstas no n.º 1 do artigo 29.º

Artigo 31.º

Não cumprimento do princípio da não discriminação

O incumprimento do disposto no n.º 3 do artigo 2.º implica:

a) Nos estabelecimentos de educação da rede pública, o início de procedimento disciplinar;

b) Nas escolas de ensino particular e cooperativo, a retirada do paralelismo pedagógico e a cessação do co-financiamento, qualquer que seja a sua natureza, por parte da administração educativa central e regional e seus organismos e serviços dependentes.

Artigo 32.º

Norma revogatória

São revogados:

a) O Decreto-Lei n.º 319/91, de 23 de Agosto;

b) O artigo 10.º do Decreto-Lei n.º 6/2001, de 18 de Janeiro;

c) A Portaria n.º 611/93, de 29 de Junho;

d) O artigo 6.º da Portaria n.º 1102/97, de 3 de Novembro;

e) O artigo 6.º da Portaria n.º 1103/97, de 3 de Novembro;

f) Os n.ºs 51 e 52 do Despacho Normativo n.º 30/2001, de 22 de Junho, publicado no *Diário da República*, 1.ª série-B, n.º 166, de 19 de Julho de 2001;

g) O despacho n.º 173/99, de 23 de Outubro;

h) O despacho n.º 7520/98, de 6 de Maio.

Visto e aprovado em Conselho de Ministros de 27 de Setembro de 2007. — José Sócrates Carvalho Pinto de Sousa — Maria de Lurdes Reis Rodrigues.

Promulgado em 7 de Dezembro de 2007.

Publique-se.

O Presidente da República, ANÍBAL CAVACO SILVA.

Referendado em 11 de Dezembro de 2007.

O Primeiro-Ministro, José Sócrates Carvalho Pinto de Sousa.

Decreto-Lei n.º 4/2008

de 7 de Janeiro

O Decreto-Lei n.º 74/2004, de 26 de Março, na redacção que lhe foi dada pela Declaração de Rectificação n.º 44/2004, de 25 de Maio, pelo Decreto-Lei n.º 24/2006, de 6 de Fevereiro, pela Declaração de Rectificação n.º 23/2006, de 7 de Abril, e pelo Decreto-Lei n.º 272/2007, de 26 de Julho, dispõe sobre os princípios orientadores da organização e da gestão do currículo, bem como da avaliação das aprendizagens, referentes ao nível secundário de educação.

No quadro da diversificação da oferta formativa do ensino secundário, encontram-se instituídos os cursos artísticos especializados, associando, simultaneamente, dimensões estéticas e técnicas, enquanto partes integrantes de uma formação especializada.

As especificidades das diferentes áreas do ensino artístico determinaram, em conformidade com o n.º 3 do artigo 18.º do Decreto-Lei n.º 74/2004, de 26 de Março, na sua actual redacção, que a revisão curricular do ensino secundário aprovada pelo mesmo diploma seria aplicável, no caso dos cursos artísticos especializados de Dança, Música e Teatro, apenas a partir do ano lectivo de 2007-2008, com a excepção do disposto para a componente de formação geral dos planos de estudos destes cursos, matéria já plenamente regulada pelo referido diploma legal.

Considera, no entanto, o XVII Governo Constitucional que não estão ainda reunidas as condições essenciais para a efectiva aplicação prática e integral desta revisão curricular nas áreas da dança, música e teatro e para dela extrair os efeitos inerentes a uma estratégia de qualificação da população escolar.

Nesse contexto, no âmbito de uma política de educação orientada e focada na superação dos défices de formação e qualificação nacionais, é intenção do Governo promover um conjunto de medidas de sustentação do ensino artístico. Assim, e sem prejuízo do quadro normativo em vigor relativamente à componente de formação geral, é aprovada a suspensão da aplicação da revisão curricular dos cursos artísticos especializados de nível secundário de educação, nas áreas da dança, música e teatro, que entraria em vigor no ano lectivo de 2007-2008, de modo a criar os meios que permitam colmatar as lacunas existentes, nomeadamente, tornando o sistema de ensino mais eficaz e diversificando as ofertas artísticas.

A suspensão da aplicação do disposto no Decreto-Lei n.º 74/2004, de 26 de Março, no contexto e nos termos

limitados ora enunciados, insere-se, pois, no âmbito da reestruturação do ensino artístico especializado, a qual procurará, com base na mobilização e participação de agentes do sector, redefinir, de uma forma abrangente, o quadro legislativo de organização e funcionamento desta área vocacional do ensino.

À luz dos objectivos prioritários da política educativa definidos pelo XVII Governo Constitucional, o Decreto-Lei n.º 24/2006, de 6 de Fevereiro, para além de outras alterações, modificou a estrutura do regime de avaliação da oferta formativa do ensino secundário regulada pelo Decreto-Lei n.º 74/2004, de 26 de Março, e, concomitantemente, a certificação dos cursos por este abrangidos, com vista a potenciar a procura de percursos educativos e formativos conferentes de uma dupla certificação, a par de uma valorização da identidade do ensino secundário.

Mantendo o princípio geral da admissibilidade da avaliação sumativa externa limitada aos cursos científico-humanísticos, cumpre reconhecer de forma efectiva a faculdade de realização de exames finais nacionais, na qualidade de candidatos autopropostos, pelos alunos que frequentem aquela tipologia de cursos na modalidade do ensino secundário recorrente.

Ancorada na proximidade tendencial entre os cursos do ensino recorrente e os cursos homólogos do ensino secundário em regime diurno, a solução ora aprovada clarifica e flexibiliza o regime de funcionamento dos cursos científico-humanísticos do ensino secundário recorrente, salvaguardando a natureza, fisionomia e objectivos específicos desta modalidade especial de educação escolar.

Por outro lado, atenta a forma de organização e desenvolvimento dos cursos artísticos especializados, alguns dos reajustamentos introduzidos nos cursos científico-humanísticos pelo Decreto-Lei n.º 272/2007, de 27 de Julho, afiguram-se materialmente extensíveis a ofertas do ensino artístico especializado de nível secundário de educação, seja pela necessidade de preservar a natureza comum da componente de formação geral seja pela pertinência do reforço da carga horária em idêntica disciplina da componente de formação técnico-artística que contempla actividades de carácter prático.

Desta forma, contribui-se, igualmente, para a promoção do princípio da reorientação do percurso formativo dos alunos entre cursos do nível secundário de educação criados ao abrigo do Decreto-Lei n.º 74/2004, de 26 de Março, termos em que a extensão que se aprova deverá reflectir-se, consequentemente, nos planos de estudos actualmente em vigor dos cursos artísticos especializados, na exacta medida da aplicação do Decreto-Lei n.º 74/2004, de 26 de Março, na sua redacção actual, a esta oferta de ensino.

Foi ouvido o órgão de governo próprio da Região Autónoma dos Açores.

Foi promovida à audição do órgão de governo próprio da Região Autónoma da Madeira.

Assim:

No desenvolvimento do regime jurídico estabelecido pela Lei n.º 46/86, de 14 de Outubro, na redacção dada pela Lei n.º 49/2005, de 30 de Agosto, e nos termos da alínea c) do n.º 1 do artigo 198.º da Constituição, o Governo decreta o seguinte:

Artigo 1.º

Suspensão de efeitos

1 — É suspensa a vigência do n.º 3 do artigo 18.º do Decreto-Lei n.º 74/2004, de 26 de Março, na redacção que



**INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE LISBOA**

**A INSERÇÃO PROFISSIONAL DE DOCENTES (OU EX-
DOCENTES) PORTADORES DE DEFICIÊNCIA**

Transcrição das Entrevistas

**Dissertação apresentada à Escola Superior de Educação de Lisboa para
obtenção de grau de mestre em Ciências da Educação**

- Especialidade Educação Especial -

Volume II

Maria Isabel Palmeira Mota Ferreira Camalhão

2010



**INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE LISBOA**

**A INSERÇÃO PROFISSIONAL DE DOCENTES (OU EX-
DOCENTES) PORTADORES DE DEFICIÊNCIA**

Transcrição das Entrevistas

**Dissertação apresentada à Escola Superior de Educação de Lisboa para
obtenção de grau de mestre em Ciências da Educação
- Especialidade Educação Especial -
Volume II**

**Maria Isabel Palmeira Mota Ferreira Camalhão
Sob a orientação de: Professor Doutor João Rosa**

2010

Entrevista N° 1

Entrevista n.º 1 dia 28/01/2010 11 horas

Entrevistadora – Bom dia vou fazer-lhe algumas perguntas das quais pode garantir o seu anonimato. O seu nome pode ser substituído por outro à sua escolha. Trata-la-ei por Maria. Que lhe parece?

Entrevistada – Mas há problema de ser tratada pelo meu próprio nome?

Entrevistadora – Tudo bem Filipa, trata-se de garantir o anonimato.

Entrevistada – Eu não me importo, eu não me importo Isabel

Entrevistadora - Em primeiro lugar preciso de saber algumas informações: que idade tem?

Entrevistada – 39 anos

Entrevistadora – Qual é a zona da sua residência?

Entrevistada - A Zona é Grande Lisboa

Entrevistadora – Qual é o seu estado civil?

Entrevistada – Casada.

Entrevistadora – Qual é a composição do seu agregado familiar?

Entrevistada – Eu não tenho filhos. Sou eu o meu marido e o meu cão, que é um lavrador. O meu marido está a trabalhar num restaurante e tem a vida muito ocupada, por

isso o meu cão ocupa-me mais está mais comigo. Está mais comigo.

Entrevistadora – Quais são as suas habilitações académicas?

Entrevistada – Académicas é a Licenciatura em Engenharia Química da Universidade Nova de Lisboa - Faculdade de Ciências e Tecnologia.

Entrevistadora – Qual é a sua profissão?

Entrevistada – Sou professora.

Entrevistadora – Em que grau de ensino? 1º ciclo 2º ou 3º ciclo?

Entrevistada – 3º Ciclo Sou professora de Matemática especializada na ESE com a profissionalização de Matemática.

Entrevistadora – Qual é a sua situação profissional?

Entrevistada – Sou do quadro.

Entrevistadora – Como sabe o tema da nossa entrevista é sobre a integração do professor com deficiência no seu local de trabalho. Fale-me um pouco da sua deficiência, como é que a adquiriu, quais as suas limitações?

Entrevistada – É assim, aos mais ao menos 17 anos, tive um sintoma de perda de visão e depois normalizou. Desapareceu a visão em segundos e depois não liguei, e até aos 20 começou eu estava na Escola Secundária, fazia dança jazz e aí é que se viu a descoordenação. Tudo isto são sintomas da doença que eu tenho que é Esclerose Múltipla, mas só foi diagnosticada aos 22 anos. Eu disse eu

só quis, porque dos 17 aos 22 aguentei a perna direita, atacou-me na perna direita e eu arrastava-a, portanto atacou-me a locomoção. Aos 22 anos fiz a ressonância magnética nuclear e viu-se logo que tinha escoliose múltipla. Depois foi evoluindo, porque esta doença é progressiva.

Entrevistadora – Para si o que é ser deficiente em Portugal?

Entrevistada – Deficiente em Portugal é não ter no meu caso na minha deficiência, não estar adaptada, porque estou numa cadeirita de rodas há 5 anos e eu sinto que há lugares que não estão adaptados para poder andar na cadeira.

Sou muito optimista e acho que para outros casos podia haver mais ajudas e não há. Não pensam em nós.

Entrevistadora – Como é que vive a sua deficiência?

Entrevistada – A minha vida, eu posso dizer que a minha vida é casa trabalho, trabalho casa. Vou ao cabeleireiro, vou fazer os meus tratamentos, mas eu estou mais ou menos em «prisão preventiva em casa», mas não estou quieta tento trabalhar dentro da minha área.

Entrevistadora – Disse «prisão preventiva em casa», por que razão?

Entrevistada – Apesar de sair com a minha família e amigos ao fim-de-semana, no trabalho queria ter mais liberdade de locomoção. Em casa quando não saio fico apenas limitada no escritório, apesar de ter a sorte que os meus pais arranjam pessoas para estarem comigo. A luta continua, vou conseguir.

Entrevistadora – Quais foram os momentos da sua vida que a mais marcaram como deficiente?

Entrevistada – No início, não é que eu não aceitasse, mas duma pessoa que eu era muito activa e sentir que ia perdendo essa actividade, isso custou-me, custou-me e digo-lhe já que ano me custou em 2004 que foi quando eu tive que encostar o carro à box e ter que ir para a cadeira de rodas. Era mais ou menos assim eu como estava no (...)ia para lá de cadeira, mas chegava a casa e ainda conseguia andar de andarilho, ainda conseguia!

Entrevistadora – Que força de vontade!

Entrevistada – Depois tive uma trombose vascular profunda e aí é que, decididamente, a trombose foi em 2006 e é que a cadeira foi a morte.

Entrevistadora – Como é que esses momentos a marcaram mais? Houve um momento da sua vida que a marcou, não?

Entrevistado - Que me marcou...

Entrevistadora – Teve algum momento que a marcou?

Entrevistada – Foi esse mesmo. Foi o deixar a minha actividade, o deixar de andar, o deixar de sair e não poder ter a minha liberdade. Foi esse momento.

Entrevistadora – Vamos agora falar do seu percurso familiar e escolar. Como é que a sua família tentou lidar com a sua deficiência?

Entrevistada – Muito bem, muito bem e eu digo que a minha mãe e o meu pai são muito meus amigos. Minhas duas irmãs não têm a deficiência também são muito amigas, meu marido e eu tento lutar sozinha. Não quero

ajuda nenhuma. A ajuda que tenho tem que ser mesmo. É obrigatório. De manhã na higiene não consigo, tenho que ter a ajuda de uma associação e a outra ajuda, claro que tenho de ter duas senhoras para me ajudarem à tarde, quando chego do trabalho para me levarem à casa de banho, porque eu bebo 2 litros de água por dia, dado que tomo muita medicação. Estou a caminho de fazer quimioterapia, ainda não fiz, estou mal dos intestinos. E depois à noite como meu marido chega muito tarde tenho outra rapariguinha que me deita. Ao fim-de-semana também tenho de manhã que também me fazem a higiene e à tarde é levada à casa de banho. O problema é a casa de banho. Não, o problema é não andar.

Entrevistadora - Como foi o seu percurso escolar? Até aos 17 anos, tudo bem, a partir dos 17 anos, que seria 10º ano, não?

Entrevistada – É o normal.

Entrevistadora – Só teve problemas na Universidade?

Entrevistada – Até aos 17 anos foi tudo bem Só tive problemas na Universidade. Na Universidade já tinha assim um desequilíbrio, caía muitas vezes.

Eu estava a fazer um, em Engenharia não se diz tese, Projecto. Eu fiz um projecto a nível de carros que era sobre os catalisadores em carros com gasolina sem chumbo. Isso é que era o projecto. Nessa altura que estava no projecto, é que eu aproveitei, com a minha paixão de ensinar, comecei a ensinar no Ministério da Educação. Dei aulas no Barreiro, Santana, na Amora, na qual fui Directora de Turma. Aí já andava de bengala, já andava de bengala.

Entrevistadora - Vamos agora falar do seu percurso profissional, há quantos anos lecciona?

Entrevistada – Há 12 anos

Entrevistadora - Por quantas escolas passou?

Entrevistada – Por cinco.

Entrevistadora – Nessa altura os alunos aceitavam-na bem a sua deficiência?

Entrevistada – Muito bem. Até porque eu brincava com o assunto.

Entrevistadora – Que atitudes é que eles tomavam? Ajudavam?

Entrevistada – Ajudavam, quando era preciso, mas eu não gosto que me ajudem, quero eu fazer tudo.

Entrevistadora - Mas ás vezes não podemos, precisamos de ajuda.

Entrevistada – Pois não, exactamente, mas eu tento fazer tudo.

Entrevistadora – E os colegas como é que eles reagiram ao saber que no dia-a-dia iam lidar com uma pessoa deficiente?

Entrevistada – Há uns que se sensibilizam por me verem na cadeira, outros tentam ajudar, outros proteger. Eu odeio que me protejam porque eu digo que protecção é igual a não acreditarem em mim, deixarem-me trabalhar, fazer as coisas mudarem. Eu sou assim. É a minha maneira de ser, Isabel.

Entrevistadora – Os pais e encarregados de educação reagiram bem à sua presença? Que atitudes e comportamentos tiveram consigo?

Entrevistada - Muito bem. Eu falava muito com eles. Eles só diziam: “ é a vida”, lamentavam um bocado, mas eu tentava mostrar-lhes que lá por ter a deficiência não quer dizer nada que eu luto muito e eu uso o lema “querer é poder” e é isso mesmo que eu defendo.

Entrevistadora – Alguma vez sentiu-se discriminado por ser deficiente?

Entrevistada – Nunca. Muito protegida, mas não gosto, não gosto. Só quando não consigo, porque quero eu fazer tudo sozinha.

Entrevistadora – As escolas por onde passou estavam preparadas para te aceitar?

Entrevistada – Não.

Entrevistadora – Que tipo de barreiras encontrou?

Entrevistada – Havia uma escola que tinha muitas escadas. Agora neste momento, e já há 5 anos, tenho um condutor, porque eu quero trabalhar, um condutor militar que me traz ao trabalho. Por outro lado, quando tive noutra escola havia rampas e ajudavam-me já estava com bengala, e ajudavam-me e é com a bengala e não me largavam, eu ia ter a outro lado.

Entrevistadora – Fale-me agora do seu dia-a-dia. Que barreiras encontras? Uma vez que anda de carro não encontra barreiras?

Entrevistada – Barreiras... Quero andar. O que eu quero é andar.

Entrevistadora – Nas relações sociais do quotidiano, como é que as pessoas lidam com a sua deficiência, aceitam-na ou rejeitam-na? Esqueça o trabalho, vai na rua, como é que as pessoas lidam consigo?

Entrevistada – As pessoas que não me conhecem mais velhas que não me conhecem ficam muito sensibilizadas. Pessoas que me conhecem, que sabem que eu sou muito optimista, eu estou sempre na brincadeira, muito na brincadeira, muito optimista, olham para mim e dizem-me que eu pareço não ter doença nenhuma.

Entrevistadora – Fala-me agora um pouco das tuas actividades sociais, é membro de alguma associação, colectividade? Tem amigos? Como é o seu núcleo a nível social

Entrevistada – Tenho muitos amigos. Estou na SPEM, da qual fui escolhida para a entrevista lá na Faculdade de Farmácia, para o congresso nacional. Falava-se do emprego, e escolheram-me, porque eu estou na cadeira, e ainda trabalho. Quem está lá existem uns melhores, outros piores, mas não é fácil arranjar emprego, porque eles não têm habilitações. Mas lá tentam ocupá-los, mas eles não têm vontade de trabalhar. Entregam-se à doença. A última coisa que eu faço é entregar-me à doença. Eu quero é dar cabo dela.

Entrevistadora – Fale-me agora dos seus amigos, da participação deles na sua vida quotidiana, como é que eles se envolvem consigo?

Entrevistada – É difícil, como está isto agora cada um tem a sua vida, certo? Tenho uma amiga muito amiga que é amiga da minha irmã que quando pode vai lá ver-me, passar a tarde comigo. Meu pai dizia que na porta da minha casa devia estar um placar escrito “Sempre em festa” porque eu adorava fazer jantares, almoços, tudo e sentir que já não consigo, também foi outro aspecto que eu me senti um pouco limitada. Mas a nível social, tudo bem, é como se não tivesse nada.

Entrevistadora – Por último e para terminar a nossa entrevista, fale-me dos seus sonhos, projectos e aspirações que tenha para o seu futuro.

Entrevistada - Ai, muitos, eu tenho muitos. Primeiro ponto dar cabo dela, e vou dar, eu vou dar cabo dela, é o que eu quero. É que dando cabo dela, curada tenho muito... muito... Eu adoro animais e desde nova, o meu desejo é fazer um canil, tratar de animais abandonados, tratar de pessoas mais velhas, tratar de crianças. No fim, e quem está no fim é sempre o primeiro, quero ter um filho. Não tenho ainda, porque não sou egoísta, mas é outro desejo.

Entrevistadora – Obrigada pela entrevista, pela sua disponibilidade.

Entrevistada – Obrigado eu Isabel por me escolheres, obrigada por me escolheres. E sempre que precisares de mim, aqui estou eu.

Entrevistadora - Obrigada

Dados Sócio Demográficos

Entrevista n.º1

Idade: 39 anos.

Sexo: Feminino.

Estado Civil: Casada.

Residência Zona da Grande Lisboa .

Profissão: Professora.

Entrevista nº1

Temas	Categorias	Subcategorias	Indicadores
Caracterização da Deficiência	Caracterização da deficiência	Tipo	Motora
		Adquirida /Congênita	Adquirida
	Concepção da deficiência	Caracterização	Cadeira de rodas
		Noção de deficiência	Não estar adaptada
História familiar	Papel da família	Limitações	Não andar
		Vivência da deficiência	Procura levar uma vida normal, mas devido à deficiência não lhe é possível fazer (mobilidade)
		Momentos marcantes	2004, ano em que foi parta uma cadeira de rodas .
Integração e inclusão na escola	Papel da escola	Apoio familiar	Apoio incondicional de pais e irmãs. Marido presente, mas sem colaboração. Apoio domiciliário.
		Relação professor aluno	Boa

		Relação entre pares	Deficiência adquirida em adulta, infância normal
		Apoios Escolares	Não teve
		Barreiras	Não teve
		Antiguidade	12 anos.
		Situação profissional	É do quadro.
		Nº de escolas por onde passou	5 escolas
		Relação com os colegas	Atitudes várias: da protecção excessiva ajuda equilibrada
		Relação com Enc de Educação	Muito boa
		Relação com os alunos	Muito boa. Entrevistada brincava com a deficiência
		Barreiras	escadas
		Dificuldades casa/trabalho (forma de deslocação)	Deslocação feita através da prestação de serviço(automóvel)
		Dificuldades de transporte	Não tem
História Profissional	Percurso profissional		
Barreiras físicas e arquitectónicas	Dificuldades /facilidades do deficiente		

		Edifícios públicos	Dependência de terceiros para se deslocar
Integração do deficiente (cidadania)	Integração social	Discriminação	Nunca.
		Actividades	SPEM
		Relação com o outro	Apesar de ser dependente, tem uma atitude positiva perante a vida.
Perspectivas futuras dos professores	Perspectivas Futuras	Relações de amizade	Vida anterior rica em amizades, e após a deficiência com poucos amigos
		Projectos	Ter um canil, tratar de pessoas mais velhas, tratar de crianças, ter um filho.
		Sonhos	
		Aspirações	Dar cabo da doença

Entrevista N° 2

Entrevista n.º 2 dia 1 de Fevereiro de 2010, 10 horas.

Entrevistadora – Bom dia, vou fazer-lhe algumas perguntas das quais garanto o seu anonimato. O seu nome vai ser substituído por outro à sua escolha, ou se quiser tratá-la-ei por “Maria”. Os nomes das escolas serão omitidos, outros nomes de locais terão nome genérico.

Preciso primeiro de saber algumas informações:

Que idade tem?

Entrevistada – 45 (anos)

Entrevistadora – Qual a zona da sua residência?

Entrevistada – Grande Lisboa

Entrevistadora – Qual é o seu estado civil?

Entrevistada – Casada.

Entrevistadora – Qual é a composição do seu agregado familiar?

Entrevistada – Vivo só com o meu marido.

Entrevistadora – Quais são as suas habilitações académicas?

Entrevistada – Sou Licenciada em Ciências Religiosas

Entrevistadora – Qual a sua profissão?

Entrevistadora – Neste momento estou a leccionar o 2º e o 3º Ciclo.

Entrevistadora – Qual é a sua situação profissional? É do quadro?

Entrevistada – Sim, sou do quadro.

Entrevistadora – Como sabe o tema da nossa entrevista é sobre a integração do professor com deficiência no seu local de trabalho.

Fale-me um pouco da sua deficiência, como é que a adquiriu? Quais as suas limitações?

Entrevistada – Adquiri quando tinha 11 meses meio. É uma Paralisia Cerebral. Não me conheço...

Conheci-me sempre assim, não...

As principais limitações é sobretudo em termos físicos de locomoção, embora não sejam muito graves, mas tenho algumas limitações a esse nível.

Entrevistadora – O que é para si ser deficiente em Portugal?

Entrevistado – Boa pergunta. Significa sobretudo várias barreiras, vários obstáculos que todos os dias temos de enfrentar para podermos viver o nosso dia-a-dia.

Entrevistadora – Como é que vive a sua deficiência?

Entrevistada – Não penso muito nisso. Vivo o dia-a-dia. Tento viver normalmente com as minhas limitações. Tento ultrapassá-las. Não, não penso muito...Não penso muito... como não...Nunca me vi de forma diferente, portanto nunca...

(repetição muitas vezes da partícula não, elaborando frases muito incompletas e sem sentido. A colega mostrou que lida mal com a deficiência.)

Entrevistadora – Que momentos mais a marcaram na sua vida como deficiente?

Entrevistada – Momentos, talvez a escola primária, 2º ciclo talvez quando...quando há aquelas confrontações com os colegas. Talvez aí as coisas foram mais complicadas. Mas nada que não se pudesse ultrapassar. As coisas não foram assim tão difíceis.

A primeira entrada na escola, o 1º ano mesmo tive 3 anos no 1º ano, na 1ª classe, digamos assim, foi aqui em Lisboa no Centro de Paralisia Cerebral eu não me adaptei mesmo porque estava longe dos meus pais. Estava num lar e as coisas não funcionaram. Os meus pais acabaram por me terem de tirar de lá. E se calhar foi esse o momento mais crítico.

Entrevistadora – Vamos agora falar um pouco do seu percurso familiar e escolar. Como é que a sua família lidou com a sua deficiência? Aceitou bem o facto? Como é que reagiram?

Entrevistada – Os meus pais sempre tentaram fazer tudo por tudo para melhorar a situação. Desde a altura em que se deu a deficiência que eles trataram de melhorar a situação. Levaram-me para tratamentos, estive aqui em Lisboa em tratamentos no centro que já falei, desde essa altura. A minha mãe vinha sempre acompanhar-me desde essa altura até altura de entrar na escola. Depois entrei na escola e tive que ficar internada num lar. Portanto eles sempre me acompanharam, embora fossem pessoas de poucos estudos e poucos recursos económicos, mas sempre fizeram tudo por tudo para me acompanharem e darem-me o que era necessário para...

Entrevistadora – seguir em frente.

Entrevistada – Para seguir em frente.

Entrevistadora – No seu percurso escolar foi bem aceite pelos colegas e professores? Necessitou de alguns apoios, Ensino Especial, equipamentos adaptados?

Entrevistada – Sim, sim, sim enquanto estive aqui tive o equipamento todo e mais algum... Aqui tinha tudo e mais algum, todo o equipamento que era necessário. Tinha natação, tinha todos os técnicos necessários, tinha já as máquinas de escrever adaptadas, tinha tudo e mais alguma coisa. Só que não tinha a família isso prejudicou-me um bocadinho. Foi os três únicos anos que chumbei, não consegui passar.

Depois saí daqui por vontade do meu pai, mas os técnicos não queriam mesmo que eu saísse, e mesmo depois de eu sair eles acompanharam-me até ao fim do 2º Ciclo. Mesmo depois lá ia sempre lá um técnico acompanhar-me e tinha mesmo lá um professor sempre a acompanhar-me no 2º Ciclo. Depois no 3º Ciclo tinha professores de Ensino Especial, mas já como nós temos agora que era um professor normal. Portanto eu fui sempre acompanhada dentro da normalidade. Se calhar melhor do que os nossos jovens de agora.

Eu tenho agora um aluno que também tem Paralisia Cerebral, e não sei se ele está a ser tão bem acompanhado como eu fui, mas enfim passemos à frente.

Entrevistadora – Que tipo de barreiras, obstáculos encontrou nas escolas que frequentou?

Entrevistada – Barreiras em relação à minha deficiência...

Entrevistadora – Barreiras arquitectónicas.

Entrevistada – Pois eu não tinha muitas sempre... Eu consigo sempre ultrapassar qualquer barreira, consigo subir umas escadas. Olhe estou agora aqui a encontrar uma barreira maior que é não ter o elevador a funcionar para subir estas escadas todas. Mas não é assim uma coisa que eu não consiga ultrapassar, mesmo no meu caso não há assim barreiras. Se calhar até é bom eu subir e descer umas escaditas. Eu levo assim a coisa um bocadinho mais para a brincadeira.

Entrevistadora – Quais são os problemas que enfrenta no seu dia-a-dia como deficiente?

Entrevistada – Os problemas... os problemas... As pessoas ainda às vezes, ainda olham um bocadinho de lado. Não vêem a pessoa... Nós temos que dar, se as outras pessoas dão 100%, nós temos que dar 120 ou 150 para mostrar aquilo que realmente ... o nosso profissionalismo é assim. Não nos vêem, não nos levam a sério. Depois também é outra coisa, eu não consigo perceber, não consigo ainda distinguir se é só por cauda da deficiência, se é pelo facto de ser professora de Educação Moral Religiosa e Católica, que isso também é um caso complicado. O professor de outra disciplina é levado um bocado mais a sério do que nós. E depois eu também não consigo distinguir se é uma coisa ou se é outra, e portanto eu também não posso distinguir uma coisa da outra, mas pronto se calhar está tudo ligado, enfim...

(notei um nervosismo muito grande por parte do entrevistado, misturando muito as duas coisas.)

Entrevistadora – Fale-me agora um pouco do seu percurso profissional, há quantos anos lecciona?

Entrevistada – Eu, por volta de 20 anos.

Entrevistadora – Por quantas escolas passou?

Entrevistada – Várias, várias, várias. Eu estive em Lisboa, depois estive na Pontinha, em Torres Vedras, na Merciana, em Alenquer e agora estou aqui. Quantas são? Umas seis ou sete.

Entrevistadora – Fale-me um pouco do seu percurso escolar, comece pelas primeiras escolas por onde passou, quais foram os seus principais problemas?

Entrevistada – É assim, em relação aos alunos, é engraçado com os alunos... é claro que há sempre o primeiro impacto, eles ficam sempre assim, há sempre as primeiras perguntas. Têm que perguntar, mas depois de perguntarem e de eu responder – eu respondo a tudo sempre – perguntarem eu respondo normalmente naturalmente. Querem saber, principalmente os mais pequeninos, os de 5º e 6º ano. Eles perguntam e eu respondo e pronto a coisa fica por ali e o trabalho decorre normalmente depois ao longo do ano. Isto aconteceu sempre assim

Nos primeiros anos, a coisa não correu tão bem, porque eu também não tinha tanta experiência, e se calhar eu reconheço agora foi por falta de experiência que a coisa não correu tão bem. Mas agora tem funcionado assim, eles fazem as perguntas normais, como é que isso aconteceu? Porque é que a professora está assim? Como é que foi? E

eu respondo a tudo, e depois o ano decorre normalmente, nunca mais, há mais nada sem mais perguntas.

(mais uma vez senti nervosismo por parte do entrevistado)

Entrevistadora – Os colegas lidaram bem com a sua deficiência? Como é que reagiram ao saber que no dia-a-dia iam ter uma professora deficiente?

Entrevistada – Os colegas não me dizem nada.

Entrevistadora – Não se manifestam?

Entrevistada – Uns são mais afectivos, perguntam se preciso de ajuda, e há pessoas em que a gente sente mais empatia e que tornamos uma relação mais próxima, e que tornamos mais amigos e que as coisas funcionam melhor e outros não, mas isso é normal.

Entrevistadora – Os pais, os encarregados de educação reagiram bem à sua presença? Que atitudes e comportamentos tiveram para consigo?

Entrevistada – Olhe, eu com os pais tenho tido pouco contacto. Tive só uma experiência que foi ter a Direcção de Turma, e nesse ano com essa turma foi um espectáculo. Foi mesmo bastante bom, porque também a turma era bastante boa e correu bem. Os pais foram sempre às reuniões e ainda tivemos uma relação gira. Foi com aqueles pais e com aqueles pais e com aquela turma. Agora com os outros eu não posso dizer porque não temos contacto directo com os pais, é através do Director de Turma.

Entrevistadora – Alguma vez sentiu-se discriminada por ser deficiente?

Entrevistada – Assim directamente, directamente não sei. Se calhar nalgumas tarefas que me dão, assim... Mas eu não sei se posso dizer que tenha só do por ser deficiente é a tal coisa posso ser por ser professora de Educação Moral Religiosa e Católica.

Entrevistadora – Essas escolas estavam preparadas para receber uma pessoa com deficiência? As escolas por onde passou?

Entrevistada – No meu caso estavam, para a minha deficiência estavam. Se fosse uma pessoa de cadeira de rodas, aí isso não estavam de certeza.

Entrevistadora – Falemos agora do seu percurso casa trabalho, que barreiras encontra?

Entrevistada – Tantas! Oh, tantas (risos) Ainda hoje fui apanhar o elevador no metro (risos) e estava avariado. Tive que ir à volta às escadas. Tantas, enfim os autocarros, montes de gente tenho que ir em é porque os lugares sentados estão ocupados ou devido ou indevidamente, enfim há várias situações que enfim...

Entrevistadora – As suas relações no quotidiano, como são? Como é que as pessoas lidam com a sua deficiência, aceitam-na ou rejeitam-na?

Vamos agora esquecer a parte profissional, no seu dia-a-dia quando vai na rua como é que uma pessoa estranha olha para si?

Entrevistada – Não tenho assim... Não há...

Entrevistadora – Fale-me agora das suas actividades sociais, é membro de alguma colectividade?

Entrevistada – Estou muito ligada à Igreja, agora não tenho tanto, ... mas estou ligada à catequese, estou ligada à Igreja.

Entrevistadora – Fale-me um pouco dos seus amigos, na participação deles na sua vida quotidiana. Como é que eles são activos e participam com a colega?

Entrevistada – Normalmente reunimo-nos quando temos tempo (risos) e comunicamos através do telefone e passamos férias juntos é normal.

Entrevistadora – Por último, fale-me um pouco dos seus sonhos, projectos e aspirações que tenha para o seu futuro.

Entrevistada – Gostava de estudar mais ter tempo (risos) gostava de também entrar numa coisa destas, mas não sei... um mestrado, uma coisa qualquer, mas não sei se vai ser possível...

Entrevistadora – Obrigada pela sua participação e disponibilidade.

Entrevistada – Espero que tudo corra bem, espero que isto seja um sucesso e que pelo menos sirva para alertar a sociedade.

Entrevistadora – Obrigada.

Dados Sócio Demográficos

Entrevista n.º2

Idade: 45 anos.

Sexo: Feminino.

Estado Civil: Casada

Residência: Grande Lisboa.

Profissão: Professora.

Entrevista nº2

Temas	Categorias	Subcategorias	Indicadores
Caracterização da Deficiência	Caracterização da deficiência	Tipo Adquirida /Congênita Caracterização	Motora paralisia cerebral Adquirida aos 11 meses Deficiência visual, afectando os membros superiores e inferiores direito
	Concepção da deficiência	Noção de deficiência	Significa sobretudo várias barreiras, vários obstáculos que todos os dias temos de enfrentar
Limitações		As principais limitações são sobretudo em termos físicos de locomoção	
Vivência da deficiência		viver normalmente com as minhas limitações. Tento ultrapassá-las	
	Momentos marcantes	. a escola primária confrontações com os colegas.	

História familiar	Papel da família	Apoio familiar	Os meus pais sempre tentaram fazer tudo por tudo para melhorar a situação.
Integração e inclusão na escola	Papel da escola	Relação professor aluno	Bem aceite pelos professores
		Relação entre pares	Confrontações com os colegas
		Apoios Escolares	Tinha todo o equipamento que era necessário
		Barreiras	Escadas
		Antiguidade	20 anos
História Profissional	Percurso profissional	Situação profissional	É do quadro
		Nº de escolas por onde passou	6 escolas
		Relação com os colegas	A maioria dos colegas não se manifestam, a não ser aqueles que se sentem mais próximos da entrevistada.

		Relação com Enc de Educação	com os pais tenho tido pouco contacto. Apenas quando Directora de turma.
		Relação com os alunos	Explicação às crianças do facto de ser deficiente, com esclarecimento das dúvidas todas. Depois o ano corre normalmente
		Barreiras	Não nos vêem, não nos levam a sério. O deficiente tem que se esforçar mais para ser aceite na sociedade
Barreiras físicas e arquitectónicas	Dificuldades /facilidades do deficiente	Dificuldades casa/trabalho (forma de deslocação)	Deslocação para o trabalho em transportes públicos
		Dificuldades de transporte	Elevador do metro avariado, autocarro com muita gente, e lugares para deficientes ocupados indevidamente ou devidamente

		Edifícios públicos	Não faz referência
Integração do deficiente (cidadania)	Integração social	Discriminação	Sim, em algumas tarefas
		Actividades	Ligadas à Igreja e à catequese.
Relação com o outro		Não resposta intencional	
Relações de amizade		Relaciona-se normalmente com os amigos.	
Projectos		Mestrado	
Sonhos			
Perspectivas futuras dos professores	Perspectivas Futuras	Aspirações	

Entrevista N° 3

Entrevista n.º3 dia 8 de Fevereiro de 2010, 16 horas.

Entrevistadora – Boa tarde

Entrevistado – Boa tarde.

Entrevistadora – Vou fazer-lhe algumas perguntas, das quais garanto o seu anonimato. O seu nome vai ser substituído por outro à sua escolha. Os nomes de escolas serão omitidos, outros nomes de locais terão nome genérico.

Primeiro preciso de algumas informações:

Que idade tem?

Entrevistado – Tenho 61.

Entrevistadora - Qual é a zona ou bairro da sua residência?

Entrevistado – Grande Lisboa.

Entrevistador – Qual é o seu estado civil?

Entrevistado – Casado.

Entrevistadora – Qual a composição do seu agregado familiar?

Entrevistado – Quatro eu a minha mulher e dois filhos.

Entrevistadora – Quais são as suas habilitações académicas?

Entrevistado – Doutoramento em Comunicação.

Entrevistadora – Qual é a sua profissão?

Entrevistado – Professor Catedrático.

Entrevistadora – Como sabe o tema da nossa entrevista é sobre a integração do professor com deficiência no seu local de trabalho. Fale-me um pouco da sua deficiência.

Como é que a adquiriu?

Quais as suas principais limitações?

Entrevistado – Eu ceguei com um coice de uma mula. Ah! Ah! (expressão de ironia) Puxei o rabo a uma mula quando tinha 14 meses. Evidentemente a mula desferiu-me o coice e fiquei cego dos dois olhos.

Entrevistadora – Quais são as principais limitações?

Entrevistado - Sei lá, às vezes, olhe à bocado quando precisava de apanhar um táxi estava a chover bastante, os táxis passavam perto e não conseguia fazer sinal, por exemplo (risos). Essa é uma grande limitação.

Entrevistadora – O que é para si ser deficiente em Portugal, hoje em dia?

Entrevistado - Deficiente é o contrário de eficiente. Portanto se nós entrarmos por aí, o termo deficiente acaba por ser um epíteto, ou uma qualificação um bocado injusta. Quando se diz a alguém que é deficiente significa que ela não é eficiente evidente. As pessoas podem ser eficientes naquilo que podem fazer de acordo com as capacidades que têm e de acordo com as modalidades sensoriais que têm precisamente para aplicar um exercício dessa função ou desempenho de qualquer função. Portanto a questão o deficiente é um termo que em gíria foi ganhando curso e que acaba por prejudativizar o ser, o ser humano, neste caso a pessoa que tem uma dificuldade qualquer, tem uma desvantagem qualquer, ou porque é cega, ou porque é

surda, ou porque tem um problema qualquer cognitivo ou porque tem uma multideficiência etc. não é? Não há dúvida nenhuma que a pessoa tem uma incapacidade ou várias incapacidades, mas naquilo que ela consegue utilizar como forma de poder desempenhar qualquer função, ela aí pode ser eficiente. Portanto o deficiente traí um bocado a verdade das coisas, não é?

Entrevistadora – Como é que vive a sua deficiência no seu dia-a-dia?

Entrevistado – Eu nem me lembro (risos), como digo, eu nem me lembro por vezes não é? Olhe lembro-me por exemplo à bocado quando contei à bocadinho, um bocado a brincar mas é verdade, porque precisava de apanhar um táxi evidentemente e precisava de vê-lo, mas não o via (risos) e aí senti olha se agora pudesse de facto ver onde estava o táxi podia fazer-lhe sinal, não é? Mas é uma coisa de facto que não, não tenho, não sinto grandemente, não é? Posso sentir nalguns domínios, que evidentemente a gente sente sempre, sobretudo em deslocações na visita a determinados sítios que só conseguem observados olhando para eles, não é? E quando de facto não se tem alguém que consiga ter o uso da palavra que não consiga olhar bem para as coisas e ter uma certa capacidade de ser imparcial, tem que ser uma pessoa extremamente imparcial, e poder descrever, portanto o toque das coisas pode fazer-se através da palavra. Aliás como o próprio João dos Santos dizia como sabe á distância a gente pode tocar os horizontes longínquos através da palavra. Se por ventura a palavra for bem utilizada e se não houver pinturas adjacentes que sirvam para tornar atraente uma determinada descrição e não a realidade das coisas,

naturalmente que essa descrição aparece não de forma absolutamente certa, mas aparece naturalmente com dados que por vezes nem lá estão. É uma espécie de observação em segunda mão em terceira mão.

Entrevistadora – Que momentos o marcaram mais na sua vida como deficiente? Positivos e negativos.

Entrevistado – Positivos foi sempre uma força endémica e destemida que felizmente tive desde o momento da minha existência, e negativos naturalmente algumas coisas que eu pretendesse levar a cabo, porque não as poderia fazer precisamente não posso fazê-las precisamente por estar privado da vista. Uma das coisas que eu gostaria muito de fazer era conduzir, não posso conduzir já sei não posso conduzir, tenho que viver com essa limitação, mas não me vou matar por isso, não é? Mas gostava imenso de poder conduzir. Tirando isso a minha actividade, na minha actividade tudo o que faço, faço com absoluta à vontade, com total liberdade, com total emancipação, sem nenhuma dificuldade, quer nas minhas aulas, quer nas comunicações, quer em tudo aquilo que faço na minha vida académica e profissional, não sinto, nunca senti dificuldades. Precisamente porquê? Porque vivo num mundo um bocadinho diferente, num mundo em que se vivia há uns 40 anos atrás, talvez, eu já beneficieei das novas tecnologias, dos contributos que as novas tecnologias trouxeram a vários níveis e de maneira que os próprios livros hoje em dia não tenho dificuldades, basta querer um livro e evidentemente adquiri-lo, e uma vez que tenho todos os equipamentos em casa, e também no serviço precisamente para poder digitalizá-los, essa dificuldade também não se põe. A única dificuldade que se

põe ainda, no caso de acesso à informação será em converter imediatamente material em PDF em formato de imagem para texto, para formato de texto.

O Braille é uma coisa que evidentemente não há necessidade de a gente se preocupar com a existência de todos os materiais em Braille, se pode existir em formato digital e podem ser consultados com um aparelho desta natureza que aqui tenho que aparece em Braille e também em voz sintética (o entrevistado tinha à sua frente um computador pequeno com teclas em Braille). Portanto a questão hoje em dia está centrada na facilidade que se tem em utilizar os leitores de ecrã, ou seja de voz ou seja de Braille.

As dificuldades de acesso à informação hoje em dia estão bastante facilitadas precisamente porque as novas tecnologias trouxeram essas grandes facilidades, não é? Essa montanha de facilidades. Assistimos a duas grandes revoluções: uma foi o aparecimento do Braille, a outra foi o aparecimento das novas tecnologias e da tecnologização de toda a informação acessível ao tacto.

Entrevistadora – Vamos agora falar um pouco do seu percurso familiar e escolar. Como é que a sua família lidou com a sua deficiência? Aceitou, não aceitou o facto?

Entrevistado – A minha família, que eu me lembre, o meu pai era uma pessoa extremamente bem-disposta e pregava-me sustos e obrigava-me a perder-me em campos precisamente para que eu me conseguisse encontrar. Assistia impávido e sereno até que eu conseguisse reencontrar o caminho. A minha mãe, enfim era uma pessoa daquelas com aqueles comportamentos peculiares

de mãe, evidentemente aborrecia-se com o meu pai dizendo “coitado do moço” “não tens nada que aborrecer o moço”, enfim a minha mãe era mais atenta, o meu pai também era extremamente atento, mas provocava-me precisamente para que eu desenvolvesse a capacidade de locomoção, de mobilidade, de autonomia, de independência, também não tanto. Era uma coisa que eu senti que estava bastante normal, foi tudo feito enquanto estive com eles, bastante bem, e estou-lhes muito grato porque foi graças exactamente ao comportamento que tiveram que eu também acabei por ter uma capacidade de mobilidade, de orientação, de autonomia, de independência completamente diferente daquela que teria se por ventura não tivessem o comportamento que tiveram, não é? A minha família, a minha mulher e os meus filhos não houve problema absolutamente nenhum tudo foi absolutamente normal. Recordo-me que os meus filhos queriam que na altura eu visse com eles os desenhos animados, mas como entretanto se começaram a aperceber que eu não via como eles, então obrigavam-me a levar a mão, levavam a minha mão ao ecrã para que eu acompanhasse aquele movimento rapidíssimo de todas as imagens “é este” “é aquele” “já está ali” “ok, pronto”, mas tudo muitíssimo bem, nem se lembram que eu não vejo, deixam as bicicletas espalhadas à medida que a gente entra – à entrada temos um salão e entretanto às vezes andam com a bicicleta e em vez de deixarem a bicicleta logo lá para trás para o sitio, não senhor, deixam-na ali um bocadinho e depois voltam outra vez, esquecem-se que eu posso entrar e dar um pontapé na bicicleta, não se importam nada, e anda ali tudo bastante à vontade. Até um dia destes a mãe dizia: “Vocês nem se lembram que o vosso pai ... até se

esquecem” “ tens toda a razão, que hei-de fazer?” E pronto, mas tudo corre normal. Sinto que da parte deles, como eu também sou muito extremamente à vontade, lá está, também eles não sentem essa dificuldade. De tal ordem não sentem que deixam tudo espalhado pela casa toda não se preocupam.

Entrevistadora – E no seu percurso escolar, comece pelo 1º Ciclo, como foi a relação os colegas tiveram para com o Senhor Doutor?

Entrevistado – O meu primeiro ciclo eu já fiz tarde. Eu comecei tarde, eu tive uma capacidade...É curioso que ainda ontem falávamos nisto Luís Braille cegou com uma sovelá, como sabe, e é curioso que um colega dele fez um soneto a propósito da “serepette” que é a sovelá. E é curioso que essa “serepette” que no fim de contas o cego ao acompanha simboliza exactamente a sovelá que foi a sorte no fim de contas de muita gente no mundo, e de todos os cegos no mundo. A “serepette” foi a sorte dos cegos no plano do acesso à comunicação e à cultura. É curioso que eu com 10 anos vivia num sítio onde afluíam muitos automóveis, muitos caçadores, e de maneira que eu comecei a ver as matrículas dos automóveis que têm letras e números salientes. Eu comecei a memorizar a forma das letras e a forma dos algarismos e depois comecei a ter para mim uma representação mental de todo o alfabeto, embora de uma forma desorganizada, em vez de dizer a,b,c,d dizia x,z,a,p,q e como calhasse, mas consegui, de facto, soletrar e escrever palavras. Então como ouvia dizer que as pessoas cegas escreviam por piquinhos, havia lá em casa uma sovelá perdida, eu agarrei nessa sovelá um dia, e comecei a recortar caixas de camisas e de sapatos,

recortá-las às tirinhas de maneira que ela coubesse nesta mão e com esta ia desenhando a letra em formato de imprensa, não é? Escrevia palavras, escrevia frases e depois ia colando essas tirinhas todas seguidas numa tira grande de maneira que tínhamos ali um texto. As linhas eram constituídas por cada tira. Foi assim que eu escrevi uma carta exactamente ao Presidente da Câmara de (...)l na altura a pedir intercessão no sentido de poder estudar, e foi por essa carta que está na Santa Casa da Misericórdia (...)que de facto eu vim de imediato para(...) . Fiz a instrução primária em dois anos, a admissão ao liceu, Música, piano e violino e depois entretanto o 1º Ciclo já fiz como adulto, com 16 anos. Fiz o 1º Ciclo, fiz o 2ºCiclo, fiz o 3º Ciclo, entrei depois para a Faculdade, fiz História na Faculdade de (...).E depois fiz várias coisas, inclusivamente Pós Graduação em Ciências Documentais em (...), depois passei para os Mestrados um deles na Universidade na Clássica, um deles no(...), na(...) , e outro aqui na Universidade(...), Faculdade de(...) aonde depois também fiz o Doutoramento em Ciências da Comunicação aqui(...).

Entrevistadora – Nesse percurso todo que me descreveu beneficiou de alguns apoios?

Entrevistado – Não, nada. Não tive apoios nenhuns, fiz tudo com a minha energia, com a minha força. Entretanto, o que é que acontece, houve uma altura eu precisava, por exemplo em História, tinha necessidade em História de muitos livros, como de facto não existiam muitos livros em Braille, tinha que mandar vir os livros do estrangeiro, de França de Espanha, até cheguei a ler umas coisas em alemão sobretudo aquela História da Antiguidade Clássica,

e para Clássicas havia muita coisa, eu tive que acabar por exercitar as línguas, precisamente porque não havia livros em Braille suficientes para que eu pudesse estudar. Mas depois beneficiava também do seguinte: é que nós nessa altura já estudávamos muito em grupo, e como estudávamos muito em grupo, eu conseguia que os meus colegas estudavam alto e à medida que íamos estudando, eu ia gravando também, de maneira que ali ia retendo em fita aberta naquela fita magnética antiga bastante informação, e cassetes e tudo isso, e até os meus colegas beneficiavam disto também porque às vezes “vamos ouvir o que ele disse” e estavam a ouvir enquanto estavam na casa de banho a fazer a barba, ou qualquer coisa, exactamente usufruíam também dessa possibilidade.

Entrevistadora – Que tipo de barreiras, obstáculos encontrou pelas escolas por onde passou? Quer barreiras arquitectónicas, quer outro tipo de barreiras

Entrevistado – Sim, para já na instrução primária não tive barreiras nenhuma porque evidentemente fiz isso no Instituto especializado para cegos mesmo. De maneira que aí tinha tudo, tudo. E eu considero muito bom porque eu consegui dominar o Braille, houve um desenvolvimento da motricidade fina excelente, e no domínio do Braille para mim foi muito bom, da mesma maneira que o domínio do manuscrito do ler para a pessoa normovisual.

Depois na faculdade digamos que tive no 1ºano, nos primeiros 2 meses, foi que tive que tomar notas de tudo quanto era dito, o professor dizia, evidentemente que às vezes não aguentava tomar apontamentos de tudo o professor dizia, o que estava no quadro também, então

comecei a gravar as aulas. Ora bem, senti que isso era bastante complicado, porque eu chegava a casa tinha de ouvir tudo outra vez. De maneira que isso aconteceu durante nos dois primeiros meses, a seguir adoptei o sistema de aperfeiçoar a minha capacidade de síntese e tomar apontamentos só daquilo que era precisamente essencial, de uma forma inteligível, compreensiva para uma leitura à posteriori de tudo aquilo que o professor dizia, de tal ordem que exercitei isso que até os meus apontamentos passaram a ser úteis para os meus colegas, precisamente por causa das sínteses que eu conseguia fazer.

Como tinha que escrever tudo à pauta, sabe o que é uma pauta?

Entrevistadora – Sei, sei, eu tenho o curso de Braille. (risos)

Entrevistado – Ah, tá bem, então a pauta, o que é que acontece, a pauta faz ruídos em contacto com a madeira faz um ruído terrível e o que é que eu inventei, uma esponja com cerca de 2 cm para colocar por baixo da pauta colado, mesmo colado, e colocado em cima da madeira já não fazia aquele barulho, amortecia. E em vez de usar papel com gramagem forte, utilizava por exemplo o papel fotocopia, ou daquele papel de máquina dactilografados antigos que era um papel bastante fininho, não é? Usava o punção e escrevia. Aquilo ouvia-se um bocadinho, parecia uma galinha a comer milho, porque era muito rápido, mas havia outras alturas em que nem se percebia, as pessoas não percebiam nada. O que é certo é que eu conseguia fazer as minhas sínteses assim, e depois quando podia

passava a limpo. Mas quando passava a limpo, normalmente fazia-o quando os meus colegas me pediam os meus apontamentos que eu ditava-lhes a eles e passava para mim de uma forma mais apurada. Outra dificuldade era de ter que ter acesso exactamente aos livros todos que os colegas tinham acesso e eu não tinha, porque não havia as possibilidades que nós temos neste momento de comprar o livro ali na esquina e secanariza-lo imediatamente ou exactamente coloca-lo no poli compacte e ficar digitalizado imediatamente. Nessa altura não havia essa possibilidade, então tinha que valer de leituras muito transversais na diagonal, ou então o livro ser gravado em fita magnética precisamente para eu ouvir calmamente, no caso de livros absolutamente obrigatórios ou então socorrer-me de livros que existissem em Braille em Espanha ou noutro país qualquer. Tive também que dominar a etnografia, porque França usava muito a etnografia, agora já não usa tanto, mas usava muita estenografia.

Entrevistadora – E hoje em dia não se usa tanto, pois não Senhor Doutor?

Entrevistado – Pois não, hoje não se usa. Devo dizer-lhe que a estenografia deveria ser uma disciplina obrigatória, porquê? Porque facilita a tomada de apontamentos, e por outro lado facilita também a leitura de documentos com uma velocidade incrivelmente maior. A pessoa em vez de estar a ler uma palavra com cinco letras com uma letra pode ter apenas uma palavra. Sobre por exemplo tem apenas uma letra, para sobretudo, sei lá qualquer coisa assim do género, enfim o embora, enfim coisas que com uns sinais simples nós temos exactamente uma palavra

Entrevistadora – Ainda me lembro disso.

Entrevistado - Há uma fluência de leitura muito grande. Tirando essas coisinhas, olhe não senti, porque também graças a Deus, Deus deu-me uma capacidade para entender as coisas bem e também deu-me outra capacidade, portanto que é o não ter receio de colocar questões em relação àquilo que não entendo, digamos o também ter a espontaneidade de dentro daquela dimensão do pudor que cada uma das pessoas deve ter em querer saber como é qualquer coisa. Se evidentemente a pessoa não está a ver, evidentemente só poderá tocar, tocando é que sabe o que é. Portanto sempre promovi esse tipo de trabalho, por isso é que a minha agregação, a minha lição foi (...), precisamente para contemplar também esse aspecto.

Entrevistadora – Para além dos problemas que o Senhor Doutor me falou no seu dia-a-dia, que outros problemas enfrenta?

Entrevistado – Os problemas que na realidade, de facto as pessoas enfrentam, olhe, enfrento às vezes os obstáculos deparados na rua, os buracos que muitas vezes aparecem na rua, e sem estarem devidamente sinalizados, enfrento, por exemplo isso, às vezes sinais que deviam estar colocados, sinais sonoros deviam de estar colocados em determinados sítios, e não estão, determinadas referências para orientação e mobilidade que deveriam estar em determinados sítios e não estão. Mas isso é uma questão estrutural que aos poucos de facto irá sendo colocado no sítio. Aliás até quero dizer que fiz uma comunicação, não há muito tempo, foi aqui num Congresso que se realizou nesta casa de 14 a 18 de Abril do ano passado, foram dois

Congressos que se realizaram aqui, um deles da (...) , e eu fiz um texto, uma comunicação que apontou precisamente para as cidades acessíveis, portanto as cidades acessíveis o que é necessário existir numa cidade para que se possa considerar acessível, não só em termos de plano directório, em termos de área, de ruas, de passeios, enfim das áreas pedonais, tudo isso será também a acessibilidade a tudo aquilo que a cidade tem para oferecer aos seus cidadãos, não é? São os teatros, são os cinemas, são as bibliotecas, são os museus, tudo aquilo que no fim de contas pode ser visitável e que está projectado para ser visitado. De facto o trabalho que fiz nesse domínio, e evidentemente as dificuldades que encontro na minha mobilidade, por vezes tem a ver mais com questões que têm a ver com barreiras de natureza física, não é, porque as obstruções porque há outras barreiras, há barreiras humanas, ora bem, mas essas eu entendo-as como uma virtude que também fui cultivando, que é no meu entender a dificuldade dos outros em estar perante exactamente a pessoa que tem dificuldades, portanto a pessoa que tem problemas, que é aquela que é cega, aquela que tem exactamente problemas, portanto a gente tem que ter a capacidade de intelegir as dificuldades do outro em entender as nossas dificuldades. Tenho que viver com esta dificuldade, com a dificuldade da parte do outro e compreender no fim de contas os problemas que advêm daí, isso é uma virtude que a pessoa com problemas, a pessoa com deficiência, neste caso a pessoa cega, tem necessariamente de cultivar, se não não se safa.

Entrevistadora – Não se safa. Fale-me agora um pouco de seu percurso profissional. Há quantos anos lecciona?

Entrevistado – Eu lecciono desde, olhe leccionar, propriamente leccionar, devo dizer que lecciono desde – deixem e só fazer aqui uma contadinha - desde 1974.

Entrevistadora – Por quantas escolas passou? Por várias, deduzo eu.

Entrevistado – Desde 74 eu vou dizer-lhe como foi. Em 74 estava a fazer o meu curso de História aqui na Faculdade (...) e precisamente nesse ano foi introduzido os Estudos Sociais, no curso básico, no 1º Ciclo, os Estudos Sociais que substituiu a História, eu entretanto senti que tinha necessidade de ir frequentar um curso que tivesse a ver com isso. Então matriculei-me na Universidade (...) a fazer Sociologia Geral, portanto estava simultaneamente a fazer Sociologia Geral na Universidade (...) e o curso de História aqui na Faculdade de (...) precisamente para dar essas aulas, e dava aulas a adultos à noite, dava História e dava Português, História, neste caso Estudos Sociais . Portanto dou Português e dou História nessa altura. E depois em 1985 fui convidado para dar aulas na (...) que tem portaria para fornecer, para dar cursos não curriculares. Então fui convidado para aí dar Pesquisa da Informação e Investigação. Havia necessidade de se trabalhar a (...) , a (...) e tudo isso para que classificação. De maneira que eu fui convidado para dar essa cadeira, e dei essa cadeira. Dei ai aulas desde 85 até 2000. Precisamente porque eu dirigi durante muito tempo essa Unidade de Investigação e organizei muitos eventos científico- culturais no âmbito do protocolos com a Universidade com outros organismos, tinha já bastante investigação aplicada, então dos Estados Unidos veio uma oferta de um Doutoramento Curricular. Tive um Doutoramento Curricular em Ciências

Documentais na área da, Pesquisa de Informação e que não me soube a nada. Foi por isso que eu depois fiz um Doutoramento a sério (risos) Académico na Universidade (...) Entretanto fiz isso, e em 1995 também fui convidado para dar aulas no Instituto (...) aí dei várias cadeiras de onde me desliguei o não passado em 2009, precisamente no momento em que fiz agregação do (...)e de todos os outros pólos onde dava aulas só para ficar com dedicação exclusiva à Universidade(...). Aí eu dei Pedagogia Didáctica para crianças com necessidades educativas especiais, dei comunicação não verbal, Sistemas de Comunicação dei muita coisa exactamente ligada aqueles cursos que de facto eles ali tinham, inclusivamente a um Mestrado que eles têm em funcionamento em Psicologia de Desenvolvimento Sensorial e Cognitivo como também dei do Braille à Brailologia, mas numa perspectiva de ser um instrumento intelecto-social para pessoas cegas e surdo cegas. Aí também tive um sistema de comunicação especificidades aumentativas e alternativas como forma de explicar às pessoas as diversas possibilidades, as diversas formas de comunicação que existem ajustadas às diferentes dificuldades que as pessoas têm, sejam práfasico, sejam para cegos sejam para deficiência mental, intelectual, tudo isso os SPC tudo isso. Depois em 1999 fui chamado para coordenar um projecto científico aqui nesta casa e fiquei cá e desde 2000 sou professor efectivo aqui, nesta casa onde continuo agora exactamente a ficar.

Entrevistadora – Por que razão optou pelo Ensino Universitário?

Entrevistado – Como?

Entrevistadora – Por que razão optou pelo Ensino Universitário?

Entrevistado – Olhe se calhar porque comecei a dar aulas desde muito cedo, e se calhar porque fui sempre um indivíduo que gostei que me explicassem as coisas, e se calhar porque eu também nessa medida achei que nós deveremos ter capacidade para explicar aos outros aquilo que eles não sabem. É uma coisa que vem muito naturalmente, sabe porque eu também nunca pensei ser operário e fui operário, também nunca pensei ser técnico de bibliotecas e documentação e fui técnico e sou ainda técnico de bibliotecas e documentação, porque eu, como sabe, acumulo funções. Sou técnico superior de bibliotecas e documentação, sou o principal e dirijo o serviço na (...), deve saber, de maneira que estou gerindo no fim de contas ao topo de duas carreiras em simultâneo, uma Técnico Superior outra Académica, e digamos que a minha actividade também como bibliotecário também desenvolveu-se sempre por um trinómio, por um lado por Técnico de Bibliografia por outro lado pelo Pedagogo e por outro lado por Investigador. Ou melhor, Técnico de Bibliografia, Investigador e Pedagogo, porque nós temos que saber muito bem quando damos um determinado conjunto de informação, ou sugerimos livros, ou sugerimos conjuntos de livros a alguém é porque temos de os conhecer, temos de saber exactamente em que domínio científico é que de facto eles devem de estar inseridos, e temos que saber cabimentá-los. Enfim foi um hábito que eu fui ganhando também ao longo da vida, porque fiz um curso de Ciências Documentais em (...), como já disse, não é, e entretanto isto foi tudo muito naturalmente. Eu também

quando fiz o 7º ano antigo também não sabia que ia fazer Licenciatura e fi-la, depois quando fiz a Licenciatura também que ia fazer algum Mestrado, enfim andei a passear por eles e optei por um, também depois como é que se alguma vez teria capacidade para tirar um Doutoramento e ele surgiu, também nunca pensei numa agregação e ela surgiu. De maneira que isto veio tudo assim muito calmamente.

Entrevistadora – Por essas escolas que passou, e o Senhor Doutor referiu agora, quais foram os seus problemas?

Entrevistado - Eu propriamente problemas acabei por não ter, porque eu só aceitei dar as matérias, as disciplinas em que eu me sentia perfeitamente à vontade, que dominava mesmo, de maneira que no plano académico eu nunca senti dificuldades, porque a matéria das cadeiras que sempre tenho dado são cadeiras que são da minha área e eu evidentemente dou com toda à vontade. O fundamental para um professor é dominar exactamente a matéria que está a transmitir aos alunos, poder falar de tudo em toda a dimensão independentemente das questões que lhe possam ser colocadas. E quando de facto de algum modo havia uma ou outra área em que não me sentia bem preparado, naturalmente que previamente me preparava. É o que toda a gente faz. Eu todos os dias mesmo apesar de dar uma cadeira há anos, não significa que todos os dias eu antes da aula não prepare a aula. Eu preparo sempre a aula, porque tenho sempre coisas novas. As aulas que eu dou desde há anos, portanto elas todos os anos sofrem alterações, o programa todos os anos sofre alterações em cada dia a aula sofre alteração. A aula que eu dei o ano passado neste dia já não é a mesma que eu vou dar neste

dia, neste ano, porque ontem à noite evidentemente fiz uma pesquisa na internet, visitei vários sites, enfim andei ali á volta li muitas coisas reflecti. De maneira tudo aquilo que eu for dizer hoje, não tem nada a ver com aquilo que eu disse o ano passado.

Entrevistadora – Os alunos aceitaram bem a sua deficiência?

Entrevistado – Sim, eu penso que sim. Isso, como sabe à primeira aula, normalmente na primeira aula, é que às vezes se pode colocar assim algum problema. Mas eu não sei muito bem se isso alguma vez, sabe como eu não posso olhar, para a cara das pessoas, a gente não sabe muito bem qual é a reacção que está a aparecer na frente. Mas há uma coisa que eu sinto perfeitamente que é a resposta, digamos a forma de interagir que as pessoas têm em relação a uma questão que lhes é colocada. Digamos no 1º dia, normalmente as coisas podem ter assim algum impacto, não é? Mas a partir do momento em que eu conheço as pessoas todas, normalmente obrigo-os a apresentarem-se, apesar de eu ter o nome deles todos, previamente, mas obrigo que cada pessoa me diga o seu nome, diga o que é que faz, enfim de onde é que vem, porque é que escolhe este curso, enfim qualquer coisa até que evidentemente, e digo-lhes “ sabem vocês, as vossas vozes são as minhas caras para mim, portanto se vocês interagirem bastante, se falarem bastante se vocês participarem bastante, convém que seja uma participação positiva, não é só abrir a boca, mas participarem mesmo,” evidentemente que isso para mim é bom, porque eu assim conheço-os melhor. De maneira que penso que tem sido extremamente positivo, porque eles tomam isso

extremamente a peito. Evidentemente a gente fala normalmente nas aulas, eles cumprimentam-me na rua, não é preciso dizerem-me os nomes nem nada disso, mas cumprimentam-me. Podiam às vezes dizer “olha nem vou dizer nada, o professor nem sabe quem sou” qualquer coisa, mas não, cumprimentam-me na rua independentemente de o facto de ter todos os anos muito aluno, não é? É impossível a gente saber o nome deles todos. Mas isto é do género, é exactamente como aquelas pessoas que vêem olha eu conheço esta cara, esta cara é da minha turma, esta cara não sei quê, mas também não sabem o nome. Agora comigo, evidentemente que eu oiço exactamente as pessoas “esta voz é da minha turma” “esta voz é da turma da tarde” “esta é da turma da noite “, ou qualquer coisa do género. Eu sei evidentemente depois quando eu faço a chamada, porque eu normalmente faço a chamada precisamente o mais possível no ouvido os nomes e as vozes das pessoas, não é? De maneira que isso acaba de ser uma coisa que naturalmente se faz, enfim não sinto, não tenho sentido nenhuma dificuldade, porque eles questionam-me a mim e ficam revoltados com as notas da mesma maneira como ficam com os meus colegas, não há problema nenhum, eles telefonam-me e dizem-me “mas que mal é que eu fiz?” De maneira que o comportamento aqui é exactamente igual, portanto eles sentem que o facto de eu não ver, não tem nada a ver com questões de natureza intelectual.

Entrevistadora – Os colegas lidaram bem com a sua deficiência? Como é que eles reagiram ao saber que no dia-a-dia iam ter um professor com deficiência?

Entrevistado – Também não sinto muito. Aqui a gente brinca muito uns com os outros, sabe? De maneira que nesta casa tentamos muito, enfim...Até brincamos com o termo, às vezes “Eh pá isto não é para ceguinhos” Até brincamos bastante, é uma coisa que está bem, porque também sou um indivíduo que também estou sempre à vontade, não tenho problema, enfim incorporei bem a dificuldade. Sei que exactamente não posso ver certas coisas, certas, o que as pessoas fazem, evidentemente, pois estou exactamente ciente das minhas limitações, mas também estou ciente das minhas capacidades. De forma que não senti digamos nenhuma dificuldade nenhuma.

Entrevistadora – Alguma vez sentiu-se discriminado por ser deficiente?

Entrevistado – Sim, isso normalmente a gente sente, porque há determinados lugares, determinados cargos que a pessoa podia ter, não é, e não tem. Isso muitas vezes acontece, não é? Não quer dizer que bem, há um amigo meu aqui dentro da casa diz que se eu fosse um indivíduo mais audaz em termos de falar, de falar das coisas, se calhar eu hoje era um secretário do Estado, (risos) uma coisa qualquer do género. De maneira que, mas não, sou um indivíduo que vive muito a minha actividade profissional, o meu colectivo, a minha família, a minha profissão, a minha casa. Não sou um indivíduo que ande por aí assim, digamos a badalar, a impor-me, não sou um indivíduo que me imponha, percebe?

Entrevistadora – Das escolas por onde passou, estavam preparadas para receber uma pessoa deficiente invisual?

Entrevistado – Não, não nenhuma, não estavam preparadas, aliás esta também não está. Eu aqui tenho que conhecer muito bem os meandros todos da casa, das escadas, enfim de tudo isso, andar por aí pelas escadas a baixo a rolar, mas no entanto eu acabei por me habituar muito bem aqui à Universidade, conheço muito bem esta morfologia toda, dou aulas em sítio muito esquisitos cimos de escadas, não sei se conhece? Há ali escadas do lado direito que vão dar ao 3º andar, escadas de metal por aí acima. E até devo dizer que por vezes até pelo tipo de segurança que eu acabo por ganhar quando conheço essas coisas, até gosto de fazer isso desde que as faça e possa fazer em segurança. Não avanço para perigos, não é? Perigos, não avanço para perigos, não avanço para abismos, agora coisas que eu conheça que sejam exactamente aparentemente perigosas para as pessoas que estão a ver “Eh pá ele vai cair dali abaixo” , até gosto de fazer isso, quer dizer, são desafios , mas eu também, de facto, sabe, que eu nasci no campo e no campo nós somos obrigados como as referências são tão poucas, nós temos que criar muitas referências, e o facto de eu ter criado essas referências, isso obrigou-me a que essas referências acabassem por ficar, acabaram por ter uma outra dimensão. Digamos que houve da minha parte uma forma de sofisticar, digamos assim mais essas referências, porque as difíceis eram no campo e depois estamos todos cheios de referências, automóveis, já se sabe que aparecem automóveis aqui, acolí. Mas não há dúvida nenhuma que em termos de referências, as pessoas saberem onde é que estão, a direcção que vão tomar, isso, as referências são comparativamente superiores. As

peças orientam-se muito melhor numa cidade do que num campo. Eu comecei pelo mais difícil.

Entrevistadora – Fale-me um pouco do seu dia-a-dia como deficiente. No percurso casa-trabalho, que barreiras encontra?

Entrevistado – Olhe, vindo da outra banda, aquilo que eu faço, e faço com muito gosto, é sair de casa calmamente para apanhar o autocarro, já sei que ele passa por ali aproximadamente aquela hora, perguntar se é aquele autocarro ou não, porque há outros autocarros que ali passam. Tenho que saber sempre se é o autocarro que me interessa ou não. Apanho o comboio da (...) para a cidade, saio normalmente em (...), em (...) também conheço muito bem a zona, desço no metropolitano, uso normalmente as escadas rolantes, até gosto de fazer isso. Muitas vezes até aprecio pessoas que lhe fazem um bocado de confusão como é que uma pessoa com bengala na mão transita por aquelas escadas todas e entra e sai do metropolitano e que depois entra noutras escadas e que sai noutra sítio, enfim há ali tantas saídas e porque é que ele vai sair naquela saída, porque é que ele não sai pelo outro lado. Mas enfim já tenho vivido assim algumas coisas.

Estou muito habituado a andar sozinho, tou muito habituado a fazer trajectos sozinho. Inclusivamente há pouco tempo que abriu aquela nova estação do metropolitano no (...) e eu quis fazer esse percurso sozinho. Precisamente, porque tenho um gabinete (...) e em vez de ir com alguém porque era exactamente uma coisa normal, não quero. Quero ir sozinho, naturalmente que vou a um segurança que às tantas me dá uma ajuda,

para onde eu queria ir, eu disse para quê. É a primeira a coisa foi um bocadinho difícil, mas a seguir já não foi necessário o segurança. Aliás a minha mãe dizia quando eu era miúdo “vocês não levem o moço para aí porque ele só precisa de ir uma vez “ Às vezes íamos para ao pé dos ribeiros com becos de água muito fundos, e a minha mãe tinha muito medo que eles podiam levar-me, porque eu aprendia depressa o caminho, e então voltava para lá sozinho e podia cair lá para dentro. Portanto sou um indivíduo que tenho uma boa memória, e então memorizo muito bem os itinerários sem dificuldade e gosto de viajar de transportes públicos, gosto de viajar de comboio, gosto de viajar de barco, gosto de viajar de metropolitano, de autocarros. Gosto de fazer essa viagem porque sinto o pulsar da vida completamente diferente do que se andar de táxi ou andar de carro, isso não tem a ver, ou então andar a pé, também gosto imenso de andar a pé. Chego a vir lá debaixo do (...) até (...) a pé, e faço isso com muito gosto, porque é uma forma de a gente sentir a própria sociedade, não é? Por isso é que eu gosto dos transportes, a gente apalpa a sociedade de transportes públicos.

Entrevistadora – Nas suas relações do quotidiano, como é que as pessoas lidam com a sua deficiência, aceitam ou rejeitam. Esqueçamos um pouco aqui a Universidade, na rua, como é que as pessoas às vezes...

Entrevistado – As pessoas oferecem ajuda “quer que o ajude?” Eu nunca rejeito, antes pelo contrário aceito “sim, sim” “Eu vou para aqui” “Eu vou para acolí” “então vamos os dois” Nunca rejeito, antes pelo contrário, até porque como é que eu podia dizer que não e logo a seguir aparecesse um buraco? Caía e era bem feito (risos) De

maneira que não tenho problemas absolutamente nenhuns, aceito, e mesmo não havendo dificuldade absolutamente nenhuma aceito sempre exactamente a colaboração natural que as pessoas muitas vezes ficam um bocadinho a “torcer o nariz” que a gente entretanto diz “deixe estar que eu vou já para aqui” ou então mandarem-me sentar no metropolitano “não se quer sentar?” “não vale a pena que eu saio já na próxima a seguir” Até ficam chateados porque rejeito o lugar e às vezes até ficam a resmungar porque a pessoa não aceitou, porque é que a pessoa não se sentou, até estava a levantar-se , não é? Mas faço-o sempre dentro da máxima decência com toda a cortesia, porque as pessoas têm a simpatia de perguntar e eu só devo dizer sim ou não de acordo com o tempo que tenho para estar ali, mas normalmente as pessoas ajudar-me qualquer situação. Mas também há aquelas que gritam aos ouvidos de uma pessoa como se o indivíduo fosse surdo. Há pessoas que gritam aos cegos como se eles também fossem surdos. E depois os cegos, também há cegos que gritam. Um dia aqui há 2 anos é curioso que estava a atravessar ali a rua, uma senhora que devia de ter os seus 80 anos, quase 90, se calhar começou-me a gritar do outro lado da rua “para onde vai?” Coitada da senhora toda esganiçada a gritar e eu não respondia, fingia que não sabia que era para mim. A senhora lá conseguiu atravessar “estou farta de gritar para onde vai?” “vou para o outro lado. “ Gritei também. A senhora não disse mais nada, pensou... depois já começou a falar mais baixinho. Depois lá lhe disse “a senhora não pode falar alto porque as pessoas são cegas mas não são surdas” Depois até nos rimos os dois “é tão triste não ver, porque é que Deus não nos leva” “então vamos os dois já para o céu” “não, não” “ a senhora

quer que eu vá “ Até nos fartamos de rir um bocadinho ali no passeio. Mas é preciso o nosso comportamento da pessoa cega, na rua, em todo o lado tem de ser pedagógico. O comportamento tem que ser frequentemente pedagógico, mesmo que a pessoa se sinta ferida em termos de susceptibilidade, a pessoa tem que ter sempre um comportamento pedagógico quer queira, quer não porque isso não é para ele é para todos, para toda a gente.

Entrevistadora - Fale-me um pouco das suas actividades sociais. É membro de algum clube ou de alguma associação?

Entrevistado - Sou sócio da ACAPO, durante muitos anos fui dirigente da Liga de Cegos (...) que representa Portugal lá fora na Alemanha e Inglaterra também, e neste momento sou sócio exactamente só sócio da ACAPO, não tenho nenhum cargo, sou sócio da Associação Promotora de Emprego de Deficientes Visuais que é a primeira do género a surgir em Portugal em 1888, sou membro da Associação (...)aí sou membro, mas isso aí pertence ao concelho científico, sou roteroi no seguimento de uma homenagem que me fizeram como académico e depois cravaram-me para ser membro e sou membro desde dessa altura. O que é que eu sou mais, tenho mais, sou membro, aqui da nossa casa do centro de comunicação investigação e comunicação aplicada as novas tecnologias e sou director de uma linha de investigação de meio especiais e também sou presidente da assembleia do concelho científico, sou...membro de outra coisa que eu também já não me lembro.

Entrevistadora - Fale-me agora dos seus amigos e da participação deles na sua vida quotidiana. Como é que eles lidam com o Sr. Dr.?

Entrevistado - MUITÍSSIMO bem, vamos almoçar, a gente procura almoçar sempre. Há amigos meus que uns vão num dia, outros, noutra e nunca nos falta, digamos, companhia, se tiver disponível, nunca estou sozinho. Digamos almoçar num restaurante, e tenho felizmente um conjunto, um leque significativo de bons amigos.

Entrevistadora – Por último e para terminar, fale-me dos seus projectos, sonhos e aspirações que tenha para o futuro.

Entrevistado- Ui, Jesus! Que o Sócrates não crie mais problemas às pessoas, que o Sócrates entenda que a sabedoria é a verdade suprema de cada ser humano como forma, como dizia o outro Sócrates não este, mas este por analogia podia pensar nisso também, pensar na felicidade das pessoas. Não é? Que haja entendimento por parte da sociedade das instituições, sobretudo das instituições, não é? Para que possa criar estruturas de forma a que a inclusão se dê cada vez mais e de forma sólida

Entrevistadora – Muito obrigada pela sua entrevista e pela sua disponibilidade.

Entrevistado - Espero que tenha sido útil.

Dados Sócio Demográficos

Entrevista n.º3

Idade: 61 anos.

Sexo: Masculino.

Estado Civil: Casado.

Residência: Grande Lisboa.

Profissão: Professor Catedrático.

Entrevista nº3

Temas	Categorias	Subcategorias	Indicadores
Caracterização da Deficiência	Caracterização da deficiência	Tipo Adquirida /Congênita Caracterização	Visual Adquirida Cego desde os 14 meses devido a acidente
		Noção de deficiência	Deficiente é o contrário de eficiente. A deficiência é um desvio a um défice de capacidades do cidadão comum.
	Concepção da deficiência	Limitações	Limitação visual a apanhar transporte
		Vivência da deficiência	como digo, eu nem me lembro por vezes não é?
		Momentos marcantes	Positivos: força endémica; Negativos conduzir

História familiar	Papel da família	Apio familiar	Pai bem disposto e pregava sustos; mãe com comportamentos peculiares; mulher e filhos absolutamente normal
Integração e inclusão na escola	Papel da escola	Relação professor aluno	Boa relação com o professor
		Relação entre pares	Boa relação entre pares
		Apoios Escolares	Gravações, escrita na pauta
		Barreiras	Inexistência de livros em braille
História Profissional	Percurso profissional	Antiguidade	36 anos
		Situação profissional	Professor efectivo
		Nº de escolas por onde passou	4
		Relação com os colegas	Boa, o entrevistado até brinca com o facto de ser cego.
		Relação com Enc de Educação	Devido ao facto de ser professor universitário, este indicador não foi referido pela entrevistadora.

			Relação com os alunos	Boa
			Barreiras	Escadas
Barreiras físicas e arquitectónicas	Dificuldades /facilidades do deficiente	Dificuldades casa/trabalho (forma de deslocação)	Para se deslocar o entrevistado utiliza o autocarro, o comboio e o metro	
		Dificuldades de transporte	Como e entrevistado é cego, a sua dificuldade é saber o número do autocarro que tem de apanhar.	
Integração do deficiente (cidadania)	Integração social	Edifícios públicos	Não faz referência	
		Discriminação	Sim, em determinados lugares e determinados cargos	
		Actividades	Ligadas às Associações de cegos	

		Relação com o outro	Comportamento pedagógico: aceitar a ajuda quando esta é realmente precisa, e saber ser educado quando se rejeita a ajuda.
		Relações de amizade	Convívio. nunca estou sozinho.
Perspectivas futuras dos professores	Perspectivas Futuras	Projectos	Não refere
		Sonhos	Não refere
		Aspirações	que a inclusão se dê cada vez mais e de forma sólida

Entrevista N° 4

Entrevista n.º4 dia 12 de Fevereiro de 2010, 14h.30 min

Entrevistadora – Boa tarde.

Entrevistado – Boa tarde.

Entrevistadora – Vou fazer-lhe algumas perguntas das quais garanto o seu anonimato. O seu nome vai ser substituído por outro à sua escolha. Os nomes de escolas serão omitidos outros nomes de locais terão nome genérico.

Primeiro preciso de saber algumas informações:

Que idade tem?

Entrevistado – 47 anos.

Entrevistadora – Qual é a zona da sua residência?

Entrevistado – Grande Lisboa

Entrevistadora – Qual é o seu estado civil?

Entrevistado – Casado.

Entrevistadora – Qual é a composição do seu agregado familiar?

Entrevistado – Seu e a minha mulher.

Entrevistadora – Quais são as suas habilitações académicas?

Entrevistado – Curso Superior.

Entrevistadora – Qual é a sua profissão?

Entrevistado – Técnico e Professor de Braille.

Entrevistadora – Qual é a sua situação profissional?

Entrevistado – Efectivo.

Entrevistadora – Como sabe o tema da nossa entrevista é a integração do professor com deficiência no seu local de trabalho. Fale-me um pouco da sua deficiência, como é que a adquiriu e quais são as suas principais limitações?

Entrevistado – Portanto eu sou cego congénito. Presume-se que por glaucoma. Em relação às limitações são poucas limitações comuns às pessoas privadas da visão, portanto alguma falta de informação que por vezes não ocorre em áudio ou em Braille para que possamos ser mais autónomos em algumas coisas.

Entrevistadora – O que é para si ser deficiente em Portugal?

Entrevistado – Eu penso que ser-se deficiente em Portugal é ter que não se encostar , não se acomodar, Significa sobretudo várias barreiras, vários obstáculos que todos os dias temos de enfrentar para podermos viver o nosso dia-a-dia. Acho que a socialização com as outras pessoas é muito importante porque por vezes as pessoas têm alguma dificuldade em vir ao nosso encontro por desconhecimento, por vezes temos que ser nós a dar o primeiro passo e irmos nós ao encontro dos outros e mostramos que efectivamente temos algumas limitações, eu sublinho, inerentes à nossa própria deficiência, não são limitações do foro intelectual, emocional ou outros obrigatoriamente e que também temos potencialidades, mas para tal para que os outros no la reconheçam temos que as mostrar .

Entrevistadora – Como é que vive a sua deficiência?

Entrevistado - Com naturalidade, portanto eu já nasci cego, tenho consciência que não vou deixar de ser cego, não vivo revoltado. Vivo tranquilamente com a minha deficiência, porque se pudesse não ser cego seria ótimo, mas como tenho a consciência que isso não vai ser possível não vale a pena fazer como D. Quixote lutar contra os moinhos de pedra, não é?

Entrevistadora – Que momentos mais o marcaram na sua vida?

Entrevistado - Que momentos mais o marcaram na sua vida?

Entrevistadora – Sim.

Entrevistado – Os momentos que mais me marcaram na minha vida foram todos aqueles momentos que me deram estabilidade, portanto, foi o empregar-me, foi o constituir família, foi a boa inclusão, como agora se diz, com todos os meus amigos normovisuais e não só, no geral. Também tive uma infância feliz. O que me marcou também foi o poder correr, saltar, brincar, porque vivia no campo. Nunca fui tão limitado quanto à minha liberdade de movimentos. E basicamente é isso.

Entrevistadora – Vamos agora falar um pouco do seu percurso familiar e escolar, como é que a sua família lidou com a sua deficiência?

Entrevistado – Pois é assim eu penso todas as famílias reagem da mesma maneira numa primeira fase. Portanto ninguém gosta de ter um filho com deficiência, não é? Nós se pudermos ter, isto é uma comparação um bocadinho crua, mas é assim se nós pudermos ter umas calças sem

buracos, não a temos com buracos, não é? Se nós pudermos ter um carro novo, não temos um carro e 2ª mão, se nós pudemos ter saúde, não gostamos de estar doentes, enfim ninguém gosta de ter filhos deficientes. Agora é assim, pois naturalmente que depois há é pessoas que cá está, consciencializam-se um pouco mais de que a situação é irreversível e conseguem de alguma forma dar-lhe a volta e perceber que a pessoa com deficiência para além de ter as suas limitações inerentes à deficiência do qual é portador, mas também tem capacidades, tem potencialidades as pessoas reconhecem-na e com o tempo vão percebendo que aquela pessoa apesar de ser deficiente provavelmente terá um futuro tão promissor como outra que não é deficiente. É uma tomada de consciência da irreversibilidade e das limitações inerentes à deficiência, mas também a pessoa reconhece que o filho deficiente ou familiar deficiente tem capacidades, tem potencialidades e que essas podem abrir-lhe um futuro tão promissor como o deles ou como os dos irmãos, etc., etc.

Entrevistadora – No seu percurso escolar, começando pelo 1º Ciclo, como é que foi a sua relação com os colegas e com os professores?

Entrevistado – Eu fiz o meu 1º Ciclo como interno, portanto estava ausente do meu agregado familiar, portanto só ia nas férias, digamos Páscoa, Natal e as férias de Verão a casa. Ainda foi antes do 25 de Abril, havia alguma hostilidade, mas a relação pode dizer-se que foi boa.

Entrevistadora — No seu percurso escolar beneficiou de alguns apoios, por exemplo, professor do Ensino Especial, equipamentos adaptados.

Entrevistado – Sim, sim, sim. Sempre beneficieei de tanto de apoios educativos como de materiais adaptados, equipamentos também

Entrevistadora – Que tipo de barreiras, obstáculos encontrou pelas escolas que frequentou?

Entrevistado – Enfim, barreira, obstáculos, talvez o ter de produzir eu muitas vezes muito do meu material, que o apoio era ao escasso, os materiais também rareavam, não estavam muitas vezes a tempo e horas e tinha que ser eu, cá está como queria pelo menos tentar singrar ser eu a produzir com o meu trabalho e com óptima ajuda por parte dos meus colegas e professores, tinha que ser eu a fazer boa parte do material para eu próprio estudar

Entrevistadora – Quais são os seus problemas que enfrenta no seu dia-a-dia como deficiente?

Entrevistado – A mobilidade em grandes superfícies, acho que isso, enfim vai ser um bocado difícil de contornar atendendo, mesmo as pessoas que não têm deficiência, muitas vezes sentem-se um pouco perdidas. As superfícies são cada vez enormes cada vez maiores, e apesar de haver muitas indicações, mesmo as pessoas que vêm , as pessoas que não têm deficiência são também elas próprias afectadas, também se perdem. Efectivamente quando nos deslocamos há imenso obstáculos nos passeios, algumas passadeiras não sinalizadas, sinais sonoros também não proliferam pelas grandes cidades e pelas periferias por todos os sítios onde há sinais, sinais luminosos, as obras mal sinalizadas etc. etc. carros amontoados e mal estacionados, tendo em conta que muitas vezes as pessoas não têm onde os pôr, mas pronto,

enfim é tudo uma questão de estrutura do próprio país que já foram criadas há n tempo e não foi programado pelo menos a arrumação das coisas por forma a promover as acessibilidades, tanto para quem vê como para os deficientes motores. Agora só ao fim de 4 ou 5 anos é que estão a rebaixar os pavimentos dos passeios no sítio das passadeiras, estão a pôr rampas nos edifícios públicos, etc. etc. mas é tudo coisas de curta duração , quando já podiam ter sido implementadas há anos infinitos, na medida em que até são coisas de custos não muito elevados. É só muitas vezes uma questão de vontade política.

Entrevistadora – Fale-me agora do seu percurso profissional, há quantos anos lecciona?

Entrevistado – 20.

Entrevistadora – Por quantas escolas passou?

Entrevistado – Fiz itinerância na equipa do Ensino Especial de Santarém por várias escolas do Distrito, e depois fixeime aqui no Centro (...). Não são 20, mas 22, 20 no Centro(...) e 2 na equipa de Ensino Especial de Santarém em regime de itinerância.

Entrevistadora – Fale-me um pouco do seu percurso escolar, começando pelas escolas por onde passou quais foram os principais problemas que enfrentou? Por exemplo barreiras arquitectónicas.

Entrevistado – (entrevistado muito pensativo) Não, pronto em relação à minha deficiência não encontrei assim muitas dificuldades. O único problema, se é que se possa considerar como tal, é efectivamente na instrução primária a ausência do meio familiar, e sendo nós muito miúdos,

não é, termos que gerir a nossa vida sozinhos porque não tínhamos um pai ou uma mãe ali a quem pudéssemos dizer “ai isto correu mal” “aquilo correu bem” “disseram isto” “não gostei” “está correcto” “está incorrecto” . Nós estávamos um pouco sujeitos à educação de terceiros e fosse boa ou fosse má, gostássemos ou não nós tínhamos que aprender a conviver com aquilo e saber gerir os momentos altos e os momentos baixos porque não havia staff familiar de retaguarda. De resto barreiras arquitectónicas propriamente ditas em relação à minha deficiência que é visual, não é por aí.

Entrevistadora – Os alunos aceitaram bem a sua deficiência? Que atitudes tomaram?

Entrevistado – Sim, eu felizmente tive muito boa integração, inclusão escolar, muito boa, aceitaram todos muito bem, tanto professores como alunos, entre ajudavam-me, acompanhavam-me, saíamos juntos para tomar café, para irmos a exposições, a museus, para irmos confraternizar em casa uns dos outros, assim . Tive muito boa inclusão escolar, sim.

Entrevistadora – Os pais e os encarregados de educação reagiram bem à sua presença?

Entrevistado – Esse pormenor escapa-me completamente, porque eu praticamente não tive contacto com os encarregados de educação, isso era mais os Conselhos Executivos, os Directores de Turma. Os Directores de Turma é que recebiam os encarregados de educação. Tanto eu como os meus colegas sejam invisuais ou normovisuais, os encarregados de educação passavam-nos um pouco à margem. Nunca tive qualquer tipo de

reclamação “ai o seu filho, este menino na turma do seu filho não, é melhor mudá-lo de turma” Não tive problemas.

Entrevistadora – Alguma vez sentiu-se discriminado por ser deficiente?

Entrevistado – Eu acho que consciente ou inconscientemente somos muitas vezes discriminados. Agora depende é da relevância que cada um atribui a esses actos. Eu pessoalmente não lhes dou grande importância. Eu tento é arranjar à minha volta pessoas, amigos colegas, companheiros, amigos, familiares que consigam interagir bem comigo e vice-versa. A discriminação é assim, é complicado, muitas vezes as próprias pessoas ao ajudarmo-nos, se formos bem a ver estão-nos a ajudar, mas não é naquele sentido literal de nos ajudar porque temos uma limitação. Não é com naturalidade digamos, é porque têm de fazer a sua boa acção do dia e efectivamente fica bem e porque coitado. Isso de alguma forma é discriminar, mas tendo em linha de conta os moldes da sociedade em que vivemos, eu já não dou importância a isso, porque acho que as pessoas também o fazem de uma forma natural. Eles não sabem fazer de outra maneira. Foram educados a fazer assim. Compete aos deficientes sensibilizar a opinião pública, não só para aquilo que precisam, para aquilo que eu não tenho. Eu preciso, temos barreiras arquitectónicas. Não, nós também temos que mostrar aquilo que somos capazes, porque há mais desconhecimento das nossas reivindicações do que daquilo que nós efectivamente conseguimos fazer. As pessoas muitas vezes discriminam-nos porque não nos conhecem. É por desconhecimento e muitas vezes compete-nos a nós, como eu disse no início,

não esperar passivamente que sejam os outros a vir ao nosso encontro, mas temos que ser nós a dar-mo-nos a conhecer e a ir ao encontro do outro e provar por $a+b$ que somos capazes. Talvez aí essa discriminação já depois não seja tão latente e tão acentuada.

Entrevistadora – As escolas por onde passou estavam preparadas para receber um deficiente visual?

Entrevistado – Sim. O meu trabalho é específico, é trabalhar com população escolar com deficiência visual, e também interagir com os meus colegas do corpo docente normovisuais. Mas sim esta escola tem todas as condições para o efeito. Inclusivamente, porque é uma escola preparada para receber crianças com deficiência visual.

Entrevistadora – Fale-me um pouco do seu dia-a-dia como deficiente, no seu percurso casa - trabalho que barreiras encontra?

Entrevistado – Não há grande coisa em especial, não há em particular . Aqui no Restelo agora já temos sinais sonoros praticamente em todas as passadeiras, pelo menos aqui nas zonas limítrofes da escola, a nível do metro também já foram colocadas faixas em relevo ao longo de toda a gare que efectivamente nos indicam onde é que começa a zona de segurança. Também foram instaladas há muito curto, aí há 1 ano ou 2. Não, não há assim grandes ... A não ser grandes obstáculos que hoje estão aqui, amanhã estão noutra sítio, e alguma obra eventualmente mal sinalizada, ou enfim alguma coisa que saía fora da rotina, mas no geral não há assim grande problema.

Entrevistadora – Nas suas relações sociais do quotidiano, como é que as pessoas lidam com a sua deficiência? Esquecendo agora aqui um pouco o local de trabalho, vamos na rua como é que as pessoas nos olham? Que comentários fazem?

Entrevistado – Pois efectivamente eu penso que as pessoas é isso mesmo. As pessoas muitas vezes ajudam, colaboram, são até afáveis, amáveis, gentis, etc. etc. etc. simpáticos, mas cá está muitas vezes é única e exclusivamente por uma questão de fazer o bem, não é aquela ajuda digamos que natural porque “vou ajudar porque ele não vê” é porque ele não vê associado com a ideia de coitado de dificuldades que muitas vezes a pessoa não tem. Até que muitas vezes há alguma associação por parte de algumas pessoas até talvez por causa de alguns estereótipos de alguns deficientes, até um pouco à deficiência intelectual, mental. Há ali um pouco a cegueira muitas vezes para algumas pessoas. As pessoas pensam que há ali algum desfasamento mental ou que nós parece que estamos a viver num mundo um pouco à parte, um pouco nosso. Cá está a tal discriminação, muitas vezes, mas pela falta de sensibilização e de conhecimento que nós próprios deficientes e instituições que nos reapresentam não fazemos perante a opinião pública de pessoas. Na minha perspectiva uma boa parte da sociedade age assim pela educação que as pessoas têm que lhes é dada, mas também porque os próprios deficientes não sensibilizam grandemente a opinião pública. As pessoas desconhecem, uma boa parte das pessoas, mesmo pessoas com muita formação, desconhecem o que nós somos capazes de fazer. As

peças não sabem se nós conseguimos ler, se usamos computadores, se quem é que trabalha, se quem é que não trabalha, o que é que faz, o que é que um deficiente é capaz de fazer, não é capaz de fazer, enfim há muito desconhecimento, muito desconhecimento.

Entrevistadora – Fale-me um pouco das suas actividades sociais, é membro de alguma associação ou colectividade?

Entrevistado – Eu sou sócio da ACAPO não frequentador.

Entrevistadora – Fale-me agora um pouco dos seus amigos e da sua participação deles na sua vida quotidiana, como é que eles participam e agem no seu dia-a-dia?

Entrevistado – Com bastante naturalidade, normalidade. Felizmente, os meus amigos, como eu indiquei, portanto as pessoas com quem eu me relaciono, sou uma pessoa bastante aberta, dou-me a conhecer, as pessoas têm consciência das minhas limitações, mas é única e exclusivamente em termos do não ver. Automaticamente sabem que eu não posso conduzir um carro, sabem que sou capaz de ter alguma dificuldade, quando tenho que fazer um trajecto que desconheço pela primeira vez, isso para eles é encarado como normal. Nas relações rotineiras, as pessoas conhecem-me bem e sabem também as minhas potencialidades e capacidades, portanto pode-se dizer que a relação é uma relação bastante boa, bastante natural.

Entrevistadora – Por último, e para terminarmos a nossa entrevista fale-me um pouco dos seus sonhos, projectos e aspirações que tenha para o futuro.

Entrevistado – Sonhos, eu gosto de viajar. Pronto, isto pode parecer aos olhos, cá está o tal desconhecimento, aos olhos de alguns cidadãos que estivessem a assistir a esta entrevista e não me conhecessem muito bem diziam “mas então ele é cego, gosta de viajar para quê?” “então como é que ele vai observar as paisagens aqui e acolá, as coisa ?” Pois isso faz-me um bocado confusão passar por um tal desconhecimento . Nas é um facto é que eu gosto de viajar. É um dos meus sonhos é poder continuar a ir efectuando algumas viagens que vou fazendo à medida que posso anualmente, de 2 em 2 anos enfim, 1 ou 2 vezes por ano, depende. Mas faço com alguma frequência à medida das minhas possibilidades, e espero continuar a fazer, e que mais? Um dos meus projectos é que continue empregado, por exemplo, porque isto hoje em dia as coisas são muito complicadas e por uma questão de estabilidade pessoal, a nível emocional, a nível social, afectivo, familiar, etc.etc. etc. penso que a pessoa ter o seu emprego é uma forma, também, de transmitir estabilidade .E é basicamente isso.

Entrevistadora – Obrigada pela sua entrevista e pela sua disponibilidade.

Entrevistado – De nada, disponha sempre.

Dados Sócio Demográficos

Entrevista n.º4

Idade: 47 anos.

Sexo: Masculino.

Estado Civil: Casado.

Residência: Grande Lisboa.

Profissão: Técnico e Professor de Braille.

Entrevista nº4

Temas	Categorias	Subcategorias	Indicadores
Caracterização da Deficiência	Caracterização da deficiência	Tipo Adquirida /Congênita Caracterização	Visual Congênita Presume-se que por glaucoma
		Noção de deficiência	Esforçar-se para se integrar na sociedade: meio de trabalho; dar-se a conhecer.
	Concepção da deficiência	Limitações	Ao nível das barreiras arquitectónicas
		Vivência da deficiência	Com naturalidade, e sem revolta
		Momentos marcantes	Infância feliz, momentos de estabilidade no emprego.
História familiar	Papel da família	Apoio familiar	O entrevistado fala da família em geral, mas não faz referência à sua Para aprender frequentou um colégio interno, por isso refere a ausência da família

Integração e inclusão na escola	Papel da escola	Relação professor aluno	Boa
		Relação entre pares	Boa
História Profissional	Percurso profissional	Apoios Escolares	Sempre beneficieei de tanto de apoios educativos como de materiais adaptados, equipamentos também
		Barreiras	Escassez de material em Braille para estudar
		Antiguidade	22 anos de serviço
		Situação profissional	É do quadro
		Nº de escolas por onde passou	Passou por 2 escolas
		Relação com os colegas	Boa
		Relação com Enc de Educação	Não tem contacto com os Encarregados de Educação por não ser Director de Turma
Relação com os alunos	Boa		

<p>Barreiras físicas e arquitectónicas</p>	<p>Dificuldades /facilidades do deficiente</p>	<p>Barreiras</p>	<p>Para a deficiência(...) visual, não é por aí.</p>
<p>Integração do deficiente (cidadania)</p>	<p>Integração social</p>	<p>Dificuldades casa/trabalho (forma de deslocação)</p>	<p>Há uma preocupação no geral de manter uma estrutura própria para os cegos, com a excepção das obras ou obstáculos imprevistos</p>
<p></p>	<p>Dificuldades de transporte</p>	<p>Não faz referência</p>	<p>Não faz referência</p>
<p></p>	<p>Edifícios públicos</p>	<p>Discriminação</p>	<p>Não faz referência consciente ou inconscientemente somos muitas vezes discriminados. Falta de conhecimento da deficiência baseado em estereótipos</p>
<p></p>	<p>Actividades</p>	<p>Associação de Cegos</p>	<p></p>

	Relação com o outro	“vou ajudar porque ele não vê” é porque ele não vê associado com a ideia de coitado – estereótipos
		relação bastante boa, bastante natural . Nascida da interacção constante e conhecimento do deficiente
		Continuar empregado
Perspectivas futuras dos professores	Projectos Sonhos Aspirações	
		Perspectivas Futuras
		Viajar
		Não refere

Entrevista N° 5

Entrevista nº5 dia 18 de Fevereiro de 2010, 16 horas.

Entrevistadora – Boa tarde.

Entrevistada – Boa tarde.

Entrevistadora – Vou fazer-lhe algumas perguntas das quais garanto o seu anonimato. O seu nome vai ser substituído por outra à sua escolha. Os nomes das escolas serão omitidos outros nomes de locais terão nome genérico.

Primeiro preciso de algumas informações:

Que idade tem?

Entrevistadora –48.

Entrevistada – Qual é a zona da sua residência?

Entrevistadora – Grande Lisboa.

Entrevistadora – Qual é o seu estado civil?

Entrevistada – Casada.

Entrevistadora – Qual é a composição do seu agregado familiar?

Entrevistada – Quatro pessoas, dois filhos e o marido.

Entrevistadora – Quais são as suas habilitações académicas?

Entrevistada – Licenciatura em Educadora de Infância.

Entrevistadora – Qual é a sua profissão?

Entrevistada – Educadora de Infância.

Entrevistadora – Qual é a sua situação profissional? É do quadro?

Entrevistada – Sou do quadro.

Entrevistadora – Como sabe o tema da nossa entrevista é sobre a integração do professor com deficiência no seu local de trabalho. Fale-me um pouco da sua deficiência, como é que a adquiriu?

Entrevistada – Eu tenho uma deficiência auditiva. Eu nasci normalmente. Aos 14 anos foi na altura da mocidade, comecei a ouvir mal. Isto causou problemas a nível escolar. Eu não conseguia acompanhar os colegas, porque pedia muitos apontamentos. Eu trazia para casa apontamentos emprestados e recuperava as aulas. Mas entretanto a minha mãe e o meu pai repararam que eu andava com respostas incompletas ou respostas que não tinham nada a ver com a pergunta em si. Acharam isso esquisito, e pensavam que como foi na altura da adolescência, pensavam que eram umas birras, ou qualquer coisa. Depois começaram a ver que aquilo era realmente grave, e então levaram-me ao médico. O médico fez-me umas lavagens auditivas, depois aquilo lá melhorou um pouco, depois piorou, depois fizeram exames e detectaram Otoesclorose, que é uma doença que é hereditária. Mas até agora ninguém ainda percebeu que qual foi a pessoa que a transmitiu. Porque eu tenho um irmão, tenho primas que são muito próximas porque a minha mãe é irmã da mãe delas e o meu pai é irmão do pai delas. Ninguém da família tem este problema, não sei. A minha mãe diz que quando eu era pequena, tive muitas otites, talvez isso não ficasse muito bem tratado, o que posteriormente possa ter

provocado uma espécie de infecção ou lesão qualquer auditiva, e eles dizem que é hereditário. Entretanto aos 18 anos eu fiz uma operação, uma cirurgia ficou a ouvir perfeitamente bem. Uma cirurgia ao ouvido porque eles achavam que eu estava com menos audição que era o esquerdo. Depois aos 20 piorei, a cirurgia não deve ter resultado, ou houve um problema qualquer, prótese que eles tinham introduzido, saltou, não sei, e portanto eu continuei a ouvir outra vez mal. Depois fiz uma nova cirurgia, não correu bem, piorou ainda mais porque o 1º médico estava para fora do país e portanto não pode assistir à cirurgia. Este médico mexeu em coisas que não devia, estragou o tímpano. Então agora eu tenho só um pouco do ouvido direito que é auxiliado por uma prótese. Mas quer dizer eu estou a viver. Isto não é assim uma coisa muito grave, mas tem trazido muitos dissabores a nível profissional, porque há colegas que às vezes gostam de brincar um pouco com esta situação; há outras que às vezes não dizem os recados e depois dizem que disseram e eu não ouvi, ou então que eu deturpei tudo, às vezes não me dizem as coisas porque acham que eu não estou a perceber, outras acham que eu até me faço de surda. É um pouco complicado. Com os pais e as crianças, eu com as crianças não tem grande problema. As crianças são muito mais acessíveis do que os adultos, e nem se apercebem. Isto é uma deficiência mínima, e se eles não virem o aparelho nem sequer se apercebem. Eu às vezes não oiço, porque eles fazem tanto barulho em conjunto. Eu chego-me mais próximo deles para ouvir. Quando estou com eles, como há cada um a falar por sua vez, não há problema nenhum nisso. Com os adultos, os adultos que me conhecem no trabalho já sabem que eu tenho este

problema, o melhor é repetiram-me, não comecem a gritar porque me faz muito mais confusão, não é isso que vai melhorar a situação, e pronto nem mostrarem nem pena, nem ao mesmo tempo também portem-se numa de gozação, já sabem que é assim e têm que aceitar, tal como eu aceitei eles têm de aceitar. Ao longo dos anos isso foi difícil para mim, mas com o passar dos tempos as coisas foram-se encaixando, e agora as pessoas já sabem, embora eu tenha este rótulo que sou surda, mouca. Foi muito mau na altura que isto aconteceu, porque na escola, estava na adolescência os meus colegas passavam o intervalo todo a gozar comigo, a fazer gestos, mas tirando isso não tem problema. A nível dos pais é assim: eu de início faço umas entrevistas aos pais para recolher os dados individuais das crianças, e deixo os pais falar normalmente. No final da entrevista eu digo “tenho este problema assim - assim, não sei se notaram, ao longa da entrevista, mas isto não é assim muito visível, mas se eu às vezes no dia-a-dia vos der uma resposta que não tenha nada a ver com a pergunta que fizeram, é favor repetirem porque isto é um problema assim, olhem”. E aceitam bem.

Entrevistadora – Quais são as suas principais limitações?

Entrevistadora – Como profissional?

Entrevistadora – Na sua vida em geral, limitações que a deficiência lhe traz.

Entrevistadora – Portanto é assim: quando eu era sem a prótese, em casa não oiço os sons graves, isto é, eu até sou capaz de ouvir a campainha da porta tocar, ou a campainha do telefone, mas não oiço baterem à porta. Ou por exemplo sou capaz de atender um telefone com o

ouvido que ainda ouve, e portanto se for uma senhora eu oiço porque é uma voz um pouco aguda, só que às vezes não compreendo as palavras todas mas se for um senhor então não oiço mesmo nada. Os sons graves estão muito, muito afectados. Às vezes quando me levanto da cama, venho atender o telefone eu digo “Só um bocadinho”. Vou a correr pôr a prótese. Com a minha família, de uma maneira geral toda a gente sabe o problema, e portanto não há drama de maior. O drama já foi ultrapassado há muitos anos, apesar de no início ter sido muito complicado principalmente para os meus pais. Tive problemas ao longo da minha vida pessoal, porque na altura em que eu comecei a namorar eu tinha 18 anos, tinha acabado de fazer a primeira cirurgia estava a ouvir muito bem e depois quando a mãe do rapaz se apercebeu que eu tinha este problema e que entretanto perdi a audição aos 20 anos, a mãe achou que o rapaz devia afastar-se de mim. Como tinha este problema podia ser hereditário para os filhos. As coisas começaram a correr mal e eu achei que era melhor terminarmos por ali. Pensei que isto não era assim um problema tão, tão grave. Há coisas mais graves que conseguem ultrapassar, porque é que eu não devia ultrapassar? Que hoje agora estou casada tenho 2 filhos e são perfeitos, não vejo nada de atrapalhação.

Entrevistadora – O que é para si ser deficiente em Portugal?

Entrevistadora – Deficiente é sempre uma limitação. Nós queremos fazer qualquer coisa não conseguimos porque esta limitação física, ou até mesmo a minha apesar de ser auditiva, torna-se muito psicológico. Eu sinto-me sempre às vezes muito inferior aos outros quando não conhecia, tinha

muita: quando a pessoa nasce deficiente, a pessoa avança adaptando logo de início, mas quando não nasce deficiente e apanha a deficiência eu penso que seja mais difícil de ultrapassar, mais a nível psicológico, porque não estava habituada. Depois tem muita dificuldade nesse aspecto.

Entrevistadora – Como vive a sua deficiência no seu dia-a-dia?

Entrevistada – É assim, eu pessoalmente agora vivo bem, estou bem comigo porque consegui ultrapassar o problema no sentido quando não percebo digo às pessoas “olhe desculpe não percebi., porque eu não oiço nada”, Outras vezes espero que as pessoas repitam. Por exemplo se tivermos aqui em reunião todas em que sei lá às vezes até há uma que diz uma palavra e eu não percebi, ou a palavra é muito idêntica, e é mais a nível dos sons, que me afecta sons uma diz “Rogério está calado” e eu “achas que cheira a queimado”, assim sons muito idênticos, e ponto isso provoca assim um certo ridículo. As pessoas riem-se e também acho piada e riu-me também. Outras vezes até as minhas próprias colegas fazem confusão e eu digo “vê lá se queres a minha prótese emprestada, eu posso tirar e emprestar.” Como se isto se pudesse emprestar. Outras vezes outras dizem “ai estou mesmo mal, a ouvir mesmo mal” eu digo “Pessoal isto não é contagioso, podes estar ao pé de mim” Brinca-se também com a situação, e acho que temos que levar encarar as coisas com humor, e não estar a dramatizar, Mas eu sou uma pessoa que tenho um carácter forte. Por exemplo há pessoas que talvez não aguentassem, porque podia ser absolutamente ingrato.

Entrevistadora - Que momentos mais a marcaram como deficiente?

Entrevistada – Foi uma vez numa aula de Economia, e isso nunca vou esquecer. Estávamos numa aula de Economia, e a professora chamou-me ao quadro, eu por mim era já muito introvertida e fiquei logo muito nervosa. Entretanto ficar nervoso para mim, acontece que piora a situação, portanto eu ainda fico com mais dificuldade em ouvir. Foi uma vez numa aula de Economia, e isso nunca vou esquecer. O pessoal começou todo a rir-se “deixe lá isso setora que ela é mouca”. Eu apagava e voltava a escrever, mas quanto mais eu escrevia mais eu percebia menos a palavra. Às tantas “aí professora deixe-me lá ir ela é mouca.” Eu pensei que se tivesse ali um burquinho metia-me lá dentro e nunca mais aparecia. Mas depois a professora olhou e disse “a vossa colega tem um problema. “ Senti-me uma espécie de um Extra Terrestre, uma coisa fora de série. “a vossa colega tem um problema e nós temos que a ajudar. Portanto escreva aí vasto com v de vaca.” Eu lá escrevi aquilo, depois disse “ Pode sentar-se”. Eu senti um alívio tão grande, mas uma vergonha tão grande, uma inferioridade tão grande, porque eu tinha um problema que os outros não tinham. Aquilo provocava o ridículo. Aquilo a nível psicológico foi criando em mim muita diferença, eu comecei a isolar-me, falava o menos possível com as outras pessoas, mal saía das aulas vinha logo para casa. Depois começava a chorar, a minha mãe chorava comigo, tive que procurar ajuda, e foi muito, muito difícil. Depois lá tinha uma amiga muito íntima que me dava assim uma certa força “deixa lá, não estejas preocupada, eu ajudo-te. Vamos lá fazer os trabalhos. “ e foi assim aos

poucos, que pessoas assim mais adeptas de me darem uma mãozinha a nível psicológico que eu fui ultrapassando as coisas, porque não tive ajuda mesmo. E às vezes até as ajudas dos psicólogos também ainda se tornam mais complicado, não sei. Hoje em dia, eu acho que pode facilitar em muitos aspectos, mas complica noutros.

Entrevistadora - Vamos agora falar um pouco do seu percurso familiar e escolar. Como é que a sua família lidou com a sua deficiência?

Entrevistada – Pronto lá está os meus pais de início não perceberam acharam muito estranho, pensaram que eu estava a brincar com eles, ou que era teimosia que não correspondia às respostas. Dava respostas que não eram correctas, porque estava na brincadeira, depois começaram a ver que era mesmo verdade, que eu não estava a perceber as coisas. Levaram-me ao médico. Quando o médico detectou a doença, eles não me levaram só a um médico, levaram-me a vários médicos. Quando detectou a doença, a minha mãe entrou em pânico, fez um drama, chorou. O meu pai culpabilizou-me dizendo que a culpa era minha que eu tinha ido para uma piscina, que tinha apanhado alguma infecção, e que portanto fiquei assim, do pé para a mão. Quando comecei a usar a prótese, o meu pai dizia para eu não cortar o cabelo para não dar nas vistas, porque senão não ia arranjar namorado. Aquilo complexou-me muito. Tinha muitos complexos, muita preocupação, e em vez de desdramatizar, mas não eles complicavam mais. Depois a nível escolar, sentia-me mal e isolava-me. Quando não percebia as coisas pedia os cadernos emprestados a alguém que conhecia, e foi assim que fui andando.

Entrevistadora – No seu percurso escolar, beneficiou de alguns apoios, por exemplo professora do Ensino Especial?

Entrevistada - Não, na altura eu tinha 14 anos 15, 16, eu também era uma aluna muito empenhada. Não tinha notas altas, mas também não tinha notas negativas. Não achavam que havia necessidade disso, e as próprias professoras não se apercebiam. Porque como eu era muito tímida, e muito introvertida, estava sempre sossegadinha, elas nunca interferiam muito. Ou então quando era no início para posicionarem os alunos diziam “quem vê mal, ou quem é que ouve mal. Eu dizia “eu oiço mal”, então punham-me à frente. Não sentia assim grande dificuldade. Eles próprios quando sabiam que eu ouvia mal, faziam a pergunta, se sabiam que eu não dava uma resposta correcta voltavam a repetir.

Entrevistadora – Que tipo de barreiras, obstáculos encontrou pelas escolas por onde passou?

Entrevistada – De início, porque era jovem e estava assim na fase da adolescência, uma fase já por si já muito complicada, não é? Eu costumo ultrapassar essa fase complicada e ainda por cima com este problema às costas. Depois os colegas, que também estavam a viver esta fase da adolescência, gozavam comigo, porque achavam piada eu ser mouca, surda nem sequer se apercebiam que aquilo magoava. À medida que o tempo passava, depois a turma até era a mesma, acabaram por amadurecer por de pé a última operação que fiz, eles até me foram visitar ao hospital, e prestar um certo apoio Depois os colegas, que também estavam a viver esta fase da adolescência, gozavam comigo, porque achavam piada eu ser mouca,

surda nem sequer se apercebiam que aquilo magoava. Depois daquele trauma e da 1ª cirurgia que eu fiz, foi ótimo porque eu recuperei a audição, criei novas amizades, criei uma auto-estima maior, arranjei um namorado. Tudo bem, mas ao fim de 2 anos houve aquela ruptura, e ao fim de 2 anos eu já estava a trabalhar e a estudar em simultâneo. Depois houve a ruptura do namoro porque a mãe do rapaz dizia que eu ia fazê-lo infeliz. Foi muito difícil para mim ultrapassar isso, mas depois lá continuei.

Entrevistadora – Quais são os seus principais problemas que enfrenta como deficiente?

Entrevistada – É assim, a prótese ajuda por um lado, mas por outro lado é incomodativa no aspecto em que eu ponho a prótese para ouvir, mas a prótese amplia demasiado os sons. Imagine eu entro no metropolitano, o metropolitano faz aquele ruído característico e eu aí sinto necessidade de desligar o aparelho porque preciso de sossego para a minha cabeça. Eu oiço na mesma o ruído só que mais suave. Entretanto há uma pessoa qualquer que no metropolitano me faz uma pergunta. Tenho logo que ligar o aparelho. E a pessoa dá-se conta “Ah desculpe eu não sabia.” “Não faz mal.” Ligo o aparelho e depois dou-lhe a resposta. Às vezes até acontece que eu consigo perceber mesmo com o aparelho desligado, mas outras vezes não consigo, e portanto é uma barreira.

Entrevistadora – Além dos problemas que me falou, que outros problemas enfrenta?

Entrevistada – Não acho nada de especial, porque é assim, quando as pessoas não sabem que eu tenho este

problema, eu sinto-me às vezes desconfortável porque é assim; eu vou a um sítio onde não conheço ninguém, e não chego lá e vou dizer “Olhe eu sou deficiente auditiva ou oiço mal”. Pronto aguardo o desenrolar da situação, depois a situação por vezes complica-se. Uma vez eu fui resolver um problema ainda havia aqueles balcões com guichet e então a senhora perguntou-me qualquer coisa e eu não conseguia perceber “Olhe desculpe não percebi”. E á 3ª vês a senhora disse-me “ a senhora é surda ou quê?” Eu fiquei muito angustiada e eu sinto quanto mais as pessoas repetem e eu não oiço, porque estar nervosa, começo a ficar cada vez mais nervosa menos compreendo. Como é uma situação pública a pessoa sente-se mais evidenciada. Depois eu disse à senhora “Olhe desculpe é que eu oiço mal “. Quando ela disse “Ai a senhora é surda ou quê?” Eu já estava tão aborrecida tal como a senhora estava e disse assim: “Por acaso até sou. Tenho aqui assim aparelho “ Ela disse “Está a gozar comigo ou quê?” “Não, não estou nada tenho aqui aparelho” “então se a senhora é surda porque é que não disse logo?” E começou a gritar. “não é preciso estar a gritar-me dessa maneira, basta repetir.” Ela dizia “Mas eu já repeti 3 vezes e a senhora só agora é que diz que é surda” . São situações desagradáveis.

Entrevistadora – Fale-me agora um pouco do seu percurso profissional, há quantos anos lecciona?

Entrevistada – Há 28.

Entrevistadora – Por quantas escolas passou?

Entrevistada – É assim propriamente escolas não passei por muitas, porque eu tive aqui como Auxiliar primeiro nos 5 anos enquanto andei a fazer o curso, a terminar 12º ,

depois envolvi-me no curso, envolvi-me em outras actividades, porque foi uma maneira de eu arranjar uma estratégia para ter uma terapia. Isto é: eu achava que não me devia fechar. Cheguei a uma certa altura e pensei “Isto não é nenhum bicho de sete cabeças”. Há coisas piores porque quando eu fiz a 3ª intervenção cirúrgica tive num hospital onde vi coisas mais complicadas, as pessoas que estavam à beira da morte, as pessoas que não podiam andar, pessoas que não podiam ver, eu pensei que até era muito sortuda em relação àquelas pessoas que não tinha problema nenhum. Isto era uma coisa tão insignificante que era uma estupidez da minha parte eu não poder lutar e ir para a frente se eu até tinha braços, pernas, via e era só uma pequena deficiência, não era nada de grave. Está bem que eu estava muito traumatizada por tudo o que me tinham feito a nível psicológico, mas acho que isso não era suficiente, eu havia de mostrar aos outros que lá por ser deficiente não era uma pessoa inválida. Eu poderia fazer a mesma coisa que as pessoas fazem, até porque houver as próteses para ajudar a pessoa não tem problema nenhum, e acho que o meu problema é muito mais suave do que o da nossa telefonista que é invisual. E ela tem possibilidade em deslocar-se, anda sempre com o cão guia, ou até alguma colega que lhe dá um apoio, e eu não preciso nada disso. Eu achava que estava a ser um pouco egoísta, pensava coitadinha de mim, coitadinha não era ao fim ao cabo eu tinha todas as possibilidades para ter sucesso na vida. Eu como tinha sido uma criança assim um pouco mal amada, digamos, apesar dos meus pais darem-me o afecto que eles achavam que era o mais adequado na altura, mas não me souberam amar à minha maneira, amaram-me à maneira deles. O resultado, isso criou em mim um adulto

assim um pouco introvertido, e cheguei a um ponto em que pensei “Não paramos por aqui e vamos à luta.” Então inscrevi-me em várias actividades, desde dar catequese onde podia estar em contacto com crianças, depois eu também tive a vantagem de viver aqui nesta casa onde nasceu o infantário. Isso foi tudo um apelo para a minha pessoa. Eu desde pequenina, sempre tive aquela ideia de ser professora primária, tinha as minhas bonequinhas em fila com uns lápis e uns cadernos e depois tive sempre aquela tendência. Entretanto quando isto abriu e eu vi que até havia uma facilidade em que podia conjugar a canção com trabalhos artísticos, com leituras, com contas, achei que era muito mais interessante. Assim que eu terminei o liceu ficou incompleto devido às minhas dificuldades que era línguas Francês e Inglês, e portanto não consegui completar logo na 1ª vez o 11º, podia ter desistido. Consegui aqui ficar como Auxiliar, eu achei que tinha muito mais capacidades e então continuei a estudar à noite, a ter muita dificuldade, mas continuei, não parei e depois ainda aos fins-de-semana arranja hipótese de ir dar catequese ou outra coisa que envolvessem pessoas. Eu sentia necessidade de comunicar com os outros. Aquele tempo todo que eu tinha estado muito encaixada durante a adolescência naquele momento despontou, e depois ainda por cima tinha ficado sem o namorado, eu achava que não devia me devia magoar mais ainda. Não era fechando que eu ia melhorar a minha situação, e portanto eu não tinha que ter pena de mim. Isso levou-me a melhorar a situação e procurar outras coisas. Inscrevi-me em vários cursos, depois fui tirar a carta de condução, mesmo contra a vontade dos meus pais, fiz este Curso de Educadora contra

a vontade dos meus pais. Eu sou uma pessoa muito teimosa.

Entrevistadora – Fale-me um pouco do seu percurso escolar. Começando pelas primeiras escolas por onde passou quais foram os seus principais problemas?

Entrevistada – Até á 4ª classe não tive problema nenhum, no 1º Ciclo também não, aos 14 anos é que comecei a ouvir mal.

Entrevistadora – Os alunos aceitaram bem a sua deficiência? Que atitudes tomaram?

Entrevistada – Eu nunca tive problemas com as crianças, elas nunca se apercebem. Este ano, por exemplo, achei uma coisa assim triste e que me incomodou um pouco, mas depois também não falei com a pessoa em si, é que nós temos um gabinete de Intervenção Precoce, mas este ano entrou outra pessoa a trabalhar nesse gabinete. Por acaso eu chamei a atenção para dois casos de crianças que tinham lá, que como vão para a escola primária para o próximo ano, eu achei que deviam de ter um acompanhamento. Uma tem dificuldade em articular, outra tem dificuldade no processo de auto-estima em que está sempre retraída, não fala com os adultos, só com os colegas. Achei que se deveria ali dar um pouco de atenção, e já como eram duas pessoas falei nisso e então a senhora como sabia que eu ouvia mal, tinha aquele rótulo imaginou que isto era uma coisa gravíssima e achou que eu não transmitia bem com as crianças. E perguntou às crianças quando eu não ouvia para elas falarem mais alto ou qualquer coisa. As crianças ficaram muito admiradas porque não sabiam, ela ficou também admirada e disse-me

“Ah, olha fiquei admirada porque as tuas meninas quando eu falei que não ouvias bem, não sabiam. Eu pensei “então se não sabiam é porque não acharam necessidade, não havia necessidade de ela ter falado no problema às crianças. Eu não tenho em dizer “olhe desculpe lá eu oiço mal tenho próteses”. As crianças perguntam-me o que é isto que eu tenho no ouvido. Eu digo “isto é um aparelho que me ajuda a ouvir melhor, porque eu oiço mal. É como as pessoas que têm óculos elas não são cegas, vêm mal e os óculos ajudam. É a mesma coisa. “ Se eu não ouvisse mesmo nada, nada nem este aparelho nem o outro me podiam ajudar. Mas isto é para me ajudar a ouvir melhor. Se eu tirar este aparelho ouço muito mal, oiço a tua voz, mas não percebo o que tu dizes. “ Pronto e as crianças entendem, as crianças acham muito mais fácil de entender as situações do que os adultos.

Entrevistadora – Os colegas lidaram bem com a sua deficiência? Como reagiram ao saber que no seu dia-a-dia iam trabalhar com uma educadora deficiente auditiva?

Entrevistada - As pessoas de uma forma geral quando entraram eu já cá estava. Eu já vivia nesta casa quando elas vieram eu já cá estava a trabalhar. Numa 1ª fase eu entrei com 18, 19 anos e eu nessa altura ainda ouvia bem. Quando foi aos 20 é que voltou outra vez a ter retrocesso., As pessoas, pronto, houve algumas achavam piada e uma certa chacota “Ai coitada, coitadinha” outras gozavam e eu acho que isso era má formação por parte das pessoas, não tinha nada que ser uma situação de gozo. Uma deficiência é uma situação que merece respeito, não é pena, mas ajudar o outro até no dia-a-dia mesmo que não há deficiências nenhuma nós devemos ajudar o outro quando

está em dificuldade. Por exemplo ali o porteiro às vezes está a baixar-se e entretanto não ouviu a campainha tocar. Se a gente disser “Olhe estão a tocar a campainha” estamos a ajudá-lo, não vamos gozar com o senhor só porque o senhor se baixou e não se apercebeu da situação. Portanto eu acho que isso depende da formação de cada um. Porque eu tive até uma a senhora era assistente social e era a coordenadora do infantário, eu senti-me muito triste porque na altura quando eu ascendi para educadora, eu era auxiliar e depois concorri para educadora, e quando eu ia às reuniões a senhora evidenciava o problema. Dizia “ Ó (...) está a ouvir-me bem? Tem o aparelho ligado?” Eu sentia-me mal, não é? Todos os olhos incidiam sobre mim. Eu dizia “Claro que tenho o aparelho ligado, de outra forma não o tinha trazido, deixava-o em casa. “ Era uma maneira de lhe dar um estalo psicológico, até porque se eu não estivesse a ouvir, era problema meu e eu é que tinha que pedir a repetição ou qualquer coisa. “Ah é que se não estiver a ouvir diga. “ “ah eu sei disso, não vale a pena estar a frisar. “ Achava aquilo incorrecto porque imagine a senhora estava aqui assim nesta porta próximo das escadas e eu estava lá ao fundo do corredor e punha-se “Ó Maria ...” ao fim de uma certa agressividade pensei:” uma pessoa com aquela formação não devia estar a usar aquela forma porque estava a dar mau exemplo ao resto das colegas que ainda tinham pior formação, não é? Eu chegava perto da senhora e dizia: “Olhe desculpe queria falar comigo bastava fazer um gesto que eu tinha percebido que era para vir ter consigo, escusava de estar para aí a gritar pelo corredor fora, e além disso as pessoas olham para mim “Ai desculpe, desculpe” Mas acho que a senhora fazia isso assim um

pouco com um certo gozo pessoal. Eu às vezes sentia uma certa revolta e dizia assim: “ Não cuspas para o ar porque te pode cair na cara, tens lá umas pilhas, tu não és perfeita no mundo, a gente não sabe o que pode acontecer de um dia para o outro. Tás perfeita, podes ir a atravessar uma estrada e acontecer um acidente, dar um AVC, outra coisa qualquer pode acontecer.” Porque eu não nasci assim eu acho que as pessoas devem encarar a deficiência não como compaixão, mas ter que ajudar o outro. Não é estar ali a gozar ou então a ter pena “Ah coitadinho como é surdo, olha-me deixa-me cá...” Outras pessoas encarara-me como uma espécie de bicho assim especial. A própria curiosidade de ir as pessoas à minha sala perguntar qualquer coisa, mas falavam alto “olha quantos meninos tens hoje?” Eu dizia: “Olhe não se importa de falar mais baixo?” “Ai, mas ouvi dizer que você é ...” “olhe complete a frase que sou surda, pois oiço mal, mas não há necessidade de estar para aí aos gritos, quando eu não perceber eu pergunto.” Pronto tive que ir aos poucos ganhando essa coragem e essa força para enfrentar o Mundo. Porque senão for assim não se consegue nada.

Entrevistadora – Os pais/encarregados de educação reagiram bem à sua presença? Que atitudes e comportamentos tiveram para consigo?

Entrevistada – Nunca tive problema porque é como lhe digo quando não percebo, de uma forma geral isso não é assim notório, mas quando dou uma resposta que não corresponde à pergunta que me fizeram, depois é natural as pessoas das duas uma ou pesam “olha ou a senhora é pateta por não me conhecerem, ou então não ouve”. Eu tenho sempre o cuidado de às vezes as pessoas não

entendam ou não percebiam “olhe desculpe não leve a mal, mas é que eu oiço mal, tenho uma prótese, mas não vale a pena gritar. Quando vir que eu não percebia repita outra vez. “ A maior parte das pessoas que entram num infantário, há imenso barulho, e até as próprias pessoas que ouvem bem têm dificuldade em ouvir. Portanto eu não tenho tido assim grandes dificuldades no meu trabalho.

Entrevistadora – Alguma vez sentiu-se discriminada por ser deficiente?

Entrevistada – Sim, porque há pessoas que às vezes acham que eu como não oiço não devem dar-me tanta atenção, ou por exemplo estou numa reunião e dou uma opinião, mas às vezes até pronto o assunto até já foi abordado e eu ainda estava a matutar naquilo e atrasei-me na resposta e a pessoa diz “a coitada deixa para lá” nem ligam nem dão grande importância às coisas. E eu Às vezes até por brincadeira penso assim “olha deixa lá já que tinha a fama alcanço o proveito.” Às vezes elas pensam que eu não estou a ouvir, e é engraçado porque é assim: às vezes as pessoas pensam que eu não estou a ouvir e eu estou a ouvir sem necessidade porque, não sei, o aparelho é uma espécie de parabólica e capta as ondas. Eu ouço perfeitamente pessoas que nem tenho interesse. Às vezes num café oiço a conversa toda das senhoras que estão ali atrás que não me diz respeito nenhum, e no entanto tou frente a frente com outra pessoa e ela às vezes até está a falar comigo e eu há certas palavras que eu não entendo. Mas que raio de surdez é esta que coisas que não me interessa estou a ouvir, e outras que quero ouvir não oiço. É complicado, mas pronto tirando isso não vejo assim maior problema. Só quando fiquei grávida, e também vive

uma gravidez angustiante, com receio que ficasse pior. Os médicos tinham advertido isso, quando foi o meu 1º filho eu queria muito, ele foi programado, e portanto tive uma vigilância médica muito cerrada a nível da rinologia e a nível de ginecologia, tudo ali assim muito hora e peso marcado. Tive assim cesariana porque eles também achavam que poderia ser a própria dilatação que pudesse ter provocado qualquer explosão, digamos interior, acho que isso não tinha nada a ver. Outros dizem que isto é um problema a nível hormonal, portanto seria durante a gestação que poderia haver um factor que implicasse uma menor audição e a criança vir a ter problemas. Agora eles falharam nos diagnósticos porque não houve nem alteração para mim para pior, nem as crianças até agora não tiveram problema nenhum. Não sei podem vir a ter.

Entrevistadora – As escolas por onde passou, a nível profissional, estavam preparadas para receber um professor com deficiência?

Entrevistada – Isto como é uma deficiência tão pouco notória, tão pequena nunca tive problema assim de maior. Às vezes tinha problema no atendimento telefónico ou que as linhas se cruzassem, e é assim: eu estive a trabalhar primeiro aqui como Auxiliar depois estive noutras escolas, mas tudo ligado às nossas unidades de educação e então as pessoas receberam-me mais ou menos bem. Umas sabiam que eu ouvia mal, não ligavam, outras brincavam, não é? Entretanto houve uma altura em que eu fui para coordenar parques infantis, então eu não tive dificuldade porque as pessoas falavam individualmente comigo. Até porque as pessoas criticam um pouco de eu ouvir mal e falar muito baixo, e eu disse: “Mas é que eu não sou surda,

oiço mal. “ Portanto só os surdos é que devem falar muito alto porque não ouvem a própria voz. Agora eu oiço muito bem a minha voz e não quero que as pessoas às vezes oiçam determinadas coisas que eu estou a falar com outras. Mas as pessoas não entendem porque é que eu falo muito baixo. E então eu tive num sector, num parque infantil, aí também não tive problema, mas depois tive também uns 9 anos no sector infanto-juvenil, numa biblioteca pública. Aí eu tinha umas certas dificuldades para atender o telefone. Talvez as próteses ainda não tivessem tão adaptadas ou qualquer coisa, e por vezes eu trocava determinadas pessoas ou chamar alguém que não correspondia à pessoa pretendida. Tinha muita dificuldade em atender o telefone. Mas não era propriamente telefonista, mas as pessoas ficavam incomodadas com isso porque eu ia chamar o beltrano para atender o telefone que era para sicrano. Depois houve outra altura em que eu trabalhei numa biblioteca e que havia deficientes visuais. Um dia aconteceu um episódio engraçado em que estava eu e um senhor invisual na biblioteca. Eu estava na recepção, naquele dia tinha faltado alguém, e eu fiquei lá. Como eu não ouvi bem o que é que o senhor transmitiu do outro lado, eu fui a correr chamar o senhor invisual e disse: “ O (...) venha cá comigo e empreste-me o seu ouvido, venha cá. “ Puxei o senhor até ao telefone para ele ouvir então a coisa. Então nós dizíamos eu era os olhos dele e ele era os meus ouvidos. Outro episódio engraçado foi que fui almoçar com esse senhor e ele queria ir ao banco, à Caixa que era mesmo em frente. Havia 2 portas e então eu como via estava a introduzir o senhor na porta errada. “Menina não é aqui.” “É é senhor d vamos lá entrar deixe-se lá de coisas.” Quando eu ia entrar veio o segurança e

disse: “olhe para entrar para a caixa é ali nas portas do lado “ O senhor que não via sabia e eu que via. Veja bem. Lá está situações muito complicadas, mas tirando isso...

Entrevistadora – Fale-me agora um pouco do seu dia-a-dia como deficiente . No percurso casa trabalho que barreiras encontra?

Entrevistada – Tenho aquela que já disse que às vezes tenho necessidade de desligar o aparelho, e alguém me interpela eu tenho que ligar o aparelho, mas também não há problema de maior, outras vezes, de uma forma geral, desde que não haja ruídos intensos eu não sinto necessidade de desligar o aparelho. Daí até me esqueço muitas vezes que uso aparelho. Só me lembro às vezes quando toco e isto faz um feedback, ou só me lembro quando estou em casa e o tiro para descansar, para tomar banho, para dormir. Mas em casa a minha família, quando sabe que eu estou cansada eu tiro o aparelho e digo mesmo: “olha tou sem aparelho”. Eles já sabem se estão a falar e eu não estou a responder é porque não ouvi. Vêm falar mais junto ao ouvido, se falarem perto do ouvido eu oiço, mas só do ouvido direito, se falarem ao ouvido esquerdo não oiço nada. Por exemplo eu vou na rua com uma pessoa, se a pessoa estiver do lado direito, eu capto melhor o som do que do lado esquerdo, de modo que se eu me sentir do lado que não oiço eu logo a correr a pôr ao lado direito da pessoa, ou ao lado esquerdo da pessoa porque oiço do lado direito. E às vezes as pessoas dizem-me “porque é que andas sempre de um lado para o outro?” “ Porque oiço melhor deste lado “ quando tenho à vontade com a pessoa, quando não tenho “ah desculpa lá é que eu gosto mais de vir aqui deste lado.”

Entrevistadora – Nas suas relações sociais no quotidiano, como é que as pessoas lidam com a sua deficiência? Vamos esquecer o local de trabalho, estamos na rua uma pessoa estranha como é que olha para si?

Entrevistada - Em princípio não tem problema de maior, mas se houver eu digo “ai desculpe é que eu oiço mal”. As pessoas também não reagem assim tão mal. Às vezes são capazes de olhar assim por curiosidade, mas nem vêm.

Entrevistadora – Fale-me das suas actividades sociais. É membro de algum clube, associação ou colectividade?

Entrevistada – Não, já fui membro da Associação dos Educadores de Infância da APEI, já fui sindicalizada, mas agora não tenho assim...

Entrevistadora – Fale – me dos seus amigos e da participação deles na sua vida quotidiana.

Entrevistada – Os meus amigos, por exemplo a (...) está sempre a irritar-me, mas as colegas aceita-me bem. Eu às vezes é que digo: “olha desculpa lá não percebi” e elas repetem, outras vezes eu fico chateada porque elas não repetem ou então dizem “deixa para lá não interessa.” depois fico um pouco triste porque não percebi o que elas disseram e não me quiseram dizer. Mas depois ainda fico cheia de curiosidade e vou perguntar a outra: “o que é que foi que disseram?” Pronto às vezes contam-me outras vezes não me contam. “olha perdi qualquer coisa que não percebi.” Muitas vezes na reunião com o barulho e com aquela confusão toda eu não consigo captar tudo. Mas às vezes por uma palavra tiro outra, outras vezes faço uma grande confusão, penso que percebi uma coisa e não tem

nada a ver com aquilo, já só ouvi o final da conversa, depois tenho que deduzir e às vezes as coisas não estão bem e depois tenho que ir tirar dúvidas com outras pessoas. É só mais esse tipo de complicação que tenho. De resto acho que dá para fazer o meu dia-a-dia normalmente. Acho que há casos piores

Entrevistadora – Por último e para terminarmos a nossa entrevista fale-me dos seus sonhos, projectos e aspirações que tenha para o futuro.

Entrevistada – Eu cheguei a um ponto, perto já dos 50, em que já penso ter vivido metade da minha vida, não é? E já alcancei tudo o que eu queria. Queria ser educadora e já consegui, queria casar consegui, queria ter filhos consegui, e agora sinto-me realizada profissionalmente. Tive muito tempo em creches e lutei imenso para chegar ao Jardim Infantil, porque queria ter uma prática com crianças do Jardim de Infância e queria apanhar todas as faixas etárias e eu tinha estado sempre em creches. Mas eu lutei, fiz maneio, como tenho sempre uma adesão muito boa por parte dos pais, porque eu sou apesar de deficiente, sou muito brincalhona, muito activa. E às vezes há pessoas que dizem: “Como é que uma pessoa com uma deficiência está assim tão bem disposta?” eu digo “se calhar é por isso que é deficiente. “ (risos)

Entrevistadora – Obrigada pela sua entrevista e pela sua disponibilidade.

Entrevistada – Ok, obrigada também.

Dados Sócio Demográficos

Entrevista n.º5

Idade: 48 anos.

Sexo: Feminino.

Estado Civil: Casada.

Residência: Grande Lisboa.

Profissão: Educadora de Infância.

Entrevista nº5

Temas	Categorias	Subcategorias	Indicadores
Caracterização da Deficiência	Caracterização da deficiência	Tipo	Auditiva
		Adquirida /Congénita	Hereditária
	Concepção da deficiência	Caracterização	Otoesclorose
		Noção de deficiência	Deficiente é sempre uma limitação(...)psicológica e enquanto não nos conhecermos
História familiar	Papel da família	Limitações	sem a prótese, em casa não oiço os sons graves,
		Vivência da deficiência	eu pessoalmente agora vivo bem, estou bem comigo porque consegui ultrapassar o problema
		Momentos marcantes	Aula de Economia, confusão entre a palavra vasto e basto.
		Apoio familiar	Inicialmente, não aceitação da deficiência

Integração e inclusão na escola	Papel da escola	Relação professor aluno	Não faz referência
		Relação entre pares	Não era boa, os colegas gozavam com a situação
História Profissional	Percurso profissional	Apoios Escolares	Não teve apoios
		Barreiras	Barreiras sociais – problemas com os colegas.
		Antiguidade	Tem 28 anos de serviço
		Situação profissional	É do quadro
		Nº de escolas por onde passou	Trabalhou sempre no mesmo sítio
		Relação com os colegas	Relação de incompreensão e desconhecimento
		Relação com Enc de Educação	Nunca teve problemas, porque quando não percebia pedia para repetirem.
		Relação com os alunos	Nunca teve problemas com as crianças
		Barreiras	Barreiras de Comunicação
		Dificuldades casa/trabalho (forma	Como se trata de uma pessoa deficiente auditiva
Barreiras físicas e arquitectónicas	Dificuldades /facilidades do deficiente		

<p>Perspectivas futuras dos professores</p>	<p>Perspectivas Futuras</p>	<p>Projectos</p>	<p>Eu cheguei a um ponto, perto já dos 50, em que já penso ter vivido metade da minha vida, não é? E já alcancei tudo o que eu queria</p>
		<p>Sonhos</p>	
		<p>Aspirações</p>	

Entrevista N° 6

Entrevista n.º6 dia 22 de Fevereiro de 2010, 16 horas,

Entrevistadora – Boa tarde, vou fazer-lhe algumas perguntas das quais garanto o seu anonimato. O seu nome vai ser substituído por outro. Os nomes de escola serão omitidos, outros nomes de locais terão nome genérico.

Primeiro preciso de saber algumas informações:

Que idade tem?

Entrevistado - Boa tarde, então cara colega tenho 57 anos.

Entrevistadora – Qual é a zona da sua residência?

Entrevistado – É arredores de Lisboa.

Entrevistadora – Qual é o seu estado civil?

Entrevistado – Casado.

Entrevistadora – Qual é a composição do seu agregado familiar?

Entrevistado – Três pessoas.

Entrevistadora – Quais as suas habilitações académicas?

Entrevistado – Licenciatura em Filosofia, neste caso.

Entrevistadora – Qual é a sua profissão?

Entrevistado – Neste momento, já não sou propriamente professor em termos administrativos. Em termos administrativos sou Técnico Superior, embora com funções docentes, posso dizer.

Entrevistadora – Como sabe o tema da nossa entrevista é sobre a integração do professor com deficiência no seu local de trabalho. Fale-me um pouco da sua deficiência. Como é que a adquiriu?

Entrevistado – A deficiência é significativa, foi adquirida já na adolescência, portanto, 18/19 anos, se bem que se tivesse manifestado já ao longo da infância e prolongado pela adolescência.

Entrevistadora – Quais são as suas principais limitações?

Entrevistado – É uma pergunta muito vaga, que eu tenho alguma dificuldade em responder dessa forma. Portanto é difícil dizer-lhe. Neste momento tenho uma postura de autonomia muito conseguida, muito concreta e portanto é difícil falar assim em limitações de uma forma tão vaga.

Entrevistadora – O que é para si ser deficiente em Portugal?

Entrevistado – Tenho alguma dificuldade, também em responder a essa questão. Não faço ideia como é nos outros países, se calhar cá pode-se sentir mais do que nos outros países, mas como também não tenho termo concreto de comparação é difícil de responder. Penso que nós, no caso da deficiência visual temos conseguido grandes vitórias, sobretudo a partir dos anos 60. Conseguiu-se uma integração muito concreta, não só a nível da educação, como a outros níveis. Em relação à autonomia das pessoas de mais idade, a partir dos centros de reabilitação, portanto, eu penso que as vitórias que temos conseguido em relação à deficiência visual têm tido algum significado. Lembro-me que aqui há alguns anos

ouvi dizer que éramos um país com um nível de integração em que os cegos alcançaram uma autonomia bem significativa. Portanto penso que não é tão mau o nosso panorama como se calhar por exemplo podíamos pensar.

Entrevistadora – Como vive a sua deficiência no seu dia-a-dia?

Entrevistado – Não vivo a minha deficiência porque digamos que as aquisições que tenho vindo a fazer a nível de cultura e o meu nível de autonomia tem posto bastante à vontade em relação a ela e consigo passar sem que ela constitua um handicap significativo.

Entrevistadora – Que momentos mais o marcaram na sua vida como deficiente?

Entrevistado – No início a perda, digamos, de autonomia, a perda de visão, a perda de contacto directo com as cores foi significativo, depois uma rejeição no sentido de afastamento em relação ao comum da sociedade, também foram. Mas tudo isso foi sendo ultrapassado quando, lá está, ao nível de consciencialização foi sendo garantido um nível de autonomia também e portanto a conclusão de que mais ou menos conseguia atingir um estatuto na sociedade que me punha à vontade face a qualquer outra pessoa, e portanto ultrapassei.

Entrevistadora – Vamos agora falar do seu percurso familiar e escolar. Como é que a sua família lidou com a sua deficiência?

Entrevistado – Uma certa tracção, uma certa pena, um sentido de alguma inferioridade, mas que também mais ou menos foi aconteceu num período de espaço relativamente

pequeno na medida com a conquista que fui fazendo ao longo da vida facilmente foi anulada. Passei a ocupar o meu lugar em termos familiares como qualquer outro dos meus membros da minha família.

Entrevistadora – No seu percurso escolar, começando pelo 1º Ciclo como foi a sua relação com os seus professores e colegas?

Entrevistado – Por princípio sou uma pessoa sociável, facilmente sociável, com uma boa capacidade de relacionamento e sempre com um sentido de integração bastante alargado e senti facilidade. Por princípio não hostilizo as pessoas, portanto é fácil relacionar-me é fácil fazer amigos, é fácil aceitar a autoridade do professor, portanto tive facilidade em integrar-me em qualquer turma, tive facilidade em reconhecer o professor, em reconhecer a autoridade do professor, relacionar-me bem com ele, portanto os pequenos prós que possa ter encontrado foram facilmente também ultrapassados. Não tenho assim quase nenhum facto. Aconteceu-me uma vez com um professor da faculdade que, naquelas turmas da faculdade sobretudo do 1º ano que tinham 100 alunos, havia um ou outro com deficiência visual, e achei um bocado estranho e manifestei essa estranheza ao professor por ele ter feito a comparação quando a avaliação fez a comparação com o meu colega cego quando eu achei que não fazia sentido. Porquê comparar-me com outro colega cego, quando a turma era de umas boas dezenas deles? Foi um pequeno pormenor, e posso dizer que não tenho pormenores muito mais significativos do que esse em termos do relacionamento com professores.

Entrevistadora – No seu percurso escolar beneficiou de alguns apoios? Por exemplo professor do Ensino Especial, equipamentos adaptados.

Entrevistado – Na minha escolaridade, eu já fiz a escolaridade toda ela a partir do actual 5º ano, o antigo 2º Ciclo, já fiz com a deficiência visual portando fiz o Ensino Preparatório numa instituição de cegos. Fiz também o actual 3º Ciclo também numa instituição para cegos, portanto mais ou menos, pois pode ter sido uma vantagem que coincidiu mais ou menos com a perda total de visão e portanto pode ter sido um período talvez mais fácil por esse lado. Portanto, mais ou menos tinha os livros em Braille ou auxiliares em gravação. Os materias com que se trabalhava eram os gravadores, as máquinas de escrever e o Braille. Foi sempre possível encontrar os materiais para trabalhar, como digo, com gravadores e com máquinas de escrever foi sempre possível o contacto com os materiais e com a forma de os fazer chegar ao professor. Não foi tão complicado como isso.

Entrevistadora – Que tipo de barreiras (obstáculos) encontrou pelas escolas por onde passou?

Entrevistado – Como aluno?

Entrevistadora – Como aluno.

Entrevistado – Como aluno, as escolas por onde passei, também não passei por muitas escolas, passei apenas pelo Liceu (...) como escola mesmo. Foi aí que fiz a minha o meu secundário e lembro-me que é uma escola com boa acessibilidade, portanto não tive assim grandes problemas de maior em relação a esse aspecto. Fiz o curso nocturno,

o complementar nocturno, e talvez até pelo facto de ter sido integrado numa turma onde tinha colegas mais ou menos da mesma idade e todos com bons objectivos fizemos parte de uma turma com muito boa perspectiva de vida e de onde saíram bons, bons, pessoas que se instalaram socialmente, bem na sociedade em termos profissionais e não só. Portanto foi bom por esse lado, pelo lado social, foi bom pelo lado da integração da escola em si. Portanto foi uma boa experiência, portanto não tenho nada a dizer assim em relação a ela.

Entrevistadora – Quais são os principais problemas que enfrenta no seu dia-a-dia como deficiente?

Entrevistado – Confesso que não me queixo assim de problemas em especial. No meu dia-a-dia há assim pequenos pormenores que são sempre pormenores que é de considerar, sei lá, aqueles que podem pôr em causa a minha integridade física, acessibilidades não garantidas sei lá como por exemplo uma estação de comboio ter espaços limitados para passar e a pessoa se não se acautelar poder dar com a cabeça aqui ou ali. Há dois ou três exemplos mesmo em estações que foram reformuladas há bem pouco tempo. Por exemplo para mim não causa problema este fechar das portas tanto no metro como nas estações. O que me causa mais problema é aquisição do bilhete que as máquinas por não terem por exemplo, interface que me permita lidar com elas não tenho autonomia a esse nível. Portanto digamos que é um pormenor que com algum significado e que no nível em que estamos já podia estar resolvido. São esses pequenos pormenores que não favorecem, não ajudam muito, mas também mais ou menos vamos conseguindo lidar com eles.

Entrevistadora – Fale-me agora um pouco do seu percurso profissional. Há quantos anos lecciona?

Entrevistado – Portanto eu lecciono há 25 anos, 26 anos. Na altura leccionava Filosofia e Sociologia. Considero que tive, que foi bom o facto de ser esta disciplina, porque para mim a minha perspectiva foi encontrar alunos já com mais idade, maior maturidade, isso pode ter sido bom. Não sei se é tanto assim ou não, mas a disciplina em si e o nível etário penso que foram dois elementos que foram positivos, mas isso não quer dizer que não tenha alunos, não tenha encontrado turmas piores. Portanto, por vezes, há turmas que são complicadas porque a confusão, o barulho nem sempre foi fácil controlar, mas às vezes ainda é pior a indiferença do que até o próprio distúrbio que é o próprio ruído que a turma em si contempla.

Entrevistadora – Por quantas escolas passou?

Entrevistado – Eu posso neste momento, se eu fosse a contar as escolas por onde passei em termos profissionais eu penso que já atinge a centena. É certo que como professor propriamente dito estive em três. Passei por três escolas. Agora ultimamente tem sido como Técnico e como Docente mais ligado às áreas de Informática onde instalo programas, onde dou aquela formação básica nos programas específicos, neste caso para a deficiência visual, portanto configuro impressoras que imprimem em Braille. Faço um pouco de tudo isso, e como digo, em todos estes anos que já são os vinte e cinco, vinte e seis devo ter passado já por cem escolas à vontade. Se disser cem escolas não devo estar a errar muito.

Entrevistadora – Fale-me um pouco do seu percurso escolar. Comece pelas primeiras escolas por onde passou quais foram os principais problemas, em termos de acessibilidades, barreiras arquitectónicas?

Entrevistado – Mais ou menos há sempre uma ou outra escola mais mal enquadrada com pequenas questões que podem ser significativas. Eu tenho muita facilidade, ou seja tenho uma mobilidade facilmente garantida, um reconhecimento e uma orientação facilmente enquadráveis, portanto normalmente não tenho grandes questões. Chego a uma escola não, quer dizer há escolas em que eu quase não chega a funcionar autonomamente, porque chego, vou uma vez, duas vezes por ano, quase não chego a percorre-las eu só, é com a colega que encontro lá que eu faço este ou aquele percurso. Há casos em que eu não me apercebo se há obstáculos ou não há obstáculos. Mas é evidente que há uma escola ou outra que tem alguns problemas de acessibilidade que deveriam ser resolvidos e que seria bom. Mas como lhe digo, confesso que sempre eu próprio me deparo com eles.

Entrevistadora – Os alunos aceitaram bem a sua deficiência? Que atitudes tomaram?

Entrevistado – Não tenho assim grande queixa dos alunos. Houve sempre dois ou três que puderam ter assim uma atitude não de hostilidade aberta, mas passiva, uma hostilidade passiva, ou seja atitudes que não eram de confronto, mas eram de displicência, de manifestação de uma vontade pessoal que não tinha a ver com aquilo que estávamos a fazer. Portanto não tive nenhum confronto com nenhum aluno, mas houve duas ou três situações em

que realmente foi preciso chamar a atenção, foi preciso manifestar o meu desagrado pela atitude desse aluno.

Entrevistadora – Os colegas lidaram bem com a sua deficiência? Como reagiram ao saber que no seu dia-a-dia iam ter um professor com deficiência visual?

Entrevistado – Bem, em termos genéricos resultante da minha personalidade e da minha postura foi fácil digamos a integração e foi fácil o relacionamento. Mas não quer dizer que não houvesse um ou outro professor que tivesse, assim, uma atitude que até não manifesta ou assim, que tinha assim algo de uma não total aceitação. Mas é engraçado, por uma escola por onde passei, certo dia uma colega chega ao pé de mim e questiona-me ser eu que estava na sala tal, à hora tal. Eu estive a pensar e cheguei à conclusão que não tinha. Perguntei porquê. Disserem-me: “Ah é que havia alunos sentados nas janelas e percebeu-se que havia ali uma certa barafunda e não sei quê.” Depois estive a pensar e cheguei à conclusão que não tinha sido eu. Portanto tinha sido um colega meu e, lá está o meu pensamento, consideraram que eu como cego se calhar não tinha conseguido dominar a turma (risos) e portanto houve ali uma interpretação que, eu não posso dizer que isso não passe pela cabeça das pessoas. Mas isso nunca tive propriamente problemas por esse lado.

Entrevistadora - Os pais/encarregados de educação reagiram bem à sua presença? Que atitudes e comportamentos tiveram para com o colega?

Entrevistado – Pois, eu nunca tive assim problema nenhum. Tive alguns relacionamentos poucos com encarregados de educação. Também foram fáceis, nunca

tive ninguém a questionar-me, a porem em causa o meu trabalho, portanto a esse nível não tenho situação nenhuma que... Tenho bons exemplos até de reconhecimento do meu trabalho em relação aos filhos.

Entrevistadora – As escolas por onde passou estavam preparadas para receber um professor deficiente visual?

Entrevistado – Não, as escolas não estavam preparadas. Sempre há aquele problema que eu penso que hoje continua a existir, que eu e tive, e que para mim é um problema ao qual dificilmente a escola dará resposta, embora hoje a pessoa já o possa ter que é a questão da avaliação , a questão digamos da leitura dos testes. É evidente que hoje já há recursos para isso. Eu tive esse problema, ou seja ter os testes, ter a responsabilidade da avaliação e não ter o acesso directo aos testes às provas dos alunos. Isso para mim foi a grande questão que se pôs. A escola não tinha resposta para isso e dificilmente o teria. Hoje em dia os recursos já permitem uma resposta diferente, com os computadores, com esses equipamentos que já é muito fácil torneir a questão. Mas isso para mim foi a grande questão. A outros níveis é mais a questão dos materiais, é mais a questão dos materiais. Na altura existia os materiais que se conseguiam, e conseguiam-se materiais suficientes para leccionar. Não existiam ainda tantos recursos de materiais como existem hoje. Hoje as coisas estão mais ao menos acessíveis. Eu hoje não estou bem dentro do aproveitamento que os colegas fazem dele, mas eles mais ou menos também, penso que têm acessibilidade. Também naquele tempo a acessibilidade quase nem se punha, porque eles também não existiam.

Os recursos eram mais ou menos adequados à nossa necessidade.

Entrevistadora – Porque razão deixou o ensino está a trabalhar na DREL?

Entrevistado – Por duas razões, aliás se calhar só por uma. Porque eu quando terminei o curso já era funcionário do Ministério da Educação e fui reclassificado como Técnico Superior pouco depois de ter terminado o curso. Eu tive algumas dificuldades em ir dar aulas, os 3 anos em que dei aulas de Filosofia, Sociologia tive algumas dificuldades pelo facto de ser já do Ministério, ser já Técnico Superior. De tal modo que o 4º ano foi um ano integrado num projecto a partir de uma Escola Superior de Educação e que me abriu algumas perspectivas de trabalho dentro do quadro como Técnico Superior. Por esse facto e também pelo facto de ter tido logo a hipótese de subir de categoria nesse ano, e pelas questões que se tinham posto até aí em relação ao ser professor ao ir dar aulas, acabei por desistir do ensino e ficar pela carreira de Técnico Superior.

Entrevistada – Fale-me agora um pouco no seu dia-a-dia como deficiente. No seu percurso casa trabalho que barreiras encontra?

Entrevistado – Eu penso que as barreiras que eu encontro, então mais ou menos dominadas. Ora eu venho, moro perto da estação de comboios, há um ou outro pormenorzinho na rua mas nem eu...É evidente que há coisas que seriam melhor feitas de uma maneira ou de outra, sei lá. Eu saio ali na Estação de Roma/Areeiro, lá está tenho que ter alguma cautela devido a uma escada rolante, se não me acautelo dou lá com a cabeça, por

exemplo. O metro, tirando este metro que eu considero uma grande luta, que foi uma faixa em relevo que foi criada há pouco tempo na gare, eu acho que isso foi um passo extraordinário na acessibilidade, porque embora eu ache que parte de nós também a questão da segurança mas temos também ter elementos que depois nos permitam garantir essa segurança. É essa faixa que se calhar já viu na gare, eu acho que é extraordinário.

Entrevistadora – Também há nas escadas.

Entrevistado – Nas escadas também há. Mas para mim o problema maior põe-se em relação à gare, porque é sempre a questão que se põe. Pronto eu não tenho assim grandes problemas. Eu tanto venho por Roma/Areeiro como por Entrecampos como posso vir pelo Rossio. Ultrapasso bem os obstáculos que vou encontrando.

Entrevistadora – Alguma vez sentiu-se discriminado?

Entrevistado – Não.

Entrevistadora – Nas suas relações sociais do quotidiano, como é que as pessoas lidam com a sua deficiência?

Entrevistado – Hoje em dia até já com graça. Tenho amigos que encontro no café com quem me encontro no café, e é já mais com graça que a questão se põe em relação a isso. Não quer dizer que haja uma ou outra pessoa que questione como é que é, mas tirando isso já são poucas as situações, e são facilmente ultrapassadas. Não quer dizer que não aconteça, não quer dizer que não sejam algo constrangedoras, não é? Ou seja quando aparece uma pessoa nova, uma pessoa não conhecida, que se integre por qualquer razão no grupo e faça essas perguntas. Hoje

em dia encontra-se isso nos cafés e começam a questionar questões que já não me dizem nada. Porque eu considero já não precisar de responder, mas às vezes criam-se situações de algum constrangimento que para as quais já não tenho, posso dizer pachorra, não é? Mas também não é por isso...

Entrevistadora – Fale-me um pouco das suas actividades sociais, é membro de algum clube, associação ou colectividade?

Entrevistado – Eu já fui jogador de xadrez, fui sócio de um clube, fui jogador de xadrez. Joguei xadrez a nível oficial, a nível federativo, mas ultimamente sobretudo quando começaram os computadores em grande escala eu deixei de jogar xadrez, e com alguma pena porque para mim era um jogo espectacular. Mas também constituía o meu nível de jogador, foi sempre mais para o baixo do que para o médio sequer porque é um jogo de uma exigência muito grande, e eu a nível psicológico, como é um jogo que durar 3,4,5 horas, sentia que na maior parte dos jogos tinha uma quebra assim a meio de jogo e nem sequer conseguia levar o jogo a bom termo. Portanto acabei por, pode dizer-se desistir, de o praticar, pelo menos oficialmente e como digo com os computadores hoje em dia estou mais virado para a informática para livros que foi uma grande vitória um grande ganho com as novas tecnologias, e portanto é mais isso hoje em dia.

Entrevistadora – Fale-me dos seus amigos e da participação deles na sua vida quotidiana, como é que eles interagem com o colega?

Entrevistado – É muito fácil a interacção com eles, tanto a nível do serviço como a nível meramente social, meramente de café ou de bairro. É fácil, há sempre uma boa facilidade de relacionamento, uma troca de conversas ou mais rápida ou mais demoradas dependendo das situações dos momentos. Neste momento ainda conservo um grupo de amigos, não da faculdade, do liceu que eu considero muito interessante. Portanto ainda nos encontramos dependendo 8, 10, 12 às vezes lá vai aos 12. Aliás estamos para fazer um jantar esta semana (risos) e encontramos-nos alguns já reformados, 1 ou 2 são juízes, outros são professores, outros são técnicos superiores ainda nos podemos encontrar 8 ou 10, portanto eu para mim considero isso um dos grandes ganhos que eu fiz, não é?

Entrevistadora – Por último e para terminarmos a nossa entrevista fale-me dos seus sonhos, projectos e aspirações que tenha para o futuro.

Entrevistado – Já estou numa idade, digamos em que, mesmo em termos profissionais considero que atingi um patamar muito significativo em termos de carreira e tudo. É evidente que a nível político se calhar os últimos anos acabaram por não facilitar a minha perspectiva que eu tinha a esse nível, mas isso são as contingências das sociedades que nós temos. Mas eu próprio a nível profissional atingi um patamar de topo na carreira, portanto isso para mim foi um bom ganho. Agora numa perspectiva em termos profissionais, também é a reforma, mas já dentro de 3,4 anos com toda a certeza, e se calhar se fosse com as perspectivas antigas até poderia ser já dentro de 1 ano ou coisa que o valha, não quer dizer que não seja, mas

portanto isso é neste momento em termos mais imediatos a perspectiva que se põe. É evidente que tenho uma ideia de sair com algum ganho ou seja com uma perda não tão significativa como o que neste momento se perspectiva, não é? Isso é um aspecto, e depois é ter uma vida ainda com boas realizações. Eu continuo, uma das áreas de actividade que é muito significativa, é a digitalização de livros para as pessoas com deficiência visual e assim. Portanto quero continuar com ela. Fazer, viajar um pouco, viver um pouco fora deste ambiente. Viver um pouco na aldeia, na província onde tenho uma casa, viver mais próximo de alguns amigos, e fazer uma ou outra viagem que se calhar não foi possível fazer até aqui, mas que seja possível vir a realizar, e ter ainda alguns Bona anos, alguns anos sobretudo com saúde e com autonomia, que possa ser responsável ainda pela minha pessoa, não é?

Entrevistadora – Obrigada pela sua entrevista e pela sua disponibilidade.

Entrevistado – De modo algum.

Dados Sócio Demográficos

Entrevista n.º6

Idade: 57 anos.

Sexo: Masculino.

Estado Civil: Casado.

Residência: Arredores de Lisboa.

Profissão: Técnico Superior com funções docentes.

Entrevista nº6

Temas	Categorias	Subcategorias	Indicadores
Caracterização da Deficiência	Caracterização da deficiência	Tipo Adquirida /Congênita Caracterização	Visual Adquirida com 18/19 anos
		Noção de deficiência	O entrevistado considera que houve progressos na integração do deficiente visual, que não considera considera-lo como um problema
	Concepção da deficiência	Limitações	Neste momento tenho uma postura de autonomia muito conseguida, muito concreta e portanto é difícil falar assim em limitações de uma forma tão vaga
		Vivência da deficiência	O entrevistado aceita-se como deficiente

		Momentos marcantes	No início a perda, digamos, de autonomia, a perda de visão, a perda de contacto directo com as cores foi significativo, depois uma rejeição no sentido de afastamento em relação ao comum da sociedade, também foram.
História familiar	Papel da família	Apoio familiar	Rejeição inicial da deficiência com progressiva aceitação ao longo do tempo
Integração e inclusão na escola	Papel da escola	Relação professor aluno	Boa relação com o professor,
		Relação entre pares	Boa relação entre os pares com boa integração
		Apoios Escolares	Todos os necessários, pois frequentou uma instituição para cegos
		Barreiras	não tive assim grandes

			problemas de maior em relação a esse aspecto
		Antiguidade	Tem entre 25 a 26 anos de serviço
		Situação profissional	É do quadro
		Nº de escolas por onde passou	Já atingiu a centena
		Relação com os colegas	Bem, em termos genéricos resultante da minha personalidade e da minha postura foi fácil digamos a integração e foi fácil o relacionamento, embora havendo um ou outro com uma atitude de uma não total aceitação
		Relação com Enc de Educação	eu nunca tive assim problema nenhum.
		Relação com os alunos	Não tenho assim grande queixa dos alunos. Houve sempre dois ou três ...
		Barreiras	De acessibilidade
História Profissional	Percurso profissional		
Barreiras físicas e	Dificuldades		

arquitectónicas	/facilidades do deficiente	<p>Dificuldades casa/trabalho (forma de deslocação)</p> <p>Dificuldades de transporte</p> <p>Edifícios públicos</p> <p>Discriminação</p> <p>Actividades</p> <p>Relação com o outro</p> <p>Relações de amizade</p>	<p>Tirando um ou outro obstáculo imprevisto, não tem obstáculos</p> <p>Cautela nas escadas rolantes</p> <p>Não refere</p> <p>Não se sente discriminado</p> <p>Jogador de xadrez</p> <p>Hoje em dia até já com graça</p> <p>– É muito fácil a interação com eles, tanto a nível do serviço como a nível meramente social,</p>
Integração do deficiente (cidadania)	Integração social		<p>Já estou numa idade, digamos em que, mesmo em termos profissionais considero que atingi um patamar muito significativo em termos de carreira e tudo</p>
Perspectivas futuras dos professores	Perspectivas Futuras	Projectos	

			Sonhos	
			Aspirações	

Entrevista N° 7

Entrevista n.º7 dia 24 de Fevereiro de 2010, 10 horas.

Entrevistadora – Bom dia. Vou fazer-lhe algumas perguntas das quais garanto o seu anonimato. O seu nome vai ser substituído por outro. Os nomes de escolas serão omitidos outros nomes de locais terão nome genéricos.

Primeiro preciso de saber algumas informações.

Que idade tem?

Entrevistado – Bom dia, tenho 49.

Entrevistadora – Qual é a zona da sua residência?

Entrevistado – É Grande Lisboa.

Entrevistadora – Qual é o seu estado civil?

Entrevistado – Solteiro.

Entrevistadora – Qual é a composição do seu agregado familiar?

Entrevistado – Vivo sozinho.

Entrevistadora – Quais são as suas habilitações académicas?

Entrevistado – Tenho Licenciatura em Design e Comunicação.

Entrevistadora – Qual é a sua profissão?

Entrevistado – Professor de Desenho, de Educação Visual.

Entrevistadora – Qual é o seu grau de ensino? Qual a sua situação profissional?

Entrevistado – 3º Ciclo. Estou no quadro.

Entrevistadora – Como sabe o tema da nossa entrevista é sobre a integração do professor com deficiência no seu local de trabalho. Fale-me um pouco da sua deficiência, como é que a adquiriu?

Entrevistado – Tinha 2 anos e meio, portanto tive uma poliomielite e fiquei completamente apanhado, portanto o corpo todo ficou atingido pela poliomielite. Depois não repetiu, Havia um período de 48 horas onde poderia repetir, felizmente não repetiu e ao longo dos tempos recuperei praticamente tudo menos o membro inferior esquerdo e assim fiquei. Felizmente o resto funciona bem de maneira que vou-me safando.

Entrevistadora – Quais são as suas principais limitações?

Entrevistado – Não tenho.

Entrevistadora – O que é para si ser deficiente em Portugal?

Entrevistado – É... não lhe sei responder directamente a essa pergunta. Eu penso que ser deficiente é um estado de espírito, seja em que sítio for. Não me considero deficiente portanto tenho alguma dificuldade para responder a isso. O que é evidente é que realmente as pessoas que têm um pouco mais de problemas de mobilização, que é o meu caso, poderão ter mais ou menos dificuldade aqui ou ali. E também é patente a aceitação das outras pessoas, mas isso nunca foi grave para mim, isso nunca suscitou um problema para mim porque a maneira como nós nos damos aos outros é quase como o código postal, é meio caminho andado. Se nós nos sentirmos deficientes, as outras pessoas também nos sentem deficientes. Eu nunca tive

problema nenhum, felizmente até hoje. Nunca tive problema, portanto tenho alguma dificuldade em responder-lhe como é que me sinto deficiente em Portugal, ou na China, ou França ou em Espanha, para mim é igual, quer dizer depende de como é que a pessoa se encara a si própria.

Entrevistadora – Como é que vive a sua deficiência?

Entrevistado – No meu dia-a-dia normal como qualquer outra pessoa.

Entrevistadora – Que momentos mais o marcaram na sua vida como deficiente? Positivos ou negativos.

Entrevistado – É evidente embora na altura eu tivesse 2 anos e meio e não me lembro de muita coisa, não é? Embora as nossas memórias com uma idade dessas não são, não costumam ser vivas. As minhas são. Mas cresci assim, e sou assim, portanto isto para mim é normal. Não me imagino de outra maneira. Para mim é normalíssimo

Entrevistadora – Vamos agora falar um pouco do seu percurso familiar e escolar. Como é que a sua família lidou com a sua deficiência?

Entrevistado – A minha família nunca me pôs dentro de nenhuma redoma, digamos assim. Provavelmente isso contribuiu para a minha maneira de ser e para a minha maneira de encarar as coisas. Brinquei sempre com os meus amigos, com os outros miúdos da minha idade, frequentei sempre escolas de crianças normais, sempre tive amigos que nunca me fizeram sentir as minhas deficiências ou as minhas dificuldades, portanto perfeitamente normal.

Entrevistadora – No seu percurso escolar beneficiou de alguns apoios, professor de Ensino Especial, equipamentos adaptados, dispensa de Educação Física?

Entrevistado – Isso é evidente tinha que ter, mas nós estamos a falar de 1962 e nessa altura, se bem que as coisas hoje tenham uma imagem diferente e mesmo assim nós nunca estamos satisfeitos com a aceitação e com a evolução que as coisas têm, mas o que é facto é que hoje há instituições, há vias que nessa altura não havia. Portanto a única coisa que realmente eu tive foi a dispensa das aulas de Educação Física. Dispensa, quer dizer estava lá á mesma, não fazia, mas participava, arbitrava os jogos, tomava as anotações das faltas, e dos tempos e acabava por colaborar mas de outra maneira.

Entrevistadora – Que tipo de barreiras (obstáculos (encontrou nas escolas que frequentou?

Entrevistado – Obstáculos arquitectónicos?

Entrevistadora – Sim.

Entrevistado – Olhe começa agora a ter ou a encarar as escadas como obstáculo. E isto porque? Porque já me vai pesando quase os 50. E agora já me vai pesando, porque até aqui também não eram um obstáculo, subia pouco mais devagar, mas subia claro que ainda hoje faço. O que é facto é que hoje custa mais. Hoje já me custa mais subir e descer as escadas. Porque eu tenho aqui uma série de tarefas que ando sempre de um lado para o outro. E quando chego ao final do dia, quer dizer, chego cansado, porque hoje já, aliás é engraçado porque nós estamos a começar aqui dentro desta escola a ter esse problema. Não

é só por mim, mas temos agora alunos mais novos que chegaram à escola e que têm grandes dificuldades de mobilização. Portanto é um problema que nós temos que encarar como é que vamos integrar esses alunos aqui no resto da escola. Porque esta escola é uma escola do Estado Novo. E claro que a arquitectura do Estado Novo não contempla este tipo de situações, portanto é uma situação que não é fácil de resolver. Vamos ver como é que ela vai ser resolvida.

Entrevistadora – Quais são os seus principais problemas que enfrenta no seu dia-a-dia como deficiente? É só as escadas?

Entrevistado – Sim é só as escadas, embora não seja até agora um problema em que eu...

Entrevistadora – Para além dos problemas que me falou, que outros problemas enfrenta?

Entrevistado – Gerais?

Entrevistadora – Em termos gerais.

Entrevistado – Nenhum.

Entrevistadora – Fale-me agora um pouco do seu percurso profissional. Há quantos anos lecciona?

Entrevistado – Há 20 e tal, já perdi o fio à meada, talvez 24 23, 24 anos. Anda por aí mais ou menos.

Entrevistadora – Por quantas escolas passou?

Entrevistado – Ora deixe-me cá contar tive para aí numas quatro e esta é a 5^a.

Entrevistadora – Fale-me um pouco do seu percurso escolar. Comece pelas primeiras escolas por onde passou quais foram os principais problemas? Podem ser a nível arquitectónicos ou não

Entrevistado – Os principais problemas que me deparei nas escolas foi no inicio da actividade. Portanto foram comuns a qualquer pessoa que inicia a sua actividade lectiva. Foram os de se adaptar à profissão nova, de tentar entrar dentro da engrenagem da profissão porque uma coisa é ser aluno, outra coisa é ser professor. Portanto foram essas as dificuldades maiores. Depois enfim entro numa rotina. Como disse há pouco, ligadas à minha deficiência até hoje não tenho tido grandes dificuldades, nem grandes impossibilidades, digamos assim.

Entrevistadora – Os alunos aceitaram bem a sua deficiência? Que atitudes tomaram?

Entrevistado – Nunca até hoje me fizeram qualquer tipo de observação em relação a isso. E já dou aulas a estes anos todos, até com turmas muito complicadas. Aliás não sei porquê mas normalmente sou escolhido para turmas muito complicadas. Nunca tive nenhum problema com nenhum aluno relativamente à minha deficiência. Nunca tive nenhuma observação de nenhum aluno sobre o que é que seja em relação à minha deficiência, nem de aluno nem de encarregado de educação. Portanto é como lhe digo, eu para todos os efeitos sou deficiente, claro que sou, é evidente, mas não me considero nem nunca senti a deficiência

Entrevistadora – Os colegas lidaram bem com a sua deficiência? Como reagiram ao saber que no seu dia-a-dia iam ter um professor com deficiência motora?

Entrevistado – Exactamente da mesma maneira do que com os alunos. Nunca ninguém até hoje me fez nenhuma observação. Claro que em conversa de café pode vir à baila “o que é que te aconteceu?” mas muito, muito, muito raramente. E para isso acontecer é preciso já ter algum grau de confiança. Nunca ninguém me deu um tratamento especial por eu ser deficiente, nunca tive nenhum tratamento especial em nenhum sítio. Em todas as escolas e em todos os locais onde trabalhei nunca tive um tratamento especial derivado à minha dificuldade, nunca. Fiz exactamente o que toda a gente faz.

Entrevistadora – Os pais encarregados de educação reagiram bem à sua presença? Que atitudes e comportamentos tiveram para consigo?

Entrevistado - Exactamente o que lhe acabei de dizer. Nenhum até hoje me fez qualquer tipo de referência.

Entrevistadora – Alguma vez sentiu-se discriminado por ser deficiente?

Entrevistado – Nunca.

Entrevistadora – As escolas por onde passou estavam preparadas para receber um professor com deficiência motora?

Entrevistado – Arquitectónicamente?

Entrevistadora – Sim.

Entrevistado – Não, isso penso eu que talvez para ser simpático, em 80% das nossas escolas não estão preparadas nem para nós nem para os alunos de maneira nenhuma. Isto é já para dar assim uma percentagem por baixo, não é? Mas nem as escolas nem as outras instituições. Portanto não são só as escolas, não é? Até mesmo as ruas não estão, portanto isto é um problema geral, mas isso enfim. Embora haja legislação que ninguém cumpre, mas isso já faz parte do nosso português.

Entrevistadora – Fale-me um pouco do seu dia-a-dia como deficiente. No percurso casa trabalho que barreiras encontra?

Entrevistado – Venho de carro, mesmo que venha a pé, uso duas canadianas como vê, tenho aparelho no membro inferior esquerdo, mas ando. Não tenho dificuldade.

Entrevistadora – Dificuldade nos transportes, acesso aos edifícios públicos...

Entrevistado – Não, ando de autocarro, de metro, de eléctrico sempre. Enfim tenho a carta há muitos anos, mas nem sempre tive carta. Quando andava a estudar nas Belas Artes utilizava os transportes públicos, e utilizava-os todos

Entrevistadora – Nas suas relações sociais do quotidiano, como é que as pessoas lidam com a sua deficiência? Vamos agora aqui esquecer o local de trabalho.

Entrevistado – Seja no local de trabalho, seja noutra local qualquer eu nunca tive nenhuma observação, nenhum problema. A minha maneira de ser provavelmente contribui para esse tipo de situações. Quer dizer eu nunca me servi

de nada, nunca pedi nada, nunca sugeri nada para me facilitar a vida, nunca pedi nada a ninguém. Enfim, quer dizer, sou deficiente, sou mas quer dizer para mim...

Entrevistadora – Fale-me um pouco das suas actividades sociais, é membro de algum clube, associação ou colectividade?

Entrevistado – Não, por falta de tempo.

Entrevistadora – Fale-me um pouco dos seus amigos e da participação deles na sua vida quotidiana. Como é que os seus amigos interagem com o colega?

Entrevistado – De uma maneira que eu considero perfeitamente normal como se fosse outra pessoa qualquer sem problema nenhum. Como lhe digo em lado nenhum e muito raramente uma pessoa me faz alguma observação de eu ser deficiente. Eu provavelmente posso entrar no autocarro, e não conheço as pessoas que lá estão e pode haver uma ou outra pessoa que se levanta para me dar o lugar, não é? Isso acontece. Normalmente eu até recuso, a não ser que realmente esteja cansado e que se justifique dar-me o lugar. Agradeço e continuo em pé. Se tiver cansado aceito e agradeço à mesma. Portanto acho que isto é perfeitamente normal.

Entrevistadora – Por último e para terminarmos a nossa entrevista fale-me dos seus sonhos, projectos e aspirações que tenha para o futuro.

Entrevistado – É ser reformado (risos) o mais depressa possível. É evidente que isto não tem nada a ver com a deficiência, mas tem a ver com a nossa profissão porque isto está num estado lastimoso e eu já não tenho nem

saúde nem paciência para aturar estas coisas. Isso realmente é um sonho, e é um sonho para realmente eu me poder dedicar àquilo que gosto que é pintar, desenhar, investigar. Pronto isso eu acho que ando a perder tempo porque hoje em dia não me estou realizando naquilo que gosto de fazer com a minha actividade lectiva. Tenho muita coisa aqui para me entreter, tenho muitas, aliás até tenho funções a mais, aqui dentro porque sou Coordenador de Departamento, sou Coordenador de Avaliação, sou Director de Turma, sou Professor, enfim há pouca coisa que eu não seja aqui dentro. Estou exacerbado de trabalho, mas de trabalho burocrático, de tomar decisões. O meu Departamento é vinte e tal pessoas, e ter que gerir vinte e tal pessoas é complicado. Mas sou respeitado e sou levado a sério, e sou considerado como todos os meus colegas aqui dentro. Portanto tou com muito trabalho em cima de há uns anos para cá. É raro o ano em que não tenha cargos de responsabilidade. Aliás eu digo que o meu sonho é ser store. O meu sonho neste momento é ser store. É puro e simplesmente dar aulas, dedicar-me às aulas ensinar e ponto final. Mas não consigo tenho sempre tarefas e tenho sempre cargos que me ocupam muito. Coordenar um Departamento ocupa-me muito. São áreas completamente diferente, tenho o grupo de Educação Especial em cima, tenho o grupo de Educação Física, tenho o grupo de EVT, tenho o grupo de Educação Visual, tenho o grupo de Tecnologia, tenho, enfim são uma série de grupos e isto quem fez este tipo de Departamento, que dizer, deve ter considerado que o Departamento de Expressões é o último e como é o último tudo o que resta vai para ali. Portanto é uma tarefa ingrata ter que gerir um grupo que é... por exemplo o grupo de Línguas são

disciplinas de Línguas e que mesmo assim já é complicado, um grupo com esta diversidade é muito mais complicado. A natureza das pessoas são muito mais diferente, é muito diferente. Essa diferença é muito mais exacerbada e é muito difícil de tentar gerir as pessoas. O principal disto não é o trabalho é gerir pessoas, e claro as Direcções de Turma. Portanto o meu sonho é para além de ter actividade é ser store e realmente é reformar-me porque eu não vou conseguir chegar aos 60 e tal anos, faltam-me cerca de uns 15 anos ou coisa assim, mas não vou lá chegar. É completamente impossível eu fisicamente e psicologicamente lá chegar. E depois não sei como é que vai ser porque não sei como é que a Caixa Geral de Aposentações considera este tipo de aposentações. Também ainda não fui investigar o assunto. Isto está sempre a mudar, portanto vamos lá ver se a poeira assenta mais um pouco para ver como é que as modas param. Mas o que é certo é que eu não vou conseguir ter esta actividade tão intensa muito mais tempo.

Entrevistadora – Obrigada pela sua entrevista e pela sua disponibilidade.

Entrevistado – De nada

Dados Sócio Demográficos

Entrevista n.º7

Idade: 49 anos.

Sexo: Masculino.

Estado Civil: Solteiro.

Residência: Grande Lisboa.

Profissão: Professor de Desenho e Educação Visual.

Entrevista nº7

Temas	Categorias	Subcategorias	Indicadores
Caracterização da Deficiência	Caracterização da deficiência	Tipo	Motora
		Adquirida /Congénita	Adquirida
		Caracterização	Poliomielite, usa canadianas
Deficiência	Concepção da deficiência	Noção de deficiência	ser deficiente é um estado de espírito(...)Não me considero deficiente
		Limitações	Não tenho.
		Vivência da deficiência	normal como qualquer outra pessoa?
		Momentos marcantes	Não tem, sempre cresceu assim
História familiar	Papel da família	Apoio familiar	A minha família nunca me pôs dentro de nenhuma redoma,
Integração e inclusão na escola	Papel da escola	Relação professor aluno	Boa
		Relação entre pares	Não teve dificuldades

História Profissional	Percurso profissional	Apoios Escolares	Dispensa das aulas de Educação Física
		Barreiras	Escadas
		Antiguidade	Tem entre 23 a 24 anos de serviço
		Situação profissional	É do quadro.
		Nº de escolas por onde passou	Passou por 4 escolas e onde está agora é a 5ª
		Relação com os colegas	Exactamente da mesma maneira do que com os alunos. Nunca ninguém até hoje me fez nenhuma observação.
		Relação com Enc de Educação	Nenhum até hoje me fez qualquer tipo de referência
		Relação com os alunos	Nunca até hoje me fizeram qualquer tipo de observação em relação a isso.

Barreiras físicas e arquitectónicas	Dificuldades /facilidades do deficiente	Barreiras Dificuldades casa/trabalho (forma de deslocação)	Não tem barreiras Venho de carro, mesmo que venha a pé, uso duas canadianas como vê, tenho aparelho no membro inferior esquerdo, mas ando. Não tenho dificuldade
		Dificuldades de transporte	Não tem
		Edifícios públicos	Não tem
		Discriminação	Nunca.
		Actividades	Não tem actividades associativas por falta de tempo
Integração do deficiente (cidadania)	Integração social	Relação com o outro	Seja no local de trabalho, seja noutra local qualquer eu nunca tive nenhuma observação, nenhum problema

		Relações de amizade	Boa
<p>Perspectivas futuras dos professores</p>	<p>Perspectivas Futuras</p>	<p>Projectos</p>	<p>É ser reformado(risos) o mais depressa possível. É evidente que isto não tem nada a ver com a deficiência, mas tem a ver com a nossa profissão porque isto está num estado lastimoso e eu já não tenho nem saúde nem paciência para aturar estas coisas</p>
		Sonhos	pintar, desenhar, investigar.
		Aspirações	Dedicar-se exclusivamente ao acto de ensinar

Entrevista N° 8

Entrevista n.º8 dia 24 de Fevereiro de 2010 14 horas.

Entrevistadora – Boa tarde. Vou fazer-lhe algumas perguntas das quais garanto o seu anonimato. O seu nome vai ser substituído por outro. Os nomes de escolas serão omitidos outros nomes de locais terão nome genérico.

Primeiro preciso de algumas informações:

Que idade tem?

Entrevistada – Tenho 46 anos.

Entrevistadora – Qual é a zona da sua residência?

Entrevistada – Ribatejo.

Entrevistadora – Qual é o seu estado civil?

Entrevistada – Solteira.

Entrevistadora – Qual é a composição do seu agregado familiar? Vive com os pais?

Entrevistada – Não, não sou só eu.

Entrevistadora – Quais são as suas habilitações académicas?

Entrevistada – Tenho uma Licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas Francês/Alemão e tenho depois a profissionalização no 2º grupo Português/Francês do 2º Ciclo.

Entrevistadora – Qual é a sua situação profissional?

Entrevistada – Estou aposentada acerca de 1 mês.

Entrevistadora – Como sabe o tema da nossa entrevista é sobre a integração de professor com deficiência no seu local de trabalho. Fale-me um pouco da sua deficiência, como é que a adquiriu?

Entrevistada – Eu tenho uma deficiência auditiva `cerca de 4 anos, está a fazer agora 4 anos. Eu comecei a ter uma perda auditiva nerocensoria. É sintoma e também consequência de uma doença crónica auto-imune, uma surdez moderada/severa, uma surdez flutuante que não é igual todos os dias, embora já não tenha grandes alterações.

Entrevistadora – Quais são as suas principais limitações?

Entrevistada – Quando penso em limitações, penso sobretudo a nível da audição, que é o mais flagrante e possivelmente o que teve maior impacto na minha vida. se calhar também porque outros sintomas da minha doença ainda não são tão limitadores como a perda auditiva, por exemplo a visão, porque enquanto com os óculos dá para corrigir e com os corticóides em gotas se necessário...mas um dia, podem aparecer as cataratas, ou não. Portanto, limitações sinto-as diariamente e desde o 1º dia em que perdi a audição no ouvido direito, agora hoje em dia, 4 anos depois é que já tenho também os meus truques, as minhas estratégias para conseguir ultrapassar algumas limitações.

A maior de todos foi sem dúvida nenhuma a limitação a nível profissional: tive de deixar o meu trabalho, que me agradava e muito, porque não conseguia ouvir o suficiente para estar diariamente a dar aulas de Língua Portuguesa a meninos entre os 10 e os 12 anos; e aí entrou também

outra limitação que tem a ver com a doença: eu não consigo trabalhar muitas horas por dia! Se tiver de ouvir alguém, preciso de estar num ambiente sem ruídos de fundo, com uma pessoa a falar de cada vez e muito atenta, olhos nos olhos...na boca, nas expressões da cara, nos gestos, para poder completar o que oiço com outras informações e tentar adivinhar o que é dito mesmo sem perceber todas as palavras -. isso cansa imenso, porque não posso olhar para o lado um segundo, tenho de tentar abstrair-me de todos aqueles sons que os ouvintes até esquecem e que agora estão presentes para mim ao mesmo nível que a voz. Eu já não consigo separar o som da voz, por exemplo, do barulho do carro que passa na rua, do barulho do computador ou do ar condicionado; quer dizer, consigo mais ou menos, mas é um processo consciente e uma luta incrível! E isso cansa a vista, a mente...os próprios ouvidos, ao fim do dia precisam do silêncio!

Depois, fisicamente também me canso muito mais: se eu me puser a aspirar o meu quarto e a fazer a cama, por exemplo, e já não falo de fazer a cama de lavado, que implica levantar o colchão para entalar lençóis e cobertores, a seguir tenho que me ir sentar uma meia-hora, por exemplo, antes de ir limpar o pó e lavar o chão. E por esse dia, tem de acabar. Se for preciso, no dia seguinte tenho dores nas articulações e um cansaço extremo! Se for ao supermercado e carregar com alguns sacos de compras...a mesma coisa!

Ontem, por exemplo, tive em minha casa uma colega e as duas filhas, uma de 5 outra de 10 anos; a mais velha é surda implantada, portanto tive de esforçar-me por entendê-la, mais do que a um ouvinte; a certa altura,

enquanto eu falava com a mãe, as miúdas começaram a brincar, a falar mais alto, a correr, a passar à nossa frente...estiveram lá cerca de 5 horas...ao fim de 2 ou 3 horas, já estava a ouvir menos, porque me sentia cansada. Dormi imensas horas de seguida e ainda me sinto cansada! Ora dantes, antes de adoecer, ia para a escola, estava lá quase todo o dia; vinha para casa, lanchava, ia trabalhar para o computador, a fazer fichas, preparar aulas, fazia o jantar, arrumava a cozinha, ia ao supermercado, arrumava umas coisas, via televisão e ia dormir. Todos os dias era isto e ao fim-de-semana pouco descansava. Agora, se estiver sentada ao computador mais de 2h sem parar, sei lá, 4 ou 5 h, fico de rastos! Se venho a Lisboa um dia, para vir à ESE ou ao hospital e sobretudo se vier a guiar, são quase 100 kms duas vezes; no dia seguinte tenho de me levantar mais tarde e nem pensar em trabalho mental ou físico ou carregar com pesos, ou passar a ferro, ou limpar a casa! Outras limitações? Eu adorava ouvir música e cantar a acompanhar e ir dançando...Música agora, é sobretudo a que conhecia antes de ficar surda, porque a nova é difícil percebê-la! Dançar ao mesmo tempo, nem sempre dá, por causa da minha falta de equilíbrio! O que vale é que nunca tive grande jeito para dançar! Ir a um restaurante ou a um café com um grupo de mais de 2 pessoas é uma tortura, quase! Ir a bares à noite, nem pensar! Felizmente nunca gostei muito, mas agora, estar ali meio às escuras, sem ver bocas, com música de fundo que às vezes não é bem de fundo, é em altos berros, as pessoas todas conversam e eu fico ali com o copo com sumo de laranja!! - na mão...desisti e tive de explicar aos amigos por que razão não vou, porque eles não percebiam.

É que para mim não há prazer nisso, nem posso desfrutar da companhia deles...para estar com copo na mão, sem falar com ninguém, às escuras e com barulho, prefiro estar em casa sossegada! Concertos...parei com isso, embora ande a arranjar coragem para voltar a ir a um...mas vai ter de ser um cantor conhecido e que valha mesma a pena para mim, para experimentar se o prazer é maior que o sacrifício... Festas de família...as conversas, não as consigo seguir, portanto opto por falar com quem está ao meu lado...ou então, nada como estar com os meus sobrinheiros, que já sabem que a tia não ouve bem e que não se importam de repetir quatro ou cinco vezes, de fazer desenhos, mímica...até eu perceber! E ganhei um estatuto muito especial e agradável: sou a única adulta que pode estar ao pé deles no quarto das brincadeiras... Andar na rua às vezes é complicado, se estou a ouvir pior ou se o equilíbrio está mais instável...tenho muito mais cuidado ao atravessar, já agora não quero ser atropelada por não ter ouvido um carro! Ir a uma loja, à farmácia, a uma repartição pública pode ser um sacrifício grande, se não houver uma cadeira, ou uma parede a que me encoste, se quem me atende não consegue corresponder aos pedidos para falar mais alto e a olhar para mim, para eu perceber. Ou se puxo do papelinho que dá direito ao atendimento preferencial, tenho de me preparar para a luta e explicar que não, não é só quem tem cadeira de rodas que tem direito! Centros comerciais e lojas...eu até adoro o sotaque brasileiro, mas tenho muita dificuldade em perceber e depois os movimentos da boca não correspondem exactamente aos que nós fazemos; e conseguir que um

brasileiro perceba isso? E conseguir com algumas pessoas que elas não achem que é preconceito ou racismo? Tudo o que envolva a comunicação oral me limita, se não houver disponibilidade do outro para se fazer compreender, ou se não houver instruções por escrito, nas repartições públicas, por exemplo! E assim de repente, não me lembro de mais!

Entrevistadora – O que é ser deficiente em Portugal?

Entrevistada – Essa questão é um bocadinho complicada, porque eu tenho uma deficiência, eu gosto mais de dizer, não sei se é preconceito da minha parte, se calhar até é. Eu custa-me um bocadinho dizer que sou deficiente. É maia agradável para mim dizer que tenho uma deficiência, quando lia isto não percebia, mas agora na prática parece-me que não me custa tanto dizer que tenho uma deficiência. Custou-me a 1ª vez, mas não agora. É uma experiência nova para mim, porque eu até há 4 anos atrás não tinha esta deficiência, portanto foi uma novidade. Foi uma novidade entrar num mundo que não é o mundo da maior parte das pessoas. Como é ser-se deficiente em Portugal? Eu acho que é complicado. Não é que eu queira puxar a brasa à minha sardinha, mas falo daquilo que sei. A deficiência auditiva é uma deficiência muito complicada, porque é uma deficiência que é invisível porque muitas vezes quando a pessoa não tem uma surdez profunda ou quando não é uma pessoa surda como surdez congénita ou adquirida em idade muito precoce a pessoa não tem, como é o meu caso, acho eu, não tem a nível da fala grandes manifestações da perda auditiva, ao contrário dos antigamente designados surdos - mudos que têm uma voz, aqueles que não foram treinados a nível da fala, é fácil

perceber-se que há ali qualquer coisa. Agora esta deficiência que eu tenho, no meu caso tendo adquirido a surdez tardiamente não é qualquer coisa que as pessoas vejam dia-a-dia. Portanto a pessoa olha para mim fala normalmente como falará com um ouvinte e só quando eu digo “olhe desculpe, pode repetir eu não ouvi bem”. E explico o que é o não ouvir bem, porque nem toda a gente percebe é que as pessoas se apercebem que eu tenho esta deficiência. Eu não trago, eu não tenho apesar de ter problemas a nível da locomoção, mas digamos que a deficiência não está centrada aí. É uma deficiência auditiva aparentemente eu não tenho problemas, o que leva as pessoas me tratem com uma pessoa sem deficiência, o que não é bom, o que não é bom. Porque assim as pessoas até poderão pensar aquelas que me conhecem superficialmente que eu fico muito feliz por me tratarem como se eu fosse “normal”. Eu não fico, porque eu preciso que as pessoas tenham cuidados especiais comigo. Por exemplo ainda há pouco estávamos a falar e agora quando havia este ruído de fundo, eu preciso de bocas, de ver as bocas e os olhos e tem-me acontecido em diversos sítios onde eu vou, em diversos hospitais onde as pessoas poderiam estar mais preparadas para determinadas situações quando eu peço as pessoas olharem para mim quando falam, se eu não explico logo o motivo, as pessoas pensam que eu estou a ser mal-educada e que estou a dizer “Olhe para mim se faz favor” e não é isso. Eu preciso de complementar a minha informação auditiva com os movimentos labiais. Eu acho que não estou a responder exactamente à pergunta que é como é ser deficiente? É difícil porque não está, a maior parte das pessoas não está habituada a lidar com pessoas com deficiência auditiva

com outro tipo de deficiência. Nós somos exceções somos exceções à regra. Embora quase toda a gente tenha lá em casa o avozinho, a avozinha, a tia ou a vizinha do lado que coitadinha já é muito velhinha, muito surda, uma coisa é ter alguém na família que tem uma certa idade e com quem é preciso um certo cuidado quando se fala, outra coisa é apanhar um adulto relativamente jovem que não ouve bem. E depois as próprias estruturas dos edifícios, dos locais públicos não estão preparadas para pessoas com deficiência, não só a nível auditivo, mas por exemplo a nível, eu custa-me imenso estar muito tempo em pé, porque tenho falta de equilíbrio e costume estar de pé muito tempo parada sem nenhum apoio sem estar encostada ou agarrada a um corrimão, encostada a uma mesa, encostada a uma parede. E não é fácil para mim que as pessoas entendam isso. Se eu estiver numa fila de supermercado acontece-me, como já aconteceu uma vez, pedir para deixar passar a senhora de trás que estava gravidíssima, mas que tinha um marido que não estava grávido ao lado, portanto a senhora podia-se ir sentar numa cadeira que tinha lá á frente mesmo em frente à caixa. Pediram-me para deixar passar a senhora, e quando eu disse que não porque eu também estava num dia em que estava particularmente cansada, eu tive que puxar do meu atestado de incapacidade para provar que realmente á senhora que não podia estar muito tempo em pé. Isto são situações que me acontecem também nos hospitais, e que me acontecem nas repartições públicas cada vez que eu reclamo o direito que tenho um atendimento preferencial as pessoas não entendem. E pensam, 1º não sabem que eu sou surda., quando já sabem que eu sou surda pensam “mas qual é o seu problema? A senhora não vem de

cadeira de rodas para quem precisa de atendimento preferencial?” Neste momento no hospital onde eu vou já não tenho problemas, porque quando me vêm as pessoas que estão a tirar a senha olham para mim e dizem logo: “Ah é a senhora dos papelinhos”. Eu costumo levar o atestado e um excerto do decreto-lei sobre o atendimento preferencial, e como normalmente também bato o pé, na vez seguinte já toda a gente sabe. Agora noto como deficiente auditiva noto que há muito trabalho por fazer. É evidente que eu noto que relativamente a outro tipo de deficiências há adaptações que têm vindo a ser feitas, não só nos edifícios, nos atendimentos às pessoas, mas também a nível legislativo, até porque tenho andado a estudar essa questão. Eu apercebo-me que na lei há um vazio muito grande em relação à acessibilidade para os deficientes auditivos. Há designações específicas, há exposições específicas para a deficiência motora, para a deficiência visual e depois para a auditiva e mental não há. Há coisas que às vezes seriam simples de implementar, medidas que seriam simples de implementar e que facilitavam a vida das pessoas, porque nós somos exceções, mas quer dizer, se calhar se formos a pensar tanto adulto que existe com deficiência auditiva, se calhar não somos tão exceções como isso.

Entrevistadora – Como é que vive a sua deficiência?

Entrevistada – Como é que eu vivo a minha deficiência? No princípio foi complicado. Foi complicado a adaptação, foi uma adaptação quer dizer... Eu tive uma perda auditiva súbita do ouvido direito e depois no ouvido esquerdo foi progressiva a perda ao longo de vários meses. Agora no ouvido direito, a primeira perda auditiva foi no ouvido

direito, foi de um dia para o outro. Portanto deitei-me bem e acordei surda do ouvido direito, com tonturas, vertigens, essas coisas. A adaptação foi complicada, primeiro eu pensei “isto vai passar eu estou mal disposta”, segundo pensei “isto é uma otite”. Quando comecei a ver que as coisas não estavam a funcionar e quando me apercebi que não estava a conseguir andar e que havia mais qualquer coisa a própria médica otorrino ficou preocupada e começaram a equacionar sobre os quadros de AVC, tumores cerebrais, essas coisas todas. Quando ao fim de não sei quantos meses foi feito o diagnóstico da minha doença, já eu me tinha querido parecer que realmente era capaz de não ficar como antigamente, mas não tinha ainda tudo, acho que apesar de eu saber e mesmo depois só alguns meses mais tarde é que eu comecei a aperceber-me do que isso significava, não na fase crítica da doença, na fase inicial que precisei da ajuda de familiares para poder andar. Andava agarrada às pessoas, não é? E só não ia ao colo porque ninguém me levava. Para comunicar a maior parte das vezes, nos hospitais eu ia com a minha mãe que funcionava como muleta motora, afectiva, tradutora, tudo. Depois aos poucos, portanto a doença foi estabilizando, e foi quando a doença começou a estabilizar, ou quando eu fiquei sozinha de novo na minha casa que eu me comecei a aperceber do que é que era ter uma deficiência auditiva, do que é que isso representava na minha vida. Isso representou o ter que me aposentar, o ter que deixar de dar aulas. E o momento em que eu me apercebi disso foi um momento extraordinariamente doloroso, porque eu gostava do que fazia, gostava, e muito, do que fazia, e gostava do contacto com os alunos e precisamente de dar aulas, não era do resto que se faz,

não era da parte burocrática, das reuniões, dos contractos com os colegas, não eram as coisas que me atraíam, o que me atraía era precisamente os alunos e isso está-me vedado. E como a parte profissional era uma parte muito importante da minha vida, a deficiência virou-me a vida do avesso. Fiquei com a vida virada dos pés para a cabeça. Houve ali uma fase em que eu a certa altura não sabia bem quem era. Eu passei por uma fase, contrariamente ao que vem escrito nos livros, e o que é dito por alguns médicos otorrinos e por audiologistas, que dizem que uma pessoa com surdez moderada não tem crises de identidade, ou que adquire. Não tem porque até consegue comunicar com os outros relativamente bem, eu passei verdadeiramente por uma crise de identidade. Porque eu já não sabia se era surda, se não era até porque no meu caso como a hipótese mais provável teria sido eu perder a audição no prazo de 2 anos após o início da doença. Eu esperei por esses 2 anos, por esse prazo. Quando passou o prazo de validade, vamos lá eu pensei:”olha pode ser que eu me tenha salvo”. Até agora as coisas estabilizaram e portanto, eu costumo dizer que a audição que tenho que me serve para os meus gastos. Mas estes gastos não são os mesmos que eu tinha anteriormente. Eu tenho uma vida nova. Eu sou a pessoa que era. Depois de ter passado por essa crise, cheguei à conclusão que continuo a ser a mesma pessoa, embora tenha havido uma transformação muito grande em mim na maneira de me relacionar com os outros. De ver a vida, pronto eu fiquei sem a parte profissional aquela que tinha fiquei sem a parte profissional que tinha, mas a aceção desta deficiência obrigou-me a encontrar dentro de mim outros recursos e obrigou-me a pensar:” e agora o que é que eu vou fazer?” “Como é que vai ser? O que é que eu

vou fazer à minha vida?” E ao fim de não sei quantos meses de estar em casa eu já estava a desesperadinha porque eu tinha que encontrar qualquer coisa para fazer. Por isso eu acabei por vir fazer aqui o Mestrado e tentei passar para o Ensino Especial. Agora isto foi assim a nível de percurso porque eu não sei como é que eu penso que há uma diferença entre quem vive grande parte da sua vida com uma deficiência, e quem adquire a deficiência em idade adulta. Aqui há uma privação, nós tínhamos algo que nos foi tirado. Uns dizem que é Deus, outros dizem que é o destino, outros dizem que é sei lá o quê. O que é não me interessa já, já passei essa fase. Mas eu sinto que me foi tirado algo que para mim era fundamental na minha relação com os outros. Agora por estranho que pareça apesar de eu ter muito mais dificuldade em perceber o que as pessoas me dizem hoje em dia, e de ter limitações muito grandes a nível não só dos contractos sociais como até nos tempos livres eu adorava ouvir música, e eu agora oiço a música que eu felizmente ouvi repetidas vezes antes de ensurdecer, porque música nova tenho muita dificuldade em perceber e nem toda consigo perceber. Televisões telejornais acabaram-se, embora já não ouvisse muito porque fugia das desgraças diárias. Portanto eu fiquei com algumas limitações que continuo a ter no dia-a-dia quando vou a uma loja, quando preciso de contactar com as outras pessoas, por exemplo o telefone é uma questão complicada. Hoje em dia toda a gente anda com o telemóvel atrás e eu nem sempre consigo perceber o que é dito ao telemóvel. Mas por outro lado eu consegui descobrir outros recursos e acabo por sentir que até me abro muito mais às pessoas e converso muito mais, como se está a ver. Eu já tinha tendências para falar muito, mas agora falo

muito mais, e não é só uma questão de defesa como de surda de começar conversas para saber qual é o assunto e para poder estar à vontade para dominar o assunto e mais ou menos perceber do que se está a falar. Porque eu própria também me sinto muito mais à vontade nas relações com os outros. Não sei se isso significa que aceitei a surdez. Eu acho que de certa maneira sim, ainda tenho momentos em que há muitas coisas dolorosas, por exemplo eu fui agora convidada por um grupo de pessoas da minha escola, vai fazer um jantar de homenagem aos professores que se aposentaram recentemente. Eu fui convidada para esse jantar, e foi uma coisa que mexeu muito comigo, não só pelo gesto das pessoas, o gesto de amabilidade, mas porque eu estou aposentada desde Janeiro, mas já há um ano que eu sabia que me teria de aposentar, mas o remexer nisso acaba por ser sempre complicado.

Entrevistadora – Que momentos mais a marcaram na sua vida como deficiente? Positivos ou negativos.

Entrevistada – Que momentos mais me marcaram, claro que o da perda auditiva é um momento que eu não esqueço. A data, como dizia uma das minhas entrevistadas é uma data chave e é 3 de Março de 2006 foi o primeiro dia em que eu faltei à escola logo a seguir ao Carnaval, nesse ano. Tinha ido trabalhar acho que numa 5ª e faltei na 6ª. Foi quando isto aconteceu. Esse foi um momento que eu não esqueço, assim como não esqueço a fase de internamento em que comecei também a perder gradualmente a audição do ouvido esquerdo e os meses que seguiram até ao diagnóstico em que ninguém sabia o que é que eu tinha, mas também a maior parte das

peessoas não parecia muito interessada em saber. Não me esqueço, marcou-me muito os 6 meses que passei em casa dos meus pais, porque eu não podia andar, eu estava estoirada de manhã à noite, eu vinha para Lisboa, de Tomar para Lisboa fazia 300 km quase diariamente para vir ai hospital porque tinha que vir a várias especialidades, e portanto tinha que estar a cozinhar, não dava. Marcou-me esse tempo. Foi um tempo em que eu recuperei forças. Por um lado deixei-me ir a baixo, e pude deixar-me ir a baixo, porque tinha alguém que eu sabia que estava lá para mim, embora tivesse que convencer uma dessas pessoas que era a vez de ser mãe de que naquele momento era eu que precisava dessa ajuda. Mas foi um momento muito importante para eu perceber o que é que me estava a acontecer para eu começar a lidar com isso. Isso foi muito importante, depois o regresso a casa e o começar a vir para Lisboa sozinha para os hospitais quando ainda andava muito mal e numa fase em que eu ouvia muito mal também. Outro momento muito marcante, mais do que a primeira prótese auditiva, mas que foi uma maravilha que foi “ora bolas andei a vida toda com medo de ter que usar próteses auditivas, como o meu pai, como a minha avó usava, o meu medo: era ai que horror como é que eu vou andar com uma prótese auditiva, coisa tão boa que fizerem, ainda bem que fiquei agora surda.” A segunda prótese, porque eu estive 1 ano só com uma prótese, como o ouvido esquerdo tinha estado mobilizado, nem sabia de que maneira é que ia progredir e as próteses não são baratas, não avancei logo para a segunda prótese. No momento em que eu pus a segunda prótese e que há um equilíbrio a nível da audição dos dois ouvidos eu recuperei sons que já me tinha esquecido, e portanto andei ali 3 dias, ou melhor 3

noites que quase que não dormi. Tal era a excitação porque estava a ouvir um barulho e de repente percebi que era um pássaro que eu já não ouvia há 1 ano e tal, porque ouvia o frigorífico a trabalhar e passado uma semana ou duas já não podia ouvir o frigorífico a trabalhar outra vez, porque não me lembrava já que nós quando ouvimos a nossa respiração, e eu agora já não dou muito por isso, raramente dou por isso. Mas voltei a ouvir e pus a segunda prótese deparei-me com essa situação. Eu tinha situações caricatas em que perguntava a uma amiga minha:”olha lá eu oiço isto, isto é normal?”. Tinha imenso medo de ir a um restaurante comer ou de estar com alguém a lanchar num café, porque eu achava que toda a gente estava a ouvir o barulho que eu fazia. Eu ouvia de tal maneira o barulho que pensava assim:” que horror, meu Deus, estou a fazer imenso barulho, tenho que fechar a boca, tenho que ter cuidado, isto é horrível.” Há outros momentos engraçados de alegria muito grande, a primeira corrida que eu consegui dar na praia atrás dos meus sobrinhos quando os desafiei para ver quem era o pateta a chegar em último à água. E só depois de ter começado a correr é que me lembrei que a pateta ia ser eu (risos).Porque era uma brincadeira que eu costumava fazer com eles anteriormente. Com eles aconteceram, também momentos muito engraçados a esse nível, quando eu consegui correr, normalmente no quintal deles, de cimento o meu sobrinho mais novo veio meter-se comigo na brincadeira a picar-me e a dizer-me aquelas coisas de miúdos. E eu de repente desatei a correr atrás dele e ele não estava à espera que eu conseguisse correr, porque ele estava habituado a ver a tia um bocado repousada. Ele ficou espantadíssimo, claro que eu fiquei estoirada, mas soube-me bem. Os mementos com os

miúdos, eu cheguei-me muito ao é deles quando havia acontecimentos de família foram momentos muito engraçados, porque eles mais que os adultos perceberam que a tia tinha ali qualquer coisa e que não ouvia bem. E portanto tinham muito mais cuidado a falar comigo, para além das conversas deles que eram mais simples, por outro lado eles tinham mais cuidado comigo que os meus irmãos, que os meus pais. Eu tornei-me na única adulta a ser admitida no quarto das brincadeiras no meio dos primos todos. Depois passei a ser tia das primas deles também. Ainda hoje sou tia das primas deles. Lá eu sentia-me bem, porque me sentia acarinhada. Um outro momento assim muito importante para mim foi os primeiros dias aqui na ESE a primeira aula será de Educação e Diversidade dada pelo professor (...). Foi a primeira aula e perguntaram-nos porque é que estávamos ali. Eu tinha falado anteriormente com a professora (...), aliás vim antes até de concorrer saber as condições para saber se podia ou não seria viável vir estudar de novo e ela disse-me “olhe fale-me no princípio das aulas com os professores e se calhar se os colegas souberem também não é pior, pronto para estarem alerta”. E portanto quando chegou a minha altura de depois de para aí umas vinte pessoas eu estava mais ou menos no meio, a primeira coisa foi falar em público, eu já não falava há bastante tempo e por isso não conseguia ouvir a minha voz, e não sabia até que ponto é que as pessoas estavam a ouvir aquilo que eu dizia ou não. Tive mesmo que perguntar se me estavam a ouvir. Depois a professora fez-me sinal que sim e portanto eu tive que dizer porque é que ali estava. É óbvio que uma das razões, ou a mais forte se calhar até era o facto de ser deficiente auditiva. E fez-se-me um daqueles silêncios assim, não sei eu acho que

aquilo causou um certo impacto nos outros, mas também causou em mim. Eu desnudei-me à frente de toda a gente. E na aula seguinte eu tinha os meus colegas todos a entrarem e a sentarem-se, em vez de se sentarem de costas para mim que tinha sido alertados por uma colega que lá estava que é mãe de uma menina surda, toda a gente se sentou em U ninguém me virou a costas e foi assim daquelas coisas, não chorei por vergonha, mas veio-me assim a lágrima ao canto do olho. E devo ter muito mais momentos. Estes são assim os mais marcantes.

Entrevistadora – Vamos agora falar um pouco do seu percurso familiar e escolar. Como é que a sua família lidou com a sua deficiência?

Entrevistada – A minha família vamos lá ver são os meus pais que não moram na mesma terra que eu quatro irmão, quatro cunhados e na altura cinco sobrinhos, não na altura eram só quatro sobrinhos. Ninguém mora na mesma terra que eu, mas eu estive 6 meses em casa dos meus pais em Tomar, onde moram também dois dos meus irmãos, tenho outro que mora aqui em Lisboa, tenho uma irmã que mora em Coimbra. A primeira reacção que eu me recordo, eles reagiram de maneira diferente. A minha mãe e o meu pai, embora o meu pai não seja muito expansivo, mas eu já o conheço são quase 50 anos com ele, a minha mãe ficou aflitíssima “Aí filha o que é que tu tens? Aí filha o que é que vai ser de ti? Aí filha e se tu tens uma coisa muito grave?” E eu andei a ouvir isto durante 1 mês ou 2 que me fisicamente emocionam já estava muito frágil ate já há bocado falei nisso, até ao dia em que eu tive que sacudir a minha mãe, porque eu andava a acalma-la a ela e aos outros todos, mas a ela sobretudo porque ela estava ali

comigo todos os dias. Ela via as dificuldades que eu tinha, e acompanhava-me em quase todos os momentos menos a dormir. Mesmo assim era ela que me ia chamar, porque eu não ouvia o despertador, não é? Eu tive que lhe dizer:”Mãe eu percebo que tu estejas preocupada, mas eu ando a fazer um esforço diabólico para não entrar em depressão. Também não sei o que me vai acontecer, se vou ficar surda, se vou ficar cega, se não vou. Não sei se o coração, os pulmões, o fígado vão ser afectados, nem sequer posso estar a pensar nisso agora. E se tu se gostas de mim, se me queres ajudar não podes pôr esse tipo de perguntas porque eu é que sou a filha. Tu tens que me ouvir, tu tens que me sossegar. Não posso ser eu a sossegar-te, sou eu que preciso que me sossegues. “ E a minha mãe percebeu. Nós somos parecidas, não somos muito de chorar. Também tenho os meus ataques de choro, não sou assim uma pessoa que choro imenso, mas foi ali um momento crucial na nossa relação, porque ela modificou-se. A partir daí aquelas perguntas todos os dias me fazia “Aí filha como é que vai ser?”Isso deixou de acontecer, passou a ser um apoio enorme, assim como foram os meus irmãos e o meu pai cada um deles à sua maneira. De todos os meus irmãos, a minha irmã mais nova, que não mora ao pé de mim, mora em Coimbra foi aquela que melhor lidou com a minha doença, porque encarou as coisas como elas eram. Os outros muito por pudor não falavam muito no assunto. Perguntavam-me como é que eu estava, um deles me pergunta mas isso também pergunta outras coisas, mas não pergunta. Eu sei que ele se preocupa, mas não verbaliza a preocupação. A minha irmã psicóloga curiosamente foi a minha irmã que me fez pior. Eu digo curiosamente porque acho que era de

esperar que uma pessoa que estava habituada a lidar, ela é psicóloga e trabalha em duas escolas, em princípio seria para fazer orientação profissional, mas depois acaba por fazer outro tipo de acompanhamento. Portanto está a trabalhar directamente com colegas do Ensino Especial, directamente com meninos que têm deficiências ou que têm problemas graves que interferem na aprendizagem. E portanto seria de esperar que ela tivesse algumas dicas, se bem que sabia como lidava comigo, mas não. É assim ela ia ter comigo, ela ia buscar-me a casa, até porque era a irmã que mora ao pé dos meus pais. Portanto ela ia-me buscar para tomarmos café, eu ia agarrada a ela e ela passava todos os dias por casa dos meus pais para saber de mim, mas nunca me perguntava como é que eu estava. Tirando a primeira vez que ela me agarrou por um braço e disse: “Senta-te aqui ao pé de mim, e agora diz-me o que é que os médicos te disseram.” Isto ainda muito no princípio, ainda eu não estava sequer na fase, ainda não tinha entrado vamos lá, na primeira fase, ainda estava com os primeiros sintomas, tirando essa vez ela tem um pudor enorme de falar disto. A minha outra irmã não, sempre brincou muito comigo. É capaz de me perguntar:”Então ó pá como é que tás?” Ela é a mais nova, nós somos 5 mas temos idades muito próximas. Nós nascemos todos nos anos impares da década de 60, portanto somos todos muito próximos. Eu digo a minha irmã mais nova, dantes dizia a miúda, agora já não. Eu tenho 46 anos ela tem 40, não é assim uma diferença muito significativa, já foi, neste momento não é. Ela é muito brincalhona, porque quando ela ia visitar-me, ela ia visitar-me muitas vezes, ela mora em Coimbra trabalha em Pombal e depois às vezes ao fim do dia ia a Tomar e ficava lá até ao dia seguinte e depois ia

dali para Pombal trabalhar outra vez, para estar comigo, para me apoiar a mim e aos meus pais, e chegava ao pé de mim e via que eu estava em baixo e dizia-me "Ok vá " punha-me o braço por cima das costas "então pronto agora são os teus 5 minutos para chorar" Eu claro rebentava a chorar era logo, mas de 1 minuto ou 2 eu já estava a rir às gargalhadas e a chamar-lhe nomes. Ela conseguiu quebrar o dramatismo da situação. Ainda hoje não tem problema nenhum, eu estive o ano passado, cerca de 1 mês a morar com ela em Coimbra, porque o marido dela teve internado. Teve um acidente de automóvel, e ficou em estado muito grave, ficou em coma e eu estive a acompanhá-la esse mês. Ela não tinha problema nenhum em apresentar-me, em falar, quando via que os amigos dela ou do marido estavam a falar comigo e que eu não estava a perceber patavina e ainda não tinha chegado a minha vez de dizer: "olhe desculpe pode dizer outra vez" , ela começava a dizer "a minha irmã tem uma deficiência auditiva, portanto é melhor repetires ou falares um bocadinho mais devagar. " Portanto eu acho que ela lidou bem e ela sempre disse à minha mãe, depois eu apercebi-me que ela sempre soube que eu ia dar a volta à situação, sempre acreditou nisso e mais do que eu, mais que de qualquer outra pessoa.

Entrevistadora – Alguma vez sentiu-se discriminada por ser deficiente?

Entrevistada – Discriminada pelos outros?

Entrevistadora – Sim

Entrevistada – É assim eu sinto-me discriminada pelos outros, sinto-me discriminada quando eu verifico que não há condições em instituições públicas ou conhecimentos

por parte das pessoas que estão nessas instituições públicas para lidarem com pessoas surdas, com deficiência auditiva. Eu sinto-me discriminada sempre que eu, a única vez que eu estive no aeroporto, mas enfim aqui há uns anos, fui passar umas férias ao estrangeiro, e fui à casa de banho e ouvi um aviso qualquer. Estava com uma amiga que me disse “olha estão a chamar para o voo não sei quantos.” Eu disse “olha está mal.” Aí senti-me discriminada “como é que era se eu estivesse sozinha?” Eu não sei se era para mim ou não. Quando eu chego a determinado lugar e vejo que estou impossibilitada de perceber aquilo que as outras pessoas percebem, porque ninguém se lembrou que podia haver pessoas surdas eu sinto-me discriminada. Agora mais pessoalmente senti, senti uma vez quando na altura em que regressei a casa a Almeirim em que uma colega de escola que já não me via desde a altura em que eu tinha adoecido, olhou para mim, encontrou-me, vinha com a filha que tinha sido minha aluna, encontrou-me e olhou para mim de alto a baixo e depois disse-me: “ah, mas tu estás na mesma.” Eu tive um ataque de riso que tive que reprimir, porque a miúda estava presente e apeteceu-me dizer;”então tenho um problema, tudo bem, eu tenho uma doença.” Na altura as pessoas pensavam que era apenas uma deficiência auditiva. Não é obrigatório o sinal da testa a dizer deficiente. Eu não tenho menos uma perna, eu não tenho menos um braço, porque é que ela está a olhar para mim de alto a baixo. Houve uma outra vez aqui uma ou outra vez aqui curiosamente numa situação em que uma colega que tem uma família surda agiu de uma maneira que me fez sentir discriminada. Eu hoje não sei se ela me discriminou realmente ou se fui eu que entendi mal a atitude dela. Foi também numa das

primeiras aulas que nós reunimos em grupo para discutir um texto e a colega insistiu em explicar-me o texto do princípio ao fim, sabendo que eu era professora de português, que trabalhava há 20 e tal anos, que tinha ficado com surdez moderada, na altura há 2 anos, acho que era há 2 anos e pouco e de tal maneira que depois quando eu saí eu não me lembro disto. Uma outra colega que me disse “tu lembraste quando saíste da aula da aula assim e assado em que disseste “ora bolas eu sou surda não sou parva “ Eu senti que estava tratada com alguma condescendência como quem diz mas atenção eu não sei, eu hoje não sei porque digamos que é uma pessoa muito opinativa que sabe muita coisa e que consta de alguma maneira de dar a sua opinião sobre todos os assuntos. Portanto eu não sei até que ponto fui eu que interpretei isso como discriminação, mas que me senti mal naquela altura senti. Assim como me senti discriminada também, mas aí tive que aceitar isso porque era normal, quando estava nas aulas e queria ouvir e não conseguia porque as colegas estavam a conversar umas com as outras, houve uma vez que eu tive que chamar a atenção, num trabalho de grupo precisamente noutro trabalho de grupo as colegas falavam todas ao mesmo tempo e eu devo ter dito com um ar muito zangado, pela reacção delas só pode eu lembro-me de dizer:”Vocês tenham paciência, se vocês quiserem que eu faça o trabalho de grupo bem, se não quiserem por mim tudo bem. Eu até gosto de participar nos trabalhos de grupo, não sou pessoa para assinar um trabalho sem o ter feito, mas se vocês quiserem estão à vontade. Se querem que eu trabalhe vocês têm que falar uma de cada vez porque eu não estou a perceber nada do que vocês dizem.” As colegas simpaticamente escolheram-me para porta-voz

nesse momento. Aí penso que não é só ideia minha de ter sido retaliação, penso. O que é certo, é que a apresentação correu muito bem. Para já porque era para descrever uma situação de aprendizagem, de uma estratégia de aprendizagem, para avaliar determinada situação de aprendizagem, e portanto eu expus uma situação, uma estratégia que eu utilizava nas minhas aulas e por isso estava muito à vontade para falar no assunto. Depois porque também sou sincera, porque estive nas tintas (risos) para o facto de, quer dizer a partir de determinada altura a gente esquece. Eu não me lembro, eu muitas vezes não me lembro se oiço ou não oiço ou oiço mal. E não me lembro quando os outros olham para mim, eu não estou a pensar “será que ela está”. Faz parte de mim neste momento. Se calhar na altura não faria tanto, mas neste momento é uma coisa que faz parte de mim. È de tal maneira que eu hoje de manhã levantei-me. A primeira coisa que eu costumo fazer é colocar as minhas próteses, hoje não fiz isso, porque inverti a ordem das coisas porque vinha para aqui para a ESE. Vesti-me e quando desço as escadas, achei que estava muito silêncio no andar de baixo. E pensei “isto ainda é muito cedo, são 8 da manhã, pois não há-de estar silêncio”. Até que de repente pensei “espera lá está-me a faltar qualquer coisa”. Tive que vir logo buscar as próteses porque só pensava: “Meu Deus eu vou para a escola e a voz do professor até eu conheço e vamos estar num ambiente muito sossegado, mas conhecer a (...) eu não conheço a voz dela se temos que ir para um sítio onde há barulho. Sem as próteses eu consigo perceber é é muito mais difícil. Acabo por não... A partir de determinada altura, se não forem os outros a lembrarem isso ou as condições externas a mim, eu acabo por mão

me lembrar. Mas não é sempre assim não é? Depois às vezes há aquelas situações em que acontece qualquer coisa que nos faz lembrar. Eu já me esqueci qual era a pergunta.

Entrevistadora – Se alguma vez se sentiu discriminada?

Entrevistada – Se me tinha sentido discriminada, pois foi sobretudo essas situações, mas grandemente discriminada quando realmente eu não posso ter o acesso a determinadas coisas que as outras pessoas têm. Nós tivemos aqui um professor que eu não sei se chegou também a ser vosso professor muito engraçado. Uma pessoa curiosa excêntrica, mas muito curiosa. E quando ele falava dos direitos dos deficientes ele dizia, punha algumas questões que aparentemente aquilo era uma loucura, mas depois se calhar não era tão louco. Imagina que ele em relação às pessoas com deficiência dizia:” pois os deficientes querem igualdade de oportunidades querem os mesmos direitos, mas depois na prática querem ser tratados de maneiras diferentes.” É assim eu quero ser tratada de maneira diferente. Eu para ter as mesmas oportunidades que os outros, preciso de ser tratada de maneira diferente. Quando isso não acontece eu sinto-me discriminada por mim e por todos os que andam por aí os mais pequenitos os mais velhos. Porque eu tive sorte com muitas coisas. Tive a sorte de ter dinheiro para comprar as prótese tive sorte de os meus terem o dinheiro para me irem comprar as próteses, porque eu não o tinha, tive a sorte de ter um ordenado que me permitiu juntar dinheiro para comprar um aparelho em FM de apoio á escuta, tive a sorte de pessoas que me informaram dos meus direitos, tive a sorte de ter um feitio, aquilo que chamam mau feitio,

eu não sei se é mau feitio mas que me obriga a querer saber o porquê das coisas e a lutar por aquilo que eu acho que tenho direito, e portanto sinto-me discriminada por mim e pelos outros porque até aceitam como certas coisas que para mim não estão certas.

Entrevistadora – Fale-me agora do seu dia-a-dia como deficiente. No percurso casa trabalho que barreiras encontra?

Entrevistada – É assim eu depois de ter adoecido, de ter ficado com a deficiência auditiva, eu deixei de trabalhar, porque nem sequer andava. Portanto digamos que na altura para além de tudo havia a barreira a nível motor. Eu não andava. Só a partir do momento em que comecei a tomar cortisona é que comecei a andar, e mesmo assim com muita dificuldade. Tive que reaprender a andar. Agora eu nunca trabalhei com deficiência auditiva, mas senti essa barreira que eu tive que pedir voluntariamente segundo os senhores do Ministério, mas segundo a minha pessoa não, não foi voluntariamente eu tive que pedir a aposentação por incapacidade porque a escola não está preparada para ter uma pessoa que de repente adquire uma deficiência auditiva e que não pode estar, quer dizer eu posso estar numa sala com 30 alunos eu poder posso. Eu não posso é ser professora de Português do 2º Ciclo. Avaliar os meus alunos na leitura, na expressão oral e no resto todo com uma deficiência auditiva, e para além da deficiência auditiva tive as consequências da doença que eu tenho que me rouba muita energia física, já não falo da energia emocional, para trabalhar. Portanto essa seria uma foi, não é seria, uma grande barreira. Não seria nada, porque seria é condicional, e ela foi mesmo um motivo para largar o meu

emprego, o meu trabalho. Portanto essa é uma barreira. Outras barreiras continuam um bocado a nível de locomoção. Há barreiras arquitectónicas, nós há bocado vínhamos a descer as escadas, nas alturas em que eu estou mais cansada, e não só até por motivos de precaução como não tenho grande equilíbrio como nem sempre tenho grande equilíbrio eu tenho que me agarrar ao corrimão. O que é que acontece se estiver nem que seja três ou quatro degraus tiverem ali um grupo de pessoas eu não consigo passar pelo meio, porque eu preciso de sentir... é assim para eu ter a noção do limite do espaço eu preciso que não haja, como é que eu hei-de explicar isto? Eu preciso de sentir o chão seguro e não posso ter pessoas do lado direito e do lado esquerdo e passar pelo meio, porque isso desequilibra-me. Isso tem a ver com os problemas que eu tenho a nível vestibular, a nível do ouvido interno. Portanto o meu centro de gravidade alterou-se com a perda auditiva e com a doença que eu tenho. Eu acho que voltou a alterar-se quando eu recomecei a andar eu já não estava exactamente como estava. Mas aquelas informações relativamente ao espaço que nos permitem orientar no espaço e que são dadas não é só pela audição, mas pela audição eu não as tenho. O efeito do som a bater nas paredes e que nos permite guiar no espaço, para mim não há. Portanto essa é uma barreira. As escadas para mim continuam a ser uma barreira para além de fisicamente ser bastante complicado. Outras barreiras o facto de não haver, isto na minha vida diária, por exemplo, a questão das legendas, as legendas na televisão, porque é assim isto é outra bandeira que eu tenho que adquirir desde há 4 anos que é a questão dos surdos que não utilizam a língua gestual para comunicar, que nem a

conhecem um bocadinho, mas que utilizam a língua portuguesa para comunicar. Embora seja insuficiente eu sou a 1ª a dizer que aquele quadradinho minúsculo no 2º canal e nalguns programas com língua gestual é insuficiente para uma pessoa, para um falante, para um usuário da língua gestual é insuficiente porque a parte da expressão oral facial praticamente não dá para ver, e os próprios gestos são muito pequeninos em comparação com o ecrã, o que é certo é que eu, lá está a questão dos telejornais, eu já não via muito, mas se eu quisesse ver o telejornal ou se eu quisesse ver uma reportagem, um filme em língua portuguesa, ou bem que as personagens, o pivot do telejornal é apresentado de modo a que eu possa fazer um pouco leitura lábia, ou então eu tenho imã dificuldade imensa, eu tenho que aumentar o volume da televisão e depois aumentando o volume eu distorço a nível da compreensão. A questão das legendas que é fundamental e não é só fundamental na televisão, mas é fundamental noutros sítios; nos hospitais é muito engraçado porque, nos hospitais da província ainda se faz isso, vem cá fora o auxiliar, o enfermeiro ou o próprio médico chamar o doente, e em (...) as coisas desde que eu lá estou evoluíram um bocado e agora neste momento já há senhas. Não havia quando eu comecei a ir lá, não ainda não havia em nenhuma das especialidades. Só que é engraçado porque há a senha, mas muitas vezes continuam a vir chamar cá fora e depois lá estou eu a olhar para todos os lados e a pedir ajuda “olhe agora chamaram pela Maria quantas?”, porque eu oiço Maria e depois já não oiço mãos nada, já não percebo mais nada. Portanto eu quero apanhar um comboio, se eu não tiver, se não houver aqueles quadros lá eu tenho que ir perguntar a alguém e espertar que a

peessoa esteja bem-disposta para dizer três ou quatro vezes se for preciso. Uma coisa óptima que aconteceu desde que eu estou surda foi na Gare do Oriente já há um sistema de amplificação sonora eu já oiço os senhores eu percebo os senhores.

(actividade de reforço por parte da entrevistadora com referência à Fertgus de Setúbal)

Entrevistada – Mas Setúbal também tem um pólo a nível de Ensino Superior e não só de educação de surdos, e talvez, não sei isto é só na teoria, não sei se por acção ou de quem estudou ou vive, não se, mas as barreiras arquitectónicas faz falta que aquilo que é dito pelos microfones por aquelas coisas todas, aqueles avisos todos sonoros estejam legendados. Uma coisa óptima que nós temos cá em Portugal, por exemplo não existe no Brasil no metro passar o nome da estação o que é uma ajuda não só para os parolos da província que comparam os surdos como eu, e o facto de estar lá o mapazinho das estações todas. Isso no Brasil está a começar a ser feito agora. E parece-me que assim as barreiras principais serão essas.

Entrevistadora – Nas suas relações sociais no quotidiano, como é que as pessoas lidam com a sua deficiência? Aceitam ou rejeitam? Esquecendo aqui a escola, o nosso local de trabalho, no seu dia-a-dia como é que as pessoas olham para si?

Entrevistada – Depende das relações que nós temos com as pessoas. Depende da relação de proximidade que temos e depende da sensibilidade que elas muitas vezes, também do estarem habituados ou não a lidarem com outras pessoas também com aquela deficiência ou com

outra deficiência, mas também vai muito da sensibilidade da própria pessoa. Eu tenho desde pessoas que olham para mim, como eu disse há pouco, como se eu fosse assim uma coisa, um bicho raro, quando eu digo que sou surda elas vêem que eu não percebi, tenho aquela questão de olharem para mim quando eu peço para repetir assim como quem diz "espera lá será que esta é atrasadinha?" Tenho já me ocorrido isso uma ou outra vez. Tenho as pessoas que digo que sou surda e que me gritam aos ouvidos e depois eu não percebo nada; tenho aquelas que se ofendem quando eu lhes digo quais são as estratégias que devem utilizar para falarem comigo para eu poder perceber. Eu acho que muita gente, mas isto é mesmo uma opinião pessoal, não os mais próximos, muita gente ficou com pena da (...) coitadinha, oh coitadinha da (...) porque tão nova o que lhe havia de acontecer. E as pessoas não sabem exactamente da história toda porque lá está as pessoas que eu adquiri a surdez, algumas sabem porque entretanto também fui esclarecendo, eu também não estou a contar a minha vida a toda a gente. Rejeitar, eu não posso dizer que as pessoas rejeitam. Eu acho é que as pessoas tal como eu não estava preparada para lidar com a surdez do meu pai, acho que as pessoas não estão preparadas neste caso com a deficiência auditiva. Esta situação aproximou-me muito do meu pai, porque o meu pai teve surdez para aí desde os 50 anos. Ele ouve melhor do que eu, não posso dizer isto que ele fica tristíssimo, por eu ouvir pior, obviamente. Mas eu só agora, quando comecei a passar pelas mesmas situações que ele é que eu comecei a perceber porque é que ele nas festas fica sentado a um canto e pouco ou nada fala, porque é que a televisão está em altos berros, porque é mais fácil ele estar

na lua do que estar concentrado nos assuntos, e porque é que não percebe determinados assuntos determinadas coisas. Às vezes é preciso passar pelas coisas para as perceber.

Entrevistadora – Fale – me um pouco das suas actividades sociais é membro de alguma associação ou colectividade?

Entrevistada – É assim, eu através da internet que é das melhores invenções que há, eu tenho tido oportunidade de contactar com muita gente. A internet foi uma descoberta no ano em que eu tive que ficar em casa, portanto estava de baixa, ainda não estava com a doença controlada. Foi uma ajuda grande para ocupar os tempos livres, para procurar informação sobre a minha doença e para contactar com outras pessoas, de descobrir outras pessoas com a mesma doença que eu, ou pessoas com surdez ou com deficiência auditiva. Eu para mim, surdez ou deficiência auditiva é a mesma coisa, embora eu saiba que para muitas pessoas não é e que para muitos investigadores não é, audiologicamente não é, mas para mim um surdo é uma pessoa que não ouve bem, é uma pessoa que bem, não posso dizer que não ouve nada, são raros os casos. Portanto vamos lá ver, eu ainda não sou membro, mas já entrei em contacto com várias pessoas de vários blogues, que têm blogues, eu própria também criei um blogue, e portanto fui conhecendo várias pessoas que estão ligadas à surdez ou por trabalharem com surdos ou por serem elas próprias surdas. Comecei a dar-me com bastante com pessoas implantadas ou familiares de implantados com implantes cocleares. Portanto estou ligada a um fórum que há na internet que é o fórum do implante coclear em Portugal. A associação dos

implantados é possível que venha também a aderir, pelo menos há projectos para trabalhos em comum. Associações, é assim eu não estou por enquanto, mas faço tensões, faz parte dos meus projectos para o futuro a nível profissional e não só, criar uma associação ligada à surdez em que não haja a divisão entre os surdos que falam a língua gestual e surdos que falam a língua portuguesa, em que possa haver partilha de experiências, mas apoios a outro nível. Eu estou a gostar de trabalhar realmente numa coisa dessas, mas gostava de ser eu a fazer uma coisa de raiz, vamos lá ver.

Entrevistadora - Fale-me agora dos seus amigos e da participação deles na sua vida quotidiana. Como é que eles interagem consigo?

Entrevistada – Eu não tenho muitos amigos, mas não é de agora, não é de agora. Eu se calhar até descobri mais amigos, eu acho que a partir do momento em que eu fiquei doente, eu digo fiquei doente porque eu gostava de frisar isso, porque acho que é uma coisa verídica, quer dizer eu tenho a deficiência auditiva integrada numa doença um bocado mais vasta, portanto há outras implicações. A partir do momento em que eu fiquei doente eu consegui mais facilmente distinguir as pessoas que são minhas amigas, algumas de quem eu nunca duvidei, mas aquelas pessoas com quem eu me relacionava a quem eu não chamava amigo, mesmo as colegas de escola ou pessoas com quem eu tinha ou com quem eu me cruzada normalmente, houve algumas que se afastaram, houve outras que se aproximaram. Eu tive surpresas muito agradáveis, as desagradáveis quase que não existiram. Se calhar foram só confirmação por aquilo que eu já pensava

anteriormente, mas que eram situações que ainda não estavam resolvidas. Eu contacto com os amigos que tenho muito por escrito, mas isso fiz muito e agora é com internet os mails, é do melhor que há. Porque eu continuo a ter pessoas que me insistem em telefonar, mas eu ao telefone de casa é muito complicado perceber. Tenho dias em que percebo melhor que outros; vozes de homem são muito complicadas, depois há a questão da dicção. Eu vejo-me perdida para entender um dos meus irmãos, porque ele fala muito depressa e ele continua a esquecer-se, mas vejo-me perdida porque a minha mãe se esqueceu que eu não oiço bem e vira-me as costas quando eu às vezes vou lá passar um fim-de-semana por outro ela vai falando pela casa fora e vira-me as costas. E cada vez que lhe digo:” Ó mãe estás -te a esquecer” “ Ó filha que é que queres, tu pareces que estás tão bem. “ Aquelas coisas das mães. Em relação aos meus amigos, alguns tentaram proteger-me e ainda tentam, acho que já pouco, numa fase inicial houve alguns que tentavam comunicar por mim sem me pedir. Houve uma fase em que eu precisei mesmo disso, eu estive a ouvir pior do que oiço agora e isto sem, próteses bastante tempo também, e isso não é uma coisa que me agrada. Eu não gosto de chegar a um restaurante, por exemplo, com amigos ou de ir a uma loja e a pessoa com quem eu estou ser ela que não me dá opção de querer, ou do querer ir falar com a pessoa, pedir o que quero, não é uma coisa que me agrada. Isso aconteceu algumas vezes no princípio, agora cada vez menos acontece porque acho que as pessoas começaram a aperceber-se que para já estou melhor, já desenvolvi estratégias para perceber melhor as pessoas, e por outro lado eu não tenho problema nenhum em dizer “olhe desculpe lá mas não estou a perceber

nada”. Houve muito acompanhamento na fase inicial, muito apoio por parte dos meus amigos que eram 3 ou 4 pessoas e que procuraram fazer coisa às vezes muito básicas que eu não conseguia fazer. Até quando estive internada, tinha uma amiga que me ia buscar a roupinha interior e o pijama todos os dias para lavar, porque sabia que a minha mãe não podia ir lá todos os dias ao hospital, e no hospital fazem questão de me nos mudar a roupinha, tomamos banho todos os dias e todos os dias se mudava o pijama. E como os meus pais não podiam, ir lá todos os dias, ela fazia questão. Uma coisa que me custou hoje ainda continuo a dizer “Ó (...) tu és a única pessoa para além da minha mãe que me lavou a minha roupinha interior” porque eu não entrego a minhas roupinha interior a ninguém. Para além disto houve situações em que houve uma amiga minha que tem esclerose múltipla já há mais de 10 anos que foi um apoio fundamental e foi outra pessoa de quem me aproximei extraordinariamente porque partilhamos muitas situações. E eu finalmente entendi o que ela queria dizer com expressões deste género “É pá tou farta que me digam, mas tu estás com tão boa cara” “Não é da cara que me queixo”. Esta é uma que também passou a acontecer e eu passei a entender melhor isso. Outra é quando ela dizia “É pá estou estoirada, chego ao fim-de-semana estou estoirada, preciso de descansar.” “Então, prima não descansas porquê?” Eu agora percebo, percebo o que é que ela quer dizer com isto, porque há manifestações da minha doença que são comuns à esclerose múltipla. Muitas da dúvidas que eu tinha, até para não chocar às vezes os meus irmãos, ou outros amigos eu sabia que ela era capaz de saber a resposta e então perguntava a ela “Ó (...) desculpa lá eu no Verão custa-me muito mais a andar

canso-me muito mais.” “Ah isso é mesmo assim.” E eu ainda hoje quando às vezes acontece qualquer coisa que não estou habituada eu falo com ela. Foi um apoio a esse nível. A outros níveis eu neste momento, até porque estou a ver se acabo o meu trabalho, acabo por estar muito tempo sozinha. Mas se eu pensar bem eu dantes estava mais tempo acompanhada porque eu saía de casa para ir trabalhar e acabava por estar com miúdos e colegas todos os dias, agora não saio. Eu não estou mais isolada do que estava anteriormente, não estou, é como eu te dizia no início eu sinto-me mais próxima das pessoas. Não há, é como houve na fase inicial uma adaptação à doença à surdez aquele contacto diário e aquela preocupação diária da minha mãe, da minha irmã mais nova e da minha amiga que mora em Almeirim, moramos ali quase pegado rua com rua de saber “É pá como é que tu estás hoje?” Ou de passar por lá e levar uma sopa que era para não estar a fazer jantar, que bem que aquilo sabia! Eu acho que a questão da surdez para alguns deles acaba por ser secundária. Eles às vezes esquecem-se, mas eu também me esqueço.

Entrevistadora – Por último e para terminarmos a nossa entrevista, fale-me dos seus sonho, projectos e aspirações que tenha para o futuro.

Entrevistada – É assim aquele ano que eu estive em casa, estive muito tempo a pensar, até pensava demais. Tinha demasiado tempo para pensar o que não é bom. E como comecei a pensar em como havia de conciliar, como é que havia de resolver a questão profissional, porque para além da parte profissional que me realizava depois também há a questão económicas, não é verdade? E uma pensão ao fim

de 24 anos de serviço, digamos que eu estou com 2/3 daquilo que recebia, o que é muito mais do que muita gente tem. É muito mais do que muita gente tem, mas quer dizer, nós estamos habituados a ganhar assim uns centimos a mais é para aí de 5 em 5 anos, não estamos habituados a andar para trás, e portanto há muitas adaptações que eu estou a começar a fazer, e algumas se calhar ainda não fiz. E portanto eu não quero ficar parada em casa, eu sei que não posso trabalhar a tempo inteiro, não tenho capacidade física para isso. Eu preciso de condições específicas de trabalho, porque eu não posso trabalhar em sítios ruidosos, em sítios eu ia dizer que me obriguem a estar em contacto com as pessoas, pois mas eu posso, têm é que ser sítios adaptados., porque a nível público já não posso porque já não consegui a tempo a especialização para trabalhar, para concorrer para o Ensino Especial, mas mesmo aí não conseguiria trabalhar o número de horas que teria de trabalhar. E portanto a nível privado eu posso, vou poder fazer o apoio de crianças com dificuldades auditivas com uma surdez profunda. Eu gostava também de trabalhar na área de apoio, mas apoio a nível de divulgação dos direitos, das leis, dos direitos que as pessoas com surdez têm. Porque é daquelas coisas, porque as pessoas não sabem se não houver alguém que diga “Olhe você tem direito a isto assim e assado” Ou bem que a pessoa tem muito tempo, tem vontade e tem curiosidade e descobre, ou então não sabe. Eu sei o que é a vida mudar de um dia para o outro, e o difícil que é nós procurarmos referências apoios, reorganizar a nossa vida em função de novas características. Eu gostava de ser útil nesse aspecto, para além de que, eu projectos tenho imensos, gostava de contribuir para a divulgação da minha doença porque ela é

desconhecida das pessoas em geral e da maior parte dos médicos otorrinos, oftalmologistas e reumatologistas que são as três especialidades mais em contacto, não são as únicas mas são aquelas as principais. E gostava de ajudar as pessoas como eu a serem diagnosticadas mais depressa, porque no caso desta doença um diagnóstico rápido poderá permitir travar a surdez ou até recuperar parte da audição porque dentro das doenças raras eu acabo por ser um caso um bocadinho raro, porque eu mantenho a audição, quando muitas pessoas perdem a audição às vezes num espaço muito curto de tempo. Portanto projectos há imensos trabalhar nas área da surdez, voltar a trabalhar aproveitando o saber que eu tenho a nível profissional conciliando com o saber e a experiência que eu tenho a nível profissional. A vivência da surdez para poder apoiar outros.

Entrevistadora – Obrigada pelo seu testemunho e pela sua disponibilidade.

Entrevistadora - De nada.

Dados Sócio Demográficos

Entrevista n.º8

Idade: . 46 anos.

Sexo: Feminino.

Estado Civil: Solteira.

Residência: Ribatejo.

Profissão: Aposentada há 1 ano.

Entrevista nº 8

Temas	Categorias	Subcategorias	Indicadores
Caracterização da Deficiência	Caracterização da deficiência	Tipo Adquirida /Congênita Caracterização	Auditivo Adquirida em Adulta há 4 anos Perda Auditiva neurocensória
	Concepção da deficiência	Noção de deficiência	Sente a deficiência enquanto limitação, por ser recente e não ter sido educada para isso não gosta da palavra deficiente, no entanto assume que necessita de ser tratada de modo diferente.
		Limitações	Audição e suas consequências ao nível da comunicação
		Vivência da deficiência	Vivência conflituosa, pois teve que abdicar de muita coisa que gostava

		Momentos marcantes	Momento da perda auditiva
História familiar	Papel da família	Apoio familiar	Choque inicial dos pais com expansão da mãe e reserva do pai
Integração e inclusão na escola	Papel da escola	Relação professor aluno	Não se aplica
		Relação entre pares	Não se aplica
		Apoios Escolares	Não se aplica
		Barreiras	Não se aplica
História Profissional	Percurso profissional	Antiguidade	24 anos
		Situação profissional	Não se aplica
		Nº de escolas por onde passou	Não se aplica
		Relação com os colegas	Não se aplica
		Relação com Enc de Educação	Não se aplica
		Relação com os alunos	Não se aplica

<p>Barreiras físicas e arquitectónicas</p>	<p>Dificuldades /facilidades do deficiente</p>	<p>Barreiras</p>	<p>Barreira motora porque no início não andava; incapacidade de ouvir; cansaço associado à doença; escadas; legendas</p>
		<p>Dificuldades casa/trabalho (forma de deslocação)</p>	<p>Não foi referido</p>
		<p>Dificuldades de transporte</p>	<p>Não foi referido</p>
		<p>Edifícios públicos</p>	<p>Não foi referido</p>
		<p>Discriminação</p>	<p>Sim quando as pessoas não sabem lidar com ele</p>
<p>Integração do deficiente (cidadania)</p>	<p>Integração social</p>	<p>Actividades</p>	<p>Recurso a internet e blogues como forma de participação</p>

		Relação com o outro	A entrevistada se lida com pessoas ligadas ao problema da surdez é uma relação normal, com pessoas que não estão habituadas lida como forma de preconceito
		Relações de amizade	A deficiência reforçou alguns laços de amizade, mas afastou outros
Perspectivas futuras dos professores	Perspectivas Futuras	Projectos	gostava de contribuir para a divulgação da minha doença porque ela é desconhecida das pessoas em geral e da maior parte dos médicos otorrinos, oftalmologistas e reumatologistas
		Sonhos	

		Aspirações	Eu gostava também de trabalhar na área de apoio, mas apoio a nível de divulgação dos direitos, das leis,
--	--	------------	--

Entrevista N° 9

Entrevista nº 9 dia 25 de Fevereiro de 2010, 13 horas.

Entrevistadora – Boa tarde.

Entrevistada – Boa tarde.

Entrevistadora – Vou fazer-lhe algumas perguntas das quais garanto o seu anonimato. O seu nome vai ser substituído por outro. Os nomes de escolas serão omitidos, outros nomes de locais terão nome genérico. Primeiro preciso de algumas informações:

Que idade tem?

Entrevistada – 33

Entrevistadora – Qual é a zona da sua residência?

Entrevistada – Grande Lisboa.

Entrevistadora – Qual é o seu estado civil?

Entrevistada – Solteira.

Entrevistadora – Qual é a composição do seu agregado familiar? Vive com os pais?

Entrevistada – Vou viver sozinha brevemente.

Entrevistadora – Quais são as suas habilitações académicas?

Entrevistada – Licenciatura de Educação de surdos.

Entrevistadora – Qual é a sua profissão?

Entrevistada – Educadora de Infância.

Entrevistadora – Em que grau de ensino? Qual é a sua situação profissional?

Entrevistada – Pré-escolar. Sou do quadro.

Entrevistadora – Como sabe o tema da nossa entrevista é sobre a integração do professor com deficiência no seu local de trabalho. Fale-me um pouco da sua deficiência. Como é que a adquiriu?

Entrevistada - Eu nasci já surda. Foi devido a um parto prematuro que a minha mãe teve.

Entrevistadora – Quais são as suas principais limitações?

Entrevistada - É não perceber o que se passa à minha volta, estar sempre a olhar para os lábios das pessoas para fazer leitura labial. Se não estiver a olhar para os lábios das pessoas eu oiço a voz mas não percebo. Então tenho que estar sempre concentrada nos lábios para perceber. Às vezes é um bocado cansativo emocionalmente, porque se eu não tiver a olhar para os lábios não percebo nada.

Entrevistadora – O que é para ti ser deficiente em Portugal?

Entrevistada – Eu acho que vai de cada pessoa o modo de viver a vida. Eu acho que se a pessoa tiver um pouco optimista, acho que tem que lutar devido aos seus limites. A pessoa pode fazer todas as coisas que conseguem de maneira diferente. Vai de cada pessoa.

Entrevistadora – Como é que vive a sua deficiência?

Entrevistada – Eu já nasci assim, não foi assim de repente. Eu digo, ainda bem que nasci assim do que nascer ouvinte e ficar surda, porque assim adaptei-me mais facilmente e

como consigo fazer uma leitura labial fantástica. Foi desde nascença. Se eu fosse surda assim de repente se calhar era mais difícil. Já nasci assim, já estou habituada a adaptar-me às dificuldades de tantas situações, às vezes tenho que pedir ajuda às pessoas às vezes é chato.

Entrevistadora – Que momentos mais a marcaram como deficiente?

Entrevistada – Foi quando estava a tirar o curso de educadora, já tinha feito o 1º ano de Educadora de Infância e disseram-me que não podia ser Educadora de Infância devido ao meu problema. Até que a minha faculdade fez uma proposta em conjunto com o Ministério da Educação e fizeram uma Licenciatura para Educação de Surdos. Fiz algumas disciplinas Necessidades Educativas Especiais. Fiz só estágio durante 4 anos só com surdos. E depois foi um bocado traumatizante dizerem que eu não podia ser educadora tinha que mudar de curso. Depois houve esta opção e já realizei o meu sonho. Trabalhar com surdos.

Entrevistadora – Vamos falar agora do seu percurso familiar e escolar. Como é que a sua família lidou com a sua deficiência?

Entrevistada – Muito mal, muito mal. Apesar de eu ter nascido surda só detectaram aos 7 anos, então reagiram muito mal. Quando eu fui para a escola havia muita coisa que eu não sabia o que era, não sabia o que era uma peixaria, o que era um talho, porque nunca tinha ouvido estas palavras. Tive dificuldades no 1º ano, no 2º ano, apesar de eu nunca ter chumbado, nem no 1º Ciclo, nem no 2º Ciclo, nem no 3º Ciclo, nem na faculdade nunca chumbei, mas tive dificuldades na aprendizagem no 1º ano

e na 3ª classe porque havia palavras que eu nunca tinha ouvido na minha vida. Mas eu tive muito apoio dos meus pais, tive uma professora de apoio, tive um explicador, e os meus pais também me apoiavam um bocado nos trabalhos de casa. Consegui ultrapassar isso rapidamente. Depois fiz o percurso normal. Estudavas mais que as minhas colegas, porque eu sabia do meu problema e então sabia que me tinha que esforçar o dobro. É sempre assim, estudar o dobro e as minhas dificuldades na escola era não conseguir tirar apontamentos. Eu não consigo escrever e olhar para os lábios, tive muita dificuldade em tirar apontamentos. Tive amigos quer na escola primária, quer no 1º Ciclo, no 2º Ciclo, na faculdade, os professores também me ajudaram imenso.

Entrevistadora – No percurso escolar, começando pelo 1º Ciclo como foi a sua relação com os colegas e professores?

Entrevistada – Muito boa, aceitaram o meu problema e os meus colegas tentaram-me ajudar.

Entrevistadora – No percurso escolar beneficiou de alguns apoios? Por exemplo professor de ensino especial, equipamentos adaptados?

Entrevistada – Sim, tive apoio do Ensino especial, no 1º Ciclo e no 2º Ciclo tive também professora de apoio. E para além disso os meus pais sempre fizeram questão que eu andasse no explicador privado e também tive terapeuta de fala também privado. Tive explicador e terapeuta de fala privado cá fora, para conseguir falar bem e também para conseguir acompanhar a escolaridade como os outros.

Entrevistadora – Que tipo de barreiras, obstáculos encontrou nas escolas que frequentou?

Entrevistada – É assim, às vezes não conseguia perceber bem as matérias, mas pronto, com ajuda consegui ultrapassar isso, com a ajuda do explicador, do professor de apoio e isso. Não tive assim muitas barreiras. As pessoas com quem convivi à minha volta aceitaram o meu problema e ajudaram-me imenso.

Entrevistadora – Quais são os seus principais problemas que enfrenta no seu dia-a-dia como deficiente?

Entrevistada – É eu estar a ver o telejornal e não conseguir perceber, porque tenho um bocado dificuldade em perceber, em tentar fazer leitura labial, mas às vezes é diferente. Gostava que fosse legendas, porque a língua gestual é muito pequenino, e às vezes não há língua gestual. Eu preferia que o telejornal fosse legendado, do que estar sempre a perguntar a alguém que está ao meu lado, o que estão a dizer, o que não estão a dizer. Eu gosto muito de ouvir as notícias. Fico muito frustrada e triste porque eu quero perceber o que se passa às vezes e não consigo perceber. Pelo menos o telejornal gosto muito de perceber e outros programas documentários e isso. Eu fico frustrada porque não consigo perceber, fico aflita. E não conseguir falar ao telefone, às vezes tenho que pedir às pessoas que telefonem, para marcar consultas e isso. E às vezes em sítios, por exemplo estou com muita gente e tenho mais dificuldade em perceber, em sítios barulhentos, às vezes tenho que perguntar novamente o que se passa, não consigo perceber muito bem, depende.

Entrevistadora - Fale-me agora um pouco do seu percurso profissional, há quantos anos lecciona?

Entrevistada – Há 10 anos.

Entrevistadora – Por quantas escolas passou?

Entrevistada – Primeiro numa escola na Amadora, de ouvintes. Depois fui chamada para aqui e trabalho aqui há 10 anos. Na escola dos ouvintes gostaram muito do meu trabalho foi muito gratificante trabalhar com ouvintes. Não consegui perceber o que é que as crianças ouvintes diziam, porque como estavam naquela fase de aprender a falar, não conseguia perceber nada. Era muito difícil, porque chegava a casa com dores de cabeça, ficava aflita. Às vezes chamavam-me e eu não conseguia ouvir o meu nome. Foi um bocado complicado, mas pronto.

Entrevistadora – Fale-me um pouco do seu percurso escolar. Comece pelas primeiras escolas por onde passou, quais foram os principais problemas? Foi o não ouvir as crianças? O não as perceber?

Entrevistada – Sim só o não as perceber, o não ouvir.

Entrevistadora – Os alunos aceitaram bem a sua deficiência? Que atitudes tomaram?

Entrevistada – A minha deficiência, sim eles compreendiam que eu era surda e repetiam mais vezes, mas às vezes tinha muitas dificuldades em perceber-los. Não posso trabalhar com crianças ouvintes porque tenho muitas dificuldades em perceber-los. É assim com adultos eles já sabem falar têm uma linguagem acessível, as crianças estão a aprender a falar, não consigo perceber quase nada, é muito complicado trabalhar com elas. É aquela barreira

de comunicação que quando trabalhei com crianças ouvintes, apesar de eu falar bem. Fui muito estimulada oralmente, porque tive terapia da fala, mas com crianças é muito difícil de perceber. Há uma barreira de comunicação.

Entrevistadora – Os colegas lidaram bem com a sua deficiência? Como reagiram ao saber que no dia-a-dia iam lidar com uma colega surda?

Entrevistada – Só trabalhei uns meses com crianças ouvintes, e depois durante estes 9 anos, 10 anos vai fazer só tive com surdos. Portanto estes anos todos tenho trabalhado com surdos.

Entrevistadora – Mas aqui há ouvintes, como é que eles reagem?

Entrevistada – Sim, sim aqui onde eu trabalho há uma grande sensibilidade por parte dos surdos, por parte das pessoas que têm uma deficiência auditiva. Aceitaram bem, ajudam quando eu não percebo. Ajudam-me imenso, quer os colegas, quer as crianças ouvintes, sabem que eu tenho este problema e repetem, falam mais devagar, fazem os gestos, essas coisas todas. Aqui acho que estou muito bem. Uma vez que há aqui surdos as pessoas sentem-se mais sensibilizadas.

Entrevistadora – Estás no teu meio?

Entrevistada – Sim estou no meu meio.

Entrevistadora – Os pais encarregados de educação reagiram bem à sua presença? Que atitudes e comportamento tiveram para consigo?

Entrevistada – Sim, sim, sim.

Entrevistadora – Alguma vez sentiu-se discriminada por ser deficiente?

Entrevistada – Sim, na adolescência

Entrevistadora – Quer contar-me um episódio?

Entrevistada – Era mais as raparigas quando os rapazes estavam interessados em mim (risos). Foi só nesse sentido, só quando os rapazes estavam interessados em mim. As raparigas diziam “ela tem aquele problema, é surda, porque gostas daquela surda?” ”gostas daquela surda?” Foi só nesse aspecto, as raparigas eram um bocadinho mazinhas. Mas no geral nunca me senti discriminada, pelo contrário.

Entrevistadora – As escolas por onde passou estavam preparadas para receber uma educadora com deficiência auditiva?

Entrevistada – Sim, sim, sim.

Entrevistadora – Fale-me um pouco do seu dia-a-dia como deficiente. No seu percurso casa trabalho que barreiras encontra?

Entrevistada – Barreiras, é como já disse à bocado, é não conseguir às vezes fazer os telefonemas ou não perceber certas conversas, em sítios muito barulhentos. Às vezes depende porque há pessoas que falam mais devagar, há outras que falam mais depressa. Não há problema. É só isso não há grandes barreiras, já estou habituada.

Entrevistadora – Nas suas relações sociais do quotidiano, como é que as pessoas lidam com a sua deficiência?

Entrevistada – Não tenho problemas, as pessoas lidam comigo muito bem.

Entrevistadora – Fale-me das suas actividades sociais. É membro de algum clube, associação ou colectividade?

Entrevistada – Não, não, não.

Entrevistadora – Por falta de tempo?

Entrevistada – Sim, em especial por falta de tempo.

Entrevistadora – Fale-me um pouco dos seus amigos e da participação deles na sua vida quotidiana. Como é que eles interagem consigo?

Entrevistada – Foi muito importante ter os meus amigos da infância. Agora ainda são meus amigos, somos um grupinho. Também ajudaram a influenciar a ir para o ensino superior, uma vez que todos eles também tiraram o curso superior. Eles incentivaram-me “já que acabaste o 12º também vais tirar um curso superior.” Foi importante. Eles acreditaram que eu tirava o curso superior. Como eu consegui, eles têm uma grande adoração por mim, também. Os amigos foram muito importantes na minha vida e na minha infância e são as mesmas raparigas. Somos 5 raparigas. Umas já estão casadas, já têm bebés e continuamos a sair. É um grupinho muito forte, e é muito importante da minha vida.

Entrevistadora – Por último e para terminarmos a nossa entrevista fale-me dos seus sonhos, projectos e aspirações.

Entrevistada – Mestrado estou a pensar a tirar brevemente irei tirar. Estou com muita vontade. Claro que é no ensino de surdos também, na Educação de Surdos ou qualquer

coisa. Estou a pensar em tirar o Mestrado, é o meu próximo objectivo.

Entrevistadora – Obrigada pela sua entrevista e pela sua disponibilidade.

Entrevistada – De nada, de nada

Dados Sócio Demográficos

Entrevista n.º9

Idade: 33 anos.

Sexo: Feminino.

Estado Civil: Solteira .

Residência: Grande Lisboa.

Profissão: Educadora de Infância.

Entrevista nº9

Temas	Categorias	Subcategorias	Indicadores
Caracterização da Deficiência	Caracterização da deficiência	Tipo Adquirida /Congénita Caracterização	Auditiva Congénita Parto prematuro
		Noção de deficiência	Eu acho que vai de cada pessoa o modo de viver a vida.
	Conceção da deficiência	Limitações	não perceber o que se passa à minha volta, estar sempre a olhar para os lábios das pessoas para fazer leitura labial
		Vivência da deficiência Momentos marcantes	Eu já nasci assim Momento em que estava a tirar o curso e lhe disseram que devido ao facto de ser surda não o podia ser.

História familiar	Papel da família	Apio familiar	. Apesar de eu ter nascido surda só detectaram aos 7 anos, então reagiram muito mal.
Integração e inclusão na escola	Papel da escola	Relação professor aluno	Muito boa
		Relação entre pares	Muito boa, os colegas tentavam ajudar
História Profissional	Percurso profissional	Apoios Escolares	Ensino Especial, Terapia da Fala e Explicador privado
		Barreiras	Perceber a matéria
		Antiguidade	Tem 10 anos de serviço
		Situação profissional	É do quadro
		Nº de escolas por onde passou	Passou por uma e agora está há 9 anos na mesma escola
		Relação com os colegas	Sim há uma grande sensibilidade
		Relação com Enc de Educação	Sim aceitaram bem
Relação com os alunos	Os alunos aceitaram bem a deficiência		

<p>Barreiras físicas e arquitectónicas</p>	<p>Dificuldades /facilidades do deficiente</p>	<p>Barreiras</p>	<p>Telejornal, documentários, telefone marcar consultas com muita gente e tenho mais dificuldade em perceber, em sítios barulhentos</p> <p>Não tem</p> <p>Não tem</p> <p>Não tem</p>
<p>Integração do deficiente (cidadania)</p>	<p>Integração social</p>	<p>Dificuldades casa/trabalho (forma de deslocação)</p> <p>Dificuldades de transporte</p> <p>Edifícios públicos</p> <p>Discriminação</p> <p>Actividades</p> <p>Relação com o outro</p>	<p>Não tem</p> <p>Sim, em adolescente</p> <p>Não tem, por falta de tempo</p> <p>As pessoas lidam bem com a entrevistada</p> <p>Boa</p>
<p>Perspectivas futuras dos professores</p>	<p>Perspectivas Futuras</p>	<p>Relações de amizade</p> <p>Projectos</p> <p>Sonhos</p> <p>Aspirações</p>	<p>Tirar o Mestrado</p>

Entrevista N° 10

Entrevista n.º10 dia 3 de Março de 2010, 10 horas.

Entrevistadora – Bom dia.

Entrevistada – Bom dia.

Entrevistadora – Vou fazer-lhe algumas perguntas das quais garanto o seu anonimato. O seu nome vai ser substituído por outro. Os nomes de escolas serão omitidos, outros nome de locais terão nome genérico.

Primeiro preciso de saber algumas informações:

Que idade tem?

Entrevistada – 29.

Entrevistadora – Qual é a zona da sua residência?

Entrevistada – Grande Lisboa.

Entrevistadora – Qual é o seu estado civil?

Entrevistada – Casada.

Entrevistadora – Qual é a composição do seu agregado familiar?

Entrevistada – Eu e o meu marido.

Entrevistadora – Quais são as suas habilitações académicas?

Entrevistada – Licenciatura, Professora do 1º Ciclo, variante de Educação Visual e Tecnológica.

Entrevistadora – Qual é a sua profissão?

Entrevistada – Docente do 1º Ciclo.

Entrevistadora – Qual é a sua situação profissional?

Entrevistada – Contratada.

Entrevistadora – Como sabe o tema da nossa entrevista é sobre a integração do professor com deficiência no seu local de trabalho. Fale-me um pouco da sua deficiência, como é que a adquiriu?

Entrevistada – Penso que seja pelas otites que tenha apanhado mais nova, por volta dos 5 anos.

Entrevistadora – Quais são as suas principais limitações?

Entrevistada – Em reuniões quando há muita gente, quando é grupo muito extenso, tenho dificuldade em ouvir.

Entrevistadora – O que é para si ser deficiente em Portugal?

Entrevistada – É uma pergunta bem complicada.

Entrevistadora – Porquê?

Entrevistada – Porque, eu não me considero bem deficiente. Uma pessoa surda não é bem deficiente, isto é na minha opinião. Mas por exemplo, eu estou a falar de pessoas mesmo surdas profundas, pessoas que têm mesmo dificuldade em ouvir o telejornal. As informações chegam um bocado mais tarde. Portanto acho que uma das limitações de ser deficiente em Portugal é também pouco de apoio, e às vezes em termos de tecnologia.

Entrevistadora – Como vive a sua deficiência no seu dia-a-dia?

Entrevistada - Não noto muito a diferença. Eu sinto a diferença de ter a dificuldade em ouvir quando há muita gente a falar ao mesmo tempo.

Entrevistadora – Que momentos a mais marcaram na sua vida como deficiente?

Entrevistada – Momentos... talvez quando foi aprovada a lei da Língua Gestual Portuguesa.

Entrevistadora – Isso é um momento positivo?

Entrevistada – Muito positivo nas escolas, muito mesmo. Eu acho que isto nas escolas é muito bom. Para o futuro mesmo das crianças.

Entrevistadora – E negativo, houve algum momento que a tivesse marcado?

Entrevistada – Sim, o ter que usar aparelho

Entrevistadora – Vamos agora falar do seu percurso familiar e escolar. Como é que a sua família lidou com a deficiência?

Entrevistada – Portanto, eu tenho uma irmã surda, é a mais velha, e acho quando já estavam dentro do assunto quando souberam que eu era surda.

Entrevistadora – No seu percurso escolar, começando pelo 1º Ciclo, como foi a sua relação com os colegas e professores?

Entrevistada – Com os professores eu tive uma boa relação. A relação com os meus colegas senti-me que não foi lá muito boa.

Entrevistadora – Porquê? Não a aceitaram?

Entrevistada – Não aceitaram com muita facilidade, porque na comunicação como viam que eu tinha dificuldade de ouvir, acho que perdiam a paciência comigo.

Entrevistadora – No seu percurso escolar beneficiou de alguns apoios? Por exemplo professor do Ensino Especial, equipamentos adaptados...

Entrevistada – Na altura não havia, na altura no 1ª Ciclo não. Mais a partir do 9º ano, quando entrei numa escola de surdos aí é que já havia mais apoios.

Entrevistadora – Que tipo de barreiras (obstáculos) encontrou nas escolas por onde passou? Como aluna primeiro.

Entrevistada – Como aluna obstáculos (entrevistada muito pensativa) talvez as salas serem amplas e ter dificuldades em ouvir o professor. O professor que falava de costas e eu raramente percebia o que ele dizia. Isso foi o maior obstáculo.

Entrevistadora – Quais são os principais problemas que enfrenta no seu dia-a-dia como deficiente?

Entrevistada – Principais problemas, no hospital. Por exemplo no hospital chamam as pessoas e eu não consigo ouvir. E muitas vezes chamaram o meu nome, sou capaz de estar muito tempo à espera até me voltarem a chamar.

Entrevistadora – Além dos problemas que me falou, que outros problemas enfrenta?

Entrevistada – Outros, no hospital, é mais que eu sinto mesmo, é mesmo em sítios e instituições que as pessoas, não têm paciência. Se eu estou a falar ou a perguntar

alguma coisa, não têm perfil, não têm mesmo paciência para falar comigo. Tenho dificuldade, não percebo.

Entrevistadora – Fale-me agora um pouco do seu percurso profissional. Há quantos anos lecciona?

Entrevistada – Vai fazer 6 anos.

Entrevistadora – Por quantas escolas passou?

Entrevistada – Por seis.

Entrevistadora – Fale-me um pouco do seu percurso escolar, como professora, começando pelas primeiras escolas por onde passou, quais foram os seus principais problemas?

Entrevistada – É sempre o mesmo, turmas muito grandes. Turmas muito grandes, muito difícil gerir, porque eu para ouvir um aluno, se tiver uns poucos a falar e uma sala muito grande com eco, muitas vezes eu nem conseguia, não conseguia falar mesmo com eles.

Entrevistadora – Os alunos aceitaram bem a sua deficiência? Que atitudes tomaram?

Entrevistada – Muitas vezes eles não sabiam. Houve escolas que eles chegaram a não saber que eu tinha dificuldades em ouvir.

Entrevistadora – O que é muito positivo?

Entrevistada – É positivo, portanto aceitaram bem, nunca reclamaram.

Entrevistadora – Os colegas lidaram bem com a sua deficiência? Como reagiram ao saber que no dia-a-dia iam lidar com uma professora deficiente auditiva?

Entrevistada – Houve escolas que não souberam logo no início, mas a meio do ano tive que dizer mesmo que tinha dificuldade em ouvir. Acho que as pessoas, não é pelo mal, as pessoas não fazem isto por mal, mas ficam atenciosas de mais . Parece que há ali uma pessoa que quer, notas que há uma pessoa diferente do grupo.

Entrevistadora – Os pais encarregados de educação reagiram bem à sua presença? Que atitudes e comportamentos tiveram para consigo?

Entrevistada – Todos eles aceitaram bem, não houve nenhum problema, mesmo nesta escola. Eu falo nesta escola, os pais sabem que eu tenho dificuldade em ouvir e não... Aceitaram-me bem.

Entrevistadora – Alguma vez sentiu-se discriminada por ser deficiente?

Entrevistada – Sim, sim.

Entrevistadora – Quer contar-me em que situação foi?

Entrevistada – Tipo de conversas, frases que às vezes são ditas que acabam por ofender, por ofender portanto.

Entrevistada – As escolas estavam preparadas para receber um professor com deficiência auditiva?

Entrevistada – Não.

Entrevistadora – Fale-me agora do seu dia-a-dia como deficiente, no seu percurso casa trabalho que barreiras encontra?

Entrevistada – Barreiras, agora já não, mas nos transportes públicos já há menos. A única coisa é só mesmo no diálogo com as pessoas.

Entrevistadora – Nas suas relações sociais do quotidiano, como é que as pessoas lidam com a sua deficiência? Vamos agora esquecer o local de trabalho, vamos na rua, como é que as pessoas olham para nós e lidam connosco?

Entrevistada – Por exemplo numa conversa em língua gestual as pessoas fixam muito, e outras gozam mesmo porque quando eu estou a conversar em língua gestual e há pessoas que pensam que eu sou surda profunda pensam que eu não estou a ouvir o que ela está a dizer. Simplesmente dizem coisas que uma pessoa fica mesmo, parece que nunca viram.

Entrevistadora – Fale-me um pouco das suas actividades sociais, é membro de algum clube, associação ou colectividade?

Entrevistada – Da Associação Portuguesa de Surdos.

Entrevistadora – Fale-me um pouco dos seus amigos e da sua participação deles na sua vida quotidiana, como é que eles interagem com a colega?

Entrevistada – É assim eu tenho amigos surdos e tenho amigos ouvintes.

Entrevistadora – Como é que, por exemplo, os amigos ouvintes interagem consigo?

Entrevistada – Acho que não há nenhum problema. São amáveis, conversamos, não há nenhum problema, não se

vê nenhum problema. Até têm interesse em aprender mais a língua gestual. Não há nenhum problema.

Entrevistadora – Por último e para terminarmos a nossa entrevista, fale-me dos seus sonhos, projectos e aspirações que tenha para o futuro.

Entrevistada – Neste momento é um bocado complicado. Sonhos, sonhos há muitos, agora projectos também é uma coisa que depende muito das condições que vêm no futuro. O meu sonho era haver uma escola onde só houvesse mesmo só surdos da pré, desde meses até 12^o e depois haver logo uma saída profissional para as crianças, jovens surdos . Porque neste momento está muito difícil integrar os jovens nos empregos. Ou é para telefonar é muito complicado e haver essa escola mesmo só para surdos, acho que não era ter ouvintes era mesmo só surdos.

Entrevistadora – Obrigada pela sua entrevista e pela sua disponibilidade.

Entrevistada – De nada.

Dados Sócio Demográficos

Entrevista n.º10

Idade: 29 anos.

Sexo: Feminino.

Estado Civil: Casada.

Residência: Grande Lisboa.

Profissão: Professora do 1º Ciclo.

Entrevista nº 10

Temas	Categorias	Subcategorias	Indicadores
Caracterização da Deficiência	Caracterização da deficiência	Tipo Adquirida /Congénita Caracterização	Auditiva Adquirida Otites aos 5 anos
		Noção de deficiência	Uma pessoa surda não é bem deficiente,
		Limitações	reuniões quando há muita gente, quando é grupo muito extenso, tenho dificuldade em ouvir
		Vivência da deficiência	Em relações sociais de uma pessoa só consegue ouvir, se houver muita gente dispersa-se e não consegue apanhar o que foi dito
		Momentos marcantes	Positivo: aprovação a lei da Língua Gestual Portuguesa. Negativo: aprovada a lei da Língua Gestual Portuguesa.

História familiar	Papel da família	Apio familiar	Família dentro do assunto por ter já uma irmã surda
Integração e inclusão na escola	Papel da escola	Relação professor aluno	Boa
		Relação entre pares	Não tão boa, os colegas não a aceitaram tão bem
		Apoios Escolares	Não teve
		Barreiras	Salas amplas e professor falar de costas para os alunos
História Profissional	Percurso profissional	Antiguidade	Tem 6 anos de serviço
		Situação profissional	Contratada
		Nº de escolas por onde passou	Passou por 6 escolas
		Relação com os colegas	Relação normal enquanto não revelou a sua deficiência, depois de revelada recebeu atenção excessiva
		Relação com Enc de Educação	Todos eles aceitaram bem, não houve nenhum problema,

			Relação com os alunos	aceitaram bem, nunca reclamaram, nem sequer sabiam que a entrevistada era surda
Barreiras físicas e arquitectónicas	Dificuldades /facilidades do deficiente		Barreiras	Salas muito amplas com eco o que dificultava a audição dos alunos
			Dificuldades casa/trabalho (forma de deslocação)	Não tem
Integração do deficiente (cidadania)	Integração social		Dificuldades de transporte	Não tem, a não ser o diálogo entre as pessoas
			Edifícios públicos	Não tem
			Discriminação	Sim, tipo de frases que podem ofender
			Actividades	Faz parte da Associação Portuguesa de Surdos
			Relação com o outro	Relação de gozo (fazer troça) e de incompreensão da pessoa

		Relações de amizade	Amigos amáveis, não havendo qualquer problema
<p>Perspectivas futuras dos professores</p>	<p>Perspectivas Futuras</p>	<p>Projectos</p> <p>Sonhos</p>	<p>sonho era haver uma escola onde só houvesse mesmo só surdos da pré, desde meses até 12º e depois haver logo uma saída profissional para as crianças, jovens surdos . Porque neste momento está muito difícil integrar os jovens nos empregos.</p>
		Aspirações	

Entrevista N° 11

Entrevista n.º 11 dia 4 de Março de 2010, 15 horas e 30 minutos

Entrevistadora – Boa tarde.

Entrevistada – Boa tarde.

Entrevistadora – Vou fazer-lhe algumas perguntas das quais garanto o seu anonimato. O seu nome vai ser substituído por outro. Os nomes de escolas serão omitidos. Outros nomes de locais terão nome genérico.

Primeiro preciso de algumas informações:

Que idade tem?

Entrevistadora – 48.

Entrevistadora – Qual é a zona da sua residência?

Entrevistada – Grande Lisboa.

Entrevistadora – Qual é o seu estado civil?

Entrevistada – Divorciada.

Entrevistadora – Qual é a composição do seu agregado familiar?

Entrevistada – São duas pessoas.

Entrevistadora – Quais são as suas habilitações académicas?

Entrevistada – Licenciatura em História, como base e Mestrado na Reabilitação de Deficiência Visual

Entrevistadora – Qual é a sua profissão?

Entrevistada – Professora.

Entrevistadora – Em que grau de ensino?

Entrevistada – 2º e 3º Ciclo.

Entrevistadora – Qual é a sua situação profissional?

Entrevistada – Sou do quadro de nomeação definitiva, Professora Titular.

Entrevistadora – Como sabe o tema da nossa entrevista é sobre a integração do professor com deficiência no seu local de trabalho. Fale-me um pouco da sua deficiência, como é que a adquiriu?

Entrevistada – É uma deficiência congénita.

Entrevistadora – Quais são as suas principais limitações?

Entrevistada – Principais limitações? Eu não tenho limitações. Nós temos é que conseguir superar, eu não lhe chamo limitações, sabê-las, eu tenho que resolver os meus problemas, portanto eu limitações não tenho.

Entrevistadora – O que é para si ser deficiente em Portugal?

Entrevistada – Eu não considero pessoas deficientes. A deficiência para mim não existe. Existe, digamos pronto, a pessoa deficiente é como as outras, por isso eu não posso dizer que aquela pessoa é deficiente. Aquela pessoa tem um problema ao qual ela tem que conseguir superar.

Entrevistadora – Como vive a sua deficiência?

Entrevistada – Muito bem.

Entrevistadora – Que momentos mais a marcaram na sua vida como deficiente?

Entrevistada – Nenhum momento.

Entrevistadora – Vamos agora falar do seu percurso familiar e escolar. Como é que a sua família lidou com a sua deficiência?

Entrevistada – Muito bem, são muito meus amigos, compreendem-me muito bem e apoiaram-me o máximo possível, não puseram nenhum obstáculo nem barreira.

Entrevistadora – No seu percurso escolar, comece pelo 1º Ciclo, como foi a sua relação com os colegas e professores?

Entrevistada – Foi tudo muito bem, aceitaram-me perfeitamente nas turmas, tive sempre bem integrada, nunca frequentei qualquer apoio ou ajuda em Educação Especial. Tive sempre integrada nas turmas. Nunca tive nenhum problema com nenhum professor ou com colega. Eu até fiz vários cursos, até já fiz o mestrado e não tive nenhum problema.

Entrevistadora – No seu percurso escolar beneficiou de alguns apoios? Por exemplo professor do Ensino Especial, equipamentos adaptados.

Entrevistada – Sim, tive professor de Educação Especial. Claro que no início da minha carreira como estudante só tive professor de Educação Especial de mês a mês ou de 2 em 2 meses. Depois comecei a ter mais frequentemente quando me aproximei do meu 10º, 11º, 12º ano, e na faculdade não temos nada. Equipamentos de compensação quando comecei a regredir na minha visão

comecei a ter a aprender Braille, não é? E comecei a utilizar a máquina Perkinson, e mais tarde com o desenvolvimento da informática, que foi um grande salto na nossa vida, tenho o computador normal de secretária e outro portátil, como sou professora, para levar para a escola, tenho o Jausse como leitor de ecrã e tenho a linha Braille, e tenho impressora também e Braille, tenho o scanner e tenho também a impressora a negro, portanto normal. Ainda tenho um Pac Mart

Entrevistadora – Que tipo de obstáculos encontrou pelas escolas que frequentou, ainda como aluna?

Entrevistada – Barreiras arquitectónicas?

Entrevistadora – Sim, por exemplo, ou outras.

Entrevistada – É que é assim, nós podemos encontrar barreiras, mas como eu disse à bocado, nós também temos que saber superar as nossas dificuldades, não é? Como temos que saber superar as nossas dificuldades, nós temos que fazer primeiro o reconhecimento para onde vamos. Como eu faço sempre o reconhecimento para onde vou antes de frequentar, eu já não tenho barreiras. Elas são logo superadas.

Entrevistadora – Quais são os seus principais problemas que enfrenta no seu dia-a-dia como deficiente?

Entrevistada – A falta de civismo.

Entrevistadora – Para além dos problemas que me falou que outros problemas enfrenta?

Entrevistada – Acho que a falta de civismo engloba tudo.
Entrevistadora – Fale-me agora um pouco do seu percurso profissional, há quanto tempo lecciona?

Entrevistadora – Há 24 anos.

Entrevistadora – Por quantas escolas passou?

Entrevistada – Muitas, muitas.

Entrevistadora – Fale-me um pouco do seu percurso escolar. Comece pelas primeiras escolas por onde passou, quais foram os principais problemas

Entrevistada – É engraçado eu comecei por leccionar História, que eu sou licenciada em História também, é a minha licenciatura de base, não encontrei problemas nenhuns, nem com as minhas colegas, nem com o Conselho Executivo, nem com alunos. Em todo o meu percurso não tenho tido problemas, não tenho tido problemas. Claro que agora com as escolas de referência, eu gostaria muito de estar no 930, mas encontrei um obstáculo que foi quando eu passei a Professora Titular, em que a minha escola não era escola de referência, e como era Professora Titular não consegui uma escola de referência como foi no concurso, Não pude concorrer.

Entrevistadora – Os alunos aceitaram bem a sua deficiência? Que atitudes tomaram?

Entrevistada – Aceitaram-me bem, porque a primeira coisa que eu digo quando chego a uma sala de aula pela primeira vez quando faço a apresentação, eu identifico-me, digo o meu nome, e uma das coisas que eu digo logo é “eu não vejo, mas há muitas maneiras de ver e de sentir, tenham cuidado”.

Entrevistadora – Os colegas lidaram bem com a sua deficiência? Como reagiram ao saber que no dia-a-dia iam lidar com uma professora invisual? Entrevistada – Reagiram muito bem, não tive qualquer problema.

Entrevistadora – Os pais e encarregados de educação reagiram bem à sua presença? Que atitudes e comportamentos tiveram para consigo?

Entrevistada – Sim, sim, sempre bem. Nunca colocaram nenhum obstáculo mais... nunca me disseram nada.

Entrevistadora – Alguma vez sentiu-se discriminada por ser deficiente?

Entrevistada – Não, discriminada eu nunca senti isso. Claro que às vezes há quando as pessoas tem falta de civismo. Por exemplo eu agora tenho cão guia, e às vezes dizem-me assim em certos restaurantes: “não pode entrar.” Eu digo: “Posso entrar”. O cão guia tem uma legislação de livre trânsito. E eu explico a legislação e explico tudo. Aí é que realmente noto, não foi bem discriminação, mas, é como eu digo, é a falta de informação que as pessoas têm sobre digamos a utilização de um cão guia. Houve um senhor que me disse: “A senhora pode entrar, o cão é que não.” A discriminação não era para mim, mas sim para o cão.

Entrevistadora – As escolas por onde passou estavam preparadas para receber um professor com deficiência visual?

Entrevistada – Nós somos cegos, mas não somos parvos, a minha escola devia de estar preparada parta mais

Entrevistadora – Fale-me um pouco do seu dia-a-dia como deficiente, no percurso casa trabalho que barreiras

encontra? Uma vez que tem cão guia não encontra muitas barreiras, não é?

Entrevistada – O que se encontra de barreiras, são os buracos que fazem sem sinalização. Mas quando comecei a ter cão guia essas barreiras deixam um bocado de existir, e às vezes atravessar as passadeiras, os carros não respeita, o trânsito não pára, carros em cima do passeio, temos que ir para a estrada, isso também é muito chato

Entrevistadora – Nas suas relações sociais do quotidiano, como é que as pessoas lidam com a sua deficiência? Vamos aqui esquecer o meio profissional, no nosso dia-a-dia como é que as pessoas lidam connosco?

Entrevistada – Repare eu sou uma pessoa muito autónoma, eu não dependo de ninguém, eu não dependo de ninguém. Eu faço as minhas compras, eu vim aqui ter consigo, eu vou a todo o lado, eu não sinto isso.

Entrevistadora – Fale-me um pouco das suas actividades sociais, é membro de algum clube, associação ou colectividade?

Entrevistada – Eu sou membro, sou sócia de várias associações, membro já fui agora não sou. Ai, sou sou, sou membro da associação de cães guia.

Entrevistadora – Fale-me um pouco dos seus amigos e da sua participação deles na sua vida quotidiana, como é que eles interagem com a colega?

Entrevistada – Muito bem, ainda agora reparou no telefonema que recebi, queriam já que eu fosse ter com eles.

Entrevistadora – Por último e para terminarmos a nossa entrevista, fale-me dos seus sonhos, projectos e aspirações que tenha para o futuro.

Entrevistada – Aquilo que nós sonhamos, nem sempre é a realidade, não é? Nem sempre conseguimos concretizar, porque a vida prega-nos muitas, muitas partidas. E às vezes quando somos pequeninas, quando temos uma determinada idade, pensamos que a vida vai tomar um rumo diferente, e depois quando chegamos a uma determinada idade, não conseguimos chegar...Quer dizer eu cheguei onde quis a nível profissional e a nível académico, mas quer dizer a outros níveis, se calhar a nossa vida tomou certos rumos que nós nem sabemos o porquê, não é? Pronto às vezes pregas-nos essas partidas.

Entrevistadora – Obrigada pela sua entrevista e pela sua disponibilidade.

Entrevistada – De nada.

Dados Sócio Demográficos

Entrevista n.º11

Idade:48 anos..

Sexo: Feminino.

Estado Civil: Divorciada.

Residência: Grande Lisboa.

Profissão: Professora do 2º e 3º Ciclo..

Entrevista nº 11

Temas	Categorias	Subcategorias	Indicadores
Caracterização da Deficiência	Caracterização da deficiência	Tipo Adquirida /Congênita	Visual Congênita
		Caracterização	Tem cão guia
	Concepção da deficiência	Noção de deficiência	Aquela pessoa tem um problema ao qual ela tem que conseguir superar
		Limitações	Não tem
História familiar	Papel da família	Vivência da deficiência	Muito bem.
		Momentos marcantes	Não respondeu
		Apoio familiar	Muito bem, são muito meus amigos, compreendem-me muito bem e apoiaram-me o máximo possível, não puseram nenhum obstáculo nem barreira
Integração e inclusão na escola	Papel da escola	Relação professor aluno	Muito boa

		Relação entre pares	Muito boa, sempre esteve bem integrada na turma
		Apoios Escolares	Professor de Educação especial, e equipamentos especiais, aprendizagem do Braille
		Barreiras	Existem barreiras enquanto o terreno ou os caminhos não são conhecidos, depois deixa de existir
		Antiguidade	Tem 24 anos de serviço
		Situação profissional	É Professora Titular
		Nº de escolas por onde passou	Não refere o nº de escolas, apenas diz que são muitas
		Relação com os colegas	Reagiram bem, não tendo qualquer problema
		Relação com Enc de Educação	Boa, nunca colocaram qualquer obstáculo
		Relação com os alunos	Boa
		Barreiras	Buracos sem sinalização e falta de civismo
História Profissional	Percurso profissional		
Barreiras físicas e arquitectónicas	Dificuldades /facilidades do		

	deficiente	Dificuldades casa/trabalho (forma de deslocação) Dificuldades de transporte Edifícios públicos	Devido ao facto de ter um cão guia deixou de ter dificuldades Devido ao facto de ter um cão guia deixou de ter dificuldades Devido ao facto de ter um cão guia deixou de ter dificuldades
Integração do deficiente (cidadania)	Integração social	Discriminação Actividades Relação com o outro Relações de amizade	Não se sente discriminada, no entanto como usa o cão-guia, depara-se com o preconceito do uso deste em espaços públicos o que se reflecte nela É membro da associação de cães-guia Afirmção da sua independência em relação aos outros. Muito boa

<p>Perspectivas futuras dos professores</p>	<p>Perspectivas Futuras</p>	<p>Projectos Sonhos</p>	<p>Não quis falar sobre o conteúdo do objectivo da pergunta, mas que as suas aspirações e sonhos não são alcançados. Pressupõe se que estes estejam associados à visão</p>
		<p>Aspirações</p>	

Entrevista N° 12

Entrevista n.º12 dia 5 de Março de 2010, 17 horas e 30 minutos.

Entrevistadora – Boa tarde.

Entrevistada – Boa tarde.

Entrevistadora – Vou fazer-lhe algumas perguntas das quais garanto o seu anonimato. O seu nome vai ser substituído por outro. Os nomes das escolas serão omitidos. Outros nomes de locais terão nome genérico.

Primeiro preciso de saber algumas informações:

Que idade tem?

Entrevistada – 39.

Entrevistadora – Qual é a zona da sua residência?

Entrevistada – Grande Lisboa.

Entrevistadora – Qual é o seu estado civil?

Entrevistada – Solteira.

Entrevistadora – Qual é a composição do seu agregado familiar? Vive sozinha?

Entrevistada – Vivo com os pais durante a semana.

Entrevistadora – Quais são as suas habilitações académicas?

Entrevistada – Licenciada em Gestão

Entrevistadora – Qual é a sua profissão?

Entrevistada – Técnica Superior.

Entrevistadora – Qual é a sua situação profissional?

Entrevistada – Sou do quadro desde 2004.

Entrevistadora – Como sabe o tema da nossa entrevista é sobre a integração do professor com deficiência no seu local de trabalho. Fale-me um pouco da sua deficiência. Como é que a adquiriu?

Entrevistada – É uma Paralisia Cerebral. Foi-me diagnosticada aos 3 meses e meio. Quando os bebés começam a ter alguns movimentos de equilíbrio, de comunicação verbal, eu não conseguia fazer isso. Os meus pais foram comigo para vários dos médicos, inclusive o Centro de Paralisia Cerebral Calouste Gulbenkian com a Dra (...) e ela disse logo claramente que o meu diagnóstico seria uma paralisia cerebral, e na altura o que havia a fazer era uma reavaliação quanto antes porque havia sequelas que na paralisia cerebral não fosse tão agudas.

Entrevistadora – Quais são as suas principais limitações?

Entrevistada – Eu ando numa cadeira de rodas eléctrica, porque em termos de marcha, embora até faça uma marcha tendo que andar agarrada a um ou a outro objecto e que me (auxiliam) é assim a nível de marcha. A nível motor tenho uma dificuldade na minha mão direita, o que não me permite alguns movimentos normais, embora eu ao longo da minha vida fui aprendendo a dosear esses movimentos com a outra mão. Tenho todas as funcionalidades, quase todas.

Entrevistadora - O que é para si ser deficiente em Portugal?

Entrevistada – Ser deficiente em Portugal é igual a ser deficiente noutros países. Em Portugal ainda há, o meio urbano ainda não está totalmente adaptado às deficiências, neste caso motoras, o que faz com que haja um isolamento da pessoa com deficiência na sua vida. A sociedade não está preparada depois para os receber de uma forma natural. Isso faz com que na deficiência ainda haja necessidade de se falar em ser deficiente em Portugal. Quando essas limitações de acessibilidade, dos meios de transporte, dos edifícios tiverem muito avançadas e que seja natural haver pessoas com deficiência na rua, se calhar, essa necessidade de falar da deficiência não é assim tão importante, tão relevante no meio das pessoas com deficiência, mas como também das pessoas sem ser com deficiência.

Entrevistadora – Como é que vive a sua deficiência?

Entrevistada – Como eu vivo a minha deficiência, a minha deficiência, como eu sempre me vi com uma deficiência desde que nasci e aprendi a olhar-me para o espelho com incapacidade, é uma coisa natural em mim. Eu já sei que sou deficiente. Eu vejo-me diferente, isso acaba por ter uma consciência de mim de tal maneira grande que não é um caos e um grande problema como as pessoas pensam. É algo natural. Há pessoas que usam óculos para ver, eu uso uma cadeira de rodas para andar.

Entrevistadora – Que momentos mais a marcaram na sua vida como deficiente? Positivos ou negativos.

Entrevistada – Os negativos foram a transição do Ensino Especial para o Ensino Regular. Eu tinha apenas 10 anos, e quando eu fiz a transição tinha um coeficiente de

inteligência cognitiva igual a qualquer criança. Era e sou uma pessoa muito dinâmica com um sentido de ser uma pessoa prática para que possa ter uma vida dita normal, e o facto de passar de um ensino normal... Eu fui acompanhada durante 1 ano, 2 anos ainda por técnicos do Centro de Paralisia Cerebral, mas a transição foi muito abrupta, ou seja é uma questão os meus pais é que me levavam à escola e tinha que arranjar uma escola adequada aos horários deles. Ou seja, eu tinha que ir para e escola de manhã e vinha à noite. Eram questões que não influenciavam a escolha da própria escola, e esse facto estive numa escola particular. O senão dessas escolas eram muito caras. Eu subia todos os dias um 1º andar a pé, o que era muito complicado já naquela altura e depois isso influenciou no relacionamento com os meus colegas, porque não podia ir para o recreio brincar, não podia fazer as mesmas actividades que os outros. Foi uma transição muito forte que influenciou para o lado negativo. Outro marco da minha vida, esse pelo lado positivo foi quando eu entrei na minha auto-competição na modalidade de nataçãõ, e que me permitiu ir aos para - olímpicos (voz mais clara e acentuada que me permitiu ir às competições europeias e mundiais e isso vez com que a minha visão de deficiência mudasse completamente. A imagem que eu tinha de mim, até então era uma imagem descuidada, muito desagradável, tinha uma auto-estima muito baixa e achava que era tudo uma desgraça. Quando faço nataçãõ acho que comecei a ver tudo de maneira diferente (voz mais alta e clara). Quando chegava lá fora e via pessoas sem braços e sem pernas e todas deformadas, e pessoas com problemas muito mais graves que o meu, e faziam desporto melhor do que eu às vezes eu pensava:”bem eu

ando a ver o filme ao contrário”. Essa foi um aspecto, outro foi que as ajudas técnicas muito mais avançadas do que havia cá em Portugal, e que essas ajudas técnicas davam uma autonomia às pessoas com deficiência muito mais facilitada. E eu o que é que eu fiz, eu naquela altura eu trouxe uma ideia para Portugal e que foi aplicada em mim própria. Era uma cadeira em que só se fazia com uma mão. Era um problema que eu achava que se me adaptava. Essas são as duas partes marcantes da minha vida.

Entrevistadora – Vamos agora falar do seu percurso familiar e escolar. Como é que a sua família lidou com a sua deficiência?

Entrevistada – Numa primeira fase lidou mal, lidou mal por desconhecimento, havia muito e ainda há, mas naquela altura havia mais, pensava-se que a paralisia cerebral tinha a ver com a parte cognitiva com a dependência de uma pessoa quase na totalidade. Não havia conhecimento exacto da paralisia cerebral. E como eu era a primeira filha que eles tinham, e que as expectativas que eles tinham acerca de um filho, é das maiores possíveis, e um casal muito novo a adaptação ao bebé com a deficiência não foi fácil. Foi mais fácil para a minha mãe do que para o meu pai. O meu pai era aquela obsessão da cura “temos que curar “ “temos que ir à procura de curandeiros” “temos que ir à procura de medicinas alternativas “ N coisas para fugir a uma realidade que tinham ele próprios. Essa ignorância própria podia ser evitada se os próprios médicos, centros de reabilitação informassem ou levassem a um conhecimento mais exacto da matéria, embora nessa altura não quisessem ouvir, queriam mais soluções do que propriamente aprender alguma coisa.

Entrevistadora – No seu percurso escolar, comece pelo 1º Ciclo, como foi a sua relação com os colegas e professores?

Entrevistada – É assim, eu tive no Ensino Especial, como já disse até à 4ª classe eu aí era a super Sara, a menina prodígio, quase era uma menina gira, simpática, que aprendia muito rápido as matérias, e como tinha uma autonomia melhor que os meus colegas eu era como se costumava dizer, a rainha da sucata. Ali quem mandava era eu,(risos) e para além disso acaba por influenciar professores, influenciar auxiliares, influenciar um meio muito protegido. Quando passo para o ensino normal, num patamar de imagine, 5 níveis, eu no ensino especial estava no nível 5 e passei para o nível 1.Ou seja aí a minha relação com os meus colegas era como que “tenho que ajudar a (...)” Houve pessoas que viam a (...) como um caso especial e eu não me sentia um caso especial. Nunca me senti um caso especial. Acabava por ser obrigada a considerar-me um caso especial. Depois como tinha muitas dificuldades a ir para o recreio, estamos a falar ainda na 4ª classe, eu fiz a 4ª classe dentro do Ensino Especial e no Ensino Normal, no recreio, na parte de convívio, aí perde-se muito, perdia-se muitas brincadeiras e relacionamento com os colegas.

Entrevistadora – No seu percurso escolar beneficiou de alguns apoios ? Por exemplo professor do Ensino Especial, equipamentos adaptados...

Entrevistada – Não, não.

Entrevistadora – Que tipo de barreiras (obstáculos) encontrou pelas escolas por onde passou?

Entrevistada – Barreiras arquitectónicas?

Entrevistadora – Sim.

Entrevistada – Barreiras arquitectónicas e barreiras que eu acho que é muito importante ser dito tipo pedagógicas, ou seja eu não conseguiria nunca quando comecei a evoluir, não conseguia acompanhar o ritmo dos testes e eu tinha que fazer uma avaliação igual a dos meus colegas. Como eu não tinha rapidez motora que os outros tinham acabava por ser prejudicada em termos de avaliação.

Entrevistadora – Nem a meia hora beneficiou?

Entrevistada – A meia hora só na faculdade, e depois de muito batalhar com os professores. Não foi um processo não muito fácil para mim. E isso eu tinha que ser muito mais interventiva nas aulas para conseguir ter uma avaliação muito mais superior nos testes. E ficava um bocado à mercê dos professores. Alguém mais sensível puxava por mim e eu ia de acordo e subia de nível. Quando era um professor insensível eu aí sentia-me prejudicada e frustrada, por não conseguir e isso desmotivava-me. Eu já sabia que aquilo não ia conseguir, então eu não ia conseguir.

Entrevistadora – Quais são os principais problemas que enfrenta no seu dia-a-dia como deficiente?

Entrevistada – Barreiras, neste momento são barreiras sociais. Barreiras mais sociais do que arquitectónicas. Obviamente que há sempre barreiras arquitectónicas, e isso aí é algo mais que assumido, mas as barreiras são mais que com pessoas, porque eu lido com pessoas mais do que com objectos, e quando se vê que a pessoa tem ou

se sente e tem alguma dificuldade em comunicar não consegue explicar alguma coisa isso normalmente não é muito agradável. E tendo um país ainda com uma cultura um bocadinho conservadora aí demora um bocado um lugar mesmo assim onde vista como incapaz de cuidar de uma casa, cuidar de uma criança e de cuidar da sua vida.

Entrevistadora – Para além dos problemas que me falou que outros problemas enfrenta?

Entrevistada – A nível social é aqueles que eu falei, a nível profissional o novo sistema de avaliação. O novo sistema de avaliação não está minimamente contemplado os trabalhadores com deficiência, ou seja eu sou avaliada pelos mesmos critérios que outra pessoa, isso é injusto. Pois é preciso ir a reuniões, a empresas ou outros serviços, e é preciso fazer alguns reconhecimentos fora do trabalho. E eu quanto mais trabalho, em fazer esse tipo de reconhecimentos do que no local de trabalho. Eu acabo por ficar ali sempre à mercê do meu chefe que está a avaliar-me. Em muitos critérios, se a pessoa for muito rigorosa, os critérios não são cumpridos. Se vamos avaliar a (...) como a Maria ou o Manuel que conseguem fazer coisas, outro tipo de procedimentos a minha avaliação vai ser prejudicada. Isso irrita-me um bocado, irrita-me bastante, porque a minha progressão na carreira é muito mais difícil como deficiente do que outro. Um dos factores que são que fazem com que a pessoa chegue aí a baixo, e ainda mais dificuldade com esse tipo de tratamento. E é esse a causa, outra causa que acho que é, que me irrita um bocado, é as redes de apoio, auxiliares que não estão minimamente preparados para pessoas que pegam às 9 horas e saem às cinco e meia, às seis e meia, sete e meia, oito e meia. A

diferença é que eu não posso ter esse apoio pontual, a fazer pequenas tarefas domésticas e que exige o apoio domiciliário. Se o apoio domiciliário acaba às cinco e meia ou às quatro e meia, como é que eu vou beneficiar desse apoio? Ou vou para casa às quatro da tarde e prejudico o emprego porque o horário é às quatro e às cinco e meia. Quer dizer há aqui uma desarticulação entre as redes auxiliares e o apoio domiciliário, ou se trabalha, ou se tem uma vida normal.

Entrevistadora – Fale-me agora do seu percurso profissional, há quanto tempo trabalha?

Entrevistada – Trabalho desde o ano 200, há 10 anos.

Entrevistadora – Por quantos empregos passou? Este é o primeiro?

Entrevistada – Não este é o segundo.

Entrevistadora – Fale-me um pouco do seu percurso profissional, começando pelo primeiro sítio por onde passou, quais foram os seus principais problemas?

Entrevistada – Estive numa empresa privada e acabei no ensino superior, a nível de colegas quando fui à entrevista, quando fui seleccionada foi-me dito que iria exercer funções na área da contabilidade e depois no dia-a-dia fui fazer trabalho de secretariado, que é mesmo quase trabalho fabril. Fui um bocado defraudada do que me ofereciam e do que estava à espera. Para além disso essa empresa tinha instalações fora de Lisboa e tinha instalações dentro da área de Lisboa, e mudaram para fora de Lisboa quando tinha 150 km que guiar. Tinha um horário

de entrada às 9 e de saída às 7,8. O que me valia aqui era o carro.

Entrevistadora – Os colegas lidaram bem com a sua deficiência? Como reagiram ao saber que no dia-a-dia iam lidar com uma pessoa deficiente motora?

Entrevistada – Olhe, eu sinceramente posso dizer que nunca tive qualquer tipo de problemas de relacionamento com os colegas. É mais problemático a parte da relação com as chefias do que propriamente com os colegas. Os colegas têm sempre uma postura de admiração, de ajuda “Ai como é que tu consegues!” depois têm uma postura de “queres ajuda?” de auxiliar em pequenas tarefas.

Entrevistadora – Alguma sentiu-se discriminada por ser deficiente?

Entrevistada – Em certas condições não muito.

Entrevistadora - Os locais por onde passaste estavam preparados para receber uma pessoa deficiente motora?

Entrevistada – Não.

Entrevistadora – Fale-me do seu dia-a-dia como deficiente, no percurso casa trabalho que barreiras encontra?

Entrevistada – Eu como ando numa carrinha adaptada as minhas dificuldades, sinceramente não me posso queixar porque eu saio de casa, vou na carrinha que conduz e chego ao trabalho e tenho um parque de estacionamento de acordo com as minhas necessidades. E depois no local de trabalho foi minimamente preparado e está minimamente estruturado para me receber, mesmo no meu caso não senti muitas dificuldades. Se quiser andar de

transportes públicos, e for uma opção minha, aí sim, aí é preciso haver sorte nos elevadores do metropolitano de estarem a funcionar, de os autocarros que eu apanho terem rampas. De modo que na maioria das vezes hoje em dia a maior parte deles têm rampas mesmo assim são raros.

Entrevistadora – Nas suas relações sociais do quotidiano como é que as pessoas lidam com a sua deficiência? Vamos agora esquecer o local de trabalho, vamos na rua como é que as pessoas olham para nós?

Entrevistada – É assim eu sou um bocado distraída por natureza de forma que não reparo na forma como as pessoas olham para mim, ou deixam de olhar para mim. Acho que isso é igual a outra pessoa. Quando estamos com amigos ou com conhecidos, se são meus amigos lidam comigo como amigos, se são meus conhecidos lidam como meus conhecidos, portanto não vejo assim nada de especial por ser deficiente ou não ser deficiente. Isso tem a ver com a própria formação das pessoas se são mais preconceituosas se são menos preconceituosas. Se são preconceituosas comigo numa cadeira de rodas, também são preconceituosas com uma pessoa que é de uma raça diferente, de uma religião diferente, qual é a diferença?

Entrevistadora – Fale-me das suas actividades sociais, é membro de algum clube, associação ou colectividade?

Entrevistada – Sou monitora numa associação que é a associação (...) É uma associação cultural e recreativa que nasceu de uma ideia já minha há alguns anos atrás na faculdade. Quando a ideia nasceu a essência da ideia foi tirar as pessoas com deficiência de casa. O objectivo era

que elas tivessem actividades regulares desportivas e recreativas iguais a outras pessoas. Essa foi a ideia base. Começou a crescer e é com este tipo de orientação que a associação (...) o objectivo é fazer a promoção e realização de actividades culturais para a população em geral, independentemente da pessoa ser deficiente motora visual, não interessa que deficiência, ou não, ou se a pessoa não é deficiente e quiser participar tem os mesmos direitos e as mesmas regalias que a pessoa dita deficiente. E isto porquê? Porque eu cheguei à conclusão que nesse ano, no grupo que me acompanhou e alguns elementos que acompanhou até então que os níveis culturais da população em geral são muito baixos. A pessoa estando em casa a ver novelas e a ver telejornais, os níveis culturais fogem um bocado á normalidade, não é á normalidade ao que seria desejado. Então criei esta associação para que possa realizar essa ideia. Essas actividades são feitas de dois em dois meses. Vamos ter uma em Março vai ser uma visita guiada ao Palácio de Queluz, com animação, seguido do almoço e seguido da visita aos jardins do Palácio onde a pessoa possa escolher.

Entrevistadora – Fale-me um pouco dos seus amigos e da participação deles na sua vida quotidiana, como é que eles interagem consigo?

Entrevistada – Eu acho que, costumo dizer que os meus amigos são, é a base do meu suporte. Com eles partilho as minhas alegrias e as minhas tristezas e isso é o que se passa com qualquer mortal. Eu sinto uma influência muito grande na minha vida e conhecem-me e ajudam-me. Sabem quando eu estou bem, eu estou mal, se estou alegre, se estou triste. É o tal conhecimento que nem é

preciso grande conversa. Não é por eu ser portadora de paralisia cerebral são as amizades que são assim. É ou não é.

Entrevistadora – Por último e para terminarmos a nossa entrevista fale-me um pouco dos seus sonhos projectos e aspirações que tenha para o futuro.

Entrevistada – Isso é daquelas perguntas mais difíceis que me possa fazer.

Entrevistadora – Porquê?

Entrevistada – Eu considero-me uma pessoa super, super dinâmica, e quero fazer tanta, tanta, tanta coisa que não sei se vou ter tempo para tudo. A nível profissional queria progredir na carreira docente ainda porque só me falta a parte teórica e o percurso que eu já fiz na minha vida tenho mais que seria capaz de realizar uma função nessa área. A nível pessoal gostava, como qualquer pessoa, de constituir o meu agregado familiar, quero casar, quero ter filhos, poderão não ser biológicos devido á idade mas possa adoptar uma criança e sentir-me mãe. A nível social quero viajar, quero viajar muito (risos). Quero conhecer (...). Gostava de fazer dança, gostava muito de fazer dança, mas é pena que em Portugal as escolas de dança não há muitas e então as que há tirando as pessoas com deficiência é só para pessoas que estão institucionalizadas, não é para qualquer pessoa que queira fazer dança. A nível de amizade, a nível social mais fácil manter as pessoas que estão comigo, ao pé de mim e que continue a criar novas oportunidades em redes sociais, no fundo é ser feliz.

Entrevistadora – Obrigada pela sua entrevista e pela sua disponibilidade.

Entrevistada – Muito bem.

Dados Sócio Demográficos

Entrevista n.º12

Idade:39 anos..

Sexo: Feminino.

Estado Civil: Solteira.

Residência: Grande Lisboa.

Profissão: Técnica Superior

Entrevista nº12

Temas	Categorias	Subcategorias	Indicadores
Caracterização da Deficiência	Caracterização da deficiência	Tipo Adquirida /Congénita Caracterização	Paralisia cerebral Adquirida Cadeira de rodas eléctrica
		Noção de deficiência	Em Portugal ainda há (...)um isolamento da pessoa com deficiência na sua vida.
	Concepção da deficiência	Limitações	Na marcha e na mão direita
		Vivência da deficiência	desde que nasci e aprendi a olhar-me para o espelho com incapacidade, é uma coisa natural em mim.
História familiar	Papel da família	Momentos marcantes	Os negativos foram a transição do Ensino Especial para o Ensino Regular
		Apoio familiar	Numa primeira fase lidou mal, lidou mal por desconhecimento

Integração e inclusão na escola	Papel da escola	Relação professor aluno	Boa
		Relação entre pares	Boa enquanto estava no Ensino Especial, quando passa para o Ensino Regular perde um pouco o contacto com os colegas
		Apoios Escolares	Não beneficiou de apoios, Só usufruiu da tolerância dos 30 min na faculdade e a muito custo
		Barreiras	Avaliação, onde se sentia prejudicada em relação aos colegas
		Antiguidade	Tem 10 anos de serviço
		Situação profissional	É do quadro
	Percurso profissional	Nº de escolas por onde passou	Esteve em 2 empresas
História Profissional		Relação com os colegas	Não teve qualquer problema de relacionamento

			Relação com Enc de Educação	Técnica ligada ao ensino que não lida com este aspecto
			Relação com os alunos	Técnica ligada ao ensino que não lida com este aspecto
			Barreiras	Barreiras sociais
			Dificuldades casa/trabalho (forma de deslocação)	Não se aplica porque tem um carro adaptado à sua deficiência
			Dificuldades de transporte	Elevadores no metro, muitas vezes avariados, e rampas nos autocarros
			Edifícios públicos	Não refere
			Discriminação	Não muito
			Actividades	Monitora de uma associação cultural e recreativa
Barreiras físicas e arquitectónicas	Dificuldades /facilidades do deficiente			
Integração do deficiente (cidadania)	Integração social			

		Relação com o outro	Se são preconceituosas comigo numa cadeira de rodas, também são preconceituosas com uma pessoa que é de uma raça diferente, de uma religião diferente, qual é a diferença? A questão da deficiência coloca-se pela diferença, não pela deficiência em si
		Relações de amizade	Eu acho que, costume dizer que os meus amigos são, é a base do meu suporte
Perspectivas futuras dos professores	Perspectivas Futuras	Projectos	Viajar, dançar
		Sonhos	Constituição do próprio agregado familiar, casar e ter filhos
		Aspirações	Progressão na carreira